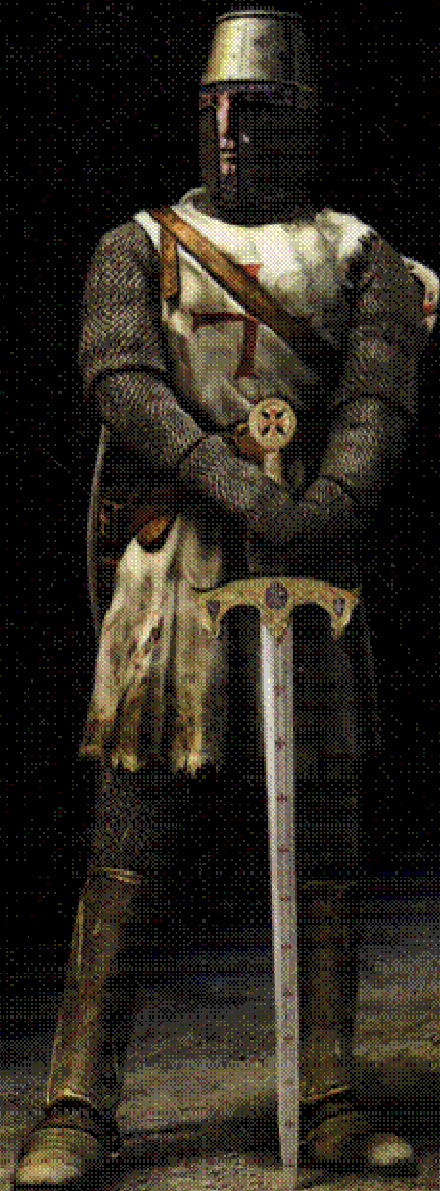




Templários

e a Arca
da Aliança



Graham Phillips



Os Templários E A ARCA DA ALIANÇA

Se a Arca da Aliança existisse da maneira como é descrita na Bíblia, seria um dos artefatos mais extraordinários da História. Ela formaria tempestades, irradiaria o fogo divino, derrubaria as muralhas das cidades, destruiria carruagens e aniquilaria exércitos inteiros. Além disso, teria o poder de invocar anjos e até mesmo de manifestar a voz e a presença de Deus.

De acordo com o Antigo Testamento, a Arca foi construída pelos israelitas quando eles estavam no Monte Sinai — uma montanha sagrada localizada no Deserto do Sinai — após sua fuga da escravidão no Egito, há cerca de três mil anos. Foi criada a partir de instruções de Deus transmitidas a Moisés, o profeta e líder do povo israelita.

Ela é descrita em detalhes como um baú de madeira decorado, de pouco mais de um metro de comprimento, oitenta centímetros de largura e a mesma medida de altura, coberto de ouro. Uma borda decorada com ouro revestia a parte de cima da arca e em suas laterais havia arcos nos quais duas varas podiam ser encaixadas para que ela fosse carregada.

Na tampa, havia dois querubins, um de frente para o outro, com suas asas apontadas para a frente, como que protegendo a arca.

Na Idade Média, os Cavaleiros Templários passaram anos tentando descobrir seu novo paradeiro e, de acordo com algumas lendas, a encontraram.

Aqui está um relato da busca pessoal do autor na tentativa de solucionar os segredos da Arca perdida. Ela de fato existiu? Se a resposta for positiva, ela

realmente possuía os poderes que a Bíblia menciona? E o maior de todos os enigmas: onde ela foi parar?

Para quem busca a iluminação, a Madras Editora lança Os Templários e a Arca da Aliança, obra de Graham Phillips, renomado pesquisador do assunto.

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Sobre os mistérios da Arca da Aliança, o Antigo Testamento nos diz que nela estavam contidas as duas tábuas de pedra talhadas com os Dez Mandamentos, que foram escritos por Moisés quando ele estava no cume do Monte Sinai. No entanto, proteger as tábuas que detalhavam a aliança entre os israelitas e Jeová não era o principal propósito da Arca, já que ela era utilizada também para que se pudesse conversar com Deus. A Arca da Aliança é geralmente citada na Bíblia como a Arca do testemunho ou testamento, ou seja, a Arca é um local por intermédio do qual se recebem testemunhos ou instruções religiosas. Se a Bíblia está certa, a Arca da Aliança era um Objeto como nenhum outro — diziam que era o lugar da morada de Deus, além de também ser usada como uma arma apavorante. No entanto, a Bíblia não revela o que de fato aconteceu com aquela que era a propriedade mais sagrada dos israelitas. E dito somente que o grande rei Salomão construiu um fabuloso templo especialmente para guardá-la e que, em um certo momento, ela foi tirada de lá. Mas para onde foi levada... Ninguém sabe. Desde a Antiguidade até os dias de hoje, o destino da Arca da Aliança permanece totalmente desconhecido. Não é de se admirar, portanto, que tantos estudiosos bíblicos, arqueólogos e aventureiros tenham gastado tanto tempo, esforço e dinheiro tentando encontrá-la. Até agora, porém, seu esconderijo continua sendo um dos mistérios mais bem guardados da História.

Os

Templários

e a

Arca da Aliança

A Descoberta do
Tesouro de Salomão

Graham Phillips

Os

Templários

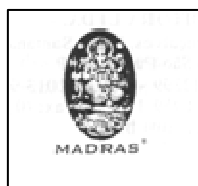
e a

Arca da Aliança

A Descoberta do
Tesouro de Salomão

Tradução:

Getúlio Elias Schanoski Jr.



Traduzido originalmente do inglês sob o título *The Templars and the Ark of the Covenant*.

Publicado primeiramente nos EUA por Destiny Books, Rochester, Vermont. Esta edição foi publicada graças a um acordo com a Inner Traditions Internacional.

© 2004, Graham Phillips

Direitos de edição e tradução para todos os países de língua portuguesa.

Tradução autorizada do inglês.

© 2005, Madras Editora Ltda.

Editor.

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Tradução:

Getúlio Elias Schanoski Jr.

Revisão:

Edson Narvaes

Daniela de Castro Assunção

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Phillips, Graham

Os Templários e a Arca da Aliança: a descoberta do tesouro Salomão / Graham Phillips;

tradução Getúlio Elias Schanoski Jr. - São Paulo: Madras, 2005.

Título original: *The Templars and the Ark of the Covenant*.

Bibliografia.

ISBN 85-7374-965-2

1. Arca da Aliança 2. Templários I. Título.

05-2629 CDD-296.493

índices para catálogo sistemático:

1. Arcada Aliança e Templários: Judaísmo:
2. Religião 296.493

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (0__11) 6959.1127 — Fax: (0_ _11) 6959.3090

www.madras.com.br



Agradecimentos

O autor gostaria de agradecer as pessoas a seguir por sua ajuda indispensável: *Yvan Cartwright* pela compilação do índice, a preparação das ilustrações e por seu fantástico apoio pessoal. *Debbie Benstead*, sem a qual este livro não teria sido possível. *Jane Taylor* por me conceder permissão para usar suas fotografias espetaculares de *Petra*. Minhas pesquisadoras da História *Louise Simkiss* e *Kellie Knights*. *Gila Kalimi* por suas traduções do hebraico e suas orientações a respeito do judaísmo moderno. A todos os que me ajudaram em Israel e na Jordânia, em especial *David Deissmann*, *dr. Otto Griver* e *Jonathan Warren*. Ao modesto vice-editor, que deseja ficar no anonimato. A todos na Inner Traditions: *Vickie Trihy*, *Jeanie Levitan*, *Jon Graham*, *Jamaica Burns*, *Kelly Bowen*, *Patrícia Rydle*, *Rob Meadows* e *Cynthia Coad*. *Dr. James Mellor* por sua análise e aconselhamentos científicos e *David Baylis* por sua importante contribuição em relação ao mistério de *Jacob Cove-Jones*. *Andrew Collins* pelas fotografias e sua pesquisa de campo inestimável e *Sue Collins* por seu apoio e discernimento adicionais. E um agradecimento todo especial a *Graham* e *Jodi Russell*, sem os quais, as descobertas finais jamais teriam acontecido.

Para mais informações a respeito de *Graham Phillips*, seus livros, e sua

pesquisa, por favor, visite seu web site no endereço:

grahamphillips.net

Índice

1. Segredos do Templo	13
2. A Arca e a Sagrada Escritura	31
3. O Fogo do Inferno	51
4. Moisés e Javé	72
5. No Deserto	91
6. O Mistério de Jeremias	110
7. A Montanha de Deus.....	129
8. O Vale de Edom.....	147
9. A Caverna Esquecida.....	166
10. Na Trilha do Tesouro.....	182
11. O Fogo Divino	217
12. O Código da Epifania	235
13. O Encontro Extraordinário	257
14. Escrito na Pedra.....	275
Cronologia de Acontecimentos Importantes.....	301
Bibliografia Seleccionada.....	304

Índice de Figuras

Figura 1: O santuário de Ain Musa, onde, segundo tradição beduína, Moisés criou a fonte milagrosa quando os israelitas chegaram na Montanha de Deus	192
Figura 2: Vista de dentro do Vale de Edom do desfiladeiro estreito no sudeste, onde os penhascos de Jebel Madhbah se erguem acima do Cofre. Um estranho efeito do vento cria um som bizarro neste desfiladeiro que pode ter sido o " <i>som ensurdecedor da trombeta</i> " que os antigos israelitas ouviram quando montaram acampamento ao pé do Monte Sinai.	192
Figura 3: O pico de Jebel Madhbah. Será essa a verdadeira Montanha de Deus?	192
Figura 4: Terraço dos Obeliscos abaixo do cume de Jebel Madhbah. Essa pode ter sido a "parte inferior da montanha" onde dizem que os anciãos israelitas encontraram-se com Deus.	193
Figura 5: O templo no pico de Jebel Madhbah. Aqui é onde Moisés pode ter recebido os Dez Mandamentos e a inspiração para construir a Arca.	194
Figura 6: Vista do Cofre de dentro do Siq. A	194
Figura 7: Igreja de Todos os Santos em Burton Dassett construída pelos Templários pouco antes da Peste Negra em 1350	195
Figura 8: Jodi e Graham Russell no poço sagrado em Burton Dassett.	195
Figura 9: Os misteriosos murais dos dois lados da janela na Igreja de Burton Dassett. Seria verdade que eles continham pistas que levariam até o tesouro perdido dos Cavaleiros Templários?	195
Figura 10: A trilha das três pedras	196
Figura 11: A pequenina igreja no vilarejo de Langley onde Jacob Cove-Jones deixou seu código secreto	196
Figura 12: O Vitral da Epifania na Igreja de Langley que representa as pistas que nos levaram aos esconderijos das relíquias perdidas.	197
Figura 13: Jodi Russell mostra o esconderijo onde ela encontrou a pedra de berilo	197
Figura 14: O Vitral da Epifania (detalhe), mostrando a árvore da coroa e a roda d'água com a letra <i>B</i> maiúscula logo abaixo	198
Figura 15: A ponte sobre a barragem no Moinho Saxon. O muro do outro lado do rio é onde a pedra de berilo foi encontrada	198
Figura 16º Vitral da Epifania (detalhe), mostrando a caixa do terceiro rei mago com o desenho da igreja e do portão	199
Figura 17: Igreja de São Miguel e Todos os Anjos em Claverdon.	199
Figura 18: O muro do lado do portão onde a pedra de jaspe estava escondida	200
Figura 19: O Vitral da Epifania (detalhe), mostrando o desenho da ponte sobre a caixa do segundo rei mago	200
Figura 20: Graham Phillips ao lado do pilar do aqueduto onde a pedra de ônix foi encontrada	201
Figura 21: O galo e a estrela do vitral da Epifania com a fênix e as letras acima e abaixo	201
Figura 22: <i>Close-up</i> da fênix no Vitral da Epifania	202
Figura 23: As pedras de berilo, ônix e paspe encontradas por Graham Phillips e os Russells. Essas podem ter sido as jóias que ficavam expostas na fileira de baixo do Peitoral do Julgamento	202
Figura 24: A fotografia de Carol Lane do Lago de Farnborough mostrando a estranha luz vermelha sobre a água na margem oposta	203

Figura 25: Graham e Jodi Russell desvendam o último segredo do código da Epifania	203
Figura 26: O farol nas colinas de Burton Dassett onde o antigo moinho ficava	204
Figura 27: Montanha Napton no horizonte, como é vista de cima das Montanhas Fênix	204
Figura 28: Jodi Russell examina a fonte de água em Church Green	204
Figura 29: A enigmática placa de pedra. Seria essa uma das tábuas dos Dez Mandamentos dadas a Moisés no Monte Sinai? (detalhe I).....	205
Figura 30: A enigmática placa de pedra. Seria essa uma das tábuas dos Dez Mandamentos dadas a Moisés no Monte Sinai? (detalhe II).....	205
Figura 31: A enigmática placa de pedra. Seria essa uma das tábuas dos Dez Mandamentos dadas a Moisés no Monte Sinai? (detalhe III).....	205
Figura 32: Graham Phillips examina a margem onde a enigmática placa de pedra foi encontrada	206
Figura 33: As colinas de Burton Dassell.....	206

Índice de Mapas

Mapa 1: O antigo Oriente Próximo (Balcãs).....	20
Mapa 2: Restos vulcânicos da erupção do Monte Santa Helena.....	63
Mapa 3: Restos vulcânicos da erupção de Thera.....	66
Mapa 4: Antigo Egito.....	74
Mapa 5: Israel e Judá antigas.....	116
Mapa 6: O deserto de Sinai.....	150
Mapa 7: O vale de Edom.....	168
Mapa 8: Inglaterra e os principais locais de busca das Pedras de Fogo.....	243
Mapa 9: As colinas de Burton Dassett e as Planícies de Warwickshire.....	276

1. Segredos do Templo

*E a arca da sua aliança foi vista no seu templo;
e houve relâmpagos, e vozes, e trovões,
e terremotos e grande saraiva.
O Livro do Apocalipse 11:19*

Se existisse da forma como é descrita na Bíblia, a Arca da Aliança teria de ser um dos artefatos mais extraordinários da história. A arca podia formar tempestades, irradiar o fogo divino, derrubar as muralhas das cidades, destruir carruagens e aniquilar exércitos inteiros. Além disso, tinha o poder de invocar os anjos e até mesmo de manifestar a voz e a presença de Deus.

De acordo com o Antigo Testamento da Bíblia, a Arca foi construída pelos antigos israelitas quando estavam no Monte Sinai — uma montanha sagrada no Deserto de Sinai — após sua fuga da escravidão no Egito, há cerca de três mil anos. Foi criada a partir de instruções de Deus, transmitidas a Moisés, o profeta e líder dos israelitas. Ela é descrita em detalhes como um baú decorado, com pouco mais de um metro de comprimento, oitenta centímetros de largura e a mesma medida de altura, feita de madeira revestida de ouro. Uma borda decorada com ouro reveste a parte de cima da Arca e em suas laterais havia arcos nos quais algumas varas podiam ser encaixadas para que ela pudesse ser carregada. Na tampa, um de frente para o outro, havia dois querubins, ou anjos, com suas asas abertas. Traduções para o inglês do termo bíblico um "*trono de Deus*." O que de fato representava não nos foi dito, apenas sabe-se que ficava localizado sobre a tampa da Arca entre as asas dos anjos.

O Antigo Testamento nos diz que a Arca continha as duas tábuas de pedra talhadas com os Dez Mandamentos, que foram escritos por Moisés quando ele estava no cume do Monte Sinai. No entanto, proteger as tábuas que detalham a

aliança entre os israelitas e Jeová, não era o principal propósito da Arca — ela era usada para conversar com Deus. O termo *Arca da Aliança*, pelo qual o artefato é comumente conhecido, não é o nome usado para se referir a ela no decorrer dos textos da Bíblia. Na verdade, ela é geralmente descrita como a *Arca do Testemunho ou Testamento*. Em outras palavras, a arca é um local por intermédio do qual se recebe testemunhos ou instruções religiosas. De acordo com o livro do Êxodo do Antigo Testamento, quando os israelitas são orientados a respeito de como construir a Arca, Deus lhes diz:

*E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório,
do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do testemunho
(Ex 25:22)¹*

Em uma outra passagem da Bíblia, lemos que a voz de Deus vem do propiciatório. Por exemplo, no livro dos Números lemos que Moisés "*ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório, que estava sobre a arca do testemunho*" (Nm 7:89). Deus não é somente ouvido, mas também visto. Em uma passagem em Levítico, Deus, na verdade, promete aparecer: "*Porque eu aparecerei na nuvem sobre o propiciatório*" (Lv 16:2). De que forma Deus aparecia para os israelitas não se sabe ao certo, mas geralmente a aparição é descrita como "*a glória do Senhor*." Levítico 9:23, por exemplo, descreve como "*a glória do Senhor apareceu a todo o povo*." A presença de Deus também se manifesta a partir da Arca como uma nuvem miraculosa ou como o fogo divino. Na verdade, a partir das descrições bíblicas, temos a impressão de que Deus habita dentro da Arca.

¹ Todas as citações se referem à Bíblia King James.

A arca não é apenas um meio usado para comunicar-se com Ele, e até ver Deus. Ela é também descrita como a protetora do povo de Israel em suas jornadas por todo o deserto e como uma arma sagrada a ser usada contra os inimigos dos israelitas. Números 10:35-36 nos faz lembrar do poder da Arca durante a saída do Egito:

Acontecia que, partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos; e fujam diante de ti os odiadores. E, pousando-a, dizia: Volta, ó Senhor, para os muitos milhares de Israel.

No livro de Josué lemos, de forma mais explícita, que o poder da Arca foi, inclusive, capaz de derrubar as poderosas muralhas da antiga cidade de Jericó:

Então Josué, filho de Num, chamou os sacerdotes e disse-lhes: Levai a arca da aliança; e sete sacerdotes levem sete buzinas de chifres de carneiros, adiante da arca do Senhor. E disse ao povo: Passai e rodeai a cidade; e quem estiver armado, passe adiante da arca do Senhor... E fez a arca do Senhor rodear a cidade... Gritou, pois, o povo, tocando os sacerdotes as buzinas; e sucedeu que, ouvindo o povo o som da buzina, gritou o povo com grande brado; e o muro caiu abaixo, e o povo subiu à cidade, cada um em frente de si, e tomaram a cidade. (Jo 6:6-20)

Nessa passagem, quando a Arca é carregada ao redor dos muros da cidade, algo acontece que os faz desmoronar. Não sabemos ao certo o que causa essa devastação, mas uma outra passagem no Antigo Testamento descreve um poder destrutivo que, de fato, emana da Arca. De acordo com Levítico 9:24, "*porque o fogo saiu de diante do Senhor, e consumiu o holocausto e a gordura, sobre o altar*" que os israelitas tinham oferecido a Deus.

Se a Bíblia está certa, a Arca da Aliança era um objeto como nenhum outro — diziam que era o lugar da morada de Deus e que podia ser usada como uma arma apavorante. No entanto, a Bíblia fracassa em nos revelar o que de fato aconteceu com aquela que era a propriedade mais sagrada dos israelitas. Nos é dito que o grande Rei Salomão construiu um fabuloso templo especialmente para guardá-la e que, em um certo momento desconhecido, ela foi tirada de lá — mas para onde foi levada, ninguém sabe. Na Idade Média os guerreiros Cavaleiros Templários passaram anos tentando descobrir seu novo paradeiro, e algumas lendas dizem que a encontraram. Até o dia de hoje, porém, o verdadeiro destino da Arca da Aliança permanece totalmente desconhecido. Não é de se admirar, portanto, que tantos estudiosos bíblicos, arqueólogos e aventureiros tenham gastado tanto tempo, esforço e dinheiro tentando encontrá-la. Até agora, porém, seu esconderijo secreto continua sendo um dos mistérios mais bem guardados da história.

Este livro é um relato de minha busca pessoal na tentativa de solucionar os segredos da Arca perdida. Ela de fato existiu? Se a resposta for sim, ela de fato possuía os poderes que a Bíblia menciona? E o maior de todos os enigmas: onde ela foi parar?



Tudo começou durante a visita a Jerusalém quando eu fazia pesquisas para um livro totalmente diferente que estava escrevendo acerca dos primórdios da Igreja Cristã. Tinha agendado um encontro com David Deissmann, um arqueólogo da Universidade Hebraica de Israel. David estivera envolvido com escavações ao redor do Muro das Lamentações, e tinha se oferecido para me levar a um passeio turístico pelo local que tinha, entre outras coisas, escavado uma construção que pode ter sido usada por alguns dos primeiros cristãos. Foi durante esse passeio que meu interesse pela Arca da Aliança surgiu pela primeira vez.

Em pé na praça em frente ao Muro das Lamentações, enquanto esperava David, estava ladeado por dezenas de veneradores judeus que se balançavam de maneira ritmada e com grande reverência diante das antigas pedras gastas pelo tempo.

Ao curvar-se repetidas vezes, recitavam, com presteza, as orações dos livros que estavam bem encaixados em suas mãos. Outros chegavam e se curvavam apenas uma ou duas vezes antes de depositarem um pedaço de papel, uma oração por escrito, nas fendas da fachada esfarelada das pedras. Essa proteção com quase quinhentos metros de comprimento e cerca de 20 metros de altura, é um local de peregrinação dos judeus de todo o mundo. Também conhecido como o Muro Ocidental, é tudo o que resta do que um dia fora o santuário mais sagrado do Judaísmo — o Templo de Jerusalém, originalmente construído pelos antigos israelitas para guardar a Arca da Aliança.

De acordo com a Bíblia, os antigos israelitas, também chamados de hebreus, eram doze tribos nômades que conquistaram e se assentaram na terra de Canaã — o que hoje é Israel, Palestina, e parte da Jordânia — há mais de três mil anos. A invasão culminou com a conquista da cidade de Jerusalém pelo rei israelita

Davi, por volta de 995 a.C. De acordo com o Antigo Testamento, no segundo livro das Crônicas, o filho e sucessor de Davi, Salomão, construiu o primeiro templo em Jerusalém para que a Arca tivesse um santuário permanente. Conforme Salomão descreve com suas próprias palavras:

Assim confirmou o Senhor a Sua palavra, que falou; porque eu me levantei em lugar de Davi meu pai, e me assentei sobre o trono de Israel, como o Senhor disse, e edifiquei a casa ao nome do Senhor Deus de Israel. E pus nela a arca, em que está a aliança que o Senhor fez com os filhos de Israel. (2 Cr 6:10-11)

Erguido sobre o que é hoje conhecido como o Templo do Monte ou Monte Sião, uma montanha com superfície plana ao alto da cidade, o Templo de Jerusalém se tornou o ponto central da religião hebraica. Desde então, o lugar se transformou no pedaço de terra mais disputado do mundo. Nos tempos antigos, os egípcios, babilônios, persas, gregos, romanos e judeus lutaram e morreram na tentativa de conquistar seu controle. Nos tempos medievais, os árabes e os Guerreiros derramaram seu sangue para conquistar, dominar, perder e retomar o monte sagrado. E hoje, centenas de palestinos e israelenses perdem a vida todos os anos por acreditarem que a cidade sagrada de Jerusalém é sua por direito. Antes de Salomão construir seu Templo ali, Jerusalém era apenas uma típica fortaleza, uma das dezenas onde um dia foi a terra de Canaã. Depois disso, o local se tornou o centro do mundo.

Quando Salomão morreu, por volta de 925 a.C, a maioria das tribos israelitas, a tribo de Judá, separou-se das demais tribos e fundou seu próprio reino independente, escolhendo Jerusalém como sua capital. Grosso modo, circundando a área que hoje é o sul de Israel, esse reino era conhecido como Judá — mais tarde vindo a ser chamado de Judéia pelos romanos — e seu povo ficou conhecido como os judeus. Foi o povo de Judá que desenvolveu os primeiros preceitos da religião hebraica, que viria a ser o Judaísmo, e transformou o Templo de Jerusalém no santuário mais sagrado da religião judia por mais de trezentos anos — até que a cidade foi invadida pelos babilônios. Na época, milhares de judeus foram escravizados e guiados para o exílio na cidade da Babilônia (próximo à moderna Bagdá), e em 597 a.C. o rei babilônio, Nabucodonosor, ordenou que o Templo fosse saqueado e destruído. Entretanto, em 539 a.C, quando os persas, do que hoje é o Irã, derrotaram os babilônios, foi que os judeus tiveram permissão para voltar a Jerusalém. Logo depois, o Templo foi reconstruído em uma escala menor, mas quando os romanos tomaram a cidade em 63 a.C, o santuário estava em um estado avançado de ruínas. Paradoxalmente, a ocupação romana de Judá, na verdade, trouxe grande prosperidade para a região; algo muito maior do que vivera durante séculos de existência. Quando o judeu aristocrata Herodes foi empossado pelos romanos como um rei fantoche, ele usou sua nova riqueza para reerguer o Templo em uma escala ainda maior do que a original. O trabalho foi iniciado por volta de 19 a.C, e quando o concluíram em 64 d.C, o novo Templo era uma das maiores e mais impressionantes estruturas em todo o Império Romano, e conferiu a seu patrono o título de Herodes, o Grande.

Mapa 1: O antigo Oriente Próximo (Balcãs)



O historiador judeu Josephus, fazendo seu trabalho por volta de 90 d.C, dá os detalhes da estrondosa magnitude do projeto. As dimensões das paredes externas mediam aproximadamente 250 por 1.000 metros, criando um perímetro externo inacreditável de quase dois quilômetros e meio. As paredes tinham quase 30 metros de altura e eram feitas de pedras, muitas delas com peso de quase cinquenta toneladas. Na entrada principal da ala sul do complexo que parecia uma cidade, largas escadarias conduziam as pessoas até os portões do Pórtico Real — um grande corredor com colunas, que dava acesso ao amplo pátio externo. De acordo com Josephus, os pilares sólidos que sustentavam o telhado do pórtico eram tão grandes que eram necessários quatro homens com os braços esticados para circundá-los. O pátio externo era grande o suficiente para abrigar o equivalente a treze campos de futebol moderno e era cercado de todos os lados por colunatas.

Embaixo dessas passagens cobertas, que proporcionavam uma sombra do sol escaldante, os visitantes podiam se reunir, e professores e alunos podiam se sentar para debater questões religiosas. Brilhando no meio do pátio ficava o complexo do Templo interno, construído na parte de cima de uma plataforma de pedra gigantesca com aproximadamente 1 metro de altura. Suas paredes mediam algo em torno de 150 a 300 metros e tinham cerca de 30 metros de altura, com pequenas torres de defesa em pontos estratégicos. Em diversos degraus intercalados havia estruturas que se elevavam até a plataforma dando acesso a oito portas enormes revestidas com placas de ouro e prata. A metros de altura, suas portas duplas de bronze eram tão pesadas, eram tão pesadas que, de acordo com Josephus, vinte homens eram precisos para fechá-las.

Qualquer pessoa podia entrar no Pórtico Real e o no pátio externo, mas somente os judeus tinham permissão para entrar no complexo central. Placas de aviso escritas em grego e latim diziam a todos os não judeus para não entrarem, sob pena de morte. Pelo Portão Coríntio, adoradores entravam em um pátio externo, com cerca de 70 metros quadrados, também cercados por passagens cobertas. Esse pátio era conhecido como o Pátio das Mulheres, porque além desse lugar, as mulheres não tinham permissão para entrar em lugar nenhum. Somente os homens podiam subir um lance de escadas a mais e passar por um último portão para freqüentar em um pátio interno anterior ao Templo em si — uma reconstrução exata do Templo original de Salomão, conforme relatado nas escrituras antigas.

O Templo de Salomão tinha cerca de 50 metros de altura e algo em torno de 300 metros quadrados. Suas paredes eram sustentadas por colunas e o telhado cercado por estacas douradas para impedir que os pássaros se empoleirassem ao longo de suas guarnições. Dentro do Templo, havia um santuário externo, onde

ficavam braseiros para os sacrifícios de animais, exigidos pela lei religiosa contemporânea, e o altar superior, que dava base para o menorah, o candelabro de sete velas que simbolizava a presença de Deus. Finalmente, além dele, ficava o santuário mais secreto chamado de Sagrado dos Sagrados: uma câmara escura, sem janelas, construída para guardar a relíquia sagrada que todo o Templo foi erguido para abrigar — a Arca da Aliança.

Infelizmente, o novo Templo de Herodes sobreviveu menos de um século. De acordo com o Novo Testamento, sua destruição foi prevista por Jesus durante seu ministério, por volta de 30 d.C. Durante o tempo de Jesus, pouco depois do Templo de Herodes ser parcialmente concluído, a lei religiosa impelia todos os judeus a pagar um imposto anual destinado à manutenção do Templo, e essa taxa só podia ser paga com siclos de prata. Por essa e outras razões, cambistas eram colocados no Pórtico Real para trocar as moedas dos viajantes. Na verdade, o pórtico era como uma colméia industrial, porque ali também havia pequenas cocheiras que vendiam animais usados em sacrifícios, como pássaros, ovelhas e cabras. Muitos dos comerciantes cobravam comissões exorbitantes com preços muito injustos, aproveitando-se dos peregrinos, muitos dos quais gastavam todas as suas economias vindo de muito longe para rezar no Templo. Os comerciantes tinham que pagar para ter permissão de instalar suas cocheiras naquele lugar e os sacerdotes ficavam cada vez mais ricos com os lucros. Era assim que tudo acontecia quando, segundo o evangelho de São Marcos, Jesus chegou ao Templo. Ao considerar aquele procedimento abominável, Ele "*começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; e derrubou as mesas dos cambiadores e as cadeiras dos que vendiam pombas*" (Mr 11:15). Jesus sentiu-se tão atemorizado com tamanha corrupção no Templo que chegou a predizer sua destruição: "Vês

estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada" (Mr 13:2).

Cerca de quarenta anos mais tarde, a predição de Jesus se concretizou quando os judeus se rebelaram contra as leis romanas e os romanos revidaram. No ano 70 d.C, o suntuoso Templo foi reduzido a pó e pedra quando os romanos o despojaram de seus tesouros e incendiaram tudo o que restou. O imperador romano chegou a ordenar que todo o complexo fosse demolido, pedra por pedra. Somente o Muro das Lamentações ainda existe no local. Os diversos caminhos de pedras que hoje se erguem sobre o asfalto moderno da Antiga Jerusalém eram, no passado, parte do muro ocidental do Pórtico Real.

Quando David chegou, começamos nosso passeio pela rede de túneis subterrâneos que ele ajudara a escavar. Hoje aberto ao público, as pessoas entram pela ala sul do pátio e passam pela lateral ocidental do muro, percorrendo quase quatrocentos metros até a saída na Via Dolorosa, na ala norte do Templo do Monte. Descoberto em 1967 por engenheiros que projetavam tubulações de água, o lugar tornou-se um complexo de passagens e cavernas artificiais construído há mais de oitocentos anos.

Começamos nossa jornada ao entrar em uma caverna subterrânea de aproximadamente doze metros quadrados, que David explicou ser apenas uma das muitas câmaras interligadas pelas passagens cobertas por pedras. Elas são datadas de 1880, quando o líder árabe Saldem derrotou os Cruzadores europeus que ocuparam Jerusalém por anos. Durante séculos, Jerusalém fora uma cidade sagrada para os muçulmanos e para os judeus, pelo fato de dizerem que o profeta Maomé subiu ao céu a partir do local onde os templos de Salomão e de Herodes existiram. No século VII, muito tempo depois de os romanos destruírem o último Templo dos

Judeus, uma mesquita fora erguida ali, tornando-se um dos santuários mais sagrados do Islã. Como esse santuário fora profanado e vandalizado pelos Cruzadores, Saladin ordenou que ele fosse reconstruído com certo exagero, e hoje ele ainda é o local da abóbada de folhas douradas da mesquita da Rocha. Foi durante a reconstrução que Saladin decidiu reestruturar por completo a área adjacente, o que fez ao aumentar o nível da terra que abrigaria os novos prédios a serem edificadas ao redor da mesquita. Essa façanha foi realizada com a construção de uma série de santuários de pedras que não apenas serviam como um meio de apoio, mas também eram usados como depósito para guardar cisternas de água muito importantes.

Ao deixarmos essa caverna passando por uma entrada estreita, David conduziu-me até um túnel de iluminação turva. A temperatura caiu de forma abrupta e o cheiro de bolor causado pelos tijolos mofados e esfarelados pairava no ar. A rede de túneis nos levava de caverna em caverna até que chegamos a uma câmara muito maior e bastante diferente das demais. As outras eram lugares simples com construções visivelmente funcionais, Infelizmente, esse relacionamento amistoso começou a se desgastar alguns anos após a morte de Herodes, quando Roma substituiu seu incompetente sucessor por um governador romano. Isso significava que um gentio, um não judeu, estava diretamente no comando de Judá — agora chamado de Judéia — e da cidade sagrada de Jerusalém. Sentimentos anti-romanos aumentaram nas décadas seguintes, e a rebelião judia finalmente se irrompeu durante o governo tirânico do Imperador Nero no ano 66 d.C. Durante quatro anos, rebeldes conseguiram manter a cidade de Jerusalém, mas ela foi tomada por Titus com uma eficiência brutal em 70 d.C. Milhares de homens, mulheres e crianças inocentes foram assassinados nas ruas. (Uma repressão

posterior resultou na morte de aproximadamente meio milhão de judeus e na dispersão do povo judeu por todo o mundo durante quase dois milênios. O nome Judá chegou, inclusive, a ser apagado dos mapas romanos contemporâneos, e Jerusalém passou a ser parte da província romana da Palestina, de onde tiramos o nome Palestina.) Como parte das represálias contra os rebeldes, Titus ordenou que o novo e majestoso Templo de Herodes fosse destruído e que seus preciosos tesouros fossem enviados para Roma. Alguns estudiosos, de acordo com David, acreditam que a Arca da Aliança estava entre eles, ao passo que outros acreditam que ela fora muito bem escondida em uma câmara secreta embaixo do Templo do Monte muito antes de os romanos chegarem lá.

Continuando nossa caminhada pelo labirinto de passagens, David e eu chegamos em uma outra câmara, uma que parecia estar no ponto mais baixo no complexo dos túneis. Ali, uma mesa simples cheia de livros de oração estava iluminada por velas e cerca de uma dúzia de pessoas estavam de joelhos fazendo suas orações silenciosas.

"Estamos, agora, mais próximos daquilo que muitos judeus acreditam ser o lugar mais sagrado da Terra," sussurrou David. Ele apontou para o que parecia ser uma passagem arcada erguida com tijolos. Em algum ponto além dali, era o lugar onde acredita-se que o Sagrado dos Sagrados existira — a câmara secreta logo abaixo de onde supostamente a Arca da Aliança tenha sido guardada.

"Por que ela ainda não foi aberta?" perguntei quando continuamos a caminhar. David explicou que por volta de 1980 um rabino influente organizou uma escavação pela arcada de tijolos para dentro do que parecia ser uma passagem soterrada atrás dela. O rabino estava convencido de que em algum lugar abaixo do que teria sido o Sagrado dos Sagrados, havia uma câmara secreta onde a Arca

ficava escondida. Quando o Templo foi destruído, as centenas de toneladas de pedregulhos que a cobriram, tornaram-na inacessível por quase dois mil anos. Se o rabino estava certo ou não e a Arca da Aliança de fato estava escondida ali, ele jamais viria a descobrir. Protestos dos árabes impediram que a escavação continuasse. A escavação do rabino estava indo bem na direção logo abaixo da Cúpula da Rocha, terreno sagrado para os muçulmanos, e a população árabe de Jerusalém acreditava que o projeto era uma armação para minar as fundações da mesquita. Quando ficaram sabendo da busca, o rabino foi atacado e houve tumulto nas ruas, o que causou a morte de oito pessoas. O governo israelense decidiu ordenar que o trabalho fosse interrompido e, para evitar problemas futuros, que a escavação fosse fechada com toneladas de cimento.

"Eu achava que os romanos tinham roubado todos os tesouros do Templo," eu disse, tentando entender por que o rabino pensava que a Arca ainda estivesse ali. Expliquei que me lembrava de ter visto um desenho esculpido no Arco de Titus em Roma; um monumento erguido por aquele mesmo Titus que demoliu o Templo quando sucedeu seu pai na posição de imperador no ano 79 d.C. O arco mostra o menorah e outros vasos do Templo sendo carregados de forma triunfante pelas ruas de Roma durante um desfile de vitória, após Jerusalém ser retomada em 70 d.C. De acordo com algumas fontes históricas, esses artefatos de ouro foram derretidos, vendidos e usados para financiar a construção do Coliseu.

"Sim, mas o desenho não mostra a Arca," disse David. Embora, como o rabino, David achasse improvável que os romanos tivessem achado a Arca da Aliança, ele duvidava que ela ainda estivesse em Jerusalém quando o Templo foi saqueado.

"Alguns historiadores especulam que a Arca fora escondida pelo sacerdócio pouco antes do ataque no Templo — talvez em uma caverna na floresta da Judéia ao leste de Jerusalém," ele disse. *"Foi ali que alguns pergaminhos do Mar Morto foram escondidos na mesma época."*

Contudo, David considerava que isso também fosse pouco provável. O historiador judeu Josephus, que viveu durante esse período, deixou uma descrição detalhada do Templo reconstruído por Herodes, mas em nenhum momento se refere à Arca. Na verdade, Josephus afirma, de maneira categórica, que o Sagrado dos Sagrados foi deixado vazio. Essa era a crença de David; de que a Arca já tinha sido perdida para os judeus muito tempo antes da época de Herodes.

"Uma outra teoria popular diz que a Arca foi perdida quando o rei grego Antiochus IV saqueou o Templo, no ano 169 a.C.," disse David.

Durante grande parte do tempo do Segundo Templo — que começou quando os persas permitiram que os exilados judeus voltassem da Babilônia, em 539 a.C. e que terminou quando os romanos aprisionaram Jerusalém, em 63 a.C. — os judeus viveram um período de autonomia religiosa apesar da identidade política de Judá ser primeiramente um sub-distrito dos persas, e depois dos gregos. No entanto, temendo a disseminação do Judaísmo, o rei Antiochus IV reverteu essa tendência e impôs a cultura grega sobre o povo de Judá. As práticas judias foram proibidas e as escrituras, destruídas. Ainda pior, em 169 a.C, Antiochus saqueou o Templo de Jerusalém e ergueu uma estátua gigante do deus grego Zeus sobre o altar principal. Isso deixou os judeus tão irritados que, em 167 a.C. , Judas Macabeu, o filho do sacerdote superior do Templo, conduziu uma revolta do povo contra as regras impostas. Embora a rebelião forçasse o sucessor de Antiochus a reverter as políticas repressivas e a estabelecer uma nova e mais tolerante administração em

Judá, muitos dos tesouros do Templo haviam sido irremediavelmente perdidos — incluindo, alguns acreditam, a Arca sagrada.

Conforme continuamos a caminhar pelo labirinto sem fim das passagens, David me falou a respeito de outras teorias que alegam que a Arca já havia sido perdida há séculos. Eu ficava cada vez mais intrigado com o mistério da Arca perdida que comecei a me esquecer de minha razão original daquela visita.

Fiquei surpreso por saber que havia inclusive aqueles que afirmavam que a Arca, que Salomão construíra o Templo para guardá-la, era uma farsa, criada para substituir a original feita no tempo de Moisés. De acordo com a tradição da igreja etíope, o filho de Salomão, Menelik, secretamente trocou a Arca por uma réplica e levou a verdadeira para a Etiópia. O povo da cidade etíope de Axum acredita que ela ainda esteja guardada em sua capela local, embora ela jamais tenha sido vista por ninguém do mundo externo. Infelizmente, como as autoridades religiosas de Axum se recusam a deixar que qualquer pessoa entre no lugar sagrado de sua igreja, a afirmação não pode ser confirmada.

A teoria mais conhecida com relação ao paradeiro da Arca, popularizada pelo filme *Raiders of the Lost Ark* (Os Caçadores da Arca Perdida), leva-nos até as ruínas da antiga cidade de Tanis, no Egito. Essa teoria afirma que a Arca foi roubada pelos egípcios pouco depois da morte de Salomão. De acordo com o Antigo Testamento, o faraó Sheshonq I, do Egito, atacou Jerusalém, invadiu o Templo e saqueou seus tesouros (1 Reis 14:26). Sheshonq I estabeleceu Tanis como a nova capital do Egito, e é ali que Indiana Jones descobre a Arca perdida no filme de Steven Spielberg.

Esse ataque a Jerusalém foi um acontecimento histórico registrado pelos egípcios por volta de 914 a.C. Entretanto, o que quer que tenha acontecido durante

a invasão, os próprios escritores do Antigo Testamento afirmaram que os judeus ainda tinham posse da Arca após o fim do ataque. Na verdade, a passagem do livro das Crônicas 2, no capítulo 35 e versículos de 1 a 3, faz referência à Arca como ainda estando no Templo de Jerusalém na Páscoa dos judeus durante o reinado do rei judeu Josiah, três séculos mais tarde, por volta de 622 a.C. Isso, porém, é a última referência do Antigo Testamento da Arca da Aliança no Templo de Jerusalém, e nenhuma outra fonte contemporânea faz menção a ela.

"É possível que a Arca tenha sido retirada do Templo cerca de vinte e cinco anos após o tempo de Josiah," David concluiu.

Ele explicou que em 597 a.C, o Templo de Jerusalém teve seus tesouros roubados quando foi saqueado pelos babilônios. Duas passagens do Antigo Testamento, Reis 2 25:13-15 e Jeremias 52:17-22, referem-se aos babilônios tomando posse de todos os objetos sagrados que estavam no Templo. Todavia, se o Antigo Testamento estiver certo, todos os itens roubados foram devolvidos ao Templo cerca de setenta anos depois, após a Babilônia ter sido vencida pelo Império Persa. O livro de Esdras do Antigo Testamento se refere ao rei persa Cyrus (simpatizante dos judeus) capturando os objetos do Templo saqueados pelos babilônios para que fossem levados de volta a Jerusalém.

"Os recipientes levados estão listados por completo no livro de Esdras," explicou David. *"No entanto, não há referências à Arca. Se a Arca estava no Templo durante o reino de Josiah, por volta de 622 a.C, ela deve ter sido retirada antes da invasão babilônica. Certamente não há registros de terem-na visto desde então."*

Finalmente, chegamos ao fim das passagens e voltamos à luz do dia, onde nos encontramos com dois soldados israelenses armados com submetralhadoras Uzi. Estávamos agora na região árabe da Antiga Jerusalém, e

todos os visitantes que entravam nos túneis tinham de ser escoltados de volta à região judia da cidade. Tensões entre árabes e judeus estavam cada vez piores. Na realidade, os problemas atuais tiveram sua origem com as escavações do túnel abaixo da Cúpula da Rocha feitas pelo rabino em busca da Arca. Entretanto, as brigas e tumultos em Jerusalém não eram algo novo. Perguntei a mim mesmo se a cidade teria se tornado um lugar menos contencioso caso o Templo jamais tivesse sido construído. Qualquer que fosse de fato o poder da Arca, parece que ela moldou o curso da história.

"Não faço a menor idéia se a Arca foi perdida, roubada, destruída ou escondida," disse David, quando voltamos para o Muro das Lamentações. "Tudo o que sei é que se ela ainda existe, e for encontrada, seria uma das descobertas arqueológicas mais importantes da história."

O passeio informativo de David me deixara fascinado pela Arca da Aliança. Enquanto olhava para os adoradores no muro e para os soldados armados posicionados por todo o pátio, ao mesmo tempo em que ouvia o chamado às orações ecoar da Cúpula da mesquita da Rocha, decidi naquele lugar e naquele instante que iria, temporariamente, abandonar meu outro projeto e tentar descobrir mais a respeito da Arca perdida. Jamais poderia imaginar para onde as investigações me levariam e o que elas me fariam descobrir

2. A Arca e a Sagrada Escritura

Uma jornada em busca da Arca perdida era uma idéia instigante: um tesouro perdido de valores religioso e histórico — para não mencionar o monetário — imensuráveis, embutido de um poder fantástico. Primeiramente, no entanto, precisava determinar se o tesouro de fato existia. Não faria sentido procurar um artefato que fosse apenas um mito. Os incríveis acontecimentos que circundavam a Arca da Aliança certamente pareciam mitológicos. Contudo, nada indicava que o artefato em si fosse algo fictício — talvez somente os relatos do poder da Arca o fossem. Provavelmente essas eram alegorias ou lendas religiosas adicionadas a descrições antigas que foram acontecendo com o passar do tempo. O que eu precisava determinar — ao menos para minha própria satisfação — era se havia alguma possibilidade realista de que esse fabuloso baú dourado era uma peça genuína, uma relíquia histórica que, em algum tempo, esteve no Templo de Jerusalém.

Decidi que o melhor lugar para examinar as possíveis referências históricas da Arca era na Biblioteca Nacional de Israel, na zona oeste de Jerusalém. Diferente da Cidade Velha ao redor do Templo do Monte com seus monumentos antigos, a região ocidental de Jerusalém é uma cidade moderna com prédios comerciais bem projetados e condomínios residenciais imponentes. Na ala ao extremo sul da Cidade Nova fica o Vale da Cruz, que tem esse nome porque os antigos cristãos acreditavam que nesse lugar cresceu a árvore de onde tiraram a madeira para a cruz usada na crucificação de Jesus. Naquele lugar, além dos exuberantes jardins de rosas repletos de esculturas ao ar livre, fica a Biblioteca Nacional de Israel.

Após consultar apenas alguns livros, rapidamente compreendi que quase tudo o que se sabe a respeito da Arca da Aliança vem daquilo que os cristãos chamam de o Antigo Testamento da Bíblia. A Bíblia, como a conhecemos nos dias de hoje, é uma coleção de textos religiosos e históricos compilados em um único volume pela Igreja Cristã no século IV d.C. Sua origem vem da palavra grega bíblia, que significa "*livros*" e está dividida em duas seções: o Antigo e o Novo Testamentos. O Novo Testamento é uma coleção de manuscritos puramente cristãos, escritos da metade para o final do século I, que registram a vida e os ensinamentos de Jesus e seus imediatos sucessores. O Antigo Testamento, porém, é tirado de uma coleção muito mais antiga de manuscritos judeus conhecida como o Tanak. As primeiras cópias do Tanak variam bastante de tamanho, mas incluem vários textos separados, que são chamados de livros — que eram originalmente pergaminhos — que foram pela primeira vez compilados em uma coleção por volta de 400 a.C. Escritos por diferentes escribas e em períodos diferentes, esses manuscritos hebraicos descrevem a história dos antigos israelitas e judeus, com ênfase em sua fé e relações com Deus. Muitos dos livros do Tanak foram traduzidos para o grego no século III a.C, e foi a partir deles e de traduções novas do hebraico que o Antigo Testamento Latino foi compilado pela Igreja Católica Romana. Essa obra, por sua vez, foi posteriormente traduzida para todos os idiomas do mundo, oferecendo-nos a Bíblia moderna. Hoje, a versão mais amplamente usada em inglês da Bíblia é a tradução de King James, que foi feita para o rei britânico James I no início do ano de 1600 e que inclui trinta e nove dos livros originais do Tanak. Por sorte, a Biblioteca Nacional tinha uma cópia no computador, por isso pude rapidamente encontrar todas as referências à Arca e ler em detalhes sua história extraordinária.

Determinar com certeza, quando muitos dos eventos descritos no Antigo Testamento aconteceram, é muito difícil por não haver datas específicas mencionadas (os autores se baseiam em pontos de referência internos para mostrar a passagem dos anos). No entanto, os acontecimentos começam com a criação do mundo e terminam com a ocupação persa de Judá, sabida por meio de outras fontes que aconteceu durante o século VI a.C. O primeiro livro do Antigo Testamento, o livro do Gênesis, explica a origem dos israelitas. A maioria dos historiadores modernos, porém, consideram seu conteúdo como algo principalmente mitológico ou de parábolas religiosas. Poucos aceitam os relatos do Gênesis como fatos históricos de como Deus criou o mundo em seis dias, como o primeiro homem e a primeira mulher foram Adão e Eva, ou como toda a Terra foi inundada no tempo de Noé. Muitos também duvidam que toda a nação israelita descendeu de um único homem. (De acordo com o Gênesis, todas as dozes tribos israelitas descenderam dos doze filhos de Jacó. O nome hebreu sagrado de Jacó era Israel — que significa "*Deus salva*" — e dizem que foi em sua homenagem que seus descendentes foram chamados de israelitas, ou "*Filhos de Israel*".) Entretanto, o Gênesis de fato nos fornece alguns dados mais verificáveis, dizendo-nos que Jacó era um Semita, do que hoje é o norte de Israel, e que ele e seus filhos se estabeleceram no Egito em algum momento entre os anos de 1800 e 1700 a.C. Desde então, o Antigo Testamento assume uma postura mais histórica.

O segundo livro, o livro do Êxodo, relata a escravidão dos israelitas e a sua fuga do Egito. De acordo com o Êxodo, cerca de três séculos após o período de Jacó, um faraó sem nome escravizou milhares de israelitas no Egito porque temia seu número cada vez maior. Cerca de cem ou mais anos depois — algo em torno de 1400 e 1300 a.C. — o líder israelita Moisés foi inspirado por Deus a guiar seu povo

para a liberdade. Foi isso que ele fez quando o Egito começou a enfrentar uma série de tumultos com terríveis desastres e pragas que permitiram que os israelitas fugissem para o Deserto de Sinai, uma região enorme ao leste do Mar Vermelho. Essa fuga do Egito é conhecida, não coincidentemente, como o Êxodo. De acordo com o livro do Êxodo, os israelitas ficaram no Deserto de Sinai pelos quarenta anos seguintes, levando uma existência nômade enquanto Moisés revelava a eles as leis de Deus e fundava a religião hebraica. É durante esse período no deserto que dizem que a Arca foi construída. O Êxodo descreve seu desenho com detalhes consideráveis, mas o que de fato a Arca fazia não é revelado até os três livros seguintes do Antigo Testamento (Levítico, Números e Deuteronômio), que relatam todos os quarenta anos que os israelitas ficaram no deserto.

Deuteronômio descreve como, depois de a Arca ser feita no Monte Sinai e as duas tábuas de pedra gravadas com os Dez Mandamentos serem colocadas dentro dela, homens da tribo israelita de Levi (os Levitas) foram escolhidos para serem seus guardiões eclesiásticos. Levítico descreve a aparição de Deus em uma nuvem sobre a Arca, e Números descreve Deus falando por meio dela e a "nuvem do Senhor" pairando acima dela para proteger os israelitas quando era carregada pelo deserto. É em Números que a Arca é descrita pela primeira vez sendo usada como uma arma sagrada para destruir os inimigos dos israelitas.

Em Josué, o livro seguinte do Antigo Testamento, a Arca possibilita que os israelitas conquistem a Terra Prometida. Os acontecimentos cobrem o período logo após os quarenta anos no deserto quando os israelitas vão para o norte até chegarem a Canaã. De acordo com Josué, a Arca foi usada para, como um milagre, dividir as águas do Rio Jordão para que o exército dos 40.000 israelitas pudesse atravessá-lo e chegar a Canaã para começar sua conquista da região. Na época,

muitas tribos ocuparam a área, que formava um tipo de terra de ninguém entre o império dos egípcios ao sul e o império dos hititas ao norte. O livro de Josué se refere a essas tribos — como por exemplo os Amorreus, os Perizitas e os Jebuseus — ocupando fortes que chamam de cidades, embora a arqueologia mostre que essas cidades eram na verdade assentamentos fortificados de onde os ocupantes eram capazes de controlar pequenas áreas de terra fértil em uma região que, de outra forma, seria considerada inabitável.

A primeira cidade a ser conquistada foi Jericó, a cerca de vinte quilômetros ao nordeste de Jerusalém. Ali a Arca foi usada com resultados devastadores para derrubar os muros impregnáveis de Jericó. Diversas vezes, a Arca é usada como uma arma para destruir exércitos inimigos, não apenas das tribos locais menores, mas também dos poderosos hititas que ocuparam o norte de Canaã. Tendo sua origem a partir do que hoje conhecemos como a Turquia, os hititas eram a força militar mais sólida no mundo com exceção dos egípcios. A vitória final dos israelitas narrada no livro de Josué aconteceu em Hazor, no extremo norte do que hoje conhecemos como Israel, onde carruagens foram reduzidas a cinzas e os exércitos unificados de uma aliança de tribos foram totalmente aniquilados. Depois disso, a cidade de Hazor foi completamente destruída e reduzida a pedras. Não sabemos com exatidão como a Arca derrotou esses povos, mas fica claro que seu poder era algo catastrófico. De acordo com Josué, Deus ordenou que os israelitas ficassem pelo menos a dois mil cúbitos longe dela quando estivesse sendo usada como uma arma. Nas medições modernas isso é equivalente a quase um quilômetro de distância — ou muito mais que oitocentos metros.

O livro seguinte do Antigo Testamento é o livro dos Juízes, que ganhou esse nome em homenagem a uma série de líderes israelitas que são referidos como

juízes. Ele cobre um período de cerca de dez gerações, no qual as doze tribos de Israel levaram uma existência precária em Canaã, cercados por vários povos hostis. De acordo com o livro dos Juízes, durante esse tempo a Arca ficou guardada em um templo na cidade de Mizpeh, um território ocupado pela tribo de Judá no sul de Canaã. Há somente uma referência dela sendo usada durante esse período, mais uma vez como uma arma, mas agora em um conflito civil contra a tribo israelita de Benjamin. A Arca é, depois, mencionada nos dois livros de Samuel, que ganharam esse nome do profeta Samuel, o porta-voz escolhido de Deus que une as tribos em disputa sob uma única monarquia. O primeiro livro descreve como Deus falou com Samuel por meio da Arca — que estava guardada no templo em Shiloh, a cerca de trinta e dois quilômetros ao norte de Jerusalém — e o nomeou o profeta líder dos israelitas. Nessa época, o principal inimigo dos israelitas eram os filisteus, cujo reino da Filistéia vivia às margens do Mediterrâneo ao redor do que hoje conhecemos como Gaza. De acordo com Samuel 1, a Arca fracassou ao operar contra os filisteus porque Deus estava aparentemente insatisfeito com as brigas internas dos israelitas. A batalha foi perdida, e os filisteus tomaram posse da Arca e a levaram de volta para sua cidade capital Ashod. No entanto, quando ela foi colocada no templo de seu deus Dagon, o poder da Arca foi liberado, destruindo o templo e lançando sobre o povo da cidade uma praga de furúnculos que matou centenas de pessoas.

Ao ver o que a Arca era capaz de fazer, os filisteus decidiram tentar usá-la em seu favor como arma contra forças rebeldes em sua cidade de Ekton. Entretanto, embora a força poderosa da Arca tivesse sido liberada, estava fora de controle e matou não somente os rebeldes, mas também os filisteus. Aterrorizados pelo poder da Arca, o rei filisteu ordenou que ela fosse devolvida aos israelitas, e assim ela foi deixada em Bethshemesh, uma cidade na terra ocupada pela tribo de Judá. Sem

saber do perigo, alguns curiosos locais decidiram abri-la, causando a morte de mais de 50 mil pessoas. Um grupo de sacerdotes levitas então foi buscar a relíquia sagrada que foi levada para Kirjathjearim, uma outra cidade no território da Judéia. Ali ela foi mantida em segredo por vinte anos, na casa de um homem santo chamado Eleazar no topo da montanha, enquanto Samuel tentava unificar os israelitas. No final das contas, Samuel nomeou um guerreiro chamado Saul como o primeiro rei do Reino Unido de Israel, e a Arca foi tirada de seu esconderijo e levada para a cidade da Judéia de Gibeah.

De acordo com Samuel 2, após a morte de Saul, Samuel proclamou o neto de Saul, Davi, rei em Hebrom no sul de Israel, ao passo que o filho de Saul, Eshbaal, se auto declarou rei na cidade de Mahanaim no norte do país. As duas forças rivais dos reis entraram em batalha na fronteira entre as duas cidades, em um lugar descrito como o tanque de Gibeom, e ali, o exército de Eshbaal foi totalmente derrotado. Agora que Israel estava outra vez unido, em sua posição de rei incontestável, Davi foi capaz de dominar os filisteus. Não temos informações para saber se Davi usou ou não a Arca durante a guerra civil ou contra os filisteus, mas depois que os conflitos terminaram, uma celebração de vitória com danças e banquetes aconteceu diante dela. Durante as festividades, um homem chamado Uzzah, tentou firmar a arca quando ela caía, e morreu instantaneamente. Depois disso, por questão de segurança, Davi ordenou que a Arca fosse mantida na casa do sacerdote levita Obed-edom, onde ficou por três meses.

Uma última fortaleza ainda foi ocupada por forças estrangeiras, bem no meio do território de domínio israelita — a cidade dos Jebuseus de Jerusalém. Ela era, porém, bem protegida por muralhas muito imponentes. Nessa ocasião, usar o poder da Arca não era uma opção, porque Davi queria dominar a cidade sem

causar-lhe dano algum. Contudo, com grande sorte e discrição, os israelitas conseguiram conquistar a cidade, que Davi proclamou como a nova capital de Israel. A Arca foi levada para a cidade como demonstração de triunfo. No Monte Sião, mais tarde chamado de Templo do Monte, Davi ergueu um tabernáculo, ou tenda sagrada, para abrigar a Arca, e a terra foi consagrada. Ali, Deus falou com Davi e disse que ele deveria construir um templo permanente para a Arca, mas a tarefa acabou ficando para seu filho e sucessor Salomão executar.

Depois dos livros de Samuel, temos os dois livros dos Reis. São assim chamados porque tratam da sucessão dos reis hebreus do filho de Davi, Salomão, até sua eventual destruição pelos babilônios. O segundo livro dos Reis não menciona a Arca, mas Reis 1 descreve como Salomão construiu o Templo que tinha o único intuito de abrigá-la. Quando o Sagrado dos Sagrados do Templo foi colocado lá, Salomão ordenou que fosse aberta, e dentro encontrou as duas tábuas de pedra que traziam gravados os Dez Mandamentos. Uma nuvem miraculosa encheu o templo e algo descrito como "*a glória do Senhor*" — aparentemente o fogo divino — surgiu em cima da Arca.

Os demais livros do Antigo Testamento nos falam muito pouco a respeito da Arca, contando novamente o que já havia sido descrito. Como não há outras menções do artefato ter sido usado como arma ou para a comunicação com Deus, a inferência geral entre estudiosos bíblicos é de que seu poder foi perdido quando os israelitas desagradaram a Deus ao dividirem-se em dois reinos separados após a morte de Salomão: a tribo de Judá no sul e as outras tribos (que ainda chamavam seu reino de Israel) no norte. Tudo o que podemos de fato concluir a partir do Antigo Testamento é que, após a construção do Templo, a Arca permaneceu intocada no Sagrado dos Sagrados por um período de tempo não especificado.

Enquanto a luz do dia se dissipava do lado de fora das janelas da Biblioteca Nacional, percebi que não tinha como saber se os antigos israelitas de fato haviam conquistado aquilo que o filme de Spielberg, Indiana Jones, chama de "*um rádio para falar com Deus*" ou se eles tinham criado algum tipo de arma futurista de destruição em massa. No entanto, eu podia ao menos tentar determinar a possibilidade histórica da chance mais provável — em outras palavras, que os antigos israelitas criaram um esplêndido baú dourado como um altar portátil para Deus, o Templo de Jerusalém foi construído para abrigá-lo, e com o passar dos anos, mitos e lendas surgiram com respeito ao seu poder professo. A primeira coisa que tinha que fazer era descobrir a precisão do Antigo Testamento como um texto histórico. Se os relatos por ele apresentados acerca dos tempos dos israelitas não correspondessem com os fatos conhecidos da história ou com evidências arqueológicas, haveria então razões insuficientes para dar crédito demais à sua história da Arca sagrada.

No século VI a.C, diversas culturas não hebraicas — babilônios, persas, gregos e romanos — registraram o que se passava na região conhecida antes como Canaã. No entanto, antes desse tempo, quase não há menções a respeito dos israelitas feitas por estrangeiros, como os egípcios, ou os hititas, e praticamente todos os registros históricos dos próprios judeus foram destruídos pelos romanos após a Revolta dos Judeus em 66 d.C. Na verdade, o Antigo Testamento é a única história pré-romana dos antigos israelitas que sobreviveu. Embora seu objetivo seja o de explicar as origens dos israelitas, e traçar sua história por um período de mais de mil anos antes dos tempos romanos, a narrativa também está repleta de anotações religiosas que não são, em sua natureza, nada objetivas. Não é preciso

dizer que ela também apresenta inúmeros relatos de episódios miraculosos que dificilmente parecem ser dignos de credibilidade para as mentes modernas.

Talvez a questão mais importante para citarmos dos livros do Tanak hebraico que constituem o Antigo Testamento seja: quando e por quem foram escritos? Como muitos deles receberam seus nomes em homenagem a figuras religiosas de líderes históricos, a impressão do leitor é a de que foram compilados por testemunhas oculares dos acontecimentos de muitos séculos. Tradicionalmente, os primeiros cinco livros foram escritos pelo próprio Moisés e o restante por uma variedade de escribas e profetas hebreus. No entanto, embora muitos dos livros do Antigo Testamento se refiram a muitos séculos, a maioria dos estudiosos bíblicos hoje acredita que não foram escritos em sua forma atual até o século VI a.C. — meio milênio depois que dizem que a Arca foi colocada no Templo de Jerusalém.

Estudos comparativos de outras civilizações antigas sugerem que muitos episódios no Antigo Testamento não poderiam ter sido escritos durante o período em que os eventos aconteceram, porque o texto contém anacronismos. Por volta de 1970, por exemplo, o arqueólogo e acadêmico Donald Redford chamou nossa atenção para inúmeros termos e referências egípcios encontrados ao longo de todo o Antigo Testamento que não existiram até 650 a.C. Há muitos deles, por exemplo, na história de Jacó e sua família se estabelecendo no Egito, que pode ter acontecido por volta dos anos de 1800 a 1700 a.C. De acordo com Gênesis 37:25, José e seus irmãos encontraram comerciantes, "*que vinham de Gileade; e seus camelos traziam especiarias e bálsamo e mirra, e iam levá-los ao Egito.*" Os egípcios desenharam todos os tipos de animais em sua arte, mas em nenhum momento mostram camelos sendo usados como meio de transporte até a metade do século VII a.C; em vez disso, mostram jumentos sendo utilizados para transportar mercadorias. A referência

literária mais antiga de camelos domesticados vem dos árabes por volta de 850 a.C, e somente dois séculos depois, os egípcios registram seu uso. Outros anacronismos existem. Dinheiro na forma de moedas aparece repetidas vezes, embora a forma mais antiga conhecida de cunhagem fora a usada pelos lídios, do que hoje conhecemos como Turquia, por volta de 650 a.C. Em termos lingüísticos também, muitos dos textos do Antigo Testamento mostram evidências de terem sido compostos muito depois dos acontecimentos que retratam. Na verdade, nenhum deles poderia ter sido escrito em sua forma atual até pelo menos no século XI a.C. por não existir a escrita hebraica antes desse período.

Diante de tantas evidências, a maioria dos historiadores de hoje consideram os livros do Antigo Testamento como tendo sido escritos em algum momento entre os anos de 650 e 500 a.C. por uma variedade de estudiosos judeus. Embora possam ter existido relatos mais antigos, escritos e orais, de onde esses textos foram transcritos, na forma que são apresentados hoje, não são considerados um registro historicamente exato dos primeiros israelitas. Além do mais, da forma como foram escritos para fins religiosos, algumas pessoas chegaram a sugerir que os manuscritos do Tanak eram parábolas, e jamais tiveram a intenção de ser lidos como registros de acontecimentos reais. De fato, considerando os episódios miraculosos que o Antigo Testamento nos oferece, o cético pode ser perdoado por achar que toda a narrativa não é mais histórica do que as mitologias da Grécia ou de Roma antigas. Milagres à parte, até mesmo os episódios puramente práticos e militares parecem muito pouco prováveis: dificilmente parece ser possível acreditarmos que uma aliança fraca de tribos hebraicas de nômades possa ter conquistado a terra de Canaã, como a Bíblia afirma. Surpreendentemente, porém, a arqueologia moderna nos mostra que uma série de grandes batalhas no relato do

Antigo Testamento da conquista israelita de Canaã foram, na verdade, acontecimentos históricos.

De acordo com a Bíblia, a conquista de Canaã começou com a queda de Jericó e seu domínio efetivado por Josué. Embora a história da queda miraculosa dos muros da cidade possa ter sido um exagero de acontecimento, há evidências arqueológicas e científicas consideráveis de que Jericó foi destruída por invasores estrangeiros na época e muito provavelmente da forma como a Bíblia descreve. Em 1952, a arqueóloga inglesa Kathleen Kenyon escavou uma fortaleza da Era do Bronze em Tell-es-Sultan próximo ao Mar Morto, que acreditam ser o local da antiga Jericó. Ela concluiu que, por volta de 1900 a.C, a cidade era um lugar cercado por muralhas e próspero, exatamente como a Bíblia descreve, até que foi destruída por um incêndio em torno de 1500 a.C. De maneira impressionantemente, os muros da cidade de fato pareciam ter sido derrubados por algum tipo de catástrofe desconhecida. Embora Kenyon tenha concluído que a causa foi provavelmente um terremoto, o acontecimento pode ter sido algo casual para os israelitas que inspirou uma lenda posterior do poder da Arca.

Até muito pouco tempo, apenas alguns arqueólogos viam as descobertas de Kenyon como provas da destruição da cidade por Josué e os israelitas, como a narrativa do Antigo Testamento parece datar a invasão de Canaã ao menos dois séculos mais tarde do que ela imaginou a carnificina ter acontecido. Entretanto, em 1996 testes com radiocarbono, no Centro para Pesquisas com Isótopos na Universidade de Groningen, na Holanda, determinaram uma data ainda mais avançada para a destruição da cidade. Seis amostras individuais de grãos antigos de cereais encontrados na camada queimada da escavação do forte foram testadas, oferecendo uma data central confiável de cerca de 1320 a.C, o que se encaixou bem

dentro do período que a Bíblia parece contar a tomada da cidade por Josué. Esse, porém, não é o único relato bíblico de uma batalha da campanha de Canaã dos israelitas sustentado pela arqueologia.

De acordo com o Antigo Testamento, após a conquista de Jericó, seguiu-se uma série de batalhas nas quais, uma a uma, as cidades de Canaã foram dominadas pelos israelitas, pondo fim aos ataques da cidade de Hazor, durante os quais seus habitantes pagãos foram impiedosamente chacinados pelas tropas de Josué:

*E a todos os que nela estavam, feriram ao fio da espada,
e totalmente os destruíram; nada restou do que
tinha fôlego, e a Hazor queimou afogo.*

(Jo 11:11)

Esse estágio final da conquista de Canaã de Josué, como está descrita na Bíblia, não foi apenas verificado, mas também confirmado na década de 1950.

Iniciado em 1955, o arqueólogo israelense Yigael Yadin começou a escavar o local da antiga Hazor, atual Tell-el-Qedah, a cerca de quinze quilômetros ao norte do Mar da Galiléia. Ali Yadin descobriu os restos de um enorme palácio fortificado que fora destruído por um incêndio em algum momento próximo ao ano de 1300 a.C. O cálculo da data foi possível ser estimado por meio de pedaços quebrados de objetos de cerâmica messênica (Grécia antiga) encontrados sob o nível de destruição. Essas cerâmicas eram populares em todo o Oriente Próximo durante o século XIII a.C, mas deixaram de ser importados para Canaã no século XII. A destruição da cidade, quase que certamente, fora obra de um inimigo, e não um mero acidente, porque estátuas e decorações usadas em templos tinham sido

desfiguradas de forma deliberada. Assim como a camada logo acima dessa mostrava uma combinação dos restos de lareiras, alicerces de barracos e pisos de cabanas com uma característica de cerâmicas usadas em desertos, arqueólogos concluíram que a cidade foi ocupada por habitantes que residiam em barracas — um povo classificado como nômade — após sua destruição. Parte da área foi novamente reconstruída como uma cidade forte no século X a.C, e artefatos distintivos, como colares de contas, mostram que esse era o trabalho dos israelitas.

Yadin estava satisfeito por suas descobertas em Hazor confirmarem a descrição bíblica da conquista de Josué de várias maneiras. Os conquistadores arrasaram a cidade exatamente como a Bíblia conta, tentaram destruir as práticas rituais dos canaãenses como sabemos que Deus incumbiu os israelitas de fazer, e eram um povo nômade assim como os israelitas tinham sido. O Dr. Yadin tinha certeza de que os israelitas ocupavam a região desde

O período do incêndio, mas não tiveram o poder e a motivação para reconstruir a cidade até a criação do reino unificado após o tempo de Davi.

Fica claro então, com base em evidências arqueológicas, que os israelitas de fato conquistaram Canaã da mesma forma que a Bíblia relata, em algum tempo durante o final do século XIV ou início do século XIII a.C. Mas, e quanto ao período que disseram que as tribos dos hebreus foram unidas formando o reino de Israel sob a liderança de Davi, por volta de 995 a.C? Por existirem tão poucos textos históricos conhecidos de povos não hebreus que mencionam o reino de Israel nessa época, e por não haver referências contemporâneas ao Rei Davi, muitos estudiosos duvidam da existência de ambos. Talvez Davi e o reino unificado de Israel tenham sido apenas lendas de uma era de ouro imaginária que os israelitas jamais chegaram a

viver. David Deissmann, porém, garantiu-me que podia mostrar provas físicas capazes de assegurar que as campanhas do Rei Davi de fato aconteceram.

A partir de minha própria pesquisa acerca da história da Arca, descobri que quando Saul morreu, seu filho Eshbaal tornou-se o rei na capital de Mahanaim no norte de Israel. Entretanto, a poderosa tribo de Judá ungiu Davi o rei na cidade de Hebrom no sul do país. O exército de Davi, liderado por seu comandante Joabe, marchou para o norte e se deparou com as forças de Eshbaal, lideradas por seu comandante Abner, na fronteira das duas capitais. O local onde os dois exércitos se encontraram é descrito como o tanque de Gibeom. Os dois líderes, a princípio, aceitaram fazer uma reunião e, junto com seus oficiais, encontraram-se "perto do tanque de Gibeom; e pararam estes deste lado do tanque, e os outros do outro lado do tanque" (2 Sm 2:13). No entanto, a conferência terminou em desentendimento e uma batalha seguiu-se: *"E seguiu-se naquele dia uma crua peleja; porém Abner e os homens de Israel foram feridos diante dos servos de Deus"* (2 Sm 2:17).

Embora a guerra tenha continuado por algum tempo, a morte de Abner e a derrota de seu exército, no fim das contas, resultou na queda da dinastia de Saul, e Eshbaal foi assassinado por dois de seus oficiais. Com a morte de Eshbaal, Davi foi aceito como rei de toda a Israel.

Conseqüentemente, o tanque de Gibeom é o local onde dizem que o destino de Israel foi decidido. Se o relato for verdadeiro, o tanque é um dos lugares militares mais importantes no Oriente Médio bíblico. Com base na descrição do livro 2 de Samuel, o tanque de Gibeom estava situado onde o vilarejo árabe de el-Jib hoje existe, a aproximadamente doze quilômetros ao norte de Jerusalém. No entanto, por muitos anos, historiadores duvidaram da história por não haver provas de que o lugar tivesse de fato sido chamado de Gibeom; por sua vez, os

arqueólogos duvidavam do relato porque pesquisas geológicas indicavam que não poderia ter existido um lago ou tanque na área, de tamanho suficiente para ser notado como um ponto de referência proeminente. Foi assim até o ano de 1950, quando o local foi escavado pelo arqueólogo americano James Pritchard. Ele impressionou todos os críticos quando descobriu o que podia muito bem ter sido descrito como um tanque — uma enorme fossa de água com pedras enterradas, medindo cerca de doze metros de diâmetro e onze metros de profundidade. Era, na verdade, parte de um sistema elaborado para fornecer água a um vinhedo próximo. Ela tinha uma escadaria espiral de pedras que levava ao fundo, onde um túnel ainda descia por mais quinze metros, chegando a um reservatório natural que ficava trinta metros abaixo da superfície. Além disso, testes de radiocarbono realizados depois em depósitos orgânicos encontrados durante as escavações das adegas adjacentes dataram o local como do início do ano 1000 a.C, o tempo do Rei Davi. Aquela fundação que podia ser descrita como um tanque — e datada do mesmo período com precisão — encontrada no local, convenceu alguns estudiosos bíblicos da historicidade do relato do Antigo Testamento. No entanto, céticos ainda duvidavam de que a descoberta era digna de crédito para a história, por não haver evidências de que o local fora um dia chamado de Gibeom.

No dia seguinte de minha visita à Biblioteca Nacional, David Deissmann me levou ao Museu Nacional de Israel, que também está localizado no Vale da Cruz. Ali, ele me mostrou o que parecia ser uma peça de cerâmica sem importância guardada em um armário de vidro, exposta junto a outros artefatos de cerâmica de aspecto pouco impressionante. Ele explicou que o item havia sido encontrado durante uma escavação posterior na área da fossa e que ela revelava o nome antigo

do lugar. Era um simples jarro de argila com um cabo, no qual podíamos ler as palavras hebraicas "*Vinhedo de Gibeom*."

"Para um arqueólogo, encontrar o nome de um lugar antigo no próprio lugar, é algo bom demais para ser verdade," David explicou. *"A princípio, o arqueólogo que a achou, foi acusado de falsidade. Mais tarde, porém, nada menos que cinquenta e seis desses jarros, gravados com as mesmas palavras, foram escavados. O tanque de Gibeom fora enterrado há séculos antes do texto de Samuel ser escrito, portanto ele deve ter sido composto com base em um relato muito mais antigo. Fortes evidências, na minha opinião, de que a batalha foi um acontecimento histórico, e não apenas algo lendário."*

David tinha ainda uma outra prova para sustentar a historicidade do relato do Antigo Testamento da campanha do Rei Davi. Saímos do museu e pegamos um táxi que nos levou de volta a Jerusalém, onde David me conduziu até o Vale Kidron — ao pé da Montanha Ophel, na ala sudoeste da Cidade Velha. Ali, na escarpa empoeirada, havia um pequenino santuário de pedras onde turistas ansiosos formavam uma fila. A estrutura era a entrada de uma caverna que continha um tanque subterrâneo, conhecido pelos judeus como a Fonte de Gihon, e pelos cristãos como a Fonte da Virgem porque uma antiga lenda cristã dizia que a Virgem Maria lavava as roupas do menino Jesus naquele lugar. Enquanto esperávamos nossa vez para entrar, David me contou a história do Antigo Testamento da tomada de Jerusalém do Rei Davi.

De acordo com o relato que aparece tanto no livro 2 de Samuel quanto no livro 1 das Crônicas, quando Davi tornou-se rei, a fortaleza dos Jebuseus de Jerusalém ainda existia, bem no meio do território controlado pelos israelitas. Como disse antes, Davi estava determinado a conquistá-la e torná-la a capital de Israel

porque se tratava de um forte fácil de ser defendido e uma cidade próspera. De acordo com o relato, Davi descobriu um método secreto de entrar na cidade murada — por meio de uma fossa de água ou um canal subterrâneo que os Jebuseus tinham cavado de dentro de sua cidade até uma fonte do lado de fora das muralhas de defesa. Davi ofereceu uma grande recompensa para quaisquer homens que conseguissem subir por essa fossa e conduzir um ataque contra os defensores Jebuseus pelo lado de dentro. Foi assim que, de acordo com o livro 2 de Samuel 5:6-8, a cidade foi dominada.

"Esse é um outro episódio na história bíblica do estabelecimento do reino de Israel que era antes considerado irreal," disse David.

Assim que entramos no santuário, passamos por uma passagem estreita em uma pedra que nos levava até uma fonte de água limpa. David apontou para uma fenda na cobertura da pequena caverna, ao redor da qual estalactites de algas verdes penduravam-se como decorações natalinas. Ele explicou que em 1876, o engenheiro inglês Charles Warren visitou a fonte e observou o buraco que levava a um lugar escuro. Como era um espaço grande o suficiente para que um homem pudesse escalar, decidiu investigar. Voltou no dia seguinte com seus instrumentos de escalada e subiu pela fenda. Demorou muito tempo para que conseguisse subir e passar pela base de uma fossa de doze metros vertical, em lugares muito estreitos onde mal conseguia se esticar, que no final abria-se levando a uma passagem inclinada que ainda se erguia por mais trinta metros. Finalmente, conseguiu passar por uma fenda estreita que o fez voltar à luz do dia ao fundo de uma fossa de cinco metros apoiada por uma linha de tijolos, coberta por vegetação e esquecida, na metade da montanha acima da fonte.

Imediatamente, sua descoberta causou uma sensação entre estudiosos bíblicos da atualidade. Seria esse o canal que as tropas de Davi usaram para dominar a cidade? Existiam poucas dúvidas de que alguns habitantes da antiguidade tivessem se esforçado com tanta consideração para cavar um espaço através de uma rocha sólida para ligar uma fossa às águas da fonte no fundo da montanha. No entanto, havia uma falha séria nessa teoria, da maneira como era apresentada. As paredes da antiga Jerusalém erguiam-se a mais de trinta metros acima do topo da colina. A fossa teria sido inútil para o Rei Davi, ao que parecia, porque não teria como fazer com que seus homens entrassem na cidade.

No entanto, em 1961 a arqueóloga inglesa Kathleen Kenyon foi a primeira a escavar, de maneira adequada, as ruínas dos muros no cume da montanha. Para sua surpresa, descobriu que datavam somente do período próximo ao ano de 600 a.C. e foram, provavelmente, construídos com o intuito de defender a cidade contra os babilônios. Determinada a descobrir o curso das muralhas originais, Kenyon escavou em vários lugares ao longo da montanha Ophel. A princípio, descobriu as fundações de um muro com cerca de vinte metros abaixo da escarpa que fora construído por volta de 850 a.C, possivelmente para defender a cidade contra os sírios. Por fim, a trinta metros além da montanha, ela escavou as fundações de um muro espesso que era datado do século XI a.C. Ela concluiu que havia descoberto o curso do muro ocidental da cidade dos Jebuseus. Por incrível que pareça, ele ficava vinte metros abaixo da entrada da fossa, mas acima da Fonte Gihon. Isso fez com que ela escavasse a fossa de tijolos que levava à passagem do canal. Ele era, Kenyon descobriu, da mesma época do muro da cidade dos Jebuseus.

"A fossa existiu exatamente como o relato de Samuel descreve. O fato de que ela não levava as pessoas para dentro dos muros da cidade depois do século

IX, quando as novas paredes foram erguidas, significa que a história deve ter se passado na mesma época, ou próximo dela. Evidências bastante convincentes de que a história é verdadeira," David concluiu.

Eu estava satisfeito por saber que não havia razões sérias que me fizessem duvidar de que a conquista israelita de Canaã e o estabelecimento do reino de Israel pelo Rei Davi ocorreram basicamente como o Antigo Testamento descreveu. Entretanto, seria a Arca da Aliança um fato de igual teor histórico? Independentemente de ela conter ou não poderes miraculosos, teriam os antigos israelitas de fato construído um artefato de ouro tão esplêndido que acreditavam ajaezar o poder de Deus? Infelizmente, não havia evidências históricas e arqueológicas da mesma época da conquista israelita de Canaã capaz de nos fazer compreender o enigma de alguma forma. Precisei buscar respostas em um passado remoto — no tempo quando imaginamos que a Arca foi construída. Havia qualquer evidência histórica do tempo em que diziam que Moisés viveu para provar que a Arca foi um artefato histórico?

3. O Fogo do Inferno

De acordo com a Bíblia, o homem divinamente inspirado a construir a Arca da Aliança foi Moisés, o profeta que conduziu os israelitas durante sua fuga da escravidão no Egito. Antes de dar início a qualquer pesquisa em busca de pistas das origens, ou até mesmo da existência da Arca nesse período, precisava averiguar não somente quando, mas também se os acontecimentos do Êxodo de fato ocorreram. O principal problema de qualquer historiador é com relação ao período no qual os eventos se desenrolam, o que é bastante difícil de ser determinado a partir de evidências do Antigo Testamento, e comprovações textuais e arqueológicas a respeito de Moisés ou da existência dos israelitas nesse tempo antigo, ainda permanecem evasivas. Tudo que sabemos da Bíblia é que os israelitas se assentaram no Egito, em uma região chamada Goshen, ao nordeste do Rio Nilo, aproximadamente quatrocentos anos antes do tempo do Êxodo. Por gerações, viveram em paz com os egípcios até que um faraó sem nome os escravizou. Cerca de uma geração e meia depois — durante o tempo de um outro faraó sem nome — dizem que os eventos do Êxodo aconteceram. Então, quando foi que isso de fato se passou?

Historicamente, os israelitas faziam parte de um grupo de povos chamados de Semitas, que tiveram sua origem em Canaã há mais ou menos quatro mil anos. Tanto a arqueologia, quanto registros dos egípcios mostram que grandes números de semitas de fato estabeleceram-se ao nordeste do Egito por muitos séculos até aproximadamente 1500 a.C, quando os egípcios se envolveram em uma série de campanhas contra os semitas em Canaã. Nessa época, o faraó Tuthmosis III considerava os semitas que tinham ficado no Egito como inimigos estrangeiros e muitos deles foram escravizados e recrutados para desempenhar trabalhos braçais.

Não há nenhuma referência específica dos israelitas nos registros dos egípcios, mas há diversas referências nesse período com relação a um grupo de trabalhadores estrangeiros chamados de Habiru, possivelmente uma tradução egípcia da palavra Hebreu. Parece, portanto, que a prisão dos israelitas, como está descrita na Bíblia, foi uma possibilidade histórica real. Mas, e quanto ao Êxodo em si?

Estudiosos bíblicos antigamente, costumavam posicionar o Êxodo durante o reinado do faraó Ramsés, o Grande porque a Bíblia se refere aos escravos israelitas sendo usados durante projetos de construção em uma cidade chamada Ramsés. A cidade, que antes era chamada de Avaris, foi reconstruída por Ramsés e ganhou seu nome por volta de 1290 a.C, por isso, à primeira vista, datar o Êxodo no período de Ramsés parece fazer sentido. No entanto, o relato do Antigo Testamento não foi escrito até muitos séculos depois, e a Bíblia contém muitos anacronismos com nomes e lugares. De fato, o livro do Gênesis do Antigo Testamento se refere a Avaris como Ramsés cerca de quinhentos anos antes de poder ser assim chamada (Gn 47:11). Sabemos com certeza, portanto, que a cidade foi ao menos mencionada no Antigo Testamento com o nome que ganhou somente mais tarde. Esse poderia muito bem ser o caso do relato do Êxodo. Em outras palavras, o fato de a cidade onde os israelitas trabalharam ser referida como Ramsés, não necessariamente significa que os acontecimentos tenham ocorrido durante a reconstrução da cidade sob o domínio de Ramsés II.

A arqueologia nos proporcionou evidências de que a história do Êxodo na verdade aconteceu em algum tempo antes do reinado de Ramsés, o Grande. De acordo com a Bíblia, quarenta anos depois dos israelitas fugirem da prisão e deixarem o Egito, eles conquistaram a cidade de Jericó. O radiocarbono da Universidade Groningen que datava os restos orgânicos ali encontrados em 1996

mostra que a conquista dos israelitas aconteceu por volta de 1320 a.C. — próximo ao fim do reinado do faraó Amonhotep III. Amonhotep foi um rei poderoso do Egito que instigou um novo projeto de construções gigantesco em Avaris, exatamente onde a Bíblia diz que os israelitas foram forçados a trabalhar. Esse, portanto, parece ser o período de tempo que os autores do Antigo Testamento imaginaram para a história do Êxodo. No entanto, a grande questão era: há provas reais de que a história de Moisés e o Êxodo dos israelitas do Egito de fato aconteceram? Muitos historiadores consideram o evento como um mito ou uma parábola religiosa ligada à história por gerações futuras. Se isso foi realmente um mito, podemos então presumir o mesmo com relação a construção da Arca. Em um determinado momento comecei a concordar com o consenso popular de que grande parte das primeiras histórias do Antigo Testamento era na realidade mitologia — por exemplo, as pragas do fogo do céu, da escuridão que caiu durante o dia e da água se transformando em sangue, que dizem ter tornado o Êxodo algo possível de acontecer. Foi assim até que examinei as passagens bíblicas com mais afinco. Na metade dos anos de 1990, estava trabalhando em um livro que falava do mistério de 3.000 anos de idade de uma tumba egípcia. A era da história egípcia que estava investigando, incluía o período no qual a história do Êxodo parece ter acontecido. Para minha surpresa, descobri que um desastre natural aconteceu no Egito há cerca de 2.500 anos que correspondia às pragas do Êxodo como estão descritas no Antigo Testamento.

De acordo com o livro do Êxodo do Antigo Testamento, Deus falou com Moisés e lhe disse para liderar os israelitas escravizados em busca de sua liberdade. Moisés obedeceu e entrou em confronto com o faraó egípcio, exigindo que libertasse os israelitas. Quando o faraó se recusou a aceitar as exigências de Moisés, dizem que Deus castigou o Egito com uma série do que a Bíblia chama de pragas:

escuridão sobre a Terra, o Nilo se transformando em sangue, terríveis tempestades de granizo, mortes dos gados, uma praga de furúnculos e infestações de sapos, piolhos, moscas e gafanhotos. À mente moderna, tudo não passa de mito e lenda. No entanto, esses acontecimentos podem ter sido o resultado de uma catástrofe natural, como a erupção vulcânica gigantesca que minha pesquisa revelou.

Primeiro veio a praga da escuridão, que pode ter sido causada como resultado de uma nuvem sólida de restos de cinzas. Uma das maiores erupções em anos recentes foi a que aconteceu no Monte de Santa Helena no estado de Washington em 1980. Após a erupção, o sol ficou obscurecido por horas a quinhentas milhas do vulcão, e depois da erupção ainda maior na ilha de Krakatau próximo a Sumatra em 1883, os céus ficaram escuros em uma distância ainda maior — tudo ficou escuro como noite durante dias, por quase mil e seiscentos quilômetros de distância. De acordo com o livro do Êxodo 10:21-23:

Então disse o Senhor a Moisés: Estende a tua mão para o céu, e virão trevas sobre a Terra do Egito, trevas que se apalpem. E Moisés estendeu a sua mão para o céu, e houve trevas espessas em toda a terra do Egito por três dias: Não viu um ao outro, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias: mas todos os filhos de Israel tinham luz em suas habitações.

Se apenas uma das dez pragas foi equivalente aos efeitos de uma erupção vulcânica, já seria interessante o suficiente; o fato, no entanto, é que todas elas são correspondentes. No livro do Êxodo 9:23-26, lemos que o Egito foi afligido por uma terrível tempestade de granizo:

E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o Senhor deu trovões e saraiva, e fogo corria pela terra; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito. E havia saraiva, e fogo misturado entre a saraiva, tão grave, qual nunca houve em toda a terra do Egito desde que veio a ser uma nação. E a saraiva feriu, em toda a terra do Egito, tudo quanto havia no campo, desde os homens até aos animais; também a saraiva feriu toda a erva do campo, e quebrou todas as árvores do campo.

Essa também pode ser uma descrição exata da terrível prova sofrida pelo povo na costa da Sumatra após a erupção de Krakatau em 1883 — restos vulcânicos do tamanho de comprimidos caindo como granizo; pedras-pomes quentes lançando fogo ao chão e destruindo árvores e casas; raios por todas as partes, gerados pela tremenda turbulência dentro da nuvem vulcânica. Mesmo depois da erupção menor do Monte Santa Helena em 1980, restos vulcânicos caíram como granizo, achatando plantações a quilômetros de distância.

O relato do Êxodo de uma outra praga pode facilmente ser uma descrição dada por alguém que tenha morado no estado de Washington, Idaho e Montana, sobre os quais os restos vulcânicos foram lançados após a erupção do Monte Santa Helena: *"E tornar-se-á em pó miúdo sobre toda a terra do Egito, e se tornará em sarna, que arrebente em úlceras, nos homens e no gado"* (Ex 9:9).

Pó miúdo causando sarna e úlceras! Centenas de pessoas foram levadas para hospitais com feridas e brotoejas na pele após a erupção no Monte Santa Helena, em virtude da exposição dos restos ácidos, e animais de fazendas morreram

ou tiveram de ser sacrificados, por causa da inalação prolongada do pó vulcânico. De acordo com Êxodo 9:6, "*todo o gado dos egípcios morreu.*"

Após a erupção do Monte Santa Helena, peixes também morreram e foram encontrados boiando sobre a superfície de centenas de quilômetros pelos rios. O cheiro pungente de pedras-pomes impregnou tudo, e fornecimentos de água tiveram de ser interrompidos até que as impurezas fossem filtradas dos reservatórios. De acordo com o livro do Êxodo 7:21:

E os peixes, que estavam no rio, morreram, e o rio cheirou mal, e os egípcios não podiam beber a água do rio; e houve sangue por toda a terra do Egito.

Assim como as pedras-pomes acinzentadas dos vulcões se espalhavam pelo céu, muitos vulcões, como o Krakatau, têm uma outra toxina ainda mais corrosiva em sua composição — óxido de ferro. (Esse é o mesmo material avermelhado que cobre a superfície do planeta Marte.) Em Krakatau, milhares de toneladas de óxido de ferro foram liberadas, matando os peixes por quilômetros. Isso certamente explicaria a referência do Êxodo quando diz que o Nilo transformou-se em sangue, quando o óxido de ferro fez com que o rio ficasse avermelhado: "*e todas as águas do rio se tornaram em sangue*" (Ex 7:20).

As demais pragas não parecem estar ligadas diretamente à erupção vulcânica — sapos, moscas, piolhos e gafanhotos. No entanto, podem estar apenas ligadas às atividades vulcânicas assim como a própria nuvem de cinzas. Aqueles que nunca experimentaram os efeitos terríveis de uma erupção vulcânica podem imaginar que assim que tudo termina, os mortos são enterrados, os feridos cuidados

e os danos imediatos reparados, que os sobreviventes podem dar início à tarefa de retomar suas vidas, livres de futuros horrores causados pelo vulcão. Isso está muito além da dura realidade, visto que todo o ecossistema é afetado. A maior parte das formas de vida sofrem com a devastação vulcânica, porém, de maneira surpreendente, algumas são, de fato, capazes de sobreviver.

Quando os vulcões cobrem o campo com suas cinzas, invertebrados rastejantes e insetos em suas larvas crisálidas ou ovos são capazes de permanecer intactos abaixo da superfície; o mesmo que acontece com cobras, roedores e ovos de sapos, protegidos sob camadas de pedras submersas. Insetos têm um ciclo de vida curto e também são capazes de se reproduzir em uma velocidade assustadora. Depois de um cataclismo como esse, eles têm oportunidades suficientes para estabelecer um recomeço surpreendente se comparados a predadores e competidores maiores. Além disso, ao compará-los com animais maiores, eles se reproduzem em números amplos. Insetos de enxames são, portanto, comumente associados com os resultados de erupções vulcânicas. Ao sobreviverem à calamidade, as cinzas OS forçam a buscar novas habitações e fornecimentos de alimentos — e que os céus salvem quem estiver em seus caminhos!

Um ótimo exemplo são os resultados de mortes e reprodução de animais da erupção do *Monte Pelee* na ilha do Caribe de Martinica em 1902. Restos vulcânicos cobriram o porto próximo de Saint Pierre, matando mais de 30 mil pessoas, mas os horrores não pararam por aí. Os sobreviventes enfrentaram um episódio aterrorizante, quando enormes enxames de formigas voadoras desceram sobre as plantações de cana-de-açúcar e atacaram os trabalhadores. Enquanto as pessoas fugiam tentando salvar suas vidas, as cruéis criaturas queimavam suas peles com terríveis picadas ácidas. Não foi uma casualidade o fato do ataque dos

insetos acontecer após a erupção; as criaturas já tinham atacado antes quando o *Monte Pelee* irrompera em 1851. Nessa ocasião, elas não só assustaram os trabalhadores e devoraram plantações inteiras, como também houve registros de terem atacado e matado indefesos bebês enquanto ainda estavam em seus berços.

O Êxodo descreve três tipos de insetos infestando o Egito: piolhos, moscas e gafanhotos. Primeiro foram os piolhos:

Arão estendeu a sua mão com a sua vara, e feriu o pó da terra, e havia muitos piolhos nos homens e no gado; todo o pó da terra se tornou em piolhos em toda a terra do Egito. (Ex 8:17)

E então vieram as moscas, conforme Deus instruiu Moisés para dizer ao faraó:

Eis que enviarei enxames de moscas sobre ti, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo, e às tuas casas; e as casas dos egípcios se encherão destes enxames, e também a terra em que eles estiverem... E o Senhor fez assim; e vieram grandes enxames de moscas... e a terra foi corrompida por estes enxames de moscas. (Ex 8:21-24)

Finalmente, os gafanhotos desceram:

E vieram os gafanhotos sobre toda a terra do Egito, e assentaram-se sobre todos os leitos do Egito; tão numerosos

foram que, antes destes nunca houve tantos, nem depois deles haverá. Porque cobriram a face de toda a terra, de modo que a terra se escureceu; e comeram toda a erva da terra, e todo o fruto das árvores, que deixara a saraiva; e não ficou verde algum nas árvores, nem na erva do campo, em toda a terra do Egito. (Ex 10:14-15)

Os sapos são provavelmente os mais preparados de todos os invertebrados para esses cataclismos. Como os insetos, eles produzem grandes números de prole. Cada sapo põe, literalmente, milhares de ovos. Sob condições normais, essa é uma necessidade biológica, visto que os pequeninos girinos surgem dos ovos quase que completamente indefesos. Quando deixam seus ovos, os peixes próximos se preparam para um banquete e somente um ou dois dos girinos conseguem sobreviver e se tornar sapos. A única chance que a espécie tem de sobrevivência está em seus números. No entanto, após a erupção do Monte Santa Helena, os peixes predadores foram dizimados. Os pequeninos ovos, por outro lado, sobreviveram à catástrofe. No momento de sua emergência, os materiais químicos perigosos já tinham sido levados pelas águas do rio, mas os peixes ainda não tinham voltado. O resultado foi uma praga de sapos na maior parte do estado de Washington. Aos milhares, eles se espalharam pelo campo — havia tantos deles amassados nas estradas que criavam condições perigosas aos motoristas. Eles entupiram canais de água, cobriram jardins e infestaram casas. De acordo com o livro do Êxodo 8:2-8, foi exatamente isso o que aconteceu com os antigos egípcios:

(Deus disse,) Escutai, eis que ferirei com rãs todos os teus termos. E o rio criará rãs, que subirão e virão à tua casa, e ao teu dormitório, e sobre a tua cama, e as casas dos teus servos, e sobre o teu povo, e aos teus fornos, e às tuas amassadeiras. E as rãs subirão sobre ti, e sobre o teu povo, e sobre todos os teus servos... E Arão estendeu tua mão com tua vara sobre as correntes, e sobre os rios, e sobre os tanques, e fez subir rãs sobre a terra do Egito.

Com o passar dos anos, vários estudiosos, individualmente, atribuíram as pragas do Êxodo a diferentes fenômenos naturais. A escuridão poderia ter sido causada por uma tempestade de areia muito violenta, e o granizo poderia ser o resultado de terríveis condições do tempo. Os furúnculos ou sarna podem ter sido causados por uma epidemia, e o rio transformado em sangue pode ser o resultado de alguma atividade sísmica ocorrida no extremo sul, próximo à nascente do Nilo. Enxames de gafanhotos, moscas e infestações de piolhos não teriam sido coisas raras de se acontecer. Entretanto, a possibilidade de tudo isso acontecer ao mesmo tempo parece algo bastante remoto. Uma erupção vulcânica, porém, explicaria todos os acontecimentos.

O único problema real de atribuirmos as pragas do Êxodo a uma erupção vulcânica é que o Êxodo não as apresenta na ordem em que elas, naturalmente, teriam ocorrido. A escuridão e tempestade de fogo deveriam vir primeiro, seguidos pelas feridas, o rio ensangüentado, os gados e os peixes mortos e, algum tempo depois, os sapos e os insetos. No Êxodo, as pragas aparecem em uma ordem diferente: sangue, peixes, sapos, piolhos, moscas, morte do gado, furúnculos,

granizo, gafanhotos e escuridão. No entanto, o livro do Êxodo parece ter sido escrito muitos séculos após os eventos serem relatados. A descrição das pragas pode ter sido feita de forma oral por muitas gerações, e certos detalhes teriam sido facilmente misturados.

Quando analisamos a semelhança das pragas do Egito com os terríveis efeitos de uma erupção vulcânica, vemos que esses episódios particulares do relato do Êxodo deixam de parecer tão impossíveis. No entanto, ainda resta uma grande questão. Será que realmente uma erupção vulcânica atingiu o Egito por volta do ano de 1360 a.C, quando a história do Êxodo parece ter acontecido? Em uma palavra, sim. Apesar de não existirem vulcões conhecidos no Egito em tempos geológicos recentes, um a erupção grande o suficiente para atingir o país chegou de fato a acontecer na *ilha de Thera* do Mediterrâneo, próximo ao período em questão.

Thera era a ilha que ficava mais ao sul das Cidades Gregas, e no século XV a.C. abrigava um importante porto de comércio da civilização Minoana, centralizada na ilha próxima de Creta. Hoje, Thera é uma ilha com formato de meia lua chamada Santorini, que forma uma baía de mais de dez quilômetros de largura. Os penhascos que a cercam são apoiados por camadas de restos vulcânicos e pedras que foram derretidas, comprovando o violento passado enfrentado pela ilha. A baía em si é, na realidade, uma cratera formada pela antiga erupção, e é tão profunda que dizem que nenhuma âncora de navio é capaz de alcançar o fundo. Por volta de 1930, o arqueólogo grego, Spyridon Marinatos, foi o primeiro a dizer que, em algum momento no final da era Minoana, uma gigantesca erupção vulcânica havia assolado a ilha. Em 1956, dois geólogos, Dragoslav Ninkovich e Bruce Heezen, realizaram uma pesquisa do fundo do mar para tentar determinar, com precisão, qual tinha sido a magnitude da erupção. De seu barco de pesquisas, o

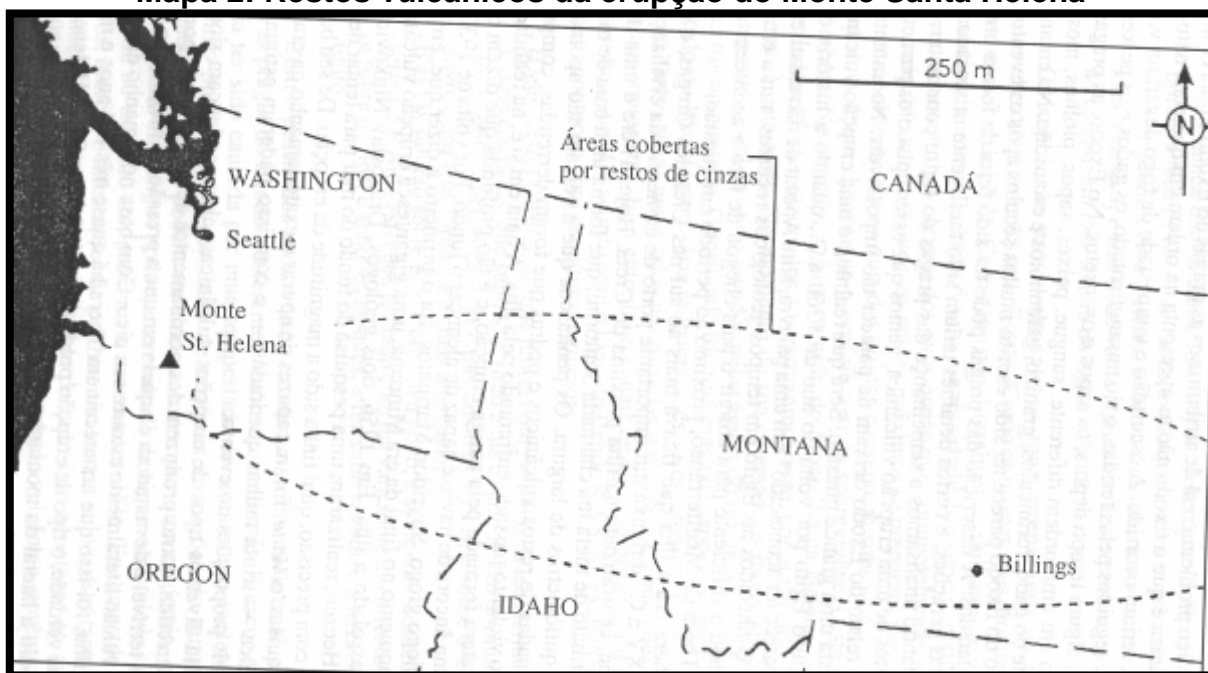
Vema, foram capazes de apurar o exato tamanho da cratera vulcânica — trinta milhas quadradas — e com isso puderam estimar as incríveis proporções do evento.

Há diversos tipos de erupções vulcânicas, algumas lançam rios de lava derretida, outras produzem desmoronamentos de lama quente, porém, a mais terrível e devastadora é aquela em que a pressão do magma faz com que o vulcão literalmente estoure seu pico. Com base no tamanho da cratera da ilha, foi isso que aconteceu em Thera há quase três mil anos e meio. Foi, na verdade, o tipo de erupção produzida pelo Monte Santa Helena que explodiu a lateral da montanha com a força de uma bomba de cinquenta milhões de toneladas.

Em um piscar de olhos, na manhã do dia 18 de maio de 1980, uma massa de material vulcânico abrasador foi espalhado com uma explosão, matando todos os seres vivos em um espaço de 150 milhas quadradas. Milhares de acres de floresta foram dizimados, e restos de materiais derretidos cobriram tudo como na superfície da lua. O que antes era uma estação de férias de turistas ansiosos a mais de quinze quilômetros de distância do vulcão do Monte Santa Helena, estava agora coberto por completo com pedras-pomes. Em poucas horas, uma nuvem de cinzas com cerca de oito quilômetros de altura, contendo bilhões de toneladas de material vulcânico, espalhou-se por oitocentos quilômetros ao leste. Em três estados — Washington, Idaho e Montana — a nuvem vulcânica sólida cobriu o céu e o dia virou noite. Por toda a região, cinzas caíam como chuva, entupindo motores de carros, fazendo trens pararem e bloqueando estradas. Sete milhões de hectares de exuberantes fazendas pareciam um deserto cinza, e plantações de milhões de dólares foram dizimadas e destruídas. Centenas de pessoas, até a cidade de Billings em Montana, a quase mil quilômetros de distância do vulcão, foram levadas para os hospitais com os olhos irritados e as peles queimadas causados pela exposição aos

restos corrosivos. Durante semanas após o acidente, peixes em centenas de quilômetros de rios foram encontrados boiando sobre a superfície, mortos pelos poluentes químicos na água.

Mapa 2: Restos vulcânicos da erupção do Monte Santa Helena



A erupção Monte Santa Helena foi uma das erupções vulcânicas mais destrutivas dos últimos anos, e comparado à explosão de Thera, era algo minúsculo. Quando Ninkovich e Heezen divulgaram suas descobertas com relação à erupção de Thera, usaram a erupção de Krakatau como comparação. Em agosto de 1883 quando Krakatau explodiu com uma força vinte vezes maior que a do Monte Santa Helena, a erupção foi ouvida a mais de quatro mil e quinhentos quilômetros, em Melbourne, no sul da Austrália; uma nuvem vulcânica ergueu-se a 80 quilômetros no ar, e cinzas residuais cobriram milhares de quilômetros quadrados. Mais de 36 mil pessoas morreram! Foi estimado, pelo tamanho da cratera formada, que seis milhas cúbicas de material vulcânico se espalhou pelo céu de Krakatau — porém, a cratera de Thera é quase seis vezes maior. Sendo assim, a explosão teria sido ouvida em

quase metade do mundo, restos vulcânicos teriam sido lançados a quilômetros de altura, e as cinzas teriam coberto mais de um milhão de quilômetros quadrados.

Para termos uma idéia do tamanho dessa explosão, imagine a última arma nuclear usada pela humanidade em uma guerra: a bomba atômica, que destruiu completamente metade da cidade japonesa de Nagasaki, em 1945. Foi uma explosão de 20 quilotoneladas. O Monte Santa Helena explodiu com uma força ainda maior, de 50 mil quilotoneladas; Krakatau alcançou o incrível número de um milhão de quilotoneladas; contudo, Thera supera todos esses números com suas 6 milhões de quilotoneladas. Seria preciso seis mil das mais destrutivas ogivas nucleares modernas — cada uma com a força de fazer desaparecer uma cidade inteira — para se igualar à magnitude explosiva de Thera. Estima-se que, comparando-se as dimensões do vulcão original com o tamanho da cratera, setenta milhas cúbicas de resíduos foram lançadas ao céu. Ainda mais importante, ela teria formado uma nuvem sólida que fora soprada na direção do Egito.

A pesquisa do Vema mostrou que pedras-pomes e resíduos vulcânicos da erupção de Thera cobriram o fundo do mar somente ao sudeste do vulcão, determinando que os ventos carregaram a nuvem residual exatamente na direção do Egito, a cerca de oitocentos quilômetros de distância. Ao julgarmos pelos efeitos das erupções menores do Monte Santa Helena e Krakatau, é certo que a terra do Egito teria sofrido todos os horrores da nuvem escura. Os israelitas podem muito bem ter interpretado o acontecimento como uma intervenção divina, visto que o caos resultado pela calamidade pode ter possibilitado a fuga dos escravos hebreus do Egito, exatamente da forma que a Bíblia descreve.

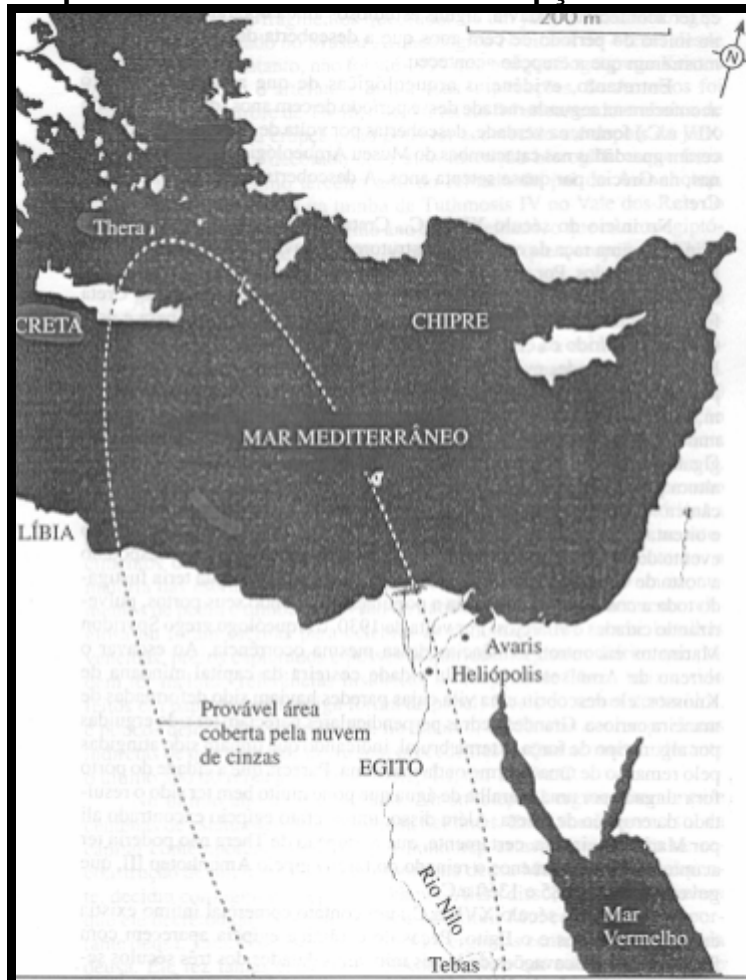
Portanto, parece que a história do Êxodo do Egito não foi nada irreal como se pensava. De fato, a semelhança entre os efeitos da erupção de Thera e as

pragas do Êxodo é extraordinária. Sendo essa, então, a prova final de que realmente são a mesma coisa, e que os eventos aconteceriam se a erupção pudesse ser comprovada como tendo ocorrido no mesmo período que a história do Êxodo se passou — por volta de 1360 a.C.

Com o passar dos anos, o acontecimento da erupção de Thera foi datado várias vezes entre os anos de 1600 e 1300 a.C. Outras evidências científicas na busca de uma data mais precisa, porém, surgiram em 1970 com — acredite ou não — amostras de núcleos de gelo da Groenlândia. Todos os invernos, uma camada fresca de gelo se forma sobre a calota polar da Groenlândia, criando estratos bem definidos, um para cada ano. Toda camada contém ar preso, segurando uma amostra da atmosfera da Terra como ela era quando o gelo se formou. Na década de 70, cientistas dinamarqueses começaram a coletar amostras a muitos metros de profundidade no gelo para recuperar um registro de ano após ano das condições atmosféricas da Terra há mais de 100.000 anos. A equipe, chefiada por C. U. Clausen, H. B. Hammer e W. Dansgard, logo observou que as amostras dos anos em que houve maiores erupções vulcânicas, como a que destruiu a cidade romana de Pompéia no ano 79 d.C, comprovavam altos níveis de acidez. No artigo da revista Nature, de novembro de 1980, a equipe relatou que houvera uma erupção forte em algum lugar do mundo por volta de 1390 a.C, com uma margem de erro de cerca de cinquenta anos para mais ou para menos — em outras palavras, em algum tempo entre 1240 e 1340 a.C. A única erupção grande o suficiente que pode ter resultado nas condições atmosféricas registradas pelos dinamarqueses, e conhecida dos geólogos como tendo ocorrido no prazo de duzentos anos de qualquer lado desse período, foi à erupção de Thera. Isso significa que Thera pode muito bem ter entrado em erupção na mesma época que a história do Êxodo parece ter acontecido.

Todavia, alguns estudiosos ainda optaram por uma data no início do período de cem anos que a descoberta dos núcleos de gelo mostraram que a erupção aconteceu.

Mapa 3: Restos vulcânicos da erupção de Thera



Entretanto, evidências arqueológicas de que a erupção de fato acontecera na segunda metade desse período de cem anos (durante o século XIV a.C.) foram, na verdade, descobertas por volta de 1930, mas permaneceram guardadas nas catacumbas do Museu Arqueológico Nacional de Atenas, na Grécia, por quase setenta anos. A descoberta aconteceu na ilha de Creta.

No início do século XIV a.C, Creta era o coração da civilização Minoana, uma raça de exímios construtores de navios que dominara o mar Egeu por séculos. Por meio do comércio, e não pela conquista, os minoanos tornaram-se uma das

potências mais ricas de todo o Mediterrâneo. Creta fica somente a aproximadamente cem quilômetros ao sul de Thera e portanto teria sofrido os efeitos da erupção em uma escala ainda maior que o Egito. Na verdade, evidências arqueológicas mostraram que a erupção, portanto, destruiu a infra-estrutura da civilização que foi totalmente dizimada. A tempestade de fogo de Thera pode ter devastado a vida em Creta, mas isso não foi tudo. Durante a erupção na ilha de Krakatau em 1883, um gigantesco tsunami — uma onda marítima de cerca de trinta metros de altura produzida por movimentos submarinos causados pela erupção vulcânica — varreu 165 vilarejos na costa da Sumatra, numa área entre trinta e oitenta quilômetros do vulcão, e 35 mil pessoas morreram. Com base no evento de Krakatau, estima-se que um tsunami semelhante teria despojado a costa de Creta após a erupção de Thera. A muralha de água teria fustigado toda a costa norte onde vivia a população, varrendo seus portos, pulverizando cidades e vilarejos. Por volta de 1930, o arqueólogo grego Spyridon Marinatos encontrou evidências dessa mesma ocorrência. Ao escavar o terreno de Amnisos, o local da cidade costeira da capital minoana de Knossos, ele descobriu uma vila cujas paredes haviam sido deformadas de maneira curiosa. Grandes pedras perpendiculares pareciam ter sido erguidas por algum tipo de força externa brutal, indicando que tinham sido atingidas pelo remanso de uma enorme onda marítima. Parecia que a cidade do porto fora alagada por uma muralha de água que pode muito bem ter sido o resultado da erupção de Thera. Além disso, um artefato egípcio encontrado ali por Marinatos, indica, certamente, que a erupção de Thera não poderia ter acontecido até pelo menos o reinado do faraó egípcio Amonhotep III, que governou entre 1385 e 1360 a.C.

No início do século XVII a.C, um contato comercial íntimo existia entre os minoanos e o Egito. Peças de cerâmica egípcia aparecem com frequência em

escavações de locais minoanos datados dos três séculos seguintes, e até o século XIV a.C, as duas culturas formaram fortes laços diplomáticos. Um exemplo da troca de mercadorias entre as duas nações foi encontrado por Marinatos nas ruínas de Amnisos embaixo das paredes caídas da vila — os fragmentos quebrados de um jarro de alabastro egípcio. Ele está guardado no Museu Arqueológico Nacional de Atenas desde os anos 1930. No entanto, não foi até 1999 que o arqueólogo grego Kristos Vlachos examinou o artefato e notou suas implicações. Se Amnisos foi destruída na catástrofe de Thera, e se o artefato foi encontrado embaixo de seus muros caídos, a erupção não pode ter acontecido até depois do jarro ser feito. Ele estava decorado com uma inscrição hieroglífica que fazia referência ao trigésimo terceiro ano do reinado do pai de Amonhotep, Tuthmosis IV. Inscrições na tumba de Tuthmosis IV no Vale dos Reis do Egito revelam que este foi o último ano de seu reinado, o que muitos egiptólogos datam de cerca de 1400 a.C, o que significa que a erupção de Thera deve ter acontecido após essa data.

Assim, a erupção de Thera parece ter se passado durante a última parte dos cem anos que datam as amostras dos núcleos de gelo. Isso significa que o vulcão explodiu entre 1385 e 1340 a.C, e a data do Êxodo — 1360 a.C. — cai quase no meio desse período de quarenta e cinco anos. Considerando que a história dos antigos egípcios atravessou mais de 3.500 anos, essa coincidência é bastante persuasiva de que os efeitos da erupção de Thera e as pragas do Êxodo foram as mesmas. Há, na verdade, uma última prova que data a erupção com maior exatidão, no ano de 1360 a.C.

A maioria dos historiadores que duvidam da história do Êxodo como um evento histórico apontam para o fato de não haver menções históricas a seu respeito nos registros do antigo Egito. Certamente, eles dizem, acontecimentos de tamanha

magnitude teriam sido registrados. No entanto, a maioria das escritas egípcias que sobreviveram são inscrições em monumentos de pedra e tumbas. Elas são de natureza quase exclusivamente religiosa ou foram escritas para celebrar as conquistas dos faraós: batalhas vencidas, presos capturados e posses adquiridas. Registros diários que podem ter incluído referências históricas da erupção de Thera teriam sido feitos em papiros (uma antiga forma de papel) fáceis de serem destruídos, e poucos deles sobreviveram. Há, no entanto, evidências contemporâneas indiretas de que uma catástrofe sem precedentes de fato aconteceu durante o último ano do reinado de Amonhotep III, em 1360 a.C.

No último ano de seu reinado, Amonhotep III ergueu literalmente centenas de estátuas em honra à deusa Sekhmet. Em Asher, logo ao sul da capital contemporânea de Tebas, Amonhotep estava no processo de reconstrução de um templo para a importante deusa Mut, quando, de repente, decidiu consagrar o templo a Sekhmet. Além disso, inscrições revelam que ele decretou que Sekhmet deveria substituir Mut como a mais importante deusa. Também ordenou que fossem erguidas centenas de estátuas da deusa. Ele fez tantas estátuas de Sekhmet, ali e em outros lugares, que praticamente todas as coleções egíptologas no mundo contém pelo menos um exemplar. O Museu Britânico tem o maior número delas: mais de trinta espécimes em vários estados de preservação. Centenas ainda permanecem em seu lugar de origem no Egito, a maioria no templo de Luxor, no sul do Egito. Foi calculado que havia originalmente cerca de setecentas somente ali. Na verdade, como o egiptólogo Cyril Aldred indicou em 1988, nenhuma outra divindade do Egito antigo está representada por tantas estátuas de grande escala — e quase todas elas foram erguidas por ordem de Amonhotep III. Essas estátuas de Sekhmet

são uma óbvia indicação de que, apesar da aparente estabilidade e riqueza do país, algo deu errado. Sekhmet era a deusa da devastação!

Por que essas estátuas monumentais da deusa existem em números tão incomparáveis jamais fora explicado com satisfação. O fato de que Amonhotep ergueu mais estátuas para ela — de longe — do que o fez para o principal deus Amun, sugere que alguma coisa aconteceu que o tenha feito questionar o poder da divindade maior. Sekhmet era apresentada como uma leoa ou uma mulher com cabeça de leão. Na mitologia egípcia, ela era a filha do deus do sol Ra e uma vez, chegou quase a aniquilar a humanidade. De acordo com o mito, ela obscurecera o sol e fizera cair fogo dos céus, e a humanidade foi salva somente com a intervenção do próprio Ra. A vingança imaginária de Sekhmet é muito parecida com a calamidade que teria sido causada pela erupção de Thera. Ao acreditar que ela fora a responsável pela catástrofe, Amonhotep pode muito bem ter erguido as estátuas na tentativa de apaziguar a deusa. Sabemos hoje, com certeza, que a erupção aconteceu por volta dos anos de 1385 e 1340 a.C, e sabemos, com certeza, que ela teria devastado o Egito. Considerando outras pistas de que a erupção aconteceu durante o reinado de Amonhotep, o fato de ele ter erguido centenas de estátuas para a deusa da devastação no ano de 1360 é uma evidência bastante reveladora de que esse foi o período exato dos acontecimentos.

Eu estava convencido de que a história do Êxodo estava baseada em eventos reais e históricos que ocorreram por volta de 1360 a.C. A história do Antigo Testamento da invasão israelita de Canaã, alguns anos depois, parecia ser igualmente histórica, assim como foi o estabelecimento do reino de Israel pelo Rei Davi três séculos depois disso. Restavam poucas dúvidas de que o cenário histórico dos acontecimentos bíblicos, nos quais a Arca tem um papel central, era verdadeiro

o suficiente. Como conseqüência, temos a Arca como um artefato histórico de muito crédito. Entretanto, isso ainda não podia provar que a Arca, de fato, existiu. Precisava analisar mais a fundo o homem no coração do mistério da Arca — o próprio Moisés. Ele, de fato, existiu? Ou foi apenas uma lenda — a personificação de um sistema religioso que, na realidade, desenvolveu-se muitos anos depois? Além do mais, se ele de fato existiu, havia qualquer precedente histórico que pudesse explicar sua criação máxima, a Arca da Aliança?

4. Moisés e Javé

Antes que pudesse formar uma opinião quanto ao fato de a Arca da Aliança ser ou não um artefato histórico ou uma lenda fantástica, eu tinha que tentar responder duas últimas e cruciais perguntas. Primeiro, será que Moisés, o homem que dizem ter inspirado sua criação, de fato existiu?; e segundo, será que a religião hebraica, da qual dizem que ela era a relíquia mais sagrada, de fato existiu no tempo que o Êxodo parece ter ocorrido? Se a resposta a essas perguntas, principalmente a segunda, fossem negativas, seria então pouco provável que a Arca fosse real. Ela não teria tido nenhum propósito. Seria o mesmo que o Vaticano existir sem Jesus ou a Igreja Cristã que ele fundou.

De acordo com a Bíblia, Moisés foi o primeiro profeta a revelar as leis sagradas de Deus para a religião hebraica enquanto os israelitas vagaram pelo deserto por quarenta anos após sua fuga da prisão no Egito. Com isso, ele foi o fundador do que se tornou o Judaísmo. A maioria dos arqueólogos e historiadores, porém, consideram Moisés como o fundador imaginário de uma religião que se desenvolveu com o passar do tempo. Eles não apenas duvidam de que Moisés foi uma figura histórica, mas também questionam, com seriedade, se uma religião israelita organizada poderia ter sido iniciada há tanto tempo assim. Eles estavam certos? Eu precisei refletir sobre tudo que aprendera a respeito de Moisés.

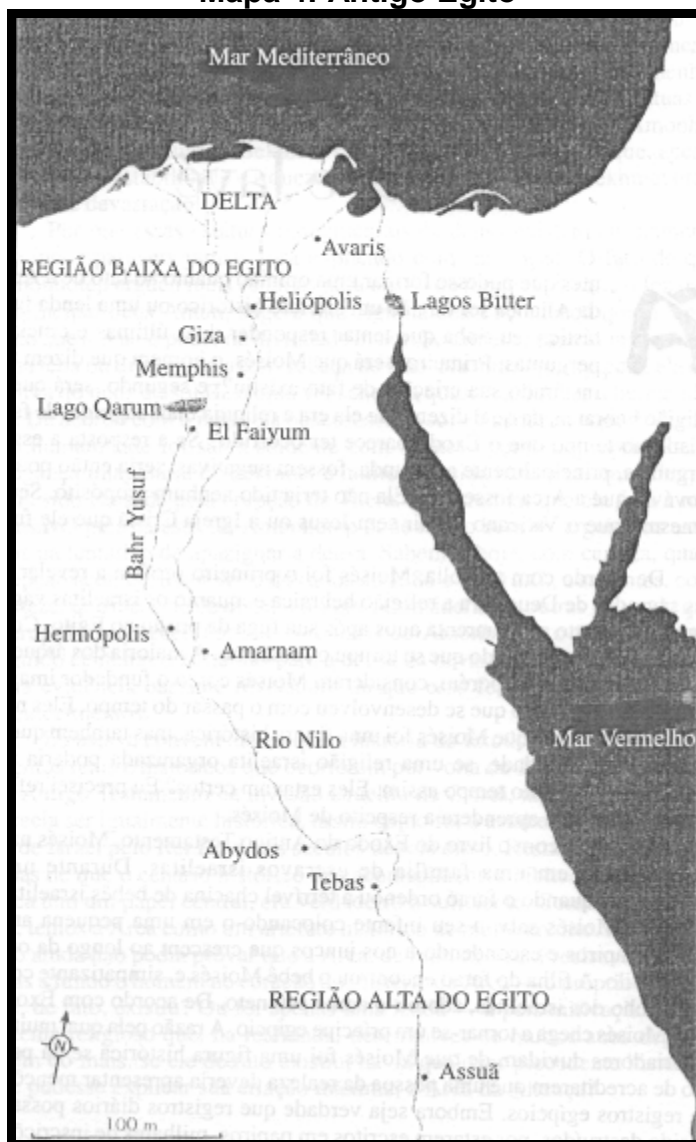
De acordo com o livro do Êxodo do Antigo Testamento, Moisés nasceu no Egito em uma família de escravos israelitas. Durante uma expurgação, quando o faraó ordenou a terrível chacina de bebês israelitas, a mãe de Moisés salvou seu infante colocando-o em uma pequena arca feita de papiros e escondendo-a nos juncos que crescem ao longo da orla do Rio Nilo. A filha do faraó encontrou o bebê

Moisés e, simpatizante com o empenho dos israelitas, adotou-o como seu neto. De acordo com Êxodo 2:14, Moisés chega a tornar-se um príncipe egípcio. A razão pela qual muitos historiadores duvidam de que Moisés foi uma figura histórica se dá pelo fato de acreditarem que uma pessoa da realeza deveria apresentar menções em registros egípcios. Embora seja verdade que registros diários possam ter sido destruídos, por estarem escritos em papiros, milhares de inscrições de monumentos e tumbas ao longo de toda a história do antigo Egito ainda existem para revelar os nomes dos reis e príncipes egípcios. Entre eles, não há registro algum de um Moisés durante o reinado de Amonhotep III — ou sequer de nenhum faraó egípcio de tempo algum.

O nome Moisés, entretanto, pode ser ilusório. Pode não ter sido o nome verdadeiro do homem. As traduções modernas do Antigo Testamento pegaram o nome Moisés da tradução grega da Bíblia, onde aparece como Mosis. Esse, por sua vez, foi tirado dos livros do Tanak dos hebreus, onde aparece em sua forma original como Mose. Êxodo 2:10 nos diz que a filha do faraó decidiu chamá-lo assim "*porque das águas o tenho tirado.*" Presumimos que o autor do Êxodo está se referindo à semelhança entre o nome Mose e a palavra hebraica masa, que significa "*arrancar.*" Em 1906 o historiador alemão Eduard Meyer afirmou que essa passagem foi inserida por um posterior copiadador do Antigo Testamento para dar uma origem hebraica ao que era na verdade um nome egípcio. O episódio, ele disse, não faz sentido algum no contexto da narrativa como existe hoje. Se a princesa desejasse manter a nacionalidade de Moisés em segredo da corte — o que ela deve ter feito, visto que Moisés sobreviveu à ordem do faraó de matar os bebês hebreus — ela não teria, então, dado a seu filho adotivo um nome hebraico. Um contemporâneo de Meyer, o famoso egiptólogo inglês Flinders Petrie, indicou que mose é uma palavra

egípcia que significa "*filho*". É um sufixo comum em muitos nomes egípcios. É encontrado, por exemplo, no nome do faraó egípcio Ahmose, um nome que quer dizer "*filho da lua*."

Mapa 4: Antigo Egito



Em 1995, o historiador israelense David Ullian especulou que Mose pode ter sido algo mais que apenas um nome pessoal, assim como o termo Cristo — "o *ungido*" — mais tarde se tornou o epíteto para Jesus. Ele sugeriu que o nome pode ter sido a abreviatura do título "*Filho de Deus*". Em tempos posteriores, os reis e os profetas de Judá eram geralmente descritos como os "*filhos de Deus*". É possível,

então, se essa personalidade de fato conduziu os israelitas à sua liberdade, que ele apareça nos registros egípcios com um outro nome. Há alguém, usando qualquer outro nome, no palácio real de Amonhotep III que se encaixe no perfil de Moisés?

Para início de conversa, é muito pouco provável que estejamos de fato procurando por um israelita adotado. A história toda das origens hebraicas de Moisés parece ter sido uma interpolação posterior no relato do Êxodo de duas razões cruciais. Primeiro, a história da arca de juncos parece ser tirada da lenda babilônica. Em Êxodo 2:3 lemos como a mãe de Moisés o esconde:

Não podendo, porém, mais escondê-lo, tomou uma arca de juncos, e a revestiu com barro e betume; e, pondo nela o menino, a pôs nos juncos à margem do rio.

O autor islandês e historiador literário Magnus Magnusson, em seu livro BC: The Archaeology of the Bible Land, chama nossa atenção para um mito mesopotâmico que fala do Rei Sargon I de Akkad, datado de cerca de 2350 a.C. Ali, o rei também é colocado em um rio dentro de uma cesta de juncos quando sua mãe tenta escondê-lo. Como Moisés, ele foi encontrado e adotado por outra pessoa:

A mãe que me trocou me concebeu, e em segredo deu à luz. Me colocou em uma cesta de juncos, com betume fechou minha tampa. Me jogou ao rio que não me cobriu.

Segundo, e ainda mais importante, a história da adoção de Moisés fracassa a opor-se a um exame histórico detalhado. O relato do Êxodo diz que a filha do faraó adotou Moisés e que ele foi criado como um príncipe. No Egito antigo o sangue da família real era estritamente controlado e manipulado. Os faraós eram

considerados deuses, e suas filhas só podiam conceber filhos com alguém da escolha do rei — quase sempre o próprio rei. Adoções estavam totalmente fora de questão. É inimaginável que uma filha do faraó tivesse a permissão de adotar um filho.

Se Moisés realmente era um príncipe no palácio real egípcio, como a Bíblia diz, ele, então, muito provavelmente foi um egípcio nativo. Ainda mais interessante, há um príncipe egípcio do reinado de Amonhotep que tem muita coisa em comum com Moisés — seu nome era Príncipe Tuthmose.

Não se sabe muito a respeito de Tuthmose, mas muitas inscrições egípcias sobreviveram para nos fornecer um breve esboço de sua vida. Ele era o filho mais velho de Amonhotep e herdeiro do trono. Quando jovem, agiu como governador de Memphis no norte do Egito, antes de ser nomeado comandante das forças das carroças do rei e presenciar muitos trabalhos contra os etíopes. Após uma campanha bem sucedida, ele voltou-se para a vida religiosa e foi escolhido o sacerdote superior no Templo do deus Ra em Heliópolis, também no norte do Egito. No vigésimo terceiro ano do reinado de Amonhotep ele, repentinamente, e por nenhuma razão aparente, deixou seu cargo de sacerdote superior e desapareceu misteriosamente. Dois anos depois, quando o reinado de Amonhotep terminou, foi seu irmão mais novo Akhenaten quem subiu ao trono.

O Príncipe Tuthmose se encaixa no perfil de Moisés de várias maneiras. Primeiro, ele comandou o exército durante uma campanha etíope. O mesmo, parece, aconteceu com Moisés. Embora a Bíblia não nos fale quase nada a respeito do tempo de Moisés como um príncipe egípcio, o historiador judeu do século I, Josephus, nos oferece um capítulo inteiro acerca de suas *Antiguidades Judaicas*. Naquilo que parece ter sido a versão aceita dos acontecimentos há cerca de dois mil

anos, ficamos sabendo que o faraó indicou Moisés para ser o comandante de um exército que enviou para lutar contra os etíopes, e foi o sucesso nessa investida que o levou para seu exílio. Com ciúmes da popularidade de Moisés entre os soldados, o faraó decide ordenar sua prisão mas, avisado de antemão, Moisés deixa o país. O relato de Josephus parece ter uma validade histórica ainda maior do que a narrativa bíblica com relação ao motivo do exílio de Moisés. No Êxodo, lemos apenas que Moisés é forçado a fugir do Egito após salvar a vida de um israelita, ao matar um cruel senhor de escravos. Na realidade, um príncipe egípcio podia dar ordens para que um administrador de escravos fosse executado quando e onde quisesse. Esse foi provavelmente um outro episódio usado para fazer de Moisés um israelita.

A segunda semelhança entre Moisés e o Príncipe Tuthmose é que, por um tempo, Tuthmose foi um sacerdote superior no Templo de Ra, em Heliópolis. Parece que o mesmo aconteceu com Moisés. De acordo com um relato encontrado por Josephus no trabalho de um historiador egípcio chamado Manetho, que escreveu no século IV a.C, uma revolta aconteceu entre os escravos semitas durante o reinado de Amonhotep III. Ainda mais interessante, dizem que a revolta aconteceu em Avaris, o mesmo lugar onde os israelitas parecem ter sido escravizados. De acordo com Manetho, Amonhotep foi aconselhado por um de seus oficiais a livrar o país de "*indesejáveis*" e colocá-los para trabalhar em suas pedreiras de Avaris. Por muitos anos foram forçados a trabalhar como escravos, quando passaram a ser liderados por um sacerdote do templo do deus Ra em Heliópolis. Evidentemente, o sacerdote abandonara os deuses do Egito e fora condenado à prisão. Ele tinha sido no passado, Manetho diz, um soldado, e durante seu cativeiro, treinou os "*indesejáveis*" para lutar. Quando finalmente conduziu-os em uma rebelião, milhares deles conseguiram fugir e voltar para sua terra natal. Os

"*indesejáveis*" não têm um nome, tampouco sua terra natal, e o sacerdote é apenas chamado de Osarseph, que significa "*Líder*". Josephus, porém, não tinha dúvidas de que os "*indesejáveis*" eram os israelitas e que Osarseph era Moisés. Se Moisés era o sacerdote que aparece na obra de Manetho, então, Tuthmose, obviamente, encaixa-se no perfil. Manetho nos diz que o sacerdote era um servo no templo de Ra em Heliópolis antes de abandonar os deuses egípcios. Essa era a exata função exercida pelo Príncipe Tuthmose antes de ele desaparecer.

A terceira semelhança entre as duas figuras é que, assim como Moisés, Tuthmose pode ter sido mandado para o exílio. A razão para essa hipótese é que sua tumba jamais chegou a ser ocupada. O explorador italiano Giovanni Belzoni descobriu a tumba de Tuthmose no início do século XIX no Vale dos Reis do Egito, e a descoberta logo fez surgir um outro enigma. Tumbas de reis eram preparadas enquanto seus donos ainda estavam vivos; somente as decorações funerárias finais eram adicionadas após a morte. Essa tumba, porém, estava pronta, mas as ilustrações comuns que mostram o enterro e a mumificação de seu dono, não existiam. Isso significava que a tumba estava vazia não porque tivesse sido roubada, mas porque jamais chegara a ser usada. Mas, por que não?

É possível que Tuthmose tivesse mandado preparar uma outra tumba, embora isso pareça pouco provável. As tumbas eram caras, além de seus projetos demorarem anos para serem concluídos. Era comum levarem anos para remover as centenas de metros quadrados de rocha sólida para criar a sepultura e as câmaras dos tesouros em solo profundo. Somado ao seu desaparecimento repentino e inexplicável do templo de Ra, e a falta de quaisquer memoriais ou obituários, a tumba vazia indica que Tuthmose fora, de alguma forma, desonrado e executado, ou enviado para o exílio. A única maior diferença entre Tuthmose e Moisés são suas

supostas idades. O Êxodo parece ter acontecido no fim do reinado de Amonhotep, quando Tuthmose não teria mais que trinta e cinco anos. De acordo com o relato do Êxodo, no entanto, foi muitos anos depois do exílio de Moisés, que ele voltou para conduzir os israelitas à liberdade, quando já teria oitenta anos de idade. E devemos ainda lembrar que precisamos considerar as idades bíblicas com um certo cuidado. Com freqüência, vemos a respeito de pessoas que viveram mais de um século, quando quarenta ou cinqüenta anos era considerado um bom tempo de vida.

Se o Êxodo aconteceu durante o reinado de Amonhotep III, o Príncipe Tuthmose é o melhor candidato de todos para ser o histórico Moisés. Seu passado corresponde com o de Moisés de várias maneiras: Ele foi o comandante do exército na Etiópia, um sacerdote no templo de Ra, e foi morto ou exilado. Até seu nome é intrigante: Tuthmose quer dizer "*filho de (do deus) Thoth*." Se Tuthmose tivesse abandonado os antigos deuses e decidido tirar o divino Tuth — Thoth — de seu nome, ele teria, na verdade, passado a se chamar Mose, a tradução original do nome de Moisés.

Embora nada disso sejam provas absolutas de que Tuthmose era o histórico Moisés, ele, sem dúvida, se encaixa no perfil do homem e parece ter vivido no lugar certo, no tempo certo. Fica, então, claro por que os antigos israelitas podem ter precisado tramar uma história alternativa quanto às origens de Moisés. Nacionalistas israelitas teriam achado muito difícil aceitar que seu grande legislador, que estabeleceu a aliança com Deus e a guardou na Arca, fosse, na realidade, um príncipe egípcio.

Evidências de que a religião israelita já existia na mesma época do Êxodo são ainda mais convincentes do que as que ligam Moisés a Tuthmose. Indicações de que os escravos israelitas já praticavam o monoteísmo — a religião de um só

deus — durante o reinado de Amonhotep III são encontradas, de forma indireta, em fontes egípcias. Parece que idéias da religião dos hebreus influenciaram uma seita egípcia. Conhecida como Atenismo, essa seita adorava a uma única divindade universal e negava a existência de todos os outros deuses. A seita atenista parece ter surgido muito rapidamente próximo ao fim do reinado de Amonhotep, e quando seu filho, Akhenaten, subiu ao trono, por volta de 1360 a.C. O Atenismo tornou-se tão influente que o novo faraó chegou a adotá-lo como a religião oficial do Egito por um tempo. Suas práticas são tão parecidas com as da religião hebraica que comentaristas bíblicos e egiptólogos vêem uma ligação entre elas. Algumas pessoas chegaram inclusive a dizer que o Atenismo foi diretamente inspirado pela religião dos escravos israelitas, de uma forma semelhante com a qual o antigo Cristianismo inspirou a religião da Roma Imperial.

A correlação entre as duas religiões parece muito grande para ser apenas uma coincidência. Com exceção do fato de que ambas acreditam em um único deus universal e negam a existência de todos os outros — um conceito desconhecido em todas as demais partes do mundo na época — elas ainda compartilham de uma série de outros temas especiais. Primeiro, ambas veneram um deus sem nome que é apenas referido através de títulos. Jeová, o nome de Deus conhecido pelos cristãos de hoje, é na verdade, uma tradução do grego do nome hebraico Yhuv ou Yahweh (Javé), que na realidade, quer dizer "o Senhor". O Deus de Israel não tem um nome. Tampouco o deus dos atenistas. Independentemente da reverência, no Egito, os deuses eram geralmente chamados de forma direta e por meio de seu nome. Na verdade, imaginava-se que o nome do deus invocava sua presença. Entretanto, o deus dos atenistas foi uma exceção única. O nome comum usado por egiptólogos para o deus atenista é "o Aten" No entanto, esse não era de fato o nome

do deus, mas o nome do hieróglifo, ou símbolo, que o representava. Uma transliteração direta da palavra Aten é "*o que dá a vida*". Aten não era o nome da divindade dos atenistas; era apenas uma descrição. Seus outros títulos e formas de ser chamado são, na verdade, idênticos aos usados para o deus dos hebreus. Isso foi revelado por meio de uma descoberta acidental feita em Tebas, a antiga capital no sul do Egito.

Nos primeiros anos de seu reinado, Akhenaten ergueu um novo templo para o Aten na cidade de Karnak, em Tebas. No entanto, pouco depois de seu reinado, quando o Egito abandonou o Atenismo e voltou a usar seu panteão de deuses tradicionais, o templo foi demolido. Por acaso, muitos dos blocos esculpidos que decoravam o templo foram preservados dentro de duas gigantescas torres fechadas por portões, que haviam sido erguidas em frente ao templo próximo do deus Amun. Por volta de 1930, quando essas torres foram desmanteladas para reformas estruturais, mais de 40.000 desses blocos esculpidos foram encontrados em seu interior, tendo sido usados como aterro por mais de três mil anos. Agora chamado de talatat de Karnak, de um trabalho árabe que significa obra de tijolos, muitos deles estão gravados com orações atenistas que apresentam semelhanças inacreditáveis com os textos hebraicos.

No relato bíblico, Moisés fala com Deus, pela primeira vez, no Monte Sinai quando Ele aparece em um arbusto que, de maneira miraculosa, arde em chamas. Sem saber qual deus está falando, Moisés pede a Deus que revele seu nome, e Deus responde: "*Eu sou o que sou*" (Ex 3:14). Ele era apenas Deus — o único Deus. A palavra hebraica para "*deus*" era El. Ela tinha diversas formas, como por exemplo, Elyon, "*o deus mais superior*", e Elohim, "*seu deus*", ou El Shaddai, "*deus Todo-Poderoso*". A palavra Yahweh, "*o Senhor*," é usada com freqüência, como em

Yahweh-tsidkenu, o "*Senhor das Multidões*," (A palavra hebraica *tsidkenu*, que traduções modernas apresentam como "*multidões*", na verdade se refere a exércitos, como por exemplo os exércitos de Judá, os exércitos de Israel, ou os exércitos de anjos.) No entanto, pelo fato de os israelitas considerarem Yahweh (Javé), pessoal demais, a palavra Adonai — "*meu Senhor*" — foi substituída na oração.

Nas inscrições do talatat, encontramos o Aten sendo chamado de uma forma quase idêntica. Uma referência bastante recordativa do "*Eu sou o que sou*" no episódio do arbusto em chamas: "*Sois o que és, radiante e soberano sobre todas as terras*". Outros se referem ao Aten, exatamente da forma como a Bíblia o faz repetidas vezes para com Deus, como Deus Todo Poderoso e o Deus Soberano. Por exemplo: O grande Aten, deus todo poderoso, que provém o homem com seu alimento e "*Ó grande Aten, deus soberano, que nos livra da escuridão*". O Aten é ainda citado como o senhor dos exércitos, assim como o deus de Israel é chamado de o Senhor das Multidões: "*Vós que sois Senhor de todos os exércitos do mundo*." Com ainda mais freqüência, porém, o Aten é chamado de forma semelhante à forma como Deus é chamado de Adonai, usando a palavra Neb, a palavra egípcia para "*Senhor*".

Esses nomes não são apenas parecidos, mas também devemos observar a forma como as duas religiões recebem suas divindades. Uma oração longa feita para o Aten sobrevive em uma série de inscrições na cidade em ruínas de Amarna, na região central do Egito. Conhecida como "*O Hino a Aten*", foi vista pelo egiptólogo americano James Henry Breasted, no início de 1909, apresentando uma incrível semelhança com o Salmo 104 no Antigo Testamento. Ambas as orações descrevem

em termos idênticos como Deus e o Aten são respectivamente vistos como criadores, alimentadores e responsáveis por todos os fenômenos na Terra.

Uma outra correlação especial entre o Deus de Israel e o Aten é que nenhuma divindade tinha permissão de ser representada por imagens. De acordo com a Bíblia, embora os antigos israelitas tenham construído ícones que representavam os aspectos do poder de Deus, a religião israelita proscovia a produção de efígies do próprio Deus. No Egito, uma efígie ou estátua de um deus era, tradicionalmente, uma parte essencial da prática dos rituais. Os egípcios acreditavam que as divindades, na realidade, habitavam nessas imagens e suas construções ficaram descritas em textos antigos. Em todo o Egito, somente o Atenismo se divergia dessa prática. Os atenistas proibiam a produção de quaisquer ídolos e efígies do Aten. De acordo com um dos *talatats*, "*Nenhuma forma em toda a Terra deverá refletir vossa glória*".

Ambas as religiões conseguiram superar os problemas que essa doutrina criou ao usar um símbolo para representar a presença da divindade. Quando finalmente se estabeleceram em Canaã, os israelitas usavam o menorah, um candelabro sagrado de sete velas, para representar a luz e a presença de Deus no templo. A prática ainda sobrevive nas sinagogas e nos lares dos judeus da atualidade. Conforme mencionado anteriormente, os atenistas também usavam um símbolo de luz para representar o Aten. Era um hieróglifo: um disco com braços que se estendia para baixo chegando às mãos que seguravam um ankh, o símbolo da vida. Ele na verdade mostrava o sol com seus raios trazendo luz como fonte de vida para a Terra. Antigos egiptólogos chegaram à conclusão de que isso provava a adoração do sol. No entanto, conforme outras descobertas arqueológicas eram feitas durante o século XX, ficou claro que o hieróglifo representava a luz do sol e não o

sol em si. (O sol era na verdade retratado como um disco com asas.) O Atenismo proibia a representação de seu deus de qualquer forma. Fica claro nos dias de hoje que o brilho do sol — que traz calor, luz e vida, e que contudo, não pode ser propriamente visto — era a forma por meio da qual a seita transmitia a idéia de um deus invisível, onipresente e provedor.

A única exceção que os atenistas faziam quanto à proibição contra a produção de imagens é exatamente a mesma exceção que os antigos israelitas parecem ter estabelecido: a imagem de um touro sagrado. Mesmo depois de Akhenaten abandonar todas as divindades tradicionais e tudo o que estava associado a elas, deu instruções específicas para que o touro de Mnevis, um animal sagrado ao deus sol Ra, fosse trazido para sua nova capital em Amarna e que fosse enterrado em uma tumba especial nas montanhas da região. O touro de Mnevis, ou Nemur, era um animal vivo venerado no templo de Heliópolis que, quando morto, era enterrado com grandes pompas e cerimônias, e substituído por um novo touro encontrado na floresta, de acordo com presságios recebidos. Uma série de figuras, do tamanho de uma mão, desses touros, feitas em pedras e em bronze, foram descobertas nas ruínas de Amarna.

Os antigos israelitas também continuaram a venerar um touro sagrado, para a perturbação de Moisés, como pode ser visto na história bíblica do bezerro de ouro. De acordo com o Êxodo, quando Moisés se ausentara para entrar em contato com Deus no Monte Sinai, seu povo, temendo que algum mal pudesse cair sobre eles, pediu para seu representante Aarão que fizesse imagens sagradas para protegê-los. De acordo com eles, Aarão pegou jóias de ouro das pessoas e fez um "*bezerro fundido*". Na verdade, ao contrário da popular imagem de Hollywood, não foi um bezerro que eles fizeram, mas muitos, quando outros passaram a seguir a

idéia de Aarão. Aarão afirmou que esses bezerros eram "*teu deus, ó Israel, que te tirou da terra do Egito*" (Ex 32:4). Além disso, eles, tampouco, parecem ter sido representações de tamanho real. Não sabemos qual era seu tamanho exato, mas a inferência é de que, como as efígies do touro dos egípcios, são pequenos o suficiente para caber na palma de uma mão. Quando as pessoas deram a Aarão seu ouro para que ele fizesse o ídolo, "*E ele os tomou das suas mãos, e trabalhou o ouro com um buril*" (Ex 32:4).

Moisés pode ter sido contra a prática da adoração do touro, mas parece que ela ainda durou mais oito séculos. O livro de Jeremias do Antigo Testamento trata de acontecimentos que se desenrolaram imediatamente antes da invasão babilônica de Judá em 597 a.C, e nele há referências a doze estátuas de touro de bronze, na verdade, enfeitando o templo de Jerusalém.

De acordo com Jeremias 52:20, quando os babilônios saquearam o Templo, fugiram com os "*doze bois de bronze*" que ficavam na base dos pilares do Templo. No âmbito lingüístico, o livro de Jeremias é datado de cerca de 550 a.C. — próximo o suficiente do ataque ao Templo que não deixa dúvidas de que esse detalhe tenha sido inventado. Se o próprio autor não tivesse testemunhado o acontecimento, muitas pessoas, ainda vivas na época, o teriam. Não há muitas dúvidas, no entanto, de que a veneração de efígies de touros ou bois foi uma parte da antiga religião dos hebreus.

Que os antigos israelitas veneravam esses ídolos é um fato também sustentado por evidências arqueológicas. Uma série de efígies do tamanho de uma mão foram encontradas em antigos locais por toda a cidade de Israel e na Palestina. Talvez a mais interessante de todas seja a de um touro de bronze, com cerca de vinte centímetros de comprimento, encontrada no campo de Shechema, e hoje

propriedade do arqueólogo israelense Amihay Mazor, da Universidade Hebraica, em Jerusalém. Ela é datada do século XX a.C, um tempo muito depois do período de Moisés e, conseqüentemente, um tempo quando a fé dos hebreus foi totalmente estabelecida. De acordo com o Antigo Testamento, Shechem era um dos lugares sagrados na antiga Israel. O touro de bronze, vindo desse local tão respeitado, é uma óbvia evidência da contínua veneração do touro, certamente por alguns israelitas, muito tempo após terem invadido Canaã. De todas as centenas de práticas religiosas que existiam no mundo, ambas as religiões, a Atenista e a Hebraica, aparentemente, devem ter mantido um costume pagão antigo que é exatamente o mesmo, e isso é mais do que uma simples coincidência.

Talvez a prova mais convincente de que o Atenismo e a religião dos israelitas estavam relacionadas, tenha vindo com a surpreendente descoberta arqueológica feita em 1989. Naquele ano, o arqueólogo francês Alain Zivie descobriu uma tumba de pedra em Sakkara, próximo ao Cairo. Inacreditavelmente, o homem enterrado na tumba era um sacerdote tanto do Aten, quanto do Deus dos hebreus. Inscrições revelaram que a múmia fora um importante oficial egípcio do reinado de Akhenaten, chamado Aper-el. Na verdade, ele era uma das figuras mais importantes do governo de Akhenaten. Era um grande vizir, o ministro chefe do norte do Egito. Surpreendentemente, o teste de DNA revelou que Aper-el não era um nativo egípcio, mas sim um semita, o que, por si só, já teria sido algo estranho o suficiente. Ainda mais impressionante, porém, ele parece ter sido um israelita. Seu nome, Aper-el, Alain Zivie concluiu com surpresa, parecia ser um título. Traduzido, ele literalmente significa "*Servidor de (do deus) El.*" El, naturalmente, era a palavra hebraica para Deus. Seu nome obviamente implicava que Aper-el foi um praticante fervoroso da religião israelita durante o reinado de Akhenaten. A descoberta mais

instigante, porém, foi a das ilustrações da tumba que revelavam que Aper-el também era o sacerdote superior do templo atenista na cidade de Memphis. Aqui não apenas temos provas de uma ligação compartilhada entre a religião hebraica e o Atenismo, mas também um exemplo de alguém que parece ter sido um sacerdote de ambas as religiões que não via nenhuma contradição. A única conclusão que pode ser tirada é a de que as religiões dos israelitas e dos atenistas estavam muito intimamente relacionadas.

Temos somente os livros do Antigo Testamento como prova da religião dos hebreus no período do ano de 1300 a.C. — livros que não foram escritos até muitos séculos depois. Entretanto, o que se sabe do Atenismo está baseado em descobertas contemporâneas. Isso não nos faz ter dúvidas de que uma religião, de muitas maneiras idêntica à religião dos hebreus, existiu por um pequeno tempo no Egito exatamente na mesma época em que Moisés parece ter vivido e que o Êxodo parece ter acontecido. Na verdade, nenhum outro povo, em nenhuma parte do mundo, ficou conhecido por ter estabelecido uma religião monoteísta antes, e não o faria — com exceção dos israelitas — por outros mil anos. Parece pouco provável, portanto, que as duas religiões não estivessem relacionadas. Se o Atenismo surgiu da religião dos israelitas, ou se o contrário, jamais ficaremos sabendo. O que foi muito importante para minhas pesquisas, foi que havia grandes evidências de que a religião hebraica, de uma forma ou de outra, de fato existiu no tempo que dizem que a Arca da Aliança foi construída. Havia, porém, não apenas provas de fontes egípcias do antigo monoteísmo por volta da época que a história do Êxodo aconteceu; havia também evidências de um recipiente sagrado quase idêntico à Arca.

No Egito, acreditava-se que a presença de um deus residia dentro de uma imagem feita com detalhes, geralmente uma estátua ou uma estatueta. Durante o reino de Amonhotep III, uma estátua da principal divindade egípcia, Amun, ficava em um canto escuro de um lugar sagrado no templo de Karnak. Assim como a câmara onde a Arca da Aliança mais tarde ficou no Templo de Jerusalém, esse lugar sagrado era chamado de Sagrado dos Sagrados. De alguma forma que hoje não entendemos, acreditava-se que o deus revelava suas instruções ao sacerdócio. Somente em ocasiões especiais a estátua era tirada de seu lugar, e era então carregada em um recipiente sagrado que, como a Arca, era feito de madeira dourada e transportada com varas inseridas em seus arcos de ambos os lados. Uma outra semelhança entre esse recipiente sagrado e a Arca da Aliança, é seu nome. Uma inscrição em um cenário que mostra a estátua do deus sendo carregada neste recipiente no relevo de uma parede no templo de Medinet Habu em Tebas, diz: "*O divino Amun é transportado na Barca sagrada.*"

As palavras arca e barca têm uma origem comum na palavra Ak, um termo egípcio que significa um recipiente ou vaso sagrado. A palavra seguiu seu caminho até o latim onde se transformou em barca, um barco real. Com o tempo, essa palavra romana ganhou um uso comum como a palavra usada para qualquer barco pequeno; no inglês moderno a palavra é barge, que também significa barca. A palavra original Ak, porém, não apenas se referia a um objeto inanimado; ela também podia ser aplicada a uma pessoa por intermédio da qual deus falava, como no título do faraó egípcio Akhenaten que significava "*vaso do Aten.*" Portanto, a palavra egípcia Barca e a hebraica Arca eram ambas recipientes que guardavam seus respectivos deuses ou algo que canalizava o poder das divindades.

Sabemos que a antiga religião dos hebreus teria sido influenciada pelas práticas religiosas no Egito, porque foi ali que os israelitas viveram por cerca de quatrocentos anos antes do Êxodo. Embora nenhuma de minhas investigações de fato prove que a Arca da Aliança existiu, elas, sem dúvida, colocam a relíquia bíblica dentro de um contexto histórico realista. Como um povo forçado a levar uma existência nômade no Deserto de Sinai por muitos anos após sua fuga do Egito, é perfeitamente compreensível que os israelitas tenham criado a sua própria versão de uma barca egípcia. Isso fazia com que pudessem transportar suas posses mais sagradas, em particular o enigmático item por meio do qual dizem que Deus se manifestava — ou seja, o misterioso propiciatório, ou trono de Deus.

Assim como a estátua egípcia do principal deus Amun, o propiciatório de alguma forma revelava as instruções de Deus. O termo propiciatório é uma tradução do inglês da palavra *mercy seat* que tem origem hebraica nas palavras *kiseh chesed*, sendo que a palavra que significa *mercy*, *chesed*, também quer dizer sabedoria, e a palavra que significa *seat*, *kiseh*, também quer dizer um lugar de julgamento, como o "assento" de poder de um rei. Em 1 Crônicas 28:11, a sala do trono do Rei Salomão também é mencionada pelo termo propiciatório. Parece, portanto, que não se tratava necessariamente de uma cadeira, mas um lugar de onde a sabedoria era distribuída, julgamentos feitos e o poder exercido. A palavra equivalente do inglês mais próxima é na verdade *oracle* (oráculo). Como a tradição dos hebreus proibia a criação de imagens de Deus, este oráculo provavelmente não era uma estátua ou uma estatueta. O livro do Êxodo nos dá a única descrição do propiciatório: "*Fez também o propiciatório de ouro puro; o seu comprimento era de dois cavados e meio, e a sua largura de um cavado e meio*" (Ex 37:6)

Essas informações não são suficientes, mas ao julgarmos pelo fato de que as dimensões dadas são as mesmas da Arca, parece que essa era a sua tampa. Seja o que for, o propiciatório era o oráculo de Deus, assim como a estátua de Amun era o oráculo da principal divindade egípcia. Uma barca dourada portátil que transportava um oráculo do deus egípcio, e uma arca dourada portátil que carregava um oráculo do Deus dos hebreus — certamente uma deve ter inspirado a outra.

Portanto, havia evidências históricas de uma personalidade correspondente, ao perfil de Moisés, havia provas arqueológicas da existência da religião dos hebreus e a Arca se encaixava em um contexto histórico. Eu estava agora em posição de iniciar uma investigação teórica a respeito de uma realidade histórica da relíquia perdida.

5. No Deserto

Parece que os acontecimentos bíblicos durante o período quando a Arca foi supostamente construída, até que ela foi instalada de forma permanente no Templo de Jerusalém, foram fatos históricos o suficiente — pelo menos em termos gerais. Embora muitos estudiosos tenham considerado por bastante tempo o relato da Bíblia dessa era da história dos israelitas como mitológica, estava agora diante de muitas evidências que mostravam que os fatos eram muito mais precisos do que se imaginava. Comprovações da erupção de Thera corroboravam para com o relato da Bíblia das pragas que afligiram o Egito e o subsequente Êxodo, e a arqueologia revelara que cerca de quarenta anos depois, os israelitas de fato conquistaram Jericó, e duas décadas mais tarde, saquearam Hazor. A unificação de Israel de Davi em um só reino com Jerusalém por sua capital, também parecia ser um fato igualmente histórico, conforme sugerido pela existência do tanque de Gibeom e a fossa dentro da fonte de Gihon.

Quanto a Arca em si, muitos historiadores duvidavam de sua existência por duas razões principais. Primeiro, parecia não existirem evidências históricas para a existência da religião dos hebreus na época que dizem em que a Arca fora construída, e segundo, parecia não haver contexto ou precedente históricos dessa relíquia. Entretanto, ambas as hipóteses podiam ser seriamente questionadas. De acordo com a Bíblia, a Arca foi construída pouco depois que os israelitas fugiram de sua prisão no Egito, um acontecimento para o qual uma data bastante precisa pôde ser determinada a partir de uma série de diferentes perspectivas. A data indicada pelos testes de radiocarbono dos grãos de cereais encontrados nas ruínas de Jericó indicava a queda da cidade como tendo se passado por volta de 1320 a.C, e com mais quarenta anos — o período que os israelitas passaram no deserto — uma data

de cerca de 1360 a.C. nos leva até o Êxodo. A erupção de Thera também pôde ser datada próximo a esse ano a partir de três peças evidenciais completamente separadas: as amostras dos núcleos de gelo, o jarro de alabastro encontrado em Amnisos, e as estátuas de Sekhmet erguidas por Amonhotep III. Havia provas de que, no mesmo período — pela primeira vez no mundo —, uma religião monoteísta passou a existir no Egito, a qual era extraordinariamente semelhante à religião dos israelitas conforme descrita no Antigo Testamento. Além disso, nesse mesmo período no Egito, um recipiente religioso era usado como um altar portátil para transportar a imagem de um deus, assim como a Arca era usada pelos israelitas como um oráculo portátil de Deus. Até mesmo os nomes dos dois recipientes eram semelhantes demais. Embora a história da Arca da Aliança possa inicialmente ter parecido não pertencer à história, ela agora parecia se encaixar perfeitamente em um contexto histórico. Embora não tivesse provas absolutas de que a Arca existiu, me parecia uma aposta segura acreditar que era algo real — ao menos como uma relíquia histórica, se não uma arma sobrenatural ou um "rádio para falar com Deus". Encontrei evidências suficientes para dedicar meu tempo tentando descobrir o que pode ter acontecido com ela.

Novas investigações no Santuário da Bíblia revelaram que há cinco principais episódios na antiga História dos hebreus durante a qual vários estudiosos acreditam que a Arca pode ter sido perdida: dois deles do período do Reino Unido de Israel e outros três de posteriores tempos dos judeus. As primeiras teorias abrangem o período imediatamente após o Templo de Jerusalém ser construído, quando dizem que o filho de Salomão a roubou e levou para a Etiópia por volta de 950 a.C, ou quando os egípcios invadiram Jerusalém, cerca de trinta e cinco anos depois. As últimas teorias se referem às ocasiões quando o Templo foi saqueado:

pelos babilônios em 597 a.C, pelos gregos em 169 a.C, e pelos romanos em 70 d.C. Na época dessas últimas invasões, que se iniciou cerca de três séculos após a morte de Salomão, as tribos do norte de Israel tinham sido dizimadas pelos assírios do norte do Iraque. Dos primeiros israelitas, somente os habitantes da Judéia — os judeus — e seu reino de Judá, sobreviveram. Da mesma forma, aqueles que sustentam as primeiras teorias do período relativo ao desaparecimento da Arca se referem a ele como o "*acampamento dos israelitas*", e aqueles que concordam com as últimas teorias chamam-no de o "*acampamento dos judeus*".

Estudiosos do acampamento dos israelitas indicam que há cerca de duzentas referências à Arca da Aliança no Antigo Testamento, quase todas envolvendo o período entre o Êxodo e a construção do Templo. Nenhuma das poucas referências posteriores, eles afirmam, cita a Arca sendo usada de forma alguma. Se os israelitas ainda estavam de posse da Arca, eles sustentam, então por que não a usaram? Estudiosos do acampamento dos judeus, por outro lado, chamam nossa atenção para o fato de que a Arca parece ainda estar no Templo de Jerusalém, em um festival da Páscoa dos judeus durante o reinado do rei da Judéia, Josias, mais de três séculos após o tempo de Salomão. De acordo com o livro 2 das Crônicas:

Então Josias celebrou a páscoa ao Senhor em Jerusalém; e mataram o cordeiro da páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês. E estabeleceu os sacerdotes nos seus cargos, e os animou ao ministério da casa do Senhor. E disse aos levitas que ensinavam a todo o Israel e estavam consagrados ao

Senhor: "Ponde a arca sagrada na casa que edificou Salomão, filho de Davi, rei de Israel". (2 Cr 35:1-3)

Fica claro que o escritor dessa passagem em particular, não tinha dúvidas de que os judeus ainda tinham a Arca em seu tempo. Mais adiante, no mesmo capítulo, lemos ainda, com precisão, quando isso se passou:

No décimo oitavo ano do reinado de Josias se celebrou esta páscoa. Depois de tudo isso, havendo Josias já preparado o templo, subiu Neco, rei do Egito, para guerrear contra Carquemis, junto ao Eufrates; e Josias lhe saiu ao encontro. (2 Cr 35:19-20)

Registros egípcios das campanhas de Neco datam este evento de cerca de 622 a.C. Em bases lingüísticas, estudiosos bíblicos consideram essa parte do livro 2 das Crônicas como tendo sido escrita entre 600 e 550 a.C, e portanto, o fato pode ter sido, na verdade, um relato contemporâneo bastante próximo. Mesmo que tenha sido escrito no final de 550 a.C, ele pode ainda ter sido composto por um escriba que consultou testemunhas oculares dos acontecimentos. Assim, como o último período parecia uma opção mais provável para o desaparecimento da Arca na história, decidi me juntar aos defensores do acampamento dos judeus. No entanto, isso ainda me deixava diante de três possibilidades.

A última menção da Arca no Antigo Testamento está no livro de Jeremias e se refere ao período logo antes em que os babilônios saquearam o Templo, em

597 a.C. Imaginando que essas sejam as palavras de Jeremias, o principal profeta judeu da época, essa passagem diz:

E sucederá que, quando vos multiplicardes e frutificardes na Terra, naqueles dias, diz o Senhor, nunca mais se dirá: A arca da aliança do Senhor, nem lhes virá ao coração; nem dela se lembrarão, nem a visitarão; nem se fará outra. (Jer 3:16)

Jeremias está se referindo às palavras de Deus, mas não se sabe ao certo se a passagem fala do passado ou do presente de Deus. Será que a Arca já tinha sido perdida, ou Jeremias estava predizendo que ela seria perdida em algum momento no futuro? Com base apenas nesse versículo, fica impossível dizer se os judeus ainda tinham posse da Arca no período em que os babilônios saquearam o Templo. Contudo, a maioria dos comentaristas judeus, cuja obra sobrevive dos tempos romanos, aceitavam que a Arca ainda estava no Templo logo antes da invasão dos babilônios.

Das três possíveis épocas em que a Arca pode ter sido perdida durante o período judeu, o ataque dos romanos no Templo parecia ser o menos provável, como o historiador judeu Josephus, que viveu quando o evento se passou, afirma, categoricamente, que o Sagrado dos Sagrados fora deixado vazio no novo Templo de Herodes. Isso me deixava com duas possibilidades, que pareciam ser igualmente possíveis. A primeira opção, quando os babilônios saquearam o Templo, está incluído em relatos do Antigo Testamento que se referem aos babilônios como tendo levado todos os artigos sagrados que estavam no Templo (2 Reis 25:13-15 e Jer 52:17-22). Se o Antigo Testamento estiver certo, então todos os itens roubados

foram posteriormente devolvidos ao Templo cerca de setenta anos depois, após a queda da Babilônia para o Império Persa. Os objetos estão listados em Esdras 1:7-11, mas não há menção da Arca. No entanto, isso não quer dizer, necessariamente, que a relíquia tenha sido perdida para sempre para os judeus na época da invasão dos babilônios. Ela pode ter sido escondida dos babilônios, e mais tarde recuperada.

Depois que os persas derrotaram os babilônios, o Templo de Jerusalém foi reconstruído, mas se a Arca foi posteriormente colocada de volta nele, não nos mostra o Antigo Testamento, visto que a narrativa termina neste período. Com base em fontes de registros gregos e romanos e no trabalho de Josephus, porém, sabemos que os gregos saquearam o Templo de Jerusalém em 169 a.C. Nenhum inventário sobreviveu listando tudo o que foi levado: tampouco algum registro de quais itens restaram depois que uma revolta de grandes proporções dos judeus fez com que os tesouros roubados do Templo fossem devolvidos. Decidi que o melhor curso de ação a ser seguido seria traçar um estudo do ataque dos gregos no Templo, visto que havia mais fontes históricas acerca dessa época do que do período anterior dos babilônios. Talvez, em algum lugar, houvesse evidências que pudessem determinar se a Arca ainda estava ou não no Templo de Jerusalém quando ele foi saqueado pelos gregos.

Quando falei novamente com David Deissmann, ele me colocou em contato com um homem que era um dos expoentes mais importantes da teoria de que a Arca fora retirada de Jerusalém na mesma época em que os gregos saquearam o Templo. Seu nome era Dr. Otto Griver, um filólogo israelense aposentado da Universidade Hebraica que passara anos procurando pela Arca no Deserto da Judéia. Esse território hostil, escabroso e cheio de montanhas — com aproximadamente vinte quilômetros de largura por setenta quilômetros de

comprimento — fica a dezesseis quilômetros ao leste de Jerusalém, na lateral ocidental do Mar Morto. Como um queijo suíço, a área é cheia de poços com centenas de cavernas, nichos e vãos, alguns dos quais eram usados como esconderijos para os famosos Pergaminhos do Mar Morto. Se esses antigos pergaminhos puderam ficar ali sem serem descobertos por quase dois mil anos, Dr. Griver indagou, por que o mesmo não teria acontecido com a Arca? Desde que os primeiros pergaminhos foram descobertos, por volta de 1940, uma série de expedições também vasculharam o Deserto da Judéia em busca da Arca da Aliança, e a mais sofisticada de todas fora chefiada pelo Dr. Griver. David me garantiu que ele era uma das principais autoridades mundiais empenhado no estudo do misticismo hebraico antigo e que, provavelmente, sabia tanto sobre a Arca quanto qualquer outro ser humano vivo. Naquele mesmo dia, ele me recebeu com grande entusiasmo.

"Eu duvido que ele vá lhe dizer onde acha que ela está escondida," David me disse. "Mas tenho certeza que ele irá compartilhar das idéias que tem a respeito de suas teorias gerais acerca da Arca."

O Dr. Griver foi um dos especialistas que ajudaram na tradução dos Pergaminhos do Mar Morto na década de 80, e seu trabalho o fez desenvolver algumas teorias únicas e controversas a respeito da Arca. Ele acreditava que a relíquia tinha estado sob custódia de uma seita judia chamada de os Essênios. O historiador do século I, Josephus, descreve como os Essênios fizeram parte do sacerdócio do Templo de Jerusalém que se separaram para formar uma comunidade monástica ascética no Deserto da Judéia no tempo em que os gregos saquearam o Templo, na metade do século II a.C. Baseados em Qumran, na extremidade noroeste do Mar Morto, os Essênios sobreviveram em um verdadeiro

isolamento por dois séculos, até que foram chacinados pelos romanos durante a Revolta dos Judeus, em 68 a.C. Pouco se sabia sobre suas crenças até a descoberta dos Pergaminhos do Mar Morto, que vieram a ser uma completa coleção de textos sagrados dos Essênios que foi escondida antes do massacre romano.

O primeiro dos Pergaminhos do Mar Morto foi encontrado em 1947, descoberto por acaso em uma caverna, a cerca de oitocentos metros ao norte de Qumran, por meninos pastores beduínos. Ao que parece, eles se aventuraram nas cavernas à procura de uma ovelha perdida, quando encontraram uma série de jarros de armazenamento de cerâmica meio enterrados, que guardavam sete dos pergaminhos. Escritos em hebraico e aramaico (um dialeto local), descobriu-se que se tratavam de comentários a respeito dos livros do Antigo Testamento e de outras escrituras dos judeus, junto com um ensinamento religioso específico da seita dos Essênios. Todos foram traduzidos e encontram-se expostos ao público no Templo do Livro no Museu Israel de Jerusalém. Entretanto, esses foram apenas os primeiros das dezenas de pergaminhos encontrados em outras cavernas na região durante a década seguinte. Apenas um desses outros pergaminhos foi colocado em exposição; os outros permanecem guardados no prédio do Museu Rockefeller em Jerusalém, as dependências da Jurisdição das Antiguidades de Israel. A tradução desses pergaminhos vem sendo feita há anos, e somente algumas delas chegaram a ser divulgadas. Na realidade, muitos dos pergaminhos ainda estão sendo traduzidos, visto que somente agora a ciência moderna tem conseguido recuperar a tinta apagada, tornando-os legíveis.

Na mesma época em que os pergaminhos estavam sendo encontrados, as ruínas do mosteiro dos Essênios em Qumran também foram descobertas. Em um terraço de pedras entre os penhascos irregulares ao lado do Mar Morto, um labirinto

de pedras fundamentais, com cerca de 100 metros quadrados, foi tudo o que restou da antiga comunidade. Visitei o local em uma outra viagem que tinha feito a Israel e, ao caminhar pelas ruínas, achei difícil acreditar que qualquer ser humano pudesse ter vivido ali. O sol brilhava de maneira impiedosa, e o chão era tão quente que as solas de minhas botas começavam a exalar um cheiro de borracha queimada toda vez que eu subia sobre uma rocha e ficava parado por apenas alguns segundos. Contudo, apesar das condições áridas, apesar do fato de que menos de cinco centímetros de chuva cai durante qualquer ano, a comunidade que viveu ali há dois mil anos, tinha toda a água de que necessitava. Quando o lugar foi escavado pelo arqueólogo francês Roland de Vaux, na metade da década de 1950, sua equipe descobriu que uma série elaborada de aquedutos, alinhados com uma camada de cerâmica engenhosa que evitava vazamentos, fornecia água abundante à comunidade das fontes das colinas adjacentes. A água não apenas atendia às necessidades vitais, mas era também essencial para as práticas religiosas do mosteiro. Enormes depressões retangulares foram encontradas na escavação, que são remanescentes de grandiosas banheiras comunitárias, nas quais os habitantes regularmente mergulhavam para purificações rituais. A principal característica do lugar fora uma torre de três andares que proporcionava uma vista panorâmica de um pátio central, cercado de todos os lados por construções de tamanho considerável: oficinas onde utensílios do dia-a-dia eram feitos, um grande salão onde a comunidade se reunia para encontros e refeições comunitárias, e um escritório onde os manuscritos sagrados dos Essênios — os Pergaminhos do Mar Morto — eram escritos. Isso pôde ser determinado porque peças de cerâmica encontradas ali eram idênticas aos recipientes que guardavam os pergaminhos.

Foi o estudo do Dr. Griver de um dos pergaminhos que o fez chegar à conclusão de que os Essênios foram os guardiões da Arca e a levaram do Templo quando ele foi saqueado pelos gregos. Ele também acreditava que a Arca jamais fora devolvida ao Templo quando após o fim dos problemas com os gregos porque aquele não era mais considerado um lugar seguro para guardar a relíquia sagrada. O Dr. Griver se ofereceu para me buscar em meu hotel em Jerusalém e me levou até a caverna onde o pergaminho foi encontrado. No caminho me explicou algumas das antigas crenças dos hebreus com relação à Arca. Ele ficou muito satisfeito por poder falar abertamente a respeito de suas teorias, e não ficou nem um pouco incomodado por eu ter gravado nossa conversa.

O Dr. Griver explicou que, ao que parece, os israelitas precisavam de doze pedras sagradas para usar a Arca. De acordo com o Antigo Testamento, Deus disse a Moisés como construir a Arca e lhe deu instruções para seu uso. Primeiro, ela só poderia ser transportada por membros do sacerdócio — os levitas. Segundo, a única pessoa além de Moisés que poderia, na verdade, usar a Arca era o sacerdote superior Aarão (e após sua morte, seus sucessores). Terceiro, o poder da Arca só poderia ser invocado quando o sacerdote superior estivesse usando um peitoral sagrado, geralmente chamado de Peitoral do Julgamento. Ele está descrito com detalhes no livro do Êxodo como um projeto quadrado feito de linho dourado torcido e ornado com doze pedras preciosas dispostas em quatro linhas:

Conforme a obra do éfode o farás; a primeira ordem será um sárdio, de um topázio, e de um carbúnculo... e a segunda ordem será de uma esmeralda, de uma safira, e de um diamante... e a terceira ordem será de um jacinto, de uma

ágata, e de uma ametista... e a quarta ordem será de um berilo, e de um ônix, e de um jaspe. (Ex 28:15-30)

Às vezes chamado de "as jóias de ouro", porque foram originalmente feitas de ouro, acreditava-se que essas pedras preciosas sagradas tinham um poder divino, porque foram ditadas pelo próprio Deus no sagrado Monte Sinai. O livro de Ezequiel do Antigo Testamento, que se refere a elas como as Pedras de Fogo, descreve-as como tendo pertencido a Lúcifer, mas que foram, por Deus, tiradas dele, após sua desgraça (Ez 28:13-16). Elas foram, mais tarde, entregues a Moisés porque, aparentemente, era fatal olhar dentro da Arca sem sua proteção. Como 1 Samuel 6:19 diz, uma comunidade inteira de curiosos morreu ao tentar fazer isso:

E o Senhor feriu os homens de Bete-Semes, porquanto olharam para dentro da arca do Senhor; feriu do povo cinqüenta mil e setenta homens; então o povo se entristeceu, porquanto o Senhor fizera tão grande estrago entre o povo.

Durante gerações, a Arca foi mantida fechada, até que foi finalmente aberta no Templo de Jerusalém por ordens do Rei Salomão, cerca de três séculos e meio após o tempo de Moisés. Evidentemente, não havia nada dentro com exceção de duas tábuas de pedra que apresentavam os Dez Mandamentos (1 Reis 8:9). No entanto, no momento em que foi aberta, forças divinas foram liberadas:

E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor. E os sacerdotes não podiam

permanecer em pé para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor encheu a casa do Senhor. (1 Reis 8:10-11)

Por volta dessa época, parece que o próprio éfode, ou peitoral, já tinha desaparecido e as pedras foram guardadas em um cofre ou uma caixa, que parece ter sido guardada pelo sacerdote superior quando a Arca foi usada. De acordo com 1 Samuel, "os levitas desceram a arca do Senhor, como também o cofre que estava junto a ela, em que estavam os objetos de ouro" (1 Sm 6:15). A Bíblia não diz o que aconteceu com essas pedras sagradas, mas podemos imaginar que ficaram junto da Arca até seu misterioso desaparecimento da história.

"Você acredita que a Arca de fato possuía o poder que a Bíblia diz?" Eu perguntei.

"Os antigos israelitas acreditavam que ela era capaz de invocar os anjos," respondeu o Dr. Griver, sem se comprometer. "Diferente da idéia cristã de anjos como delicados e pequenos querubins ou belos seres com asas de penas, para os antigos hebreus, os anjos eram instrumentos poderosos e destrutivos da ira de Deus. Foi um anjo quem matou o primogênito egípcio quando o faraó se recusou a soltar os escravos israelitas, e foi um outro anjo quem desatou as torrentes do dilúvio do tempo de Noé. Dizem que quando um dos anjos de Deus foi enviado para destruir as cidades corruptas de Sodoma e Gomorra, a devastação foi tão terrível que tudo o que restou foi um imenso buraco no chão e um solo árido no qual nada podia frutificar ou viver." O Dr. Griver apontou sua mão pela janela do carro em direção ao Mar Morto, ao lado do qual estávamos agora passando: "É aqui que dizem ter existido Sodoma e Gomorra."

Montanhas vermelhas queimadas se erguiam com severidade das plataformas de pedras rachadas que cercavam as águas esverdeadas, e a atmosfera era densa por causa do cheiro forte de sal. Aquele não era o perfume conhecido e saudável do beira-mar, mas um odor químico pungente, como o dos gases produzidos por uma fornalha de resíduos industriais. O chamado Mar Morto possui uma quantidade de sal sete vezes acima dos demais oceanos da Terra — um nível tão elevado que impede a vida marinha de sobreviver. O enorme lago, com quase oitenta quilômetros de comprimento por 16 de largura, fica a uma marca incrível de quatrocentos metros abaixo do nível do mar — o lugar mais baixo na terra em qualquer parte do mundo. Com isso, as águas do Rio Jordão, que alimentam o Mar Morto vindo do norte, literalmente, não têm para onde ir. Elas simplesmente evaporam em uma proporção de cinquenta e cinco polegadas por ano em temperaturas abrasadoras que chegam a centenas de graus vários meses. O sal recebido pelas rochas no norte simplesmente erguem-se sobre as águas, ano após ano, deixando não somente o Mar Morto, mas também a terra adjacente, quase totalmente despojada de vida. Eu nunca estive em um lugar tão absolutamente estéril. Era como um vasto oceano tóxico em um mundo sem vida e pós-apocalíptico. Era fácil de ver por que a história de Sodoma e Gomorra existiu.

"Você diz que Lúcifer tinha essas Pedras de Fogo. Não é verdade que ele era um anjo antes de se transformar no Demônio?" Eu disse, sem ter certeza se o Dr. Griver acreditava em anjos ou não. Percebi que ele era um judeu devoto, mas não sabia se sua fé pessoal fazia com que aceitasse a existência de anjos de forma literal.

O Dr. Griver explicou que dizem que Lúcifer era o chefe dos anjos antes de desagradar a Deus e ser expulso do paraíso. A história da desgraça de Lúcifer

não é contada no Antigo Testamento, mas foi incluída no antigo Tanak hebraico, de onde o Antigo Testamento foi compilado. Por diversas razões, incluindo os anjos, a Igreja não se sentia à vontade com alguns dos livros do Tanak. Considerados mitológicos, e não históricos, referiam-se a eles como Apócrifos, que significa de autenticidade duvidosa (da mesma forma, a maioria deles não é aceita pelos principais cristãos, embora a Bíblia católica romana aceite sete livros a mais do que os protestantes como canônicos). Os Essênios, porém, confiavam nos Apócrifos e viam-se como seguidores dos sucessores de Lúcifer no paraíso.

"De acordo com os Apócrifos, quando Lúcifer foi expulso do paraíso, ele foi substituído por dois anjos chefes, Miguel e Gabriel, que ficaram conhecidos como os 'reis do paraíso'. Eram os dois querubins representados sobre a Arca", disse o Dr. Griver. "A palavra anjo, usada na Bíblia cristã, vem da palavra grega angelos, que quer dizer mensageiro — aquele que traz mensagens de Deus. A palavra hebraica é malakh, que significa o 'lado sombrio' de Deus. Os anjos fazem o trabalho sujo de Deus. No entanto, assim como na palavra grega, eles também eram mensageiros e são muitas vezes indicados pela palavra hebraica or, que quer dizer "luz". O Dr. Griver explicou que os anjos eram chamados de luzes porque acreditava-se que estrelas cadentes eram anjos que estavam a caminho da Terra para executar serviços de Deus. "Miguel e Gabriel também eram representados no céu por duas luzes permanentes: as duas estrelas com cauda da constelação da Ursa Maior — a Grande Ursa — as estrelas que hoje chamamos de Benetnasch e Mizar. Os antigos nomes hebraicos dessas estrelas eram Reysh, que quer dizer cabeça, visto que Miguel era o líder, ou o supremo dentre todos os anjos, e a outra era chamada de Kos, que quer dizer a taça, porque diziam que Gabriel segurava a taça da salvação do homem."

O Dr. Griver saiu com seu jipe da Auto-Estrada 90, que percorre toda a lateral do Mar Morto, e entrou em uma pista de areia estreita.

"E é por isso que acredito que os Essênios eram os guardiões da Arca", ele disse. *"A Bíblia mostra Lúcifer como o primeiro possuidor das Pedras de Fogo, portanto, como devotos de Miguel e Gabriel, os substitutos de Lúcifer, os Essênios estavam insinuando que eram agora os donos das pedras. Se eles estavam com as pedras, que eram inseparáveis da Arca, eles, então, devem ter ficado com a Arca em si."*

"O que faziam essas pedras?" perguntei.

O Dr. Griver explicou que os antigos israelitas acreditavam que no início do mundo, quando ainda era o chefe dos anjos de Deus, Lúcifer morava no Monte Sinai, de onde comandava os outros anjos. *"As pedras sagradas foram colocadas nas vestes de Lúcifer para protegê-lo do poder de seus anjos amigos",* ele disse.

"Por que eram chamadas de Pedras de Fogo, e por que eram doze?" perguntei.

"O Tora (ou Pentateuco) — os primeiros cinco livros do Antigo Testamento — nos conta que elas representavam as doze tribos de Israel, mas por que eram chamadas de Pedras de Fogo é algo misterioso. No entanto, deve ter sido pelo fato de poderem controlar o fogo divino que emanava da Arca. Também acreditava-se que elas garantiam proteção contra o terrível poder dos anjos, e é por isso que o sacerdote superior as colocava em seu peitoral". Enquanto o Dr. Griver falava, eu não pude deixar de visualizar a cena do filme *Caçadores da Arca Perdida*, quando a Arca é aberta: lindos anjos saem voando e transformam-se em criaturas demoníacas que devoram os bandidos.

"Então, acredita-se que Lúcifer era o dono da Arca?" eu perguntei.

"Não, isso não aconteceu até muito tempo depois. Quando os israelitas estavam andando pelo Deserto após o Êxodo do Egito, Deus conduziu Moisés até o Monte Sinai onde lhe mandou construir a Arca e lhe entregou as pedras sagradas para protegê-lo de seu poder."

"O pergaminho que você encontrou diz, especificamente, que os Essênios estavam de posse da Arca?" Eu perguntei.

O Dr. Griver fez uma pausa antes de responder: *"não com todas essas palavras."*

Tínhamos chegado ao pé do penhasco, na metade do caminho de onde ficava a caverna onde o pergaminho fora encontrado. Ao sair do jipe, segui o Dr. Griver por um caminho estreito, entremeado por degraus feitos sobre as pedras. Eu achava que já tinha me acostumado com as elevadas temperaturas de Israel, mas estava enganado. No instante em que deixei o conforto do carro com ar condicionado, o calor ardente me deixou sem respiração. A temperatura estava acima de 40 graus.

"O Deserto da Judéia é um dos lugares mais quentes na Terra", disse o Dr. Griver, notando meu desconforto enquanto subíamos com dificuldade.

Finalmente, depois de cerca de quinze minutos, chegamos à caverna, que não era propriamente uma caverna, mas sim um recesso profundo na lateral do penhasco, aberto por tempestades de areia durante vários milênios. O Dr. Griver explicou que antes dos degraus de pedra serem entalhados por arqueólogos, o único caminho para chegar até a montanha era descendo do topo do penhasco. Ele me mostrou o lugar onde o jarro com o pergaminho fora encontrado, no fundo da caverna, enterrado.

"Se os Essênios estavam com essas relíquias, e elas de fato funcionavam, por que não usaram-nas contra os romanos?" eu perguntei.

O Dr. Griver sorriu. "*Boa pergunta*", ele disse. "*Talvez tenham esquecido como usá-las.*"

"*Então você acredita que os Essênios estavam com a Arca e as Pedras de Fogo. O que você acha que aconteceu com elas?*" perguntei. David me disse para não esperar que o Dr. Griver revelasse qualquer coisa a respeito de suas idéias sobre o paradeiro da Arca, mas achei que deveria perguntar mesmo assim.

"*Quando os romanos destruíram Qumran, chacinaram todos os membros da comunidade,*" ele disse. "*Os Essênios deviam estar esperando que isso acontecesse, porque esconderam sua coleção de textos. Se tiveram tempo suficiente para esconder os pergaminhos, também tiveram tempo suficiente para esconder outros artefatos, inclusive a Arca. O eventual massacre do povo deve ter sido total, porque os Pergaminhos do Mar Morto jamais foram recuperados. As pedras e a Arca da Aliança devem ainda estar em algum lugar por aqui*". O Dr. Griver balançou uma de suas mãos na direção do interior do Deserto da Judéia, com suas montanhas áridas e sem vida que víamos ao longe sob o calor e a neblina, até onde nossos olhos podiam alcançar.

Parecia que o Dr. Griver tinha perdido as esperanças de algum dia encontrar a Arca. Ele explicou que sua expedição, que contava com alguns dos mais importantes arqueólogos de Israel, passou duas temporadas vasculhando centenas de cavernas como aquelas onde os pergaminhos foram encontrados. Nem todos os membros da expedição esperavam achar a Arca; a maioria deles esperava encontrar outros pergaminhos. Embora tenham procurado por dois longos anos, nada foi encontrado.

"Se a Arca está escondida em algum lugar no Deserto da Judéia, como acredito que esteja, eu duvido que seu esconderijo esteja acessível", ele disse, balançando sua cabeça. *"Não consigo imaginar que haja uma só caverna aqui que não tenha sido vasculhada por alguém. Um único fragmento de um manuscrito dos Essênios valeria uma fortuna. Não somente arqueólogos, mas também os árabes locais, passaram mais de meio século varrendo essa área. O problema é que muitos esconderijos disponíveis para os Essênios há dois mil anos, são agora lugares impossíveis de ser alcançados. O enorme contraste entre o calor do dia e das condições de frio extremo da noite faz com que as montanhas se desgastem, formando enormes aterros de cascalho".* Ele apontou para a base do penhasco onde um monte gigantesco de rochas e cacos de pedras alcançava metade da lateral da rocha. *"Há milhões de toneladas dessas pedras por aqui no Deserto da Judéia que devem cobrir milhares de cavernas e outros esconderijos. Na década de 1980, uma equipe de arqueólogos ingleses demorou três anos para remover apenas um desses montes. Se a Arca está aqui, receio que jamais será encontrada."*

Ainda não sabia ao certo se o Dr. Griver de fato acreditava em anjos ou no poder da Arca, mas ele fora, certamente, uma mina de informações a respeito dos antigos pensamentos judeus com relação à relíquia. Para mim, porém, a pergunta mais importante ainda permanecia sem resposta. Quando a Arca tinha sido perdida para os Judeus? Se a Bíblia estivesse certa a respeito de ela ainda estar no Templo de Jerusalém durante o reinado de Josias, por volta de 662 a.C., e o historiador do século I, Josephus, estivesse certo quanto a ela não estar no Templo quando este foi reconstruído por Herodes restavam, então, apenas dois momentos óbvios de quando ela fora perdida: no tempo em que os babilônios saquearam o Templo em 597 a.C., ou quatro séculos depois, quando os gregos o atacaram. O Dr.

Griver estava pessoalmente convencido de que a Arca fora retirada de Jerusalém durante o período em que os gregos saquearam o Templo, mas eu ainda precisava ser persuadido. Ele se mostrou um tanto vago com relação a referências específicas dos Pergaminhos do Mar Morto com o fato de os Essênios estarem, na realidade, de posse da sagrada relíquia israelita. Até o que pude perceber, o Dr. Griver baseava sua teoria em evidências puramente circunstanciais. Os Essênios podem ter se sentido obcecados pela Arca da Aliança, mas será que eles, em algum momento, chegaram a afirmar que estavam com ela? Decidi que a melhor coisa a fazer era visitar o Santuário da Bíblia em Jerusalém, onde alguns dos Pergaminhos do Mar Morto estão expostos, e buscar uma segunda opinião quanto ao fato de os Essênios realmente estarem de posse da Arca sagrada.

6. O Mistério de Jeremias

O Santuário da Bíblia fica próximo à Biblioteca Nacional e ao Museu de Israel, ao sudoeste de Jerusalém. Paradoxalmente, embora tenha sido construído com a intenção de guardar uma das coleções de manuscritos mais antigas do mundo, a arquitetura do Santuário é um tanto futurista demais. A galeria principal é mais parecida com o interior de um disco voador do que com uma biblioteca — uma enorme sala redonda sem janelas coberta por uma grande redoma em forma de anel e banhada por uma iluminação alaranjada que parece irradiar das próprias paredes. No centro da sala estão os mais preciosos pergaminhos, mantidos dentro de um círculo de painéis iluminados que parece o sistema de controle de uma nave extraterrestre.

Ao falar com um dos superintendentes do Santuário, logo descobri que o Dr. Griver era um dos únicos a achar que os Essênios tinham possuído a Arca. Na verdade, a maioria das pessoas que trabalham no local com quem conversei no Santuário da Bíblia, considerava o pergaminho traduzido pelo Dr. Griver como uma parábola religiosa, e não um transcrito de acontecimentos reais. Contudo, me disseram que ele, de fato, citava a Arca da Aliança e as Pedras de Fogo, e que, com certeza, mencionava a crença dos Essênios de que eram os sucessores espirituais dos arcanjos Miguel e Gabriel. Na realidade, a comunidade de Qumran chegou a se auto denominar os Filhos da Luz — a referência à luz como uma alusão aos anjos. Entretanto, em nenhum lugar, garantiram-me, o texto afirmava que os Essênios tinham estado de posse da Arca ou das Pedras de Fogo. Naturalmente, o Dr. Griver ainda podia estar certo: O fato de que os Essênios se consideravam os sucessores dos arcanjos, pode muito bem implicar que eles eram os guardiães dessas relíquias sagradas. Todavia, parecia não haver provas de que realmente o foram.

Independentemente do que os Essênios afirmavam ou não possuir, a teoria do Dr. Griver se baseava no fato de que a Arca ainda estava no Templo de Jerusalém pouco antes de os gregos o saquearem, em 167 a.C. Ele acreditava que os Essênios, uma facção dos sacerdotes do Templo, foram incumbidos de guardar e proteger a Arca quando houve um caso de perigo iminente causado pelo rei Antiochus IV. Portanto, havia qualquer evidência de que a Arca ainda estivesse no Templo de Jerusalém no início do século II a.C?

Para responder minha pergunta, o curador levou-me até o terminal de um computador em uma das salas de leitura do Santuário, onde acessou um arquivo que mostrava todas as fontes históricas que tratavam do ataque grego ao Templo. Ao examinar a listagem, ele me disse que o episódio aconteceu em um período do qual muitos outros textos históricos existem, se comparado ao início da história dos hebreus. A rebelião que o incidente desatou é conhecida como a Revolta dos Macabeus, e é relatada com riqueza de detalhes em uma série de documentos e cartas que foram escritos pouco antes de ter acontecido. Bastante conhecida como a Pseudepigrapha, os documentos fazem repetidas referências ao Templo de Jerusalém e seus vasos sagrados. No entanto, como o curador me mostrou ao abrir outros arquivos com diversos textos, nenhuma vez sequer, eles se referiam à presença da Arca no Sagrado dos Sagrados no período em que o Templo foi saqueado sob as ordens de Antiochus IV. Na verdade, o relato mais importante que sobreviveu a respeito da Revolta dos Macabeus é encontrado nas Antiquidades dos Judeus, escrita pelo historiador judeu Josephus. Embora Josephus tenha escrito dois séculos depois do acontecimento, ele teve acesso a muitos antigos trabalhos judeus que hoje não existem mais. O curador abriu o arquivo que continha a passagem de Josephus na qual falava do ataque de Antiochus do Templo:

Assim ele deixou o templo vazio, e levou os candelabros de ouro, e o altar de ouro, e a mesa (para o pão não fermentado), e o altar (para ofertas queimadas); e não se esqueceu nem ao menos dos véus, que eram feitos de escarlata e linho puro... e não deixou nada naquele lugar.

O trabalho incluía, por ordem de nome, os tesouros mais sagrados do Templo que foram roubados, mas não mencionava a Arca. A Arca era o bem mais sagrado dos judeus. Se ela ainda estivesse no Templo quando a Revolta dos Macabeus aconteceu, o curador explicou, é quase certeza que os autores judeus da Pseudepigrapha, e em especial, o historiador judeu Josephus, a teriam mencionado. Na verdade, ele me disse que não sabia de nenhuma referência histórica dos judeus de alguém que afirmasse possuir a Arca da Aliança após o ataque babilônico do Templo de Jerusalém em 597 a.C.

Parecia que a Arca da Aliança teve de ser retirada do Templo mais de quatro séculos antes do ataque de Antiochus. Todas as evidências disponíveis apontavam para o fato de ela ter sido retirada no tempo da invasão dos babilônios e, por alguma razão, nunca ter sido devolvida. Eu, portanto, precisava consultar as referências históricas do ataque babilônico de Jerusalém. Infelizmente, diferente do período da ocupação grega de Judá, poucas fontes históricas com relação a este acontecimento existem em outro lugar, que não no Antigo Testamento. Visto que o curador havia me deixado no computador para continuar minhas pesquisas sozinho, decidi procurar as passagens bíblicas de relevância. Duas passagens do Antigo Testamento, 2 Reis 25:13-15 e Jeremias 52:17-19, referem-se ao roubo dos babilônios de todos os artigos sagrados que estavam no Templo. Como ambos

usam palavras quase idênticas e listam exatamente os mesmos itens na mesma ordem, qualquer um dos relatos foi tirado do outro, ou os autores usaram as mesmas fontes. A maioria dos estudiosos bíblicos consideram o relato de Jeremias como o original, por ele ser atribuído a um escriba chamado Baruch, que dizem ter sido uma testemunha ocular dos eventos. Seu relato parece listar todos os recipientes que foram levados:

Quebraram mais os caldeus as colunas de bronze, que estavam na casa do Senhor, e as bases, e o mar de bronze, (uma tigela ornamental grande) que estava na casa do Senhor, e levaram todo o bronze para Babilônia. Também tomaram os caldeirões, e as pás, e as espevitadeiras, e as bacias, e as colheres, e todos os utensílios de bronze, com que se ministrava. E tomou o capitão da guarda as bacias, e os braseiros, e as tigelas, e os caldeirões, e os castiçais, e as colheres, e os copos; tanto o que era de puro ouro, como o que era de prata maciça.

Esta, e a lista idêntica no relato de Reis, parecia ser bastante completa, porém não mencionava a Arca. Eu já sabia que a Arca parecia ainda estar no Templo durante o reinado de Josias, cerca de vinte e cinco anos antes da invasão babilônica, conforme está escrito em 2 Crônicas 35:1-3. Se esses dois relatos estiverem certos — e parece não haver razão para duvidarmos deles, porque parecem ter sido escritos em um espaço de tempo no qual ainda podiam se lembrar dos eventos — a conclusão mais lógica era a de que a Arca fora retirada do Templo

em algum momento entre os anos 622 e 597 a.C. Mas, quem a teria levado e por quê?

Para conseguir uma resposta, recorri à última referência à Arca da Aliança no Antigo Testamento — no livro do profeta Jeremias. Aceitando as palavras como do próprio Jeremias, que foram escritas por seu escriba Baruch, 3:16, a passagem diz: "*A arca da aliança do Senhor, nem lhes virá ao coração; nem dela se lembrarão, nem a visitarão.*"

Muitos estudiosos bíblicos deduzem, com base nesse versículo, que o profeta está avisando o povo judeu que a Arca será tirada deles se não mudarem seus costumes. Pessoalmente, não pude deixar de pensar se o versículo inferia que a Arca já havia sido levada. Jeremias foi a figura religiosa judaica mais proeminente desse tempo, e portanto, se alguém tinha a autoridade para levar a Arca do Templo, esse alguém era ele. Obviamente, eu tinha de descobrir mais a respeito de Jeremias.

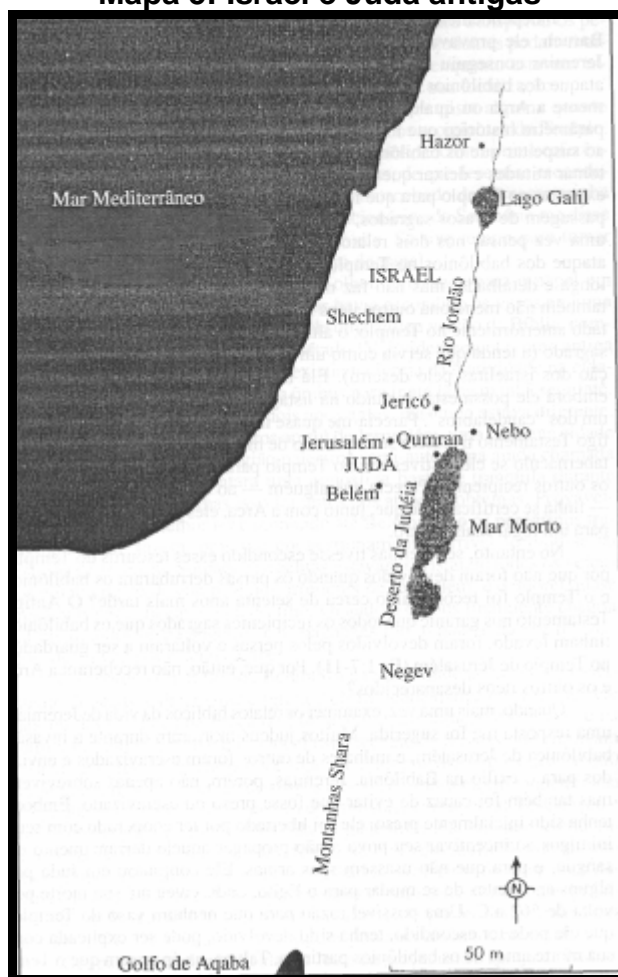
De acordo com o Antigo Testamento, Jeremias era o profeta líder dos judeus no tempo da invasão babilônica. Tinha iniciado seu ministério trinta anos antes, durante o reinado de Josias, quando ele parece ter sido responsável por uma série de reformas religiosas significantes. Desde então, até o tempo da conquista, ele era a figura religiosa mais importante em Judá. Durante esse tempo, Judá vinha gozando de um período de sucesso e prosperidade, uma sorte que não conhecera por muitas gerações. Entretanto, prevendo um perigo futuro, Jeremias mantinha os judeus sob alerta para que se preparassem para enfrentar os babilônios, cujo império ao norte se expandia a cada ano. Poucas pessoas, porém, ouviram seu conselho.

Em 605 a.C, as predições de Jeremias começaram a se concretizar quando os babilônios invadiram o norte de Judá. O rei da Judéia, Jehoiakim, foi forçado a jurar lealdade à Babilônia, mas, em troca, Jerusalém e o sul de Judá foram deixados sob seu controle. Pelos oito anos seguintes, a vida em Jerusalém continuou normal e o Templo permaneceu em segurança. Entretanto, em 597 a.C, uma revolta aconteceu no exército babilônico e, contra os conselhos de Jeremias, Jehoiakim se aproveitou da oportunidade para tentar expulsar os invasores do norte de Judá. A breve campanha foi catastrófica para Jehoiakim, e quando o exército da Judéia foi derrotado, o rei babilônico Nabucodonosor, dominou Jerusalém e saqueou o Templo. Parecia, então, que Jeremias não estava em posição de esconder a Arca, mas seus constantes alertas com relação ao perigo dos babilônios mostram que ele teve a presciência de fazê-lo.

Passei algum tempo estudando o banco de dados do Santuário e algum tempo depois descobri que existia ali um antigo texto apócrifo que, na verdade, alegava que Jeremias tinha escondido alguns dos tesouros do Templo pouco antes da chegada dos babilônios. Aquele era um raro manuscrito grego do século I conhecido como O Paralipomena de Jeremias — "*As 'Palavras Póstumas' de Jeremias*". Atribuído a um homem grego anônimo convertido ao Judaísmo, ele afirmava ser uma cópia de um antigo texto hebraico escrito por Baruch, que está descrito nesse texto como um servidor no Templo de Jerusalém, que trabalhava como um escriba pessoal de Jeremias. De acordo com o manuscrito, assim que a invasão dos babilônios em Jerusalém tornou-se iminente, Deus falou com Jeremias e lhe alertou para que escondesse alguns itens sagrados do Templo:

E Jeremias disse, Senhor, agora sabemos que estás entregando a cidade nas mãos de seus inimigos, e eles levarão o povo para a Babilônia. O que queres que eu faça com os vasos sagrados usados nas cerimônias do templo? E o Senhor lhe disse, pegue-os e deposite-os na terra, dizendo: ouça, Terra, a voz de seu criador que a criou e a encheu com suas águas, que a fundamentou com sete sinais para sete eras, depois disso irás receber vossos ornamentos. Guarde os vasos de cerimônia do templo até o momento do encontro dos adorados.

Mapa 5: Israel e Judá antigas



Independentemente desse texto ter sido escrito ou não pelo escriba Baruch, ele provava a existência de uma antiga tradição judia de que Jeremias conseguiu salvar ao menos alguns dos tesouros do Templo do ataque dos babilônios. Embora *O Paralipomena* não mencione especificamente a Arca ou qualquer outro vaso do Templo pelo nome, temos um parâmetro histórico que mostra que a Arca estava entre eles. Certamente, ao suspeitar que os babilônios iam invadir, Jeremias não teria ficado sem tomar atitudes e deixar que as relíquias sagradas dos judeus continuassem expostas no Templo para que fossem saqueadas. Além disso, a menção na passagem de "vasos sagrados," e não de apenas um "vaso", fez-me mais uma vez pensar nos dois relatos do Antigo Testamento que falavam do ataque dos babilônios no Templo. A lista dos artefatos apresentada ali é longa e detalhada, mas não faz nenhuma referência à Arca assim como também não menciona outros itens importantes que a Bíblia diz terem estado anteriormente no Templo: o altar de incenso dourado e o tabernáculo sagrado (a tenda que servia como um templo portátil durante a peregrinação dos israelitas pelo deserto). Ela também não menciona o menorah, embora ele possa estar incluído na listagem do Antigo Testamento como um dos "*candelabros*". Parecia-me quase impossível que os autores do Antigo Testamento tivessem se esquecido de mencionar o altar de incenso e o tabernáculo se eles estivessem no Templo para serem roubados junto com os outros recipientes. Parecia que alguém — ao que tudo indica, Jeremias — tinha se certificado de que, junto com a Arca, eles já tinham sido levados para um lugar mais seguro.

No entanto, se Jeremias tivesse escondido esses tesouros do Templo, por que não foram devolvidos quando os persas derrubaram os babilônios e o Templo foi reconstruído cerca de setenta anos mais tarde? O Antigo Testamento nos garante

que todos os recipientes sagrados que os babilônios tinham levado, foram devolvidos pelos persas e voltaram a ser guardados no Templo de Jerusalém (Ez 1:7-11). Por que, então, não receberam a Arca e os outros itens desaparecidos?

Quando, mais uma vez, examinei os relatos bíblicos da vida de Jeremias, uma resposta me foi sugerida. Muitos judeus morreram durante a invasão babilônica de Jerusalém, e milhares de outros foram escravizados e enviados para o exílio na Babilônia. Jeremias, porém, não apenas sobreviveu, mas também foi capaz de evitar que fosse preso ou escravizado. Embora tenha sido inicialmente preso, ele foi libertado por ter cooperado com seus inimigos ao incentivar seu povo a não propagar aquele derramamento de sangue, e para que não usassem suas armas. Ele continuou em Judá por alguns anos antes de se mudar para o Egito, onde viveu até sua morte por volta de 562 a.C. Uma possível razão para que nenhum vaso do Templo, que ele pode ter escondido, tenha sido devolvido, pode ser explicada com sua morte antes de os babilônios partirem. Talvez, na época em que o Templo foi reconstruído, nenhum dos sobreviventes sabia onde os tesouros estavam. Obviamente, Jeremias teria precisado de ajuda para transportar os pesados artefatos como, por exemplo, a Arca, mas seus ajudantes podem muito bem ter morrido durante a invasão babilônica, ou enquanto estavam escravizados, sem jamais terem revelado o segredo de sua localização.

Infelizmente, *O Paralipomena* não nos deixou pista alguma quanto ao local do esconderijo de Jeremias usado para os recipientes do Templo. Porém, ao continuar analisando o banco de dados, encontrei uma referência intrigante de uma antiga tradição dos judeus, de que Jeremias escondera os tesouros em uma caverna secreta. Tinha acabado de começar minha busca naquele arquivo, quando um dos

funcionários do Santuário me disse que estavam encerrando as atividades do dia. Só tive tempo para tomar nota da fonte da referência em um pedaço de papel.

Ao deixar o Santuário da Bíblia, olhei de relance para o papel em minha mão. A tradição de que Jeremias havia escondido os vasos em uma caverna secreta aparentemente vinha de uma antiga versão da Bíblia, compilada pelo bispo São Jerônimo do século IV. Evidentemente, uma antiga cópia da Bíblia de Jerônimo ainda existia na Igreja da Natividade na cidade de Belém. Decidi que pegaria o ônibus para ir até lá na manhã seguinte.

Tinha visitado Belém uns dois anos antes, mas tudo estava diferente. A pouco mais de dez quilômetros ao sul de Jerusalém, uma pequena cidade árabe que hoje situa-se na região palestina semi-autônoma ainda chamada de Israel. O lugar apresentara uma atmosfera bastante tranqüila durante minha primeira visita, mas isso foi antes dos atuais problemas. Provavelmente, teria sido melhor ter caminhado até Belém como os peregrinos tradicionalmente fazem, pois um congestionamento terrível formou-se na Estrada de Hebrom. Soldados israelitas estavam revistando todos os veículos em um posto de controle nos arredores de Jerusalém, e demorei quase três horas para chegar a meu destino. Quando o ônibus finalmente chegou a Belém, todos os passageiros e as bagagens foram mais uma vez revistados, dessa vez por oficiais árabes.

De acordo com a Bíblia, Belém foi a cidade onde aconteceu o nascimento de Jesus, e dizem que a Igreja da Natividade marca o lugar onde ele nasceu. Está situada na Praça da Manjedoura, no coração da cidade, e na última vez em que estive ali, o local estava cheio de turistas que entravam e saíam alegres de lanchonetes e lojas de lembranças. Muitos dos 20.000 habitantes árabes — metade dos quais é cristã e a outra metade muçulmana — ganham a vida com o comércio

dos turistas, em especial a produção e venda de imagens da família sagrada. Aquele tinha sido um negócio lucrativo, mas eu duvidava que ainda o fosse. Ao invés das multidões de visitantes e grupos de peregrinos que eram guiados por freiras do Convento das Irmãs de São José da cidade e por monges do mosteiro franciscano próximo dali, a Praça da Manjedoura estava cercada por policiais palestinos armados. Não havia mais do que alguns poucos ocidentais no local.

Ocupando a maior parte da ala leste da praça, está a Igreja da Natividade, que foi erguida sobre o local do nascimento de Cristo. Parece mais uma fortaleza do que uma igreja, visto que, a atual estrutura, construída pelo imperador romano Justiniano, no século VI, foi fortificada pelos Cruzadores nos tempos medievais. Justiniano não foi o responsável pela igreja original; essa responsabilidade pertenceu ao primeiro imperador romano cristão, Constantino, o Grande, que a construiu em cima de uma caverna no fim do ano 320. Conta a história que a mãe de Constantino, Helena, informou-o, de forma confidente, que a caverna era o local da Natividade. Ela tinha recebido aquela informação de um eremita local.

Ao me curvar para ter acesso pela única entrada da igreja, descobri que havia mais atividades do lado de dentro. A rotina continuava igual a de séculos atrás. Ao meu redor, os servos da igreja estavam ocupados acendendo incensos e velas e cuidando das flores: os sacerdotes gregos ortodoxos em suas túnicas pretas, os padres armênios em suas túnicas creme e roxo, e os monges católicos franciscanos com seus hábitos marrons com capuz. Todas as três denominações cuidam da igreja, mas por incrível que pareça, nenhum deles é o responsável geral. Ao encontrar um monge franciscano que falava inglês, fiquei sabendo que a Bíblia de Jerônimo estava exposta em um armário de vidro na Gruta da Natividade.

Localizada no subsolo, abaixo do altar superior, foi ali que dizem que Jesus nasceu. Na última vez em que estive ali, tive de ficar na fila por quase uma hora para ver a gruta. Dessa vez pude entrar sem enfrentar fila alguma e descer o lance de degraus estreitos que nos levam até o suposto local do nascimento de Cristo. A gruta em si é uma caverna com pouca iluminação que tem um cheiro forte de fumaça de incenso expelida de bicos de gás pendurados nas paredes. A Bíblia nos diz que Jesus nasceu em um estábulo, embora a gruta não pareça em absoluto com a choça familiar onde imaginamos que a natividade tenha acontecido. Contudo, o fato de Jesus ter nascido ali, tornou-se o tópico de inúmeros debates. Entretanto, os guias garantem aos visitantes que existem evidências suficientes de que a caverna foi usada como um estábulo no tempo em que dizem que Jesus nasceu. O lugar exato onde acredita-se que o nascimento ocorreu, está marcado com uma estrela de prata sobre o chão, e traz a inscrição em latim que diz "*Aqui Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria*". No entanto, o que me chamou a atenção foi a caixa de vidro colocada contra a parede em uma lateral da estrela. Dentro dela estava a cópia da Bíblia de Jerônimo, aberta, como descobri, na página do evangelho de São Lucas que conta o nascimento de Cristo. Uma plaqueta logo abaixo, escrita em uma série de idiomas diferentes, informava aos visitantes que o livro data de cerca de 400 d.C. e é uma das Bíblias mais antigas do mundo.

Obviamente, eu não teria permissão para tirá-la da caixa. Mesmo que pudesse, teria de conhecer o latim eclesiástico do século IV para conseguir lê-la. Por sorte, um dos servos informou-me que havia uma cópia em inglês moderno da Bíblia de Jerônimo na biblioteca da igreja. No entanto, teria de esperar até que o único bibliotecário voltasse de seu horário de almoço. Por volta de quarenta e cinco minutos depois ele apareceu, mas era um padre ortodoxo que, obviamente, falava

somente grego. Finalmente, consegui encontrar alguém para ser meu intérprete e consegui pedir a ele o que queria. No final das contas, ele não se incomodou que eu folheasse o livro da maneira que precisava, mas minha tarefa parecia algo impossível; a obra tinha mais de mil páginas, e eu não fazia idéia por onde começar a procurar por uma referência a respeito de Jeremias ter escondido os tesouros do Templo em uma caverna. Por fim, fui ajudado pelo monge franciscano com quem falei quando cheguei na igreja, e não demorou muito tempo até que ele conseguiu chegar onde eu poderia encontrar o que estava buscando.

O monge me disse que a Bíblia de Jerônimo contém uma série de livros em seu Antigo Testamento que não estão incluídos nas atuais Bíblias Protestantes, como a versão do Rei James. Esses eram alguns dos chamados Apócrifos, os textos do Tanak dos judeus que a Igreja Protestante eventualmente decidira excluir. Um deles era conhecido como o segundo livro dos Macabeus, e foi ali que havia, de fato, uma passagem que falava de Jeremias ter escondido alguns dos vasos sagrados do Templo. Para minha surpresa, esses itens, na verdade, falavam da Arca.

2 Macabeus 2:4-8 descreve como, antes da queda de Jerusalém para os babilônios, Jeremias deixou a cidade com as três relíquias do Templo que não eram mencionados na lista do Antigo Testamento: o tabernáculo, o altar superior e a Arca da Aliança. Ao que tudo indicava, Deus disse a Jeremias o que fazer: "*O profeta (Jeremias), ao ser alertado por Deus, ordenou que o tabernáculo e a arca o acompanhassem.*" O que era ainda mais surpreendente era que a passagem, na realidade, explica o que Jeremias fez com elas:

Ele foi até a montanha onde Moisés subiu e viu a herança de Deus. E quando Jeremias lá chegou, encontrou uma caverna

vazia e levou para lá o tabernáculo e a arca e o altar de incenso, e então trancou a entrada.

Ali, ao que parece, a Arca ficou:

Em seguida, alguns dos que o seguiu, vieram para marcar o lugar; mas não puderam encontrá-lo. E quando Jeremias se deu conta, culpou-os dizendo: o local ficará desconhecido, até que Deus una a congregação dos povos e receba-os em sua misericórdia.

Evidentemente, Jeremias decidiu que a Arca permanecesse escondida naquela caverna na montanha e fez questão de que ninguém mais soubesse sua localização exata. Ao que parece, ele acreditava que era o desejo de Deus que o povo dos hebreus não mais possuísse aquelas relíquias sagradas, após terem transgredido as leis.

Essa era uma descoberta impressionante: eu havia encontrado um texto antigo que não somente confirmava minhas suspeitas de que Jeremias tinha escondido a Arca, mas também revelava onde ele a tinha escondido. Contudo, precisava controlar minha excitação até que pudesse descobrir a idade e a autenticidade do relato de 2 Macabeus.

Voltei a Jerusalém, na Biblioteca Nacional, e fiquei sabendo que o texto, ao que se sabe, ganhou sua forma final durante o século II a.C. De qualquer forma, algumas de suas seções certamente aconteceram, ao menos de forma oral, no início do século I porque chegaram a ser citadas por Philo de Alexandria, um filósofo judeu

grego e historiador que morreu em 40 d.C. Nenhuma versão em hebraico original do texto sobrevive, mas baseado em diversas referências do texto, acredita-se tratar de uma obra composta tirada de antigos documentos que datam de cerca de 130 a.C. Ele não é, ao que parece, um relato contemporâneo, e portanto sua honestidade pode inspirar dúvidas. Contudo, pelo que pude descobrir, essa é a mais antiga referência de que se tem notícias a respeito da Arca da Aliança, além daquilo que é conhecido como o Antigo Testamento. Na realidade, essa é a única referência antiga acerca da existência do artefato que se refere, especificamente, ao esconderijo da Arca.

Durante o tempo em que fiquei na Biblioteca Nacional, olhando os alunos e estudiosos ao meu redor, que examinavam com meticulosidade todos aqueles livros e olhavam com curiosidade para as telas dos computadores, percebi que muitos caçadores da Arca, antes de mim, devem ter se inspirado no livro de Macabeus. Não posso ter sido o único a encontrá-lo. Ele, na verdade, revelava onde a Arca estava escondida — em uma caverna na "*montanha onde Moisés subiu e viu a herança de Deus*". No Antigo Testamento, Moisés conduz os israelitas para longe da prisão no Egito, e depois de quarenta anos no deserto, entram naquilo que a Bíblia chama de Terra Prometida de Canaã. O próprio Moisés jamais chega a pisar em Canaã, mas pouco antes de morrer, sobe em uma montanha onde tem uma visão da Terra Prometida e revela os últimos comandos de Deus aos Israelitas. A Terra Prometida de Canaã, ao que parece, é aquilo que está implícito nas palavras "*herança de Deus*" no relato do livro de Macabeus. Quase todos os livros guias da Terra Santa informam ao leitor, de maneira confidente, que a visão de Moisés da Terra Prometida aconteceu no Monte Nebo, hoje conhecido como Jebel en Neba, dezesseis quilômetros ao leste da extremidade norte do Mar Morto — um lugar que

hoje está sob o reino da Jordânia. Na verdade, como eu suspeitava, muitos pesquisadores haviam visitado esse lugar na esperança de encontrar a Arca.

Houve, descobri mais tarde, uma série de expedições para Jebel en Neba em busca da Arca. A primeira dos tempos atuais realizada pela evangelista e exploradora americana Antônia Frederick Futterer, na década de 1920. Em 1981, uma expedição na região chegou a afirmar ter encontrado a Arca. Ela foi chefiada por um outro americano, Tom Crotser, de Winfield, Kansas. Ao que tudo indica, próximo a um mosteiro franciscano, que fica ao pé da montanha, Crotser e seus companheiros descobriram uma caverna que acreditavam ser o lugar descrito no relato de Macabeus. Eles declararam ter encontrado uma caixa dourada dentro da caverna que acreditavam ser a Arca perdida. Por razões conhecidas só por eles, a equipe deixou-a onde ela estava e se recusou a revelar sua localização. Obviamente, a afirmação de Crotser foi recebida com descrença pelos arqueólogos. Fotografias da suposta descoberta foram mostradas ao famoso arqueólogo Siegfried Horn, que não ficou impressionado. Ao que tudo indica, as fotos coloridas de Crotser não apenas eram pouco nítidas, mas somente duas delas não mostravam absolutamente nada. Uma delas estava tremida mas mostrava o que parecia ser uma câmara com uma caixa amarela ao centro. A outra foto era um pouco mais nítida e nos dava uma boa visão frontal da caixa. De acordo com Horn, a obra da caixa era tão uniforme que só poderia ter sido feita por uma máquina. Além disso, um prego que saía da parte de cima da caixa tinha, em sua opinião, uma cabeça de aspecto moderno. Ele concluiu que aquele parecia ser um artefato de fabricação recente.

Após ler a respeito da descoberta declarada por Crotser, me senti tão cético quanto o professor Horn. Na verdade, quando consultei as referências bíblicas

a respeito da montanha onde dizem que Moisés parece ter visto "a herança de Deus", comecei a me perguntar se o relato do livro de Macabeus se referia, ou não, ao Monte Nebo.

Há três relatos no Novo Testamento das visões de Moisés da Terra Prometida, encontrados separadamente nos livros de Levítico, Números e Deuteronômio, e cada um deles indica locais diferentes do acontecimento: nos Montes Nebo, Abarim e Sinai. Deuteronômio 32:49 na verdade, fala em dois lugares, chamando os dois de Monte Abarim e Monte Nebo nas instruções de Deus para Moisés: "Sobe ao monte de Abarim, ao monte Nebo, que está na terra de Moabe, defronte de Jericó." O autor parece considerar as duas montanhas como a mesma, ao passo que, na realidade, o Monte Nebo é a atual Jebel en Neba, a dezesseis quilômetros ao leste da extremidade norte do Mar Morto, enquanto o Monte Abarim é o atual Jebel el Hamra, a aproximadamente trinta quilômetros no extremo sul. O autor não apenas afirmou por engano que Abarim e Nebo eram a mesma montanha, como também parecia acreditar que o lugar em questão ficava próximo a Jericó, que, na verdade, fica a quilômetros dos dois pontos. O Monte Nebo fica a trinta quilômetros de Jericó, e o Monte Abarim a mais de cinquenta quilômetros de distância. Parece que o autor não conhecia absolutamente nada daquela região. Quem quer que ele fosse, deve ter começado a escrever muitos anos depois dos acontecimentos, e em um país diferente.

Embora o relato de Números do mesmo evento seja menos confuso, indicando somente o Monte Abarim, quando o autor resume o episódio no último versículo desse livro, ele revela seu total desconhecimento da topografia da área:

Estes são os mandamentos e os juízos que mandou o Senhor por meio de Moisés aos filhos de Israel nas campinas de Moabe, junto ao Jordão, na direção de Jericó. (Nm 36:13)

Nesse versículo, o autor, por engano, diz que Jericó fica na terra de Moabe. Moabe era um reino estrangeiro ao leste do Rio Jordão, ao passo que Jericó fica a vinte e quatro quilômetros a oeste do rio — bem dentro da antiga Canaã.

O mesmo relato é encontrado no livro de Levítico, que também resume o episódio em seu último versículo. Ele diz que o evento aconteceu no Monte Sinai:

"Estes são os mandamentos que o Senhor ordenou a Moisés, para os filhos de Israel, no monte Sinai" (Lv 27:34).

Estava bastante convencido de que a Arca da Aliança tinha sido tirada do Templo de Jerusalém pouco antes da invasão babilônica em 597 a.C, e que Jeremias era a pessoa mais indicada para ser o responsável pelo ato. Quem quer que a tenha levado, jamais a devolveu, e portanto, ela ficou escondida em algum lugar. O único texto antigo a indicar o nome do esconderijo, o relato do livro de Macabeus, era tudo o que me restava. Sua credibilidade não se mostrava tão fidedigna. Contudo, parecia bastante válido seguir a pista. O problema é que eu tinha três possíveis localizações para investigar. Precisava decidir qual delas parecia ser a escolha mais provável do lugar da visão de Moisés da Terra Prometida. Como os dois relatos, Deuteronômio e Números, continham erros geográficos que não apareciam no livro de Levítico, esse relato do acontecimento no Monte Sinai parecia ser a melhor aposta. Quanto mais pensava no assunto, mais acreditava que o Monte

Sinai era o lugar onde a Arca estaria escondida: era, afinal, onde sua história havia começado. Além do mais, a Arca do bem mais sagrado dos hebreus, que no tempo do Rei Salomão tinha de ser mantida somente sobre o solo mais santificado. Acreditava-se de o próprio Deus tinha instruído que o Templo fosse reconstruído especialmente para abrigá-la. Antes desse período, o local mais sagrado dos hebreus era o Monte Sinai. Com o Templo ameaçado, o Monte Sinai seria a próxima escolha lógica para o local de descanso da Arca. Tinha certeza que outros haviam chegado à mesma conclusão. Mesmo se isso fosse verdade, porém, entendia agora por que a Arca jamais fora encontrada: a verdadeira localização do Monte Sinai fora, há muito tempo, esquecida.

7. A Montanha de Deus

Antes de começar a tentar identificar o Monte Sinai, precisava determinar se o relato do livro de Macabeus a respeito do esconderijo da Arca era historicamente plausível. Ele dizia que Jeremias tinha escondido a Arca na montanha onde Moisés tivera sua visão da Terra Prometida, e o relato de Levítico identificava o local como o Monte Sinai. Como já estava convencido, Jeremias era, dentre todas, a mais provável escolha para ser o responsável pela retirada da Arca do Templo de Jerusalém, portanto não havia nada de improvável com relação a esse aspecto do livro de Macabeus. Mas e o Monte Sinai como localização de seu esconderijo secreto?

Quanto mais aprofundava minhas pesquisas, mais o Monte Sinai parecia, de fato, o lugar mais lógico para Jeremias, ou qualquer outro judeu da época, levar a Arca. De acordo com a Bíblia, o Monte Sinai era o local mais sagrado dos antigos israelitas antes do Templo de Jerusalém ser construído. Foi ali que Deus falou com Moisés pela primeira vez de cima de um arbusto em chamas; foi para lá que Moisés conduziu os israelitas depois de fugirem do Egito; e foi ali que Deus revelou aos israelitas suas leis religiosas, estabeleceu os Dez Mandamentos, e ordenou a construção da Arca. Tudo isso pode muito bem ter sido razão suficiente para que Jeremias considerasse ali um lugar apropriado para esconder a Arca. No entanto, o Templo de Jerusalém e a montanha sagrada tinham algo em comum que parecia fazer do Monte Sinai o único lugar para onde a Arca poderia ser levada. Acreditava-se que os dois lugares — e somente eles — eram habitados por Deus.

No Antigo Testamento, o Monte Sinai é várias vezes chamado de a Montanha de Deus porque acreditava-se que Deus, literalmente, morava ali. Repetidas vezes, a montanha é descrita como a "*santa habitação*" de Deus (por

exemplo, no Êxodo 15:13 e Deuteronômio 26:15) ao passo que outras referências especificam que Deus morava na montanha sagrada. Por exemplo, Êxodo 24:16 diz que "O Senhor repousou sobre o Monte Sinai." O historiador judeu do século I, Josephus, confirma que isso não era uma metáfora e que os antigos israelitas de fato acreditavam que Deus habitava a montanha. Com relação ao lugar onde Moisés encontrou o arbusto em chamas, ele escreveu:

"Agora esta é a montanha mais alta de toda a região, e a melhor terra para pastagem, sendo ali o melhor lugar para a ervagem; e não fora assim antes de ser pastada, porque os homens de opinião acreditavam que Deus ali habitava."
(Antiguidades 1981)

No entanto, após ser construído, os israelitas acreditavam que o Templo de Jerusalém era a nova "santa habitação" de Deus. No segundo livro das Crônicas, Salomão explica por que construiu o Templo: "Eu te tenho edificado uma casa para morada para ti (Deus), e um lugar para a tua eterna habitação." (2 Cr 6:2). De acordo com 2 Crônicas portanto, o Templo de Jerusalém passava a ser, para todo o sempre, a única casa de Deus. Diferente das noções cristãs e judaicas de todas as igrejas ou sinagogas serem a casa do Senhor, para os antigos israelitas havia somente uma morada. Havia outros templos e santuários onde Deus podia ser adorado, mas só podia existir uma única "casa de Deus." Até o momento da invasão babilônica, o Templo continuou a ser chamado de a Casa de Deus. No reinado do rei judaico Acaz, no século VIII a.C: "E ajuntou Acaz os utensílios da casa de Deus" (2 Cr 28:24). No reino de Ezequias, no século VII a.C: "E toda a obra que começou

no serviço da casa de Deus" (2 Cr 31:21). E no tempo em que os babilônios saquearam o Templo, no século VI a.C: "E queimaram a casa de Deus" (2 Cr 36:19).

Com o Templo ameaçado, o Monte Sinai teria sido o lugar mais adequado para que Jeremias levasse a Arca: aquele era a outra única "santa habitação" de Deus. Entretanto, ao continuar examinando os textos do Antigo Testamento, comecei a perceber que havia uma outra, e mais convincente, razão para que Jeremias tivesse levado a Arca para o Monte Sinai. Não era exatamente a Arca que precisava ser retirada do Templo, mas a presença de Deus para a qual ela fora construída para abrigar.

De acordo com o livro do Êxodo, Deus apareceu, de forma física, para os israelitas pela primeira vez no Monte Sinai:

*E disse o Senhor a Moisés: eis que eu virei a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça, falando eu contigo... E estejam prontos para o terceiro dia; porquanto no terceiro dia o Senhor descera diante dos olhos de todo o povo sobre o Monte Sinai.
(Ex 19:9-11)*

Não fica claro, exatamente, de que forma Deus apareceu, mas Ele de alguma forma, se manifestou dentro de uma nuvem densa de fumaça:

E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo: e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente... E, descendo o

Senhor sobre o monte Sinai, sobre o cume do monte. (Ex 19:18-20)

Antes de os israelitas deixarem o Monte Sinai para continuar sua jornada pelo deserto, Deus ordenou que construíssem a Arca. Por mais estranho que possa parecer ao pensamento moderno, a Arca foi, na verdade, feita para abrigar o próprio Deus. No relato do Êxodo, Deus disse a Moisés o que fazer:

E me farão um santuário; e habitarei no meio deles. Conforme tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis. Também farão uma arca de madeira de acácia; o seu comprimento será de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio, e de um côvado e meio a sua altura. (Ex 25:8-10)

A parte mais essencial parece ser a que fala do misterioso propiciatório, sobre o qual Deus podia se manifestar:

Também farás um propiciatório de ouro puro... E porás o propiciatório em cima da arca... E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório. (Ex 25:17-22)

A presença de Deus estava agora no interior da Arca, porque quando os israelitas deixaram o Monte Sinai, a miraculosa nuvem de fumaça pairou sobre ela:

Assim partiram do monte do Senhor caminho de três dias: e a arca da aliança do Senhor caminhou diante deles caminho de três dias, para lhes buscar lugar de descanso. E a nuvem do Senhor ia sobre eles de dia, quando partiam do arraial.(Nm 10:33-34)

Toda vez que os israelitas montavam acampamento, a Arca era colocada no tabernáculo ou "*tenda da congregação*" atrás de um véu ou cortina especiais.

Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: No primeiro dia do primeiro mês, levantarás o tabernáculo da tenda da congregação. E porás nele a arca do testemunho, e cobrirás a arca com o véu. (Ex 40:1-3)

Parece que esse véu separava o lugar sagrado da Arca do restante do tabernáculo:

Pendurarás o véu debaixo dos colchetes, e porás a arca do testemunho ali dentro do véu; e este véu vos fará separação entre o santuário e o lugar santíssimo. (Ex 26:33)

Sobre o Monte Sinai, quando Deus conversara com Moisés, apareceu sobre o pico da montanha. Agora, porém, ele apareceu onde a Arca estava, de trás do véu no tabernáculo. Sua presença, no entanto, podia ser fatal para qualquer pessoa que chegasse perto demais, conforme o irmão de Moisés, Aarão, foi avisado:

Disse, pois, o Senhor a Moisés: Dizei a Aarão, teu irmão, que não entre no santuário em todo o tempo, para dentro do véu, diante do propiciatório que está sobre a arca; para que não morra: porque eu aparecerei na nuvem sobre o propiciatório.
(Lv 16:2)

Assim como no Monte Sinai, a presença de Deus sobre a Arca era chamada de a glória do Senhor — já descrita como o fogo devorador: "*Então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo*". (Ex 40:34).

Passagens bíblicas como essas mostram claramente que a presença de Deus, que antes acreditavam ter habitado exclusivamente sobre o Monte Sinai, era agora vista como residindo com a Arca. Assim como a barca egípcia que carregava a estátua do deus Amun quando deixava o Templo de Karnak, a Arca da Aliança parece ter sido considerada um meio de transporte de Deus — ou algo por meio do qual Deus podia se manifestar — de sua santa habitação no Monte Sinai.

Quando o Monte Sião foi, mais tarde, consagrado como uma nova montanha sagrada e o Templo de Jerusalém foi, por fim, construído para ser a "casa de Deus", parece que a presença de Deus deixou a Arca para habitar no interior do santuário do Templo. O primeiro livro dos Reis descreve como a Arca foi carregada para dentro do Templo quando este ficou pronto: "*Assim trouxeram os sacerdotes a arca da aliança do Senhor ao seu lugar, ao oráculo da casa, ao lugar santíssimo*" (1 Reis 8:6). Nessa época, a Arca foi aberta pela primeira vez após muitos anos:

Na arca nada havia, senão só as duas tábuas de pedra, que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o Senhor fez uma aliança com os filhos de Israel, saindo eles da terra do Egito. (1 Reis 8:9)

Contudo, assim que a Arca foi aberta, algo miraculoso aconteceu:

E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor. E os sacerdotes não podiam permanecer em pé para ministrar, por causa da nuvem: porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor. (1 Reis 8:10-11)

O Rei Salomão então explicou o que aconteceu: "*O Senhor disse que ele habitaria nas trevas. Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação*" (1 Reis 8:12-13). Salomão está interpretando a nuvem e a "*glória do Senhor*" que enche o local enquanto a presença de Deus deixa a Arca para habitar, de forma permanente, no Templo.

Minha perspectiva era a de que não importava se esses episódios miraculosos ocorreram historicamente ou não. O mais importante era que os judeus no tempo da invasão dos babilônios acreditavam que sim. As escrituras sagradas garantiam que a presença de Deus havia sido levada do Monte Sinai para dentro do Templo de Jerusalém, na Arca da Aliança. Jeremias sabia que os babilônios iriam invadir Jerusalém, e que, provavelmente, destruiriam o Templo como um ato de represália. Se o Templo de Jerusalém não era mais um lugar seguro para a presença de Deus habitar, certamente teria de ser devolvida para o local de onde

viera originalmente: o Monte Sinai. A única maneira de transportar essa presença divina era por meio da Arca da Aliança. Em suma, parecia que a Arca tinha de ser levada de volta para o Monte Sinai e nenhum outro lugar.

Eu estava convencido de que o Monte Sinai era o lugar mais provável para Jeremias esconder a Arca. A grande pergunta então era: onde exatamente ficava o Monte Sinai? Curiosamente, considerando-se o significado religioso da Montanha de Deus, a Bíblia não era nada transparente com relação à sua localização verdadeira. Tudo que sabemos no relato do Êxodo é que o Monte fica em algum lugar no Deserto de Sinai:

Ao terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no mesmo dia chegaram ao deserto de Sinai. Porque partiram de Refidim, e entraram no deserto de Sinai, onde se acamparam; Israel, pois, ali se acampou em frente ao monte.
(Ex 19:1-2)

Infelizmente, a inclusão do nome Refidim, onde os israelitas estiveram, não é de grande serventia. Esse não é o nome de um lugar; apenas quer dizer "*lugar de descanso*." Foi onde os israelitas acamparam por algum tempo para se recuperarem e permitir que seus animais pastassem. Tudo que aprendemos nessa passagem é que a Montanha de Deus fica em algum lugar no Deserto de Sinai. Dentre as localizações conhecidas citadas no Antigo Testamento, podemos deduzir que a região conhecida como o Deserto de Sinai se estendia por um largo território, incluindo a atual Península de Sinai no sul do Egito, partes do sul de Israel e da Jordânia, e até mesmo, uma parte da Arábia Saudita. Não era um deserto como o

Saara, com grandes extensões de terra, mas um campo pedregoso, empoeirado e árido com vegetação esparsa, entremeado por ocasionais oásis de solo fértil. Media aproximadamente quatrocentos quilômetros de norte a sul e 350 quilômetros de leste a oeste. Isso corresponde a cerca de 55.000 milhas quadradas. Havia muitas montanhas nesse considerável espaço, e a Montanha de Deus poderia ter sido qualquer uma delas. De fato, sua verdadeira localização do período da Era cristã parece ter sido totalmente esquecida.

No século IV d.C, o primeiro imperador cristão romano, Constantino, o Grande, acreditava ter descoberto onde era o Monte Sinai. Em segredo, ele proclamou que se tratava de uma montanha específica na ala sul da Península de Sinai, no Egito. Segundo a opinião geral, ele descobriu a localização a partir de uma visão ou de um sonho de sua mãe, Helena (a mesma Helena responsável pela construção da original Igreja da Natividade). Constantino mudou o nome do lugar para Monte Sinai, e logo depois, o mosteiro de Santa Catarina foi fundado ali e rapidamente tornou-se um dos principais centros de peregrinação. Mesmo hoje em dia, o mosteiro ainda é ocupado por monges que afirmam ser o prédio continuamente habitado mais antigo no mundo. Não se sabe, nos dias de hoje, o antigo nome da montanha. A maioria dos mapas ocidentais ainda se referem ao local como o Monte Sinai, ao passo que os mapas árabes o chamam de Jebel Musa — a "Montanha de Moisés". Entretanto, apesar de o lugar ainda atrair milhares de turistas todo ano, estudiosos contemporâneos não foram capazes de descobrir nenhuma evidência bíblica ou histórica para apoiar a crença de Constantino ou de sua mãe.

Céticos com relação a Jebel Musa, uma série de arqueólogos modernos chegaram a propor outras localizações para o Monte Sinai. Uma das teorias mais

recentes vem do respeitado paleontólogo italiano Emmanuel Anati, que indicou o Monte Karkom, próximo a El Kuntilla em Israel, a cerca de quarenta quilômetros ao norte de Elat. Anati, que baseou sua conclusão na descoberta ao pé da montanha dos restos de habitações circulares e de um altar cercado por doze pedras erguidas. De acordo com Êxodo 24:4, Moisés construiu um altar e doze pilares abaixo da Montanha de Deus para representar cada uma das doze tribos hebraicas. Apesar da comoção inicial, porém, uma escavação recente datou os restos de cerca de 2000 a.C, cinco séculos antes mesmo do período do Êxodo.

Uma outra teoria recente identificou a Montanha de Deus como Jebel al-Lawz, na Arábia Saudita. Em 1986 dois exploradores americanos, Ron Wyatt e David Fasold, viajaram até a montanha, na esperança de encontrar as jóias egípcias que a Bíblia diz que os israelitas levavam consigo durante o Êxodo. No entanto, foram quase que imediatamente presos por escavações ilegais, ameaçados de aprisionamento pelas autoridades sauditas, e deportados. Sua identificação de Jebel al-Lawz como a montanha de Deus baseava-se em suas hipóteses de que o monte está localizado onde antes era a terra de Midiã. De acordo com Êxodo, foi para lá que Moisés fugiu após seu exílio do Egito. Como Jebel al-Lawz é a montanha mais alta nessa região, pareceu lógico a Wyatt e Fasold que esse seria o local de onde Deus teria se comunicado com Moisés.

Mais recentemente, uma outra dupla de exploradores americanos decidiu seguir os passos de Wyatt e Fasold. O milionário de Wall Street, Larry Williams, e o ex-policia Bob Cornuke, cruzaram de maneira ilegal o território saudita para pesquisar a montanha em busca de evidências de que aquele era, na verdade, o Monte Sinai. Ao entrar ilegalmente na área, hoje toda cercada, Williams e Cornuke procuraram correspondências com o registro bíblico. Próximo ao pé da montanha,

avistaram uma pilha de rochas que tinham desenhos de touros. Esse, Williams e Cornuke decidiram, deve ser o altar onde dizem que os israelitas adoravam o bezerro de ouro. Mais acima da ladeira, Williams e Cornuke encontraram uma enorme estrutura de pedras, perto da qual havia os restantes do que pareciam ser doze torres de pedra, cada uma com cerca de cinco metros e meio de diâmetro. Identificaram a estrutura de pedra como o altar construído por Moisés e as torres como os doze pilares que ele ergueu ao seu redor.

Diferente de seus predecessores, Williams e Cornuke conseguiram escapar das autoridades sauditas, mas suas descobertas não foram capazes de convencer seus críticos, e diversos arqueólogos questionaram sua teoria. O estudioso bíblico Allen Kerkeslager, por exemplo, ressaltou que a pilha de pedras que Williams e Cornuke identificaram como o altar do bezerro dourado — por causa das fotografias de touros — era na verdade, uma construção comum na região, que tinha como intenção, nos tempos antigos, comunicar-se por meio de mensagens que abordavam a caça e outras atividades pastoris. Aquilo que os exploradores identificaram como as torres de pedra, Kerkeslager sugeriu, eram aterros comuns ao longo de todo o noroeste da Arábia.

Acirrados debates acadêmicos ainda cercam muitos locais propostos para o Monte Sinai, e sua verdadeira localização permanece como um dos mistérios mais contestados da Bíblia. Entretanto, quando analisei as diversas referências do Antigo Testamento a respeito da Montanha de Deus com mais cuidado, cheguei à conclusão de que ofereciam algumas pistas muito importantes que pareciam ter sido completamente ignoradas.

A Montanha de Deus é chamada por dois nomes diferentes no Antigo Testamento: Monte Sinai e Monte Horebe, ou apenas Horebe. A Bíblia não deixa

dúvidas de que essas eram a mesma montanha. As leis sagradas que dizem ter sido reveladas por Deus aos israelitas na Montanha de Deus são citadas na Bíblia como "*a Aliança*", e diversas vezes quando o livro de Deuteronômio fala da Aliança, refere-se a Horebe. Por exemplo: "*Deus fez uma aliança conosco em Horebe*" (Dt 5:2). De fato, 1 Reis 19:8 diz muito especificamente que Horebe é a Montanha de Deus. Com relação ao profeta Elias, esse versículo nos diz: "*Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus.*"

Por que a montanha tem dois nomes diferentes é um mistério, mas pode ter sido porque, como o próprio Deus, a montanha era considerada sagrada demais para ser chamada por seu nome. Como o termo indica, Monte Sinai apenas se refere a uma montanha no Deserto de Sinai, enquanto a palavra hebraica horeb apenas quer dizer algo como "*montanha no deserto.*" (Linguistas bíblicos sugeriram que se trata de uma combinação de duas palavras hebraicas: hor, que significa "*monte*", e choreb, "*um lugar seco ou deserto*". Deuteronômio apenas uma vez se refere à montanha santa como Monte Sinai; em outras ocasiões ela é chamada apenas de "*o monte*" ou "*monte de Deus*". Em outras palavras, nenhum desses nomes identifica um local específico; a Montanha de Deus pode ser qualquer montanha no Deserto de Sinai. O que eu precisava descobrir, era seu nome verdadeiro, o que significava ter de averiguar, com mais exatidão, onde, de fato, acreditavam ficar o monte. Havia alguma pista na Bíblia? Como acabei descobrindo, havia, na verdade, dois incidentes que diziam ter ocorrido na Montanha de Deus que indicavam uma região específica do Deserto de Sinai — não Midiã, no sul do deserto, como Wyatt e Fasold propuseram, mas Edom no norte.

O primeiro indicador que descobri foi no livro do Êxodo, na passagem que mencionava Moisés e o arbusto em chamas. De acordo com Êxodo 2:15-21, após ser forçado para o exílio do Egito, Moisés estabeleceu-se na terra de Midiã, onde se casou com a filha de um sacerdote local chamado Jetro. Alguns anos mais tarde, Moisés estava cuidando do rebanho de seu sogro quando se deparou com um arbusto que ardia em chamas sem ser consumido. Foi dentro deste fogo milagroso que Moisés ouviu, pela primeira vez, a voz de Deus. De acordo com Êxodo 3:1, esse evento aconteceu em Horebe, a Montanha de Deus:

E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Deus, a Horebe.

Midiã era o nome antigo para a região leste do Golfo de Aqaba, onde hoje é o extremo noroeste da Arábia Saudita. Exatamente como os beduínos de hoje, os povos de Midiã eram de pastores nômades. Grupos de famílias inteiras conduziam seus rebanhos de ovelhas e cabras por centenas de quilômetros no prazo de um ano por todo o Deserto de Sinai até o norte de Midiã, sempre em busca de terrenos bons para a pastagem dos animais. Parece que era isso o que Moisés estava fazendo quando se deparou com o arbusto em chamas. Se o deserto citado no versículo acima era o Deserto de Sinai, as palavras "*atrás do deserto*" — onde a Montanha de Deus ficava sob a perspectiva de Midiã — deveria ficar no extremo norte da região. Isso seria em algum lugar da região hoje chamada de Deserto de Negev, ao sul da Jordânia — uma terra que nos tempos bíblicos era chamada de Edom.

A segunda pista da localização da Montanha de Deus, eu encontrei depois no relato do Êxodo. Após Moisés voltar para o Egito e comandar os israelitas à liberdade, voltou com eles para Horebe para mais uma vez se comunicar com Deus na montanha santa. Quando lá chegaram, os israelitas estavam sem água e mortos de sede. Moisés, porém, salvou-os com um milagre:

Então disse o Senhor a Moisés, Passa diante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos de Israel; e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe; e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas e o povo beberá. (Ex 17:5-6)

Embora essa passagem específica não nos dê pista alguma com relação à localização exata de Horebe, o mesmo incidente é citado no livro dos Números:

Então Moisés tomou a vara de diante do Senhor, como lhe tinha ordenado... Então Moisés levantou a sua mão, e feriu a rocha duas vezes com a sua vara; e saiu muita água; e bebeu a congregação e os seus animais. (Nm 20:9-11)

Essa passagem não diz que o incidente ocorreu na Montanha de Deus — e é por isso que dá a impressão de não ter sido percebido — mas fica claro que se trata do mesmo evento. No entanto, alguns versículos depois, ficamos sabendo onde ele aconteceu. Assim que os israelitas conseguiram se refrescar, Moisés envia um mensageiro para pedir permissão ao rei local para poder passar por suas terras:

Depois Moisés, de Cades, mandou mensageiros ao rei de Edom, dizendo: Assim diz teu irmão Israel... Deixa-nos, pois, passar pela tua terra. (Nm 20:14-17)

A passagem do Êxodo diz que o episódio da água milagrosa da rocha aconteceu em Horebe, a Montanha de Deus, ao passo que a passagem dos Números nos diz que esse mesmo evento aconteceu em Kadesh (Cades). Em hebraico, a palavra kadesh significa "*santidade*", ou nesse contexto "*um lugar sagrado*", Parece, então, que esse não é o nome do lugar, mas apenas uma descrição. A tradução do inglês deveria ter sido "*Moisés, do lugar sagrado, mandou mensageiros ao rei de Edom*". Entenderíamos, então, que este versículo simplesmente se refere à Horebe, a Montanha de Deus. Embora a exata localização de Kadesh (Cades) seja um mistério, o local deve ficar em algum lugar na fronteira da terra de Edom, porque Moisés tenta conseguir permissão do rei de Edom para continuar sua viagem. Fica bastante claro, portanto, se o atual Antigo Testamento estiver certo, que a Montanha de Deus fica na terra de Edom, ou pelo menos, próximo a ela — uma terra onde hoje fica o sul da Jordânia.

Enquanto estudava atentamente os antigos mapas na Biblioteca Nacional, examinei os detalhes da região em busca de idéias quanto à localização da montanha que os autores do Antigo Testamento podem ter chamado de Monte Sinai ou Monte Horebe — e para onde Jeremias teria levado a Arca. Uma cadeia de montanhas no sudoeste da Jordânia passa bem no meio do lugar que outrora fora a terra de Edom — as Montanhas de Shara. Será que uma dessas montanhas teria sido citada pelos autores do Antigo Testamento como o Monte Sinai ou Horebe?

Edom era um pequeno reino no noroeste do Deserto de Sinai. A arqueologia mostrou que o lugar foi habitado por um povo semita conhecido como os edomeus de cerca de 1700 a.C. até a área ser ocupada pelos nabateus da Arábia no século IV a.C. Das inúmeras descobertas, ficou determinado que os edomeus migraram para o sul de Canaã, por volta do mesmo período em que os outros

semitas (incluindo, ao que parece, os israelitas) se estabeleceram no Egito. Os edomeus tinham, na época, uma relação de parentesco com os israelitas, e isso, somado à sua migração para o Deserto de Sinai, parece estar refletido na história do Antigo Testamento de Jacó e Esaú.

De acordo com o livro do Gênesis, Jacó e Esaú eram irmãos que viviam em Canaã, porém, separados porque Jacó enganou Esaú, fazendo com que ele perdesse seus direitos à herança. Jacó e sua família se mudaram para o leste do Egito, onde seus descendentes passaram a ser os israelitas, enquanto Esaú se mudou para o sul em Edom, onde seus descendentes se transformaram nos edomeus. Embora isso, sem dúvida, seja uma simplificação, uma parábola de eventos, testes de DNA nos restos esqueléticos dos israelitas e dos edomeus mostraram que eles, de fato, possuíam uma ancestralidade comum. Ao ler o relato do Gênesis de Esaú se estabelecendo na terra de Edom, imediatamente, fui surpreendido por algo muito interessante — a passagem fazia referência a uma montanha em específico ao redor da qual os edomeus viveram: "*Portanto Esaú habitou na montanha de Seir... E estas, pois, são as gerações de Esaú, pai dos edomeus, na montanha de Seir*" (Gn 36:8-9).

O Monte Seir é citado uma série de vezes no Antigo Testamento, e quando li as diversas referências, percebi que estava prestes a descobrir algo importante. Parecia que, como o Monte Sinai, o Monte Seir era considerado um montanha santa associada a Deus. No livro de Isaías, o profeta Isaías (por volta de 700 a.C.) diz que, quando Deus fala com ele, "*Gritam-me de Seir*" (Is 21:11). Deus, ao que tudo indica, chamava o profeta do lugar onde morava, no Monte Seir. Uma outra passagem do Antigo Testamento, mais adiante, sugere que acreditava-se que Deus residia no Monte Seir, porque quando Deus foi invocado pelos israelitas, Ele

mais uma vez respondeu ao chamado daquela montanha. No entanto, essa passagem, na verdade, parece relacionar o Monte Seir ao Monte Sinai. Juízes 5:4-5 traz a súplica:

O Senhor, saindo tu de Seir, caminhando tu desde o campo de Edom, a terra estremeceu, e os céus gotejaram, as nuvens também gotejaram águas. Os montes se derreteram diante do Senhor, e até Sinai diante do Senhor Deus de Israel.

O que a ligação entre as duas montanhas possa significar é difícil de entendermos somente com essa passagem. Entretanto, Deuteronômio inclui um versículo que parece indicar que as duas montanhas são, na realidade, uma só. Quando Moisés estava morrendo, ele pediu a Deus que viesse e abençoasse os israelitas, e "*o Senhor veio do (Monte) Sinai e lhes subiu do (Monte) Seir*" (Dt 33:2). Como mencionei, o Antigo Testamento, com freqüência, apresenta dois nomes quando se refere ao Monte Sinai. Quando Moisés visitou o Monte Sinai pela primeira vez no episódio do arbusto em chamas, por exemplo, ele é descrito na Bíblia de grande circulação do Rei James como tendo ido para "*o monte de Deus, a Horebe*" (Ex 3:1). Como vemos, o autor usa ambos os termos, "*Monte de Deus*" e "*Horebe*" para se referir ao lugar. Da mesma forma, o autor da passagem de Deuteronômio parece estar usando ambos os nomes, Sinai e Seir, para falar da montanha santa.

O Monte de Deus certamente parecia estar localizada na terra de Edom, em algum lugar entre as Montanhas de Shara. Pelo menos, é nisso que os escribas do Antigo Testamento que compilaram os relatos importantes entre 650 e 500 a.C. parecem ter acreditado. Tudo indica, também, que ao menos alguns desses escribas

acreditavam que o Monte Seir e o Monte Sinai eram o mesmo lugar. Posso muito bem ter reduzido a amplitude da área citada como sendo o Deserto de Sinai onde ficava a montanha sagrada. Entretanto, ainda havia um problema. A exata localização do Monte Seir era um mistério para os estudiosos bíblicos, da mesma forma que o Monte Sinai. Qual das Montanhas de Shara era o Monte Seir?

8. O Vale de Edom

O que exatamente se sabia a respeito da antiga terra de Edom? Não somente a Bíblia, como também textos de países do Oriente Médio, além de Judá, referiam-se a ela. Ao examinar esses diversos relatos, a área descrita como Edom correspondia, grosso modo, à metade sul do Deserto de Negev, que em tempos bíblicos formava as partes habitadas ao sul e ao leste do Deserto de Sinai. Ela, hoje, continua da mesma forma que no passado. Até onde os olhos alcançam, o sol bate impiedoso sobre rochas maciças e abrasadoras, em uma terra sem vida. Dia após dia, anos após ano, o solo arde sob o calor estonteante. Nesse deserto seco e rochoso, com 200 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura, as temperaturas podem chegar a mais de quarenta graus na sombra. À noite, porém, a temperatura mergulha chegando a congelar o ar, e um frio cortante desce sobre o campo estéril.

As Montanhas de Shara passam bem ao meio dessa devastação árida, e bem no meio delas, está o vale que outrora fora chamado de Vale de Edom. Alimentado por correntezas de montanhas frias e ladeado por altos penhascos, o lugar era um porto para a vida sofrida em terrenos mais hostis. Hoje, embora o vale seja muito mais cheio de vida do que o deserto adjacente, não pode ser considerado um lugar fértil como há três mil anos, quando as pancadas de chuva eram mais constantes e inúmeros riachos alimentavam seu solo. Localizado cerca de vinte quilômetros dentro do que hoje é chamado de reino da Jordânia, o Vale de Edom tem aproximadamente oitocentos metros de largura por cinco quilômetros de comprimento. Embora toda a parte sul de Negev fosse conhecida como a terra de Edom, na época dos antigos israelitas, o reino dos edomeus era um domínio muito pequeno, centralizado sobre esse vale fértil. Parece, então, que esse vale isolado

era a terra da qual Moisés teve de pedir permissão para o rei de Edom deixá-los cruzar após criar a fonte milagrosa de água. Como o incidente acontecera em Horebe, e Horebe era um outro nome do Monte Sinai, tudo indica que uma das montanhas que circundavam o Vale de Edom era a misteriosa Montanha de Deus.

Nos tempos antigos, uma importante rota de comércio passava bem ao meio do Vale de Edom, de leste a oeste. A rota ligava o Egito à África com o mundo árabe e o Oriente, e os edomeus que a controlaram por mais e mil anos até o século IV, prosperavam com as tarifas que cobravam. O vale era uma fortaleza natural com trechos facilmente protegidos, e as entradas para a rota de comércio eram desfiladeiros tão estreitos em alguns lugares, que animais de transporte só podiam passar em fila indiana. De acordo com o relato do Êxodo, o incidente da fonte milagrosa aconteceu na "rocha em Horebe" (Ex 17:5-6), e do relato dos Números podemos deduzir que o mesmo incidente aconteceu em um lugar chamado Kadesh (Cades) — o lugar sagrado — na fronteira do reino dos edomeus (Nm 20:9-17). Se os israelitas tinham vindo do sul do Deserto de Sinai, teriam chegado, então, na fronteira do reino dos edomeus em um desfiladeiro que é hoje conhecido como Siq al Barid, que em árabe quer dizer "canal frio" e chamado apenas de Siq como abreviação. Se minha teoria estivesse certa, era ali que o Monte Sinai seria encontrado.

Ao viajar para o sul de Jerusalém de ônibus, cruzei a fronteira de Israel até a Jordânia para chegar logo em seguida na cidade de Elji, que fica na extremidade externa do desfiladeiro de Siq. Elji não era nada parecido com o que eu esperava. Havia imaginado um calmo e pequeno vilarejo, habitado por apenas alguns poucos fazendeiros locais e suas famílias. No entanto, o lugar era um espaço popular entre os turistas com hotéis e lojas modernas de presentes e lembranças.

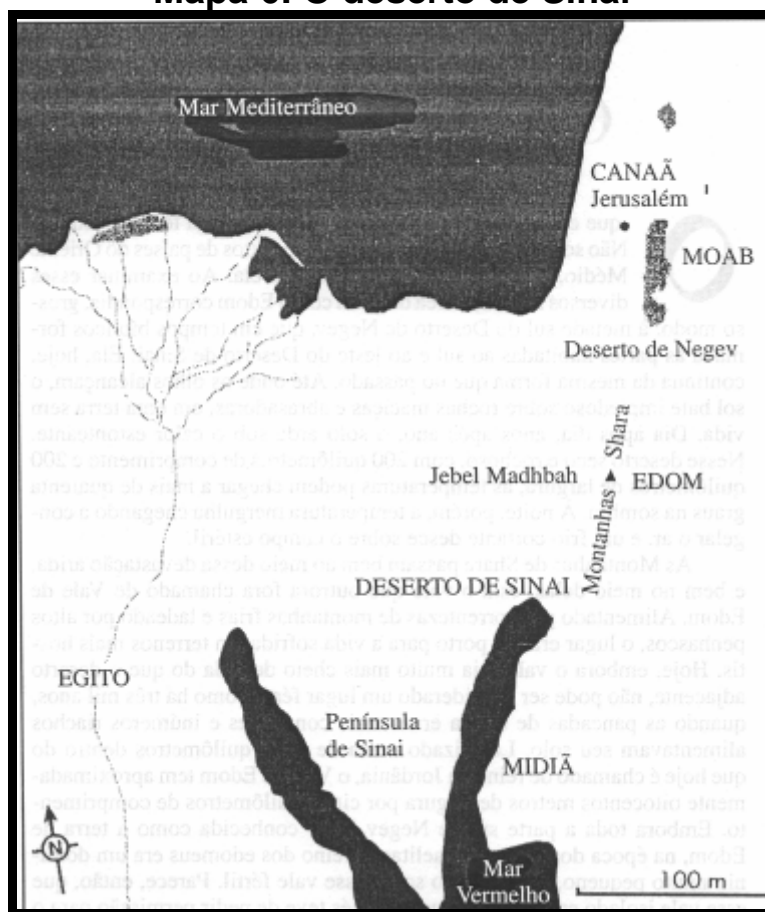
Depois de me instalar em um dos hotéis, olhei pela janela do quarto em direção às montanhas que se erguiam dos dois lados da entrada do desfiladeiro. Em contraste absoluto com o deserto, suas rochas eram uma paisagem de cores: marrom dourado, amarelo, laranja e vermelho. Se estivesse certo, uma dessas duas montanhas tinha de ter sido Horebe, onde Moisés criara a fonte milagrosa. Qual das duas, eu imaginava, teria sido o verdadeiro Monte Sinai, a Montanha de Deus?

No dia seguinte, contratei um guia local chamado Abdul, que quase imediatamente disse algo que me deixou impressionado. O Vale de Edom é hoje chamado de Wadi Musa, que em árabe quer dizer "o vale de Moisés". Era assim chamado, Abdul me disse, porque existia uma tradição dos beduínos locais de que tinha sido ali que Moisés criara a fonte milagrosa na história do Antigo Testamento. Eu achava que tinha sido muito esperto ao descobrir que o povo local acreditava nisso há anos. Na verdade, chegaram a construir um santuário no lugar exato onde acreditavam que o incidente tinha ocorrido, próximo à entrada do Siq. Chamada de Ain Musa — a Fonte de Moisés —, ela era uma pequena mesquita com uma cúpula erguida sobre um tanque retangular, ainda alimentado por uma fonte de água fresca.

A tradição de Ain Musa era de fato antiga, como descobri posteriormente. Ela é confirmada pelo cronista árabe medieval Numairi. Numairi era um egípcio e sua crônica, datada do século XIII, ainda sobrevive na Biblioteca Nacional do Egito, no Cairo. Ao mencionar a aproximação de Petra, Numairi escreveu:

No pé da montanha há uma fonte, que dizem jamais secar. As pessoas da região dizem que Moisés, o Profeta de Deus, que descanse em paz, a gerou com sua vara.

Mapa 6: O deserto de Sinai



Se essa fonte fosse de fato a citada no relato do Êxodo — uma fonte surgiu em uma rocha "em Horebe" — ao que tudo indica, a montanha erguida acima dela nada mais era que o próprio Monte Horebe. Do lado de fora do santuário, avistei os altos penhascos de arenito que se erguiam diante de mim. Seria essa, de fato, a Montanha de Deus?

Perguntei a Abdul se existiam quaisquer tradições que associavam a montanha ao Monte Sinai. Infelizmente, ele não conhecia nada a esse respeito. Entretanto, ele me disse que há muito tempo, ela fora considerada um lugar sagrado pelos beduínos da região. Era chamada de Jebel Madhbah — Montanha do Altar — porque havia um antigo santuário em seu pico, que tinha mais de três mil anos de idade. O que me impressionou ainda mais, por tudo o que já sabia, era que nenhum

estudioso bíblico, arqueólogo ou historiador que tentara buscar a Montanha de Deus parecia admitir a relevância do santuário de Ain Musa. Só podia supor que não haviam relacionado o relato do livro dos Números da criação da fonte milagrosa de Moisés, ao mesmo relato no livro do Êxodo.

Abdul se ofereceu para me levar até Jebel Madhbah e me mostrar o santuário no cume da montanha. A única forma de chegar lá era por dentro da Wadi Musa, e o meio mais rápido para subir ao local seria à cavalo ou com um camelo. Abdul tinha diversos cavalos à sua disposição, mas eu só havia cavalgado uma única vez na vida e duvidava que fosse capaz de subir com o animal, e muito menos controlá-lo. No entanto, não foi tão difícil quanto imaginei; o animal parecia saber o que fazer e simplesmente seguiu o cavalo de Abdul e parou ao mesmo tempo que ele.

Assim como para os antigos israelitas, o único caminho para entrar no Vale de Edom pela extremidade sul, evitando a rebocadura íngreme das montanhas, era através do Siq, que se estendia ao leste por quase dois quilômetros de rochas sólidas. Essa rachadura profunda e estreita foi criada há milhões de anos quando alguma sublevação geológica gigantesca literalmente partiu a montanha em duas. No início, esse desfiladeiro longo e espiralado tinha cerca de quatro metros e meio de largura, mas quanto mais caminhávamos por ele, mais estreito ele ficava, até que a luz do sol não mais brilhava por entre as paredes escarpadas dos dois lados. Aparentemente, é por isso que era chamado de "*canal frio*". Finalmente, após cavalgarmos pelo que parecia uma eternidade, e exatamente quando o corredor profundo e escuro parecia fechar-se por completo diante de nós, alcançamos uma das vistas mais espetaculares que já vi. Erguendo-se acima de nós no penhasco à frente havia uma edificação com 40 metros de um monumento gigantesco: duas

fileiras de colunas altíssimas, frontões triangulares colossais, vãos para estátuas e cântaros esculpidos, todos cravados na curvatura da face da rocha. Era, disseram-me, a entrada para uma série de amplas câmaras que adentravam a montanha. Imediatamente, percebi que já tinha visto aquele monumento antes. Fora usado por Steven Spielberg como o repositório perdido do Santo Graal em seu filme Indiana Jones e a Última Cruzada. Hoje chamado de Al Khazneh — o Cofre — sua função original é um mistério, mas acredita-se tratar-se dos restos de uma tumba de dois mil anos de idade.

Por mais antigo que possa ser, o Cofre não estivera ali quando os edomeus ocuparam o Vale nos tempos do Antigo Testamento. Abdul explicou que aquele era um dos muitos monumentos construídos pelos nabateus que se mudaram para o Vale de Edom no século IV a.C. Forçados a ir para o oeste pelo crescente império babilônico, os nabateus surgiram ao redor do Golfo Árabe e foram inicialmente compelidos a levar uma existência nômade no Deserto da Arábia. Alguma coisa, talvez incursões dos babilônios, enfraqueceram os edomeus entre os séculos VI e IV a.C. o que fez com que os nabateus se mudassem para o Vale de Edom e ganhassem o controle do local. No fim do século IV a.C, Alexandre, o Grande estabeleceu a influência dos gregos por todo o leste do Mediterrâneo, e os nabateus logo passaram a controlar as novas rotas de comércio que surgiram nas Montanhas de Shara. Edificado em um cruzamento entre as terras do Mediterrâneo e as terras do Leste Próximo e da Ásia, o reino dos nabateus tornou-se rico e poderoso, e uma grande cidade, a cidade de Petra, desenvolveu-se no coração do vale. Uma das cidades mais importantes do Oriente Médio, Petra permaneceu independente até que foi incorporada pelos romanos, em 106 d.C.

Abdul queria me mostrar todo o Cofre, por isso descemos de nossos cavalos e entramos no local. No interior escuro, passando por uma enorme entrada com uns seis metros de altura, deparei-me com um amplo corredor que dava acesso a salas vazias e frias, bem ao fundo da montanha. Enquanto acompanhava meu guia de uma câmara a outra, ele me contou que os arqueólogos acreditavam que ali havia sido a tumba de um importante rei nabateu que vivera em Petra nos tempos romanos. Quando perguntei o porquê de o lugar se chamar o Cofre, Abdul contou-me uma história fascinante de um tesouro escondido. Ao que parece, no século XII, Cruzadores europeus tinham encontrado jóias e artefatos de ouro puro escondidos em uma caverna da redondeza. Desde então, inúmeros caçadores de tesouros escavaram por todos os arredores do monumento, na esperança de encontrar mais peças.

Quando saíamos do Cofre, dois grupos de turistas ocidentais chegaram no local. Ao ouvir vozes de pessoas falando em inglês, estava prestes a ir até eles para bater papo quando algo muito estranho aconteceu. Uma rajada de vento repentino e violento chicoteou a poeira do chão do vale, fazendo com que os cavalos começassem a relinchar, forçando os turistas a cobrir seus rostos enquanto uma areia quente e seca soprava na direção de meus olhos. Foi então que ouvi o som mais assustador da minha vida. Era um barulho ensurdecador, como uma cacofonia bizarra de trombetas de orações budistas sendo sopradas em uníssono. Incapaz de ver, tentei imaginar o que estaria acontecendo. Alguns segundos depois, o vento se acalmou e o ruído parou. Quando, finalmente, consegui abrir meus olhos, pude ver que os turistas estavam tão assombrados quanto eu. Olhavam ao seu redor em um silêncio perplexo, enquanto dois guias árabes riam enlouquecidos. Atrás de mim, Abdul se juntou a eles.

"*Isso sempre assusta os visitantes,*" ele riu. Explicou que o som estranho era um fenômeno raro, porém natural, criado por um vento forte que às vezes uiva pelo Siq. Os beduínos locais, ele me disse, chamam-no de "*a trombeta de Deus*".

A princípio, ri junto com eles. Os guias obviamente ainda não tinham dito aos turistas, que ainda estavam visivelmente abalados pelo som sobrenatural a causa do barulho. De repente, porém, aquela cena me fez lembrar de algo que tinha, naquela mesma manhã, lido na Bíblia. Estivera relendo os versículos mais relevantes do Antigo Testamento que mencionava a primeira visita dos israelitas na Montanha de Deus. De acordo com Êxodo 9:11-27, enquanto Moisés preparava os israelitas para testemunhar a manifestação de Deus, eles acamparam ao pé da montanha. No terceiro dia, Deus finalmente desceu sobre o Monte Sinai:

Houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. (Ex 19:16)

Uma buzina mui forte! Podia essa ser uma antiga descrição do mesmo som que acabara de ouvir? Se os israelitas acamparam ao pé de Jebel Madhbah, eles podiam muito bem ter montado seu acampamento exatamente sobre o mesmo lugar onde estava naquele instante. A passagem do Êxodo sugeria que uma tempestade violenta estava se formando — e com as tempestades vêm os ventos. (Hoje, essas tempestades são uma raridade na região, embora quando caem, as chuvas podem ser torrenciais.) Se o vento tivesse uivado pelo desfiladeiro como acabara de acontecer, os antigos israelitas podem muito bem ter ficado aterrorizados como os desnorteados turistas. Os israelitas consideraram o som que ouviram como

um sinal de Deus. Os beduínos locais chegaram a chamar o fenômeno de a trombeta de Deus. Uma coincidência, talvez, mas algo, sem dúvida alguma, fascinante!

Enquanto continuávamos nossa viagem pelo vale, olhei para o alto contemplando Jebel Madhbah, toda aquela imensidão que se erguia acima do Cofre. Será que os antigos israelitas, de fato, viram algo espetacular em algum lugar entre aquelas rochas primitivas e desgastadas pelo tempo — uma manifestação tão surpreendente que, para eles, não poderia ter sido outra coisa, senão do próprio Deus?

Além do Cofre, havia um outro desfiladeiro, conhecido como o Siq Externo, flanqueado em suas duas laterais por uma parede de penhascos escarpados. Entretanto, não era nem um pouco estreita quanto o próprio Siq, com cerca de sessenta metros de largura. O caminho nos levou até Wadi Musa, a aproximadamente quinhentos metros ao norte, onde uma planície larga e horizontal se dispunha entre montanhas escabrosas, que se estendiam diante de nós. Na época de Moisés, aquele lugar fora o lar dos edomeus, mas as ruínas que hoje dominam o vale, são os restos da cidade de Petra dos nabateus. São, na verdade, ruínas clássicas, que tiveram suas construções influenciadas pelas arquiteturas gregas e romanas — um anfiteatro, as paredes das casas, prédios administrativos e templos, todos dispostos ao redor de uma série de estradas pavimentadas. Dos dois lados dessas avenidas retas, pilares de pedras, colunatas e estátuas quebradas marcam os caminhos que, há muito tempo, compunham as vias da antiga cidade. Cravados nos penhascos ao redor de Petra existem centenas de tumbas ornadas e dispersas, muitas delas parecidas com o Cofre, embora não tão grandes.

Antes dos nabateus mudarem-se para o vale, a capital dos edomeus ficava nesse local. Pode ter sido menos elaborada, mas era uma cidade sofisticada para a época. Nas escavações de assentamentos dos edomeus foram encontrados cerâmicas decoradas, tábuas de argila com inscrições e muitos outros artefatos de trabalhos manuais de alto padrão, revelando uma população próspera e bem defendida. Embora essa tenha sido uma colonização com casas simples de tijolos de barro, havia um complexo do palácio central de onde os líderes dos edomeus controlavam o reino de seu vale. O mais antigo nível de ocupação foi descoberto como datado de cerca de 1500 a.C, o que mostrou a existência da presença dos edomeus no vale quando os israelitas podem ter chegado ali, por volta de 1360 a.C.

"*Os antigos edomeus tinham uma cultura avançada*", Abdul me disse enquanto descíamos de nossos cavalos com um dos funcionários do anfiteatro de estilo romano olhando-nos da entrada do Siq Externo. "*O santuário no cume de Jebel Madhbah foi construído por eles, e para conseguirem chegar até ele, fizeram isso*". Ele apontou para um lance de degraus desenhado na lateral do penhasco que subia em forma de ziguezague pelo lado da montanha. Abdul estava muito mais em forma do que eu, e depois de termos escalado mais de trinta metros acima do vale, eu estava exausto. Finalmente, chegamos em um platô de pedras, com cerca de sessenta metros de comprimento por trinta metros de largura. Era conhecido como o Terraço dos Obeliscos, Abdul me explicou, por causa de dois enormes monumentos que havia ali. Sobre o terraço, com uma distância de trinta metros entre elas, havia dois obeliscos altos: enormes pilares de rocha sólida, cada um deles com cerca de seis metros de altura.

Após recompor minha respiração e examinar os monumentos, logo percebi que o trabalho necessário para criar aquelas estruturas gigantescas era algo

ainda mais impressionante do que podia imaginar. Elas foram esculpidas a partir do alicerce da montanha. Para dar forma àqueles obeliscos, os construtores tiveram que extrair rochas sólidas de seus arredores, Abdul explicou. Todo o terraço, com 6.000 metros quadrados ao todo, era uma construção artificial — uma realização surpreendente para um povo sem tecnologia moderna. Mais incrível ainda, não fora a civilização dos nabateus que a criara, mas sim os primeiros edomeus. Escavações das pedras encontradas ao redor do platô revelaram restos orgânicos — como por exemplo, ossos de animais — que tinham sido datados por meio de testes de radiocarbono de cerca de 1500 a.C. Notavelmente, portanto, esses monumentos já estariam ali quando os israelitas parecem ter deixado o Egito para vagar pelo Deserto de Sinai, por volta de 1360 a.C.

O local deve ter sido ainda mais impressionante quando foi criado. Arqueólogos encontraram grandes placas quebradas de ardósia trabalhada na mestra do reboco ao redor do platô e concluíram que as pedras, que não eram naturais da região, haviam sido usadas para formar um área pavimentada ao redor dos obeliscos. Após examinar os fragmentos da ardósia em detalhes, os arqueólogos calcularam que haviam sido polidas para criar uma superfície azulada brilhante para a afluência de pessoas onde, ao que parece, cerimônias religiosas aconteciam.

"Esses obeliscos parecem ter sido a entrada processional do santuário que fica ali no pico", disse Abdul, indicando o topo da montanha, que era ligado ao terraço por um sulco estreito com cerca de cento e oitenta metros de comprimento. "Os beduínos ainda consideram esse platô como um solo sagrado; chamam esses monumentos de Al-Serif, que significa 'os pés', porque têm uma tradição de que Deus esteve aqui presente."

Eu esperava encontrar lendas locais que estabelecessem uma conexão entre Jebel Madhbah e o aparecimento bíblico de Deus, e agora tinha uma. Além disso, a topografia da montanha era equivalente às descrições da Montanha de Deus no Antigo Testamento. O nível do rompimento do terreno de Jebel Madhbah — o terraço dos obeliscos abaixo do santuário no pico da montanha — certamente se encaixava com o que sabemos a respeito do primeiro encontro dos israelitas com Deus no Monte Sinai. Após ter criado a fonte milagrosa, e os israelitas montarem seu acampamento no pé da montanha, Moisés preparou seu povo para se encontrar com o próprio Deus:

O Senhor descerá diante dos olhos de todo o povo sobre o monte Sinai... E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. (Ex 19:11, 17)

Está implícito aqui que havia dois níveis para o lugar sagrado onde Deus seria encontrado. Como o "pé" do monte significa um nível "*inferior*," as pessoas estavam em algum lugar abaixo do precinto do topo da montanha santa onde Moisés mais tarde recebeu os Dez Mandamentos — exatamente como teria acontecido se os israelitas tivessem subido em Jebel Madhbah, no lugar do Terraço dos Obeliscos, e olhassem em direção ao cume do monte, a cento e oitenta metros ao norte.

Em uma outra ocasião, os anciãos israelitas foram mais uma vez convidados a subir até a parte inferior da montanha:

Depois (Deus) disse a Moisés: Sobe ao Senhor, tu e Aarão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. E só Moisés se chegará ao Senhor: mas eles não se cheguem; nem o povo suba com ele... E subiram Moisés e Aarão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel: E viram o Deus de Israel: e debaixo de seus pés havia como que uma pavimentação de pedra de safira. (Ex 24:1-10)

Surpreendentemente, essa passagem poderia ser uma descrição exata do Terraço dos Obeliscos. A pedra azul polida que os arqueólogos encontraram pode muito bem ter feito com que o terraço brilhasse com o reflexo da luz do sol "como que uma pavimentação de pedra de safira". Os pés de Deus são inclusive mencionados, estabelecendo uma ligação com a antiga tradição da escritura dos beduínos. A lenda pode muito bem ter surgido de uma antiga associação entre o relato bíblico e o Terraço dos Obeliscos. Por diversas vezes, o Antigo Testamento se refere aos marcos sagrados como os anexos de Deus. Por exemplo, a colina sobre a qual a cidade de Samaria se erguia era chamada de o "*Punho de Deus*", e havia também Penuel, a "*face de Deus*" — um penhasco no vale da Jordânia.

Quando Abdul finalmente me conduziu pela passagem que levava ao santuário no pico da montanha, vi-me diante de uma outra estrutura de antiga engenharia bastante impressionante. Conhecido como o Lugar Superior, aquele era um antigo templo ao ar livre, com mais de novecentos metros acima do nível do mar. Como os obeliscos, a estrutura fora alicerçada nas rochas sólidas do monte e acredita-se ser datada do mesmo período. Uma grande depressão retangular, medindo cerca de quinze por seis metros, fora cortada com perfeição a partir do

arenito a uma profundidade de aproximadamente quinze polegadas, e ao seu redor estavam os restos dos bancos de pedras lapidadas onde os adoradores se sentavam. Próximo ao centro deste pátio, como os arqueólogos se referem a este espaço, havia uma plataforma de pedras, de dois por um metro, erguida ao lado de uma enorme bacia de pedra quase do mesmo tamanho. O altar principal tinha degraus escarpados e era provavelmente de onde os sacerdotes edomeus presidiam seus rituais, enquanto que a bacia, ao que tudo indica, era usada para depositar o sangue dos animais sacrificados.

Se Jebel Madhbah era o Monte Sinai, esse templo ao céu aberto é onde Moisés teria vindo sozinho para receber os Dez Mandamentos:

Então disse o Senhor a Moisés, Sobe a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tabelas (tábuas) de pedra, e a lei, e os mandamentos que tenho escrito para vos ensinar. (Ex 24:12)

Se esse santuário de fato datava do mesmo período do Terraço dos Obeliscos, como os arqueólogos acreditavam, então, seria ali que, no tempo de Moisés, a história teria acontecido. E se o historiador judeu Josephus estivesse certo, o povo da região ao redor do Monte Sinai já o considerava uma montanha santa antes de Moisés ou dos israelitas ali chegarem. Josephus nos diz que, quando Moisés pisou pela primeira vez na montanha, o povo local não permitia a pastagem em suas ladeiras porque os "*homens de opinião diziam que Deus habitava ali*". Se a montanha já era considerada sagrada, imaginamos que já existia ali algum tipo de templo, e o Lugar Superior no pico de Jebel Madhbah, pode muito bem ter sido esse santuário. Os edomeus eram parentes próximos dos israelitas, e portanto sua

religião pode ter sido bastante semelhante. Independentemente de qual divindade os edomeus adoravam em Jebel Madhbah, porém, se este era o Monte Sinai, o santuário pode ter sido o lugar onde acreditava-se que Deus aparecera para Moisés:

E, subindo Moisés ao monte, a nuvem cobriu o monte. E a glória do Senhor repousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; e ao sétimo dia chamou a Moisés do meio da nuvem. E o parecer da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel.
(Ex 24:15-17)

Quando perguntei a Abdul se ele conhecia alguma lenda que dissesse respeito ao santuário, ele me disse algo que podia muito bem explicar o que os israelitas tinham de fato visto. Abdul não conhecia nenhuma lenda específica, mas tinha informações acerca de um fenômeno interessante — uma estranha luz que diziam ter visto no pico de Jebel Madhbah. A última vez que fora relatada foi em 1993. Uma equipe de arqueólogos ingleses estava trabalhando ao redor do santuário, quando foram pegos por um temporal com trovões nada comum. De acordo com o testemunho de mais de uma dúzia de pessoas, os arqueólogos corriam tentando escapar da ameaça de serem atingidos por raios que caíam sobre a montanha, quando viram uma bola de luz vermelha que parecia fogo, que estimaram ter um metro e meio de diâmetro, e que pairava a alguns metros no ar sobre as ruínas do templo. Ficou visível por cerca de cinco minutos, movimentando-se calmamente para frente e para trás antes de desaparecer. Abdul me garantiu que sabia de muitas pessoas que haviam testemunhado o espetáculo, e mais tarde

cheguei a falar com mais de seis residentes idosos de Elji que juravam ter visto a bola.

Esse estranho fenômeno podia muito bem ser descrito "*como um fogo devorador*" — a glória do Senhor que os israelitas dizem ter visto — mas o que seria aquilo? A primeira possibilidade era de que se tratava de algo conhecido como o relâmpago da esfera: bolas de partículas altamente carregadas criadas pela atmosfera eletrificada de um temporal com raios. O relâmpago da esfera acontece com maior frequência em lugares elevados, como por exemplo picos de montanhas, topos de arranha-céus e ao redor de mastros de rádios. No entanto, a cor, tamanho e longevidade do espetáculo não pareciam se encaixar na descrição do relâmpago da esfera. Esse relâmpago tem coloração azulada, não sendo maior que uma bola de futebol, e somente permanece visível por alguns segundos. As testemunhas do fenômeno de Jebel Madhbah descreveram-no como tendo uma cor vermelha ou amarela, muito maior de tamanho e visível por cerca de cinco minutos. Há, no entanto, um outro fenômeno natural que parecia mais coerente com o que fora relatado — uma rara anomalia eletromagnética conhecida como geoplasma.

O plasma é um gás eletricamente carregado que tem propriedades peculiares. Em um gás comum, cada átomo contém um número igual de cargas positivas e negativas, e as cargas positivas no núcleo são cercadas por um número igual de elétrons negativamente carregados. Se uma fonte de energia externa faz com que os átomos de um gás liberem elétrons, os átomos são deixados com uma carga positiva e dizem que o gás fica ionizado. Quando átomos suficientes são ionizados, o gás incendeia-se com uma "*chama fria*" que carrega uma forte carga estática. Isso é conhecido como plasma. Por ser tão leve quanto o ar ao seu redor, o plasma pode pairar ou ficar pendurado no ar como uma esfera ou uma coluna de

gás luminoso, que pode se movimentar ou ficar parada, dependendo das condições, e pode continuar nesse estado por vários minutos. Acredita-se que o geoplasma é um fenômeno causado por geodinâmica — em linguagem simplificada, certos tipos de rocha ao serem esfregadas uma contra a outra por meio de uma atividade sísmica para ionizar o ar acima delas.

Por causa da raridade e irregularidade do geoplasma, pesquisas científicas a seu respeito só foram conduzidas de forma adequada nas últimas duas décadas. Em 1981, Brian Brady, o então ministro de Minas e Energia dos Estados Unidos, foi o primeiro a produzir o que parecia ser geoplasma miniatura em um laboratório. Quando o centro de um granito cornalina era comprimido em condições escuras, pequenas faíscas de luzes vermelhas e amarelas eram vistas esvoaçando-se ao redor da câmara do moedor das rochas.

Estranhas luzes, como essas descritas em Jebel Madhbah, foram relatadas em vários locais em todo o mundo, geralmente em regiões com tendências a terremotos e tremores, e em áreas com tipos específicos de rochas que contêm grandes quantidades de óxido de ferro e quartzo, como por exemplo, o arenito e o granito cornalina. Embora terremotos sejam algo raro ao redor de Jebel Madhbah, a montanha apresenta pequenos tremores, e o pico é composto de arenito. Quando mais tarde li relatórios dessas anomalias e a pesquisa acerca do geoplasma, não pude deixar de imaginar se esses fenômenos eram a causa de Jebel Madhbah ter sido considerada sagrada. Se os antigos edomeus tinham testemunhado esse fenômeno, eles, sem dúvida, os teriam considerado sobrenaturais em sua origem. Esse pode ter sido o motivo, se Josephus estivesse se referindo à mesma montanha, de os homens acreditarem que era ali que Deus habitava. Isso poderia

perfeitamente explicar por que o santuário e o Terraço dos Obeliscos foram construídos.

Nos anos 90, alguns geólogos propuseram que fatores além do tipo de rocha e da atividade sísmica eram necessários para produzir o geoplasma em um ambiente natural. O geólogo norueguês Erling Strang considerava que variações locais no campo magnético da Terra eram um fator contribuinte, e John Derr, do Instituto Geológico Americano, sugeriu que a água era um elemento essencial na produção de geoplasma na paisagem. O calor produzido por movimento tectônico, ele afirmou, cria um revestimento de vapor que cobre as margens de uma fenda geológica e serve para isolar o desenvolvimento de uma carga eletromagnética.

A maior parte dos fenômenos geoplasmáticos são de fato relatados durante ou após chuvas fortes. O evento testemunhado pelos arqueólogos em Jebel Madhbah em 1993 é um desses casos. Chuvas fortes também acompanharam a aparição da "*glória do Senhor*", conforme testemunhado pelos antigos israelitas. Êxodo 19:16 nos conta que havia "*trovões e relâmpagos, e uma nuvem espessa sobre o monte.*" Na verdade, a comparação do Êxodo da "*glória do Senhor*" com o "*fogo devorador*" é uma excelente descrição de um fenômeno geoplasmático.

Eu estava agora convencido de que Jebel Madhbah era a Montanha de Deus citada na Bíblia. As passagens do Antigo Testamento indicavam que a montanha ficava na terra de Edom, especificamente na fronteira do reino de Edom onde Moisés criou a fonte milagrosa. Os beduínos locais há muito tempo acreditavam que o santuário próximo à entrada para o Siq, ao pé de Jebel Madhbah, era o local da fonte milagrosa. Os dois níveis da montanha se encaixavam com a descrição física do Monte Sinai, e aquele era considerado um lugar sagrado quando os israelitas chegaram. Havia ainda dois estranhos fenômenos naturais que podiam

explicar as descrições no relato do Antigo Testamento da aparição de Deus no monte santo — em outras palavras, o bizarro som de trombetas no Siq e as peculiares luzes relatadas no cume da montanha. Se essa era, de fato, a verdadeira Montanha de Deus, era aqui que diziam que o profeta Jeremias havia escondido a Arca. Mas Jebel Madhbah era uma montanha enorme. Seria eu capaz de encontrar a caverna que o livro de Macabeus dizia ser o lugar onde Jeremias escondera a Arca? Precisava, antes, resolver um dilema crucial. Por que os antigos israelitas consideravam a montanha dos edomeus como o lugar da habitação de seu próprio Deus?

9. A Caverna Esquecida

A localização e a topografia de Jebel Madhbah certamente pareciam se encaixar com a Montanha de Deus da Bíblia. Além do mais, havia fenômenos naturais raros no local que podiam muito bem explicar os eventos milagrosos que cercavam a aparição de Deus na montanha sagrada. No entanto, se Jebel Madhbah era, realmente, o Monte Sinai, então, os lugares sagrados que Moisés associou a Deus já estavam sendo usados pelos edomeus. Isso me deixava com duas questões importantes. A Bíblia parecia retratar os edomeus como um povo hostil que praticava uma idolatria pagã. Como os israelitas conseguiram ganhar acesso a Jebel Madhbah e, ainda mais importante, por que eles queriam isso? Por que acreditariam que um espaço religioso dos edomeus era um lugar onde seu próprio Deus habitava? Para solucionar esse dilema, precisava, antes de mais nada, examinar a série de eventos que levou os israelitas até a Montanha de Deus.

De acordo com o livro dos Números, quando os israelitas chegaram em Cades, no lugar que parece ter sido a entrada do Siq na extremidade sudoeste do Vale de Edom, Moisés criou a fonte milagrosa em Horebe, a Montanha de Deus. Ele, então, enviou uma mensagem para o rei dos edomeus pedindo permissão para entrar em suas terras. Entretanto, o rei recusou seu pedido: "*Assim recusou (o rei de) Edom deixar passar a Israel (os israelitas) pelo seu termo: por isso Israel se desviou dele*" (Nm 20:21). Deste versículo, parece que os dois povos não estabeleceram nenhum acordo e os israelitas tiveram que voltar. De meu próprio passeio até Jebel Madhbah, sabia que o único caminho para subir na montanha era por dentro de Wadi Musa. Os israelitas precisariam ter encontrado uma rota alternativa para entrar no vale — o que parece ser, exatamente, o que eles fizeram. No versículo seguinte, os israelitas se dirigem para um lugar diferente: "*E os filhos*

de Israel, toda a congregação, viajaram de Cades e chegaram ao monte Hor" (Nm 20:22). Mais adiante em Números, em um resumo do mesmo episódio, lemos que o Monte Hor estava localizado em uma outra parte das fronteiras de Edom: "E partiram de Cades, e acamparam-se no monte Hor, no fim da terra de Edom" (Nm 33:37).

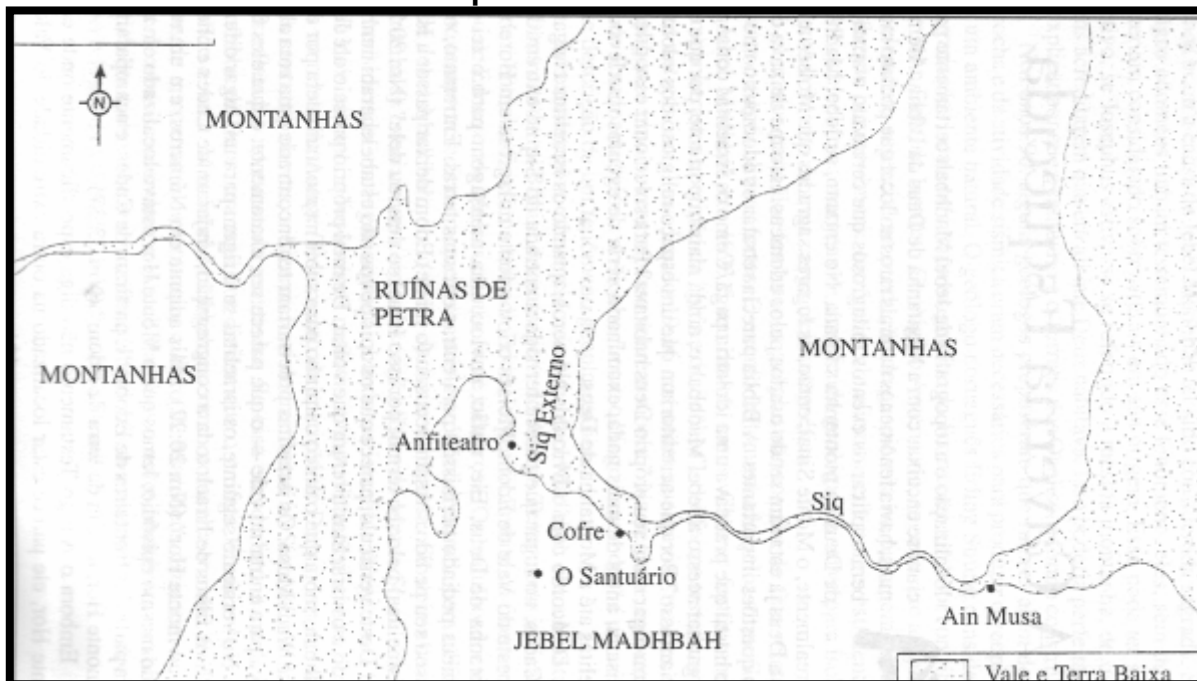
Embora o Antigo Testamento não diga especificamente onde era o Monte Hor, ele parece estar localizado na outra extremidade do Vale de Edom. Também de acordo com os Números, logo após os israelitas chegarem ao Monte Hor, o irmão de Moisés, Aarão, morreu na montanha e dizem que foi enterrado ali (Nm 20:25-29). O historiador judeu Josephus, não tinha dúvidas de que a montanha na qual o profeta Aarão morreu era uma montanha que proporcionava uma vista panorâmica do lugar que, em seu tempo, era a cidade de Petra:

E quando ele chegou em um lugar que os árabes estimam como sua metrópole, que era antes chamada de Acre, mas hoje tem o nome de Petra, neste lugar, que era rodeado de montanhas altas, Aarão subiu em uma delas ficando à visão de todo o exército, Moisés tendo lhe avisado de sua morte... e morreu enquanto a multidão olhava para ele. (Antiguidades 1981)

Os beduínos do sul da Jordânia há muito tempo consideram essa montanha como Jebel Haroun — a Montanha de Aarão — que fica na extremidade noroeste de Wadi Musa. Assim como Ain Musa, a Fonte de Moisés no pé de Jebel Madhbah, os árabes locais marcam o referido local da tumba de Aarão com um santuário. Logo abaixo do cume, sobre um penhasco abrupto, está erguida uma pequena mesquita camuflada sobre uma caverna onde dizem que Aarão foi

enterrado. É uma construção simples com uma cúpula e uma inscrição em arábico em cima da porta, que diz que o templo foi erguido pelo Sultão do Egito há quase oitocentos anos.

Mapa 7: O vale de Edom



Se Jebel Haroun era o Monte Hor, parece então, que os israelitas, após não terem conseguido acesso para o Vale de Edom pelo sul, viajaram ao redor da montanha até a outra extremidade do vale e atravessaram as montanhas ao noroeste. Embora o Antigo Testamento não nos ofereça detalhes dos eventos, parece que os israelitas, de alguma forma, conseguiram derrotar os edomeus — talvez por meio de um ataque surpresa — e ocuparam o Vale de Edom. Em Números, Deus promete que os israelitas irão superar os edomeus: "*E Edom será uma possessão, e Seir, seus inimigos, também será uma possessão; pois Israel fará proezas*" (Nm 24:18).

Se o Monte Seir era o nome dado pelos edomeus ao Monte Sinai, como parece ter sido, podemos deduzir que os israelitas não tiveram dificuldades para

dominar o monte santo junto com tudo o mais que pertencia ao reino. O Êxodo também relata como os israelitas superaram os edomeus e ocuparam sua terra:

Então os príncipes de Edom se pasmaram... Espanto e pavor caiu sobre eles... até que o teu povo (os israelitas) houvesse passado (por Edom)... Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da tua herança, no lugar que tu, ó Senhor, aparelhaste para a tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as tuas mios estabeleceram. (Ex 15:13-17)

Na verdade, essa passagem não apenas confirma que acreditavam que os israelitas tinham conquistado o Vale de Edom; ela também nos dá o motivo da invasão — para que pudessem ocupar uma montanha que é, sem dúvida, a Montanha de Deus. Uma montanha que Deus criou para ele próprio habitar! Que outro lugar seria esse, se não o Monte Sinai? Curiosamente, a passagem chega inclusive a mencionar "o santuário" na montanha. Santuário, é a palavra especificamente usada no Antigo Testamento para dois outros lugares: o sacrário interno do tabernáculo e o Sagrado dos Sagrados no Templo de Jerusalém — ambos os santuários nos quais acreditavam que Deus habitava. Se Jebel Madhbah era o Monte Sinai, então, esse Santuário deve certamente ter sido o santuário dos edomeus no pico da montanha.

Tudo indicava, então, que os israelitas tiveram que conquistar Edom para que pudessem adquirir a Montanha de Deus. Eles, obviamente, não estavam em uma posição segura o suficiente para permanecer no controle da região por muito tempo, porque logo partiram do vale e continuaram sua viagem pelo Deserto de

Sinai. No entanto, ainda restava um mistério. Por que, Moisés, ou os antigos israelitas, teriam considerado um lugar religioso dos edomeus como o lar de seu próprio Deus? A resposta parecia ser pelo fato de que as duas religiões compartilhavam de uma origem comum. Na verdade, eles podem, inclusive, ter venerado o mesmo Deus.

Como sabemos, testes de DNA recentes de restos esqueléticos antigos mostraram que os edomeus e os israelitas estavam intimamente relacionados. Até mesmo o Antigo Testamento admite que os dois povos eram descendentes de ancestrais comuns. Embora a Bíblia mostre os edomeus como adoradores pagãos, evidências históricas desafiam com seriedade essas alegações. Pouco se sabe a respeito dos detalhes da religião dos edomeus, porque nenhum registro desse povo existe, mas sim antigos relatos dos gregos que mencionam os edomeus no período em que seu vale estava sendo incorporado pelos nabateus no século IV a.C. A partir desses documentos, ficamos sabendo que os edomeus tinham apenas um deus, que eles chamavam de Dhu-esh-Shera — que quer dizer "*Senhor do (Monte) Seir*". Esse título mostra que, como os israelitas, os edomeus eram monoteístas e que ainda veneravam o mesmo deus como faziam há muitos séculos. Além disso, o uso de um título para sua divindade, ao invés de um nome, torna-os ainda mais íntimos dos israelitas. Na realidade, muitos dos costumes dos edomeus foram especialmente compartilhados com os judeus contemporâneos. Eram proibidos de consumir sangue (o que significa que as carcaças dos animais tinham de ser preparadas por meio dos rituais de retirada de sangue); não tinham permissão para possuir escravos; e não podiam trabalhar por um dia inteiro durante a semana. Dentre todas as outras culturas do Oriente Médio da época, somente os judeus

preparavam comidas kosher (seguindo os preceitos religiosos judaicos), abominavam a escravidão e cumpriam os costumes do Sabá.

A partir de uma perspectiva histórica, a religião dos edomeus era muito mais semelhante à religião dos israelitas do que os autores do Antigo Testamento admitem. Também não há evidências arqueológicas que comprovem que os edomeus eram idólatras, como a Bíblia afirma. Muitas terras dos edomeus foram escavadas ao longo dos anos, mas nenhuma estátua ou esfinge de um deus jamais foi encontrada. A descrição do Antigo Testamento de os edomeus como um povo ateu, estava obviamente errada e é provável que tenha se originado da animosidade entre os edomeus e os judeus na época em que o Antigo Testamento foi escrito, principalmente pelo fato de os edomeus terem se recusado a ajudar os judeus quando os babilônios invadiram seu espaço no século VI. A inimizade resultante pode ser vista com clareza nas diversas denúncias contra os edomeus nos livros do Antigo Testamento a respeito do período babilônico e podem ter prejudicado a imagem dos edomeus nos tempos mais antigos. Ficava claro, portanto, que não havia razão alguma para que os antigos israelitas não considerassem um lugar dominado pelos edomeus como um espaço sagrado de seu próprio Deus. De todas as formas e para todos os fins, a religião dos edomeus e dos israelitas era a mesma. Eu estava agora ainda mais convencido de que Jebel Madhbah era a Montanha de Deus. Se estivesse certo, a Arca da Aliança poderia ter sido escondida ali, em algum lugar dentro de uma caverna secreta. O único problema era: onde? A montanha media mais de trezentos quilômetros quadrados em sua base e tinha mais de novecentos metros de altura. Para darmos uma volta completa ao redor de sua base era preciso uma viagem de quase vinte e quatro quilômetros. Seria necessária uma equipe gigantesca de arqueólogos, geólogos e alpinistas experientes trabalhando

por meses para vasculharmos toda a montanha. Mesmo que tivesse todos os recursos para organizar uma expedição dessas proporções, as chances de encontrarmos algo pareciam, no mínimo, remotas, porque o relato dos Macabeus havia dito que Jeremias selara a entrada da caverna. Se a caverna tinha conseguido permanecer intocada, podemos imaginar que uma rocha ou outras pedras bloqueavam sua entrada. Durante minha jornada pelo Siq e pelo Siq Externo, a apenas alguns quilômetros ao redor da base da montanha, eu vira dezenas de pilhas de rochas apoiadas contra a lateral dos penhascos, sendo que cada uma delas poderia estar escondendo entradas de cavernas. Para remover os entulhos de apenas uma dessas barragens seria preciso horas de trabalho, mesmo com o uso de pesadas engrenagens de elevação, visto que a maioria das montanhas estaria totalmente inacessível a esses equipamentos. Na verdade, quanto mais pensava no assunto, via as chances se reduzindo a nada. Os nabateus passaram anos esculpindo e trabalhando nos penhascos de Jebel Madhbah, entrando em lugares bastante profundos das rochas para construir suas tumbas. Se a Arca da Aliança estivesse escondida em uma caverna em Jebel Madhbah, esses antigos construtores de tumbas podem muito bem tê-la encontrado há muito tempo.

No entanto, enquanto contemplava as probabilidades de os tesouros do Templo já terem sido encontrados foi que eu, de repente, me lembrei do que Abdul havia me dito sobre o Cofre. Eu não havia dado muita importância naquele momento, mas Abdul me dissera que os Cruzadores haviam encontrado um tesouro em uma caverna nos arredores do monumento. Obviamente, entre o tesouro havia artefatos de ouro. Não pensei, por um só instante, que esses artefatos pudessem incluir a Arca mas, sem nada mais que me fizesse dar continuidade, decidi fazer mais perguntas a ele sobre isso.

Infelizmente, Abdul sabia muito pouco além do que já havia me dito, mas ele me apresentou um historiador australiano que estava hospedado em um dos hotéis locais. Jonathan Warren — conhecido por Jack — estava trabalhando em uma tese de doutorado acerca da história de Petra e sabia tudo a respeito da descoberta dos Cruzadores. Quando me encontrei com ele em seu hotel, vi que poderia ter algumas respostas. Ele me contou que não existia nenhum registro contemporâneo da suposta descoberta dos Cruzadores, mas a mais antiga referência histórica do fato era datada do início de 1800. Aparentemente, a história havia sido contada para o explorador suíço Johannes Burckhardt, que foi o primeiro ocidental a visitar as ruínas da cidade de Petra depois que os Cruzadores abandonaram seus fortes, em 1189. A cidade de Petra havia decaído sob o Império Romano, e quando os árabes da região foram convertidos ao Islã no século VII, todo o vale fora abandonado. Os Cruzadores (soldados cristãos da Europa) ocuparam o vale por algum tempo e construíram uma série de fortes, mas desde então, a antiga cidade foi esquecida pelos europeus até que foi redescoberta por Burckhardt, totalmente por acidente, em 1812.

O desígnio original de Burckhardt era o de descobrir a fonte do Rio Nilo, algo que ainda não havia sido feito por nenhum ocidental. Na realidade, nenhum europeu havia sequer tentado realizar uma expedição daquelas, pelo fato de existir grande animosidade entre os muçulmanos e os cristãos desde a época das Cruzadas, daquelas guerras medievais travadas entre os europeus cristãos e os árabes muçulmanos pelo controle do Oriente Médio. Um europeu viajar pelo norte da África no início do século XIX era considerado um ato suicida. Para se preparar para sua expedição sem acompanhantes, portanto, Burckhardt passou três anos aprendendo a falar o idioma arábico e estudando o Islã a fim de conseguir se passar

por um comerciante muçulmano. Com o término de seus estudos, e passando a usar um nome árabe, ele pegou um barco até a Turquia, onde começou sua árdua jornada ao sul pela costa do Mar Mediterrâneo, mantendo um diário secreto durante a viagem. Em 1812, Burckhardt estava viajando pelo Deserto de Negev com uma caravana que ia para o Cairo, quando começou a ouvir histórias a respeito das ruínas de uma magnífica cidade escondida em algum lugar nas Montanhas de Shara. Sua curiosidade foi despertada e ele conseguiu uma desculpa para fazer um desvio em sua viagem, e em agosto daquele ano, tornou-se o primeiro ocidental, por mais de meio milênio, a entrar no Vale de Edom e ver as ruínas de Petra.

Acompanhado por um guia beduíno, Burckhardt cavalgou pelo Siq e entrou no Wadi Musa, onde se deparou com o extraordinário monumento do Cofre. Em seu diário, escreveu que seu guia lhe contou a respeito da lenda do tesouro supostamente encontrado pelos Cruzadores europeus pouco antes de serem forçados pelos árabes a deixar a região. Ele não afirmou especificamente onde o tesouro havia sido encontrado, mas disse o que, supostamente, fora descoberto.

"Se me lembro bem, os tesouros incluíam jóias e um baú de ouro", Jack me disse após ter terminado seu relato da jornada de Burckhardt. Meus ouvidos logo se voltaram para menção do baú de ouro. A Arca da Aliança poderia ser descrita como um baú de ouro. Jack pôde notar que eu parecia mais que interessado no artefato.

"Eu não levaria essa história tão a sério", ele disse. "*Ela foi provavelmente inventada pelos Cruzadores. O nome completo do monumento árabe é Khaznat al-Faroum, que quer dizer 'o Cofre do Faraó'. Um mito dos beduínos diz que o faraó do Êxodo perseguiu os israelitas ali na época em que Moisés criou a fonte Ain Musa, por alguma razão trouxe seu tesouro consigo, e por alguma outra razão, igualmente*

desconhecida, deixou-o ali naquele monumento. Uma outra lenda diz que os israelitas emboscaram o faraó no Siq e roubaram seu tesouro; eles o esconderam aqui." Jack disse que sua opinião era que a história do tesouro do faraó foi inventada pelos Cruzadores cristãos e não pelos muçulmanos locais. "Os Cruzadores estavam obcecados para encontrar as relíquias bíblicas", ele disse. Na realidade, Jack duvidava que houvesse alguma verdade na história dos Cruzadores de terem encontrado o tesouro. "Eles possivelmente roubaram algumas jóias e outras bugigangas de ouro durante suas investidas e inventaram a história de que as descobriram no Wadi Musa — em um lugar que era associado a Moisés e ao Antigo Testamento. Supostas relíquias bíblicas eram capazes de fazê-los ganhar uma boa fortuna quando voltassem para casa."

Pelo que eu podia perceber, Jack não fazia a menor idéia de que Jebel Musa podia ter sido a Montanha de Deus; ele considerava a história da fonte Ain Musa como apenas um dos muitos contos milagrosos que relacionam Moisés a lugares por todo o Deserto de Sinai. Pelo que eu sabia, porém, a história era mais convincente. Há muito tempo aprendi a contemplar a importância de mitos e lendas associadas aos locais antigos e estava preparado para descobrir o centro da verdade na história do tesouro do faraó. De acordo com a Bíblia, o ouro usado para construir a Arca e os outros recipientes sagrados que Moisés instruíra os israelitas a fazer havia sido "empreitado" dos egípcios antes de deixarem o Egito.

Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés; e pediram aos egípcios jóias de prata, e jóias de ouro, e roupas. E o Senhor deu ao povo graça aos olhos dos egípcios,

e estes lhe davam o que pediam. E despojaram aos egípcios.

(Ex 12:35-36)

Muito tempo antes, porém, o faraó decidiu ir atrás deles:

Sendo, pois, anunciado ao rei do Egito que o povo fugia: e mudou-se o coração do Faraó e dos seus servos contra o povo, e disseram, Por que fizemos isso, havendo deixado ir a Israel, para que não nos sirva? E aprontou o seu carro, e tomou consigo o seu povo. (Ex 14:5-6)

Será que a lenda do tesouro do faraó surgira por causa de alguma confusão a respeito de uma história que se referia aos recipientes do Templo que haviam sido construídos originalmente séculos antes do ouro do faraó?

O próprio Cofre certamente não foi construído pelo faraó egípcio, pelos israelitas, ou por quem quer fosse, antes do século XIV a.C. Não era preciso uma escavação arqueológica para mostrar que o monumento datava de tempos muito mais adiantes. Sua arquitetura fora obviamente influenciada pelos gregos e romanos que não existiram até muito tempo depois de mil anos após o Êxodo parecer ter ocorrido.

Contudo, era possível que o Cofre tivesse sido construído no local de uma estrutura ainda mais antiga. Talvez os edomeus tivessem construído um santuário na lateral do penhasco, do outro lado do Siq quando ergueram o Terraço dos Obeliscos e o santuário no pico de Jebel Madhbah. Eles certamente devem ter considerado o estranho efeito acústico do vento no desfiladeiro como sendo uma

manifestação sagrada. Se isso de fato aconteceu, o lugar onde o barulho era criado — ou seja, a área ao redor do que hoje é conhecido como o Cofre — teria sido considerada santa. O livro dos Números do Antigo Testamento se refere ao que parece ter sido o Siq como Cades, que em hebraico quer dizer um "*lugar sagrado*". E quando Moisés chegou pela primeira vez na Montanha de Deus, durante o episódio do arbusto em chamas, ficou sabendo que o lugar já era santo. Moisés ouviu uma voz que lhe diz: "*Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa*" (Ex 3:5).

Assim como os edomeus criaram os impressionantes santuários religiosos nas rochas brutas do cume de Jebel Madhbah, parecia bastante razoável que também tivessem criado um templo de pedras onde o Cofre hoje existe. Contudo, mesmo que houvesse um antigo santuário dos edomeus na extremidade do Siq, os antigos israelitas provavelmente não conseguiram manter suas relíquias sagradas naquele lugar por muito tempo.

De acordo com a Bíblia, os recipientes acompanharam os israelitas durante suas viagens no Deserto de Sinai. Jeremias, porém, pode muito bem ter considerado aquele lugar como sendo um esconderijo ideal se desejasse esconder algumas dessas relíquias sagradas em Jebel Madhbah para salvá-las dos babilônios. Será que existia qualquer prova de uma antiga estrutura no lugar?

Jack se ofereceu para me acompanhar até o Cofre e me dizer o que os arqueólogos haviam descoberto a respeito do monumento. Abdul havia me dito que acreditava-se que o Cofre era uma tumba, mas Jack duvidava que o lugar fora, algum dia, usado como um túmulo. Não fora encontrado ali nenhuma inscrição dos nabateus, dos gregos ou dos romanos, comuns nas diversas outras tumbas no Wadi

Musa. Tampouco havia evidências no local de sarcófagos ou de nichos próprios para o enterro de cadáveres.

"Uma coisa é certa", ele me disse, enquanto olhávamos em direção à fachada decorativa da estrutura que é tão grande quanto a do Taj Mahal. "O Cofre foi construído para impressionar. Esse é o primeiro monumento que os visitantes vêem quando entram no vale."

Do lado de dentro, porém, o Cofre era um tanto desapontador. Embora haja um enorme corredor de entrada que deve ter levado anos para ser aberto nas rochas sólidas, o lugar era um cúbico vazio, frio e simples, sem nenhum tipo de ornamento. Três câmaras menores surgiam do lado de dentro, mas eram, também, igualmente simples.

"Parecem ter sido construídas para fins religiosos e não práticos", disse Jack quando parou e pegou um punhado de pedras do chão em frente à entrada. "Esses são restos de uma inundação. Toneladas desses materiais foram jogadas desfiladeiro abaixo durante tempestades torrenciais com o passar dos séculos." Jack explicou que uma escavação organizada pelo Ministério de Antiguidades da Jordânia na década de 1980 mostrou que o chão do vale, na época em que o Cofre foi construído, há cerca de dois mil anos, era muito mais baixo do que hoje. "A entrada do monumento ficava três metros acima da lateral do penhasco, mas não havia evidências de nenhum degrau usado para subir. O lugar não poderia ter sido criado para ser usado com finalidades práticas porque a entrada exigiria uma escada. Um prédio usado para cobrança de impostos ou outro fim administrativo, como algumas pessoas sugerem, parece estar fora de cogitação. Como também não parece ter sido usado como uma tumba, algum outro propósito religioso para o Cofre parece ser a opção mais plausível."

Jack continuou me explicando como os escavadores conseguiram penetrar nos restos deixados pelas inundações em frente ao Cofre, até que conseguiram chegar ao nível onde o chão do vale ficava no tempo em que os mais antigos edomeus ocuparam a região, que eles determinaram por meio de testes de radiocarbono que dataram ossos de animais encontrados no meio das pedras. Nessa camada, os arqueólogos acharam provas de uma camada na rocha a uma profundidade ainda maior de cerca de seis metros, diretamente abaixo da entrada do Cofre. Era uma passagem, com aproximadamente um metro e vinte de largura e um metro e meio de altura, que levava a uma câmara plana que media quase três metros quadrados com dois metros de altura.

"Essa pode ter sido uma tumba dos edomeus, porque a entrada estava parcialmente fechada com rochas colocadas de forma proposital", disse Jack. "No entanto, parecia que o lugar fora roubado há muitos séculos, porque não havia nada em seu interior."

"Você acha que poderia ser a caverna do tesouro encontrada pelos Cruzadores?" eu perguntei.

"Eles poderiam ter escavado o local por algum motivo, mas, como disse, acredito que tenham inventado toda essa história."

Eu tinha de descobrir mais sobre os Cruzadores que haviam ocupado a área, antes de chegar a qualquer conclusão a respeito daquela história. Mesmo que os Cruzadores tivessem encontrado tesouros ali, seriam eles os vasos do Templo escondidos por Jeremias? Será que essa era a caverna mencionada no livro de Macabeus?

Não fiquei surpreso ao saber que havia uma construção dos edomeus do lado oposto do Siq; ela se encaixava em minha teoria com relação às associações

sagradas do lugar. Jack disse que achavam se tratar de uma tumba, mas poderia muito bem ter sido um santuário. Se isso fosse verdade, Jeremias então pode ter considerado aquele um lugar adequado para esconder os tesouros do Templo. Havia uma série de possibilidades. Como sua religião parecia ter sido muito semelhante ao Judaísmo, podem ter existido edomeus simpatizantes com o empenho dos judeus que tomaram posse da Arca e a guardaram nessa caverna. Um outra alternativa, a caverna podia ter sido há muito tempo coberta por entulhos no início do século VI, e sua existência poderia ter sido esquecida por todos, menos por Jeremias e alguns poucos sacerdotes importantes. Sendo assim, Jeremias pode ter voltado ao local e escondido os tesouros, de forma secreta, conforme afirma o livro de Macabeus. Entretanto, tudo isso não passava de especulações. Precisava voltar a Jerusalém e consultar o banco de dados da Biblioteca Nacional de Israel para ver se conseguiria descobrir mais coisas a respeito do suposto tesouro dos Cruzadores.

Quando voltei à biblioteca, descobri que o próprio Johannes Burckhardt descreveu a descoberta dos Cruzadores como incluindo "*tesouros de ouro puro, pedras preciosas e um baú dourado*". O baú poderia ser a Arca da Aliança, e as pedras preciosas poderiam ser as Pedras de Fogo que diziam sempre ser mantidas dentro dela. Da mesma forma, poderiam ser nada mais que qualquer baú e quaisquer outras jóias roubadas. Infelizmente, Jack estava certo a respeito de não haver antigas referências acerca da lenda, e portanto, não havia como saber o que os Cruzadores de fato encontraram, se é que haviam encontrado alguma coisa. No entanto, consegui descobrir quem eram os tais Cruzadores que tinham estado no Vale de Eidom durante o período em questão.

No fim do primeiro milênio d.C, todo o Oriente Médio vivia sob a influência dos muçulmanos. Como essa região incluía as terras da Bíblia, ou a Terra Santa,

como os cristãos a chamavam, os europeus sentiam que era sua obrigação conquistar a área e trazê-la para o domínio cristão. As guerras que se seguiram foram conhecidas como as Cruzadas e os guerreiros que lutaram a favor dos cristãos eram os Cruzadores. No século XII, os Cruzadores de países europeus como a França, Alemanha e Inglaterra, conquistaram Jerusalém e estabeleceram um reino cristão no lugar hoje chamado de Israel. Com o intuito de proteger os interesses dos cristãos na região, várias milícias religiosas foram formadas, e uma delas, os Cavaleiros Templários — ou apenas, Templários — ocuparam por algum tempo as ruínas da cidade de Petra por volta de 1180 para proteger as importantes rotas de comércio que passavam pelas Montanhas de Shara. Como esses Templários tinham sido os únicos Cruzadores a ocupar o Vale de Edom, deve ter sido esse grupo o responsável pela descoberta.

Naquela época, seu comandante era um cavaleiro inglês chamado Ralph de Sudeley, e por isso, provavelmente, os registros históricos a respeito de sua vida pudessem revelar outros dados com relação ao suposto tesouro. Não havia mais nada a respeito dele no banco de dados da Biblioteca Nacional, por isso, tudo parecia indicar que esses registros só poderiam ser encontrados na Inglaterra. Como esse era o lugar onde, por acaso, eu morava, e precisava retornar para resolver outros negócios, decidi que continuaria pesquisando com base na pista de Sudeley assim que voltasse para casa. Eu, sinceramente, não esperava chegar em lugar algum. Entretanto, estava prestes a viver uma grande surpresa.

10. Na Trilha do Tesouro

A história contada a Johannes Burckhardt dava a entender que certos Cruzadores haviam encontrado um baú dourado, pedras preciosas e outros artefatos de ouro em uma caverna próxima ao monumento do Cofre quando o Vale de Edom estava sendo abandonado pelos cristãos, por volta de 1180. Se houvesse qualquer verdade na história, o homem no comando dos Cavaleiros Templários que ocupou o vale na época, Ralph de Sudeley, pode ter sido a pessoa responsável pela descoberta. Mesmo que não estivesse pessoalmente envolvido na descoberta, ele certamente teria lucrado com ela. Eu precisava descobrir mais a respeito de Sudeley e os Templários sob seu comando.

Quando a ordem dos Cavaleiros Templários foi fundada na França no início de 1100, seus membros eram os monges cistercienses franceses que juraram lutar pelo cristianismo na Terra Santa. Num prazo de cinquenta anos, porém, homens vindos de outros países europeus, como a Alemanha e a Inglaterra, filiaram-se à ordem, e muitos deles não eram nada parecidos com monges. A maioria era de soldados profissionais ou apenas aventureiros cujos motivos eram uma combinação de glória e cobiça. (Roubos de peças valiosas deveriam acontecer contra a população dos muçulmanos do Oriente Médio.) Embora a ordem dos Cavaleiros Templários ainda se considerasse um exército de guerreiros sagrados, por volta de 1180 eles formavam na verdade uma antiga versão da Legião Estrangeira: uma milícia internacional sob o controle francês que era composto por muitos mercenários. Um desses mercenários era Ralph de Sudeley. Proveniente de uma família inglesa relativamente rica, mas como um filho mais jovem, ele não teria direito a receber a herança do patrimônio de seu pai. Como muitos antes e depois

dele, decidiu ser um soldado, e em 1182 se juntou às forças militares de Jerusalém dos Cavaleiros Templários.

Na época, Jerusalém e as regiões adjacentes foram, por décadas, ocupadas por um exército de cristãos franceses e alemães, mas a região toda sofria constantes ameaças dos muçulmanos sarracenos do lugar hoje conhecido por Síria. De Sudeley não ficou em Jerusalém por muito tempo, porque foi enviado ao sul onde os Cruzadores haviam construído uma série de fortes para proteger as rotas de comércio que passavam pelas Montanhas de Shara. Um deles ficava em Jebel Habis, uma plataforma rochosa que dava visão geral da cidade em ruínas de Petra, e foi para lá que Ralph de Sudeley foi enviado para comandar uma pequena unidade dos Templários que controlava o Vale de Edom. Mas sua permanência foi curta. Em 1187, o líder sarraceno Saladin conquistou Jerusalém e, dois anos mais tarde, forçou os Cruzadores a abandonar as Montanhas de Shara. Em 1189, Ralph de Sudeley voltou para a Inglaterra. O mais curioso era que, agora, de alguma forma, ele era um homem muito rico.

Quando chegou em casa, *de Sudeley* logo comprou uma grande propriedade em uma área chamada Herdewyke, no condado de Warwickshire na região central da Inglaterra. Ali construiu uma mansão gigantesca, casou-se e formou uma família. Um ano depois, em 1190, o rei inglês Richard I decidiu formar uma nova cruzada para retomar Jerusalém. Para financiar a campanha, Richard exigiu dinheiro e homens de seus condes, e De Sudeley pôde colaborar com os dois pedidos em abundância. Ele não apenas tinha os recursos para contribuir com muito ouro para a empreitada, mas chegou até a construir um quartel em sua propriedade para treinar novos recrutas para o exército de Richard. Por ter sido um Templário, de Sudeley decidiu transformar seu campo de treino em uma instituição templária — um

estabelecimento meio militar, meio religioso conhecido como uma preceptoria. Durante esse período, não existia nenhum tipo de exército permanente e profissional na Inglaterra, e em tempos de guerra, tropas eram financiadas por senhores de terras que conseguiam o número necessário de homens dentre seus arrendatários. A maioria deles era enviada para as batalhas com pouco ou nenhum treinamento. A exceção, porém, podia ser vistas nas ordens de guerreiros como as dos Cavaleiros Templários. Embora fossem chamados de cavaleiros, somente os oficiais Templários eram, de fato, cavaleiros em seu real sentido — homens de posições elevadas que recebiam honras do rei e eram treinados para lutar como soldados de uma cavalaria, fortemente protegidos com armaduras. Os soldados rasos da comissão de frente eram cavaleiros que vestiam armaduras mais simples, sendo que três quartos deles eram monges guerreiros e o restante era composto por homens comuns. Uma preceptoria dos Templários era, portanto, um cruzamento estranho entre uma base militar e um mosteiro. Enquanto estavam lá, os monges levavam uma vida monástica de um lado do acampamento, enquanto que os homens comuns viviam em barracas tradicionais do outro lado da base. A partir dos registros de sobreviventes, fica claro que a preceptoria de Herdewyke era um estabelecimento gigantesco, que abrigava cerca de mil homens. Para alimentar, equipar e treinar um regimento como esse deve ter custado uma fortuna.

De Sudeley era, evidentemente, um homem muito rico. No entanto, quando se juntara aos Cruzadores uma década antes era um homem de meios modestos. O prédio local do Feet of Fines, registros contemporâneos de ações de terras e propriedades, mostra que toda a família de *de Sudeley* não teria condições de ter financiado todo o projeto. Então, onde teria ele conseguido tanto dinheiro? Poderia ter sido dos roubos e saques contra os árabes ou através da cobrança de

um imposto dos mercantes que viajavam pelo Vale de Edom. Entretanto, o Feet of Fines arquivado no Departamento de Registros de Warwickshire indica que o patrimônio de *de Sudeley* incluía relíquias sagradas de grande valor trazidas do Oriente Médio. Uma escrituração feita no ano de 1192 fazia uma menção de certos *objets sacrés* — artefatos sagrados — que ficavam guardados na capela da preceptoria de *de Sudeley*. Infelizmente, nenhum detalhe específico era dado, a não ser o fato de os peregrinos doarem grandes somas de dinheiro para a preceptoria quando visitavam a capela para ver os objetos. Visto que os documentos oficiais do século XII eram freqüentemente escritos em francês, o termo *objets sacrés* era a forma comum de se descrever relíquias sagradas conquistadas durante as Cruzadas. Se *de Sudeley* de fato possuía essas relíquias, elas, de alguma forma, explicariam sua riqueza repentina e misteriosa: na época, relíquias santas eram um bom investimento.

Geralmente, relíquias sagradas eram os antigos restos de santos — seus ossos ou, em alguns casos, um membro mumificado. Acreditava-se que as relíquias tinham poder divino; podiam curar doenças, proteger contra o mal e conquistar um bem-estar espiritual. Na Idade Média, entre os séculos X e XIV, as relíquias eram muito valiosas e muito procuradas por toda a Europa cristã, e sua aquisição tornou-se uma obsessão internacional. Em toda a Europa, relíquias eram expostas em santuários públicos para serem visitadas por milhares de peregrinos na esperança de conseguir ajuda, cura ou milagres quando estavam próximos dos restos de um santo. Peregrinos se preparavam para pagar para ver ou tocar as relíquias, e grandes fortunas eram doadas aos mosteiros, abadias e catedrais que tinham os ossos dos santos mais conhecidos. Geralmente, um centro religioso ficava rico e poderoso apenas com os lucros de suas relíquias.

Um ótimo exemplo é o Convento de Glastonbury no sudoeste da Inglaterra. As ruínas do convento são datadas do final do século XII e dão indícios da grandiosa estrutura que substituíra prédios ainda mais antigos destruídos por um incêndio em 1184. Após o incêndio, a abadia precisava, desesperadamente, de fundos para sua reconstrução, e a única maneira garantida para se conseguir o dinheiro seria atraindo grandes números de peregrinos. Em 1190, durante as reformas das ruínas do convento, os monges afirmaram ter descoberto, em suas fundações, os ossos de no mínimo três santos famosos. As relíquias foram colocadas em exposição e atraíram generosas doações de multidões de adoradores. O convento ficou tão rico que foi reconstruído como um dos mais esplêndidos do país.

As relíquias sagradas não incluíam apenas restos do corpo. As relíquias mais prestigiadas eram artefatos que acreditavam estar associados à Bíblia. Artigos relacionados a Jesus — como por exemplo, lascas da cruz e do famoso Santo Sudário, no qual dizem que o corpo crucificado de Cristo foi enrolado — atraíam milhares de peregrinos. De mesmo valor eram as relíquias do Antigo Testamento, como por exemplo um anel que diziam ter pertencido a Salomão que ficava guardado na Catedral de Lucca, na Itália e uma pedra preciosa que afirmavam ter vindo do punho da espada do Rei Davi que ficava exposta na Catedral de Valência, na Espanha. A maioria dessas supostas relíquias era doada ou vendida para a Igreja pelos Cruza-dores que voltavam da Terra Santa, e os caçadores de tesouros mais prolíficos eram membros das ordens dos cavaleiros Cruzadores como os Templários. Um ótimo exemplo são os chamados utensílios sagrados de Chipre. O Antigo Testamento se refere aos israelitas fazendo pratos, colheres e tigelas de ouro puro para serem usados no tabernáculo (Ex 25:29), e no fim do século XIII, uma

outra ordem de cavaleiros Cruzadores, os Cavaleiros da Ordem de São João de Jerusalém, que afirmavam ter descoberto esses artefatos próximo à cidade de Acre (atual Akka na costa norte de Israel) e trazido-os para a Catedral de São Nicolau na ilha de Chipre. Ali, atraíram milhares de peregrinos por dois séculos — até que Ottoman Turks dominou a catedral e a transformou em uma mesquita. A julgar pelos registros do Feet of Fines, parecia que Ralph de Sudeley afirmara ter encontrado relíquias semelhantes. Uma outra referência aos artigos da capela de Herdewyke descreve-as como Vestiges d'ancien Testament — literalmente, "*Relíquias do Antigo Testamento*." A pergunta era: seriam esses, os mesmos tesouros supostamente descobertos no Vale de Edom?

Infelizmente, os registros do Feet of Fines, ou qualquer outro registro contemporâneo que consegui descobrir, não especificavam quais eram, na realidade, as relíquias sagradas de *de Sudeley*. Podiam ser vasos do Templo de Jerusalém, lascas da cruz ou qualquer outra coisa! No entanto, registros existentes de cerca de 1600 falavam de uma tradição local que dizia que os Templários de Herdewyke haviam escondido algum tipo de tesouro quando foram forçados a se separar no século XIV

No início de 1300, havia centenas de preceptorias dos Templários por toda a Europa, e muitas delas haviam se tornado excepcionalmente ricas. Embora suas riquezas fossem provenientes de roubos realizados pelas Cruzadas, os Templários acumularam mais dinheiro e poder ao alugar algumas terras e atuarem como alguns dos primeiros banqueiros da Europa cristã. No início do século XIV, temendo seu poder e influência, o Papa ordenou que a ordem dos Templários fosse dissolvida. Na Inglaterra, porém, o Rei Edward II não aceitou a ordem e permitiu que continuassem a existir, principalmente pelo fato de desfrutar de seu apoio financeiro.

Em 1322, no entanto, quando se recusaram a continuar financiando o rei, ele ordenou que os Templários fossem presos e sua propriedade, capturada. Com a morte de Ralph de Sudeley, a preceptoria de Herdewyke fora deixada como herança para a ordem dos Templários, e ainda existiam na época da ordem de Edward. Sendo assim, seus bens foram tomados pela coroa — ou, pelo menos, uma parte do tesouro, se é que podemos acreditar em uma lenda local. De acordo com o que o historiador de Warwickshire, William Dugdale, escreveu em 1656, o explorador elisabetano Sir Walter Raleigh visitou Herdewyke em 1600 e ficou sabendo de uma história a respeito dos Templários terem escondido o tesouro na região. Por uma razão ou outra, Raleigh levou a história a sério e passou meses procurando pelo tesouro. Convenceu sua rica esposa (Elizabeth Throckmorton, Dama de Honra da Rainha Elizabeth I) a comprar o patrimônio de Herdewyke e fez com que um grupo de homens escavasse as ruínas da preceptoria dos Templários. No entanto, mais uma vez, não havia detalhes específicos acerca do suposto tesouro.

Por alguns meses, minhas pesquisas não apresentaram nenhum resultado. Não havia como saber se a história da descoberta dos Cruzadores no Cofre era mais que apenas um conto imaginário. Também não tinha como descobrir se a suposta descoberta tinha qualquer ligação com as relíquias que, aparentemente, ficaram guardadas na capela da preceptoria de Herdewyke, nem tampouco podia saber se o tesouro que Walter Raleigh havia procurado incluía essas relíquias. Ainda que todos esses tesouros fossem o mesmo, eu não fazia a menor idéia se a Arca da Aliança teria estado entre eles. Já havia quase decidido arquivar todo o caso quando descobri algo que, repentina e inesperadamente, me colocou diante de uma perspectiva totalmente nova.

Estava realizando uma pesquisa para um documentário britânico a respeito do lendário herói Robin Hood quando encontrei uma referência de um historiador amador do século XIX, que acreditava que o fora-da-lei da fábula tinha sido uma figura histórica que foi enterrado no pátio da igreja local. O historiador, Jacob Cove-Jones, era do vilarejo de Loxley de Warwickshire, e um vilarejo com o mesmo nome é citado em alguns dos mais antigos contos de Robin Hood. Depois de decidir que aquela era uma teoria que merecia ser analisada, comecei a ler sobre o passado de Cove-Jones. Ao que tudo indicava, ele era um senhor feudal rico que tinha uma paixão pela história local e dedicou grande parte de sua vida no fim de 1800 e início de 1900 para investigar as lendas populares de Warwickshire. Embora estivesse procurando informações relacionadas a Robin Hood, fiquei surpreso ao descobrir que uma das lendas populares que Cove-Jones investigara mencionava o lendário tesouro supostamente escondido pelos Templários de Herdewyke. Ele, obviamente, havia ficado sabendo do relato da busca de Walter Raleigh e decidiu continuar a procurar. Como Herdewyke ficava a poucos quilômetros de onde ele morava, Cove-Jones passou muitos meses estudando a área em busca de evidências que pudessem substanciar a lenda. Por fim, chegou a conclusão não somente de que o tesouro era real, mas também de que os Templários haviam deixado pistas que revelavam seu esconderijo secreto.

Cove-Jones estava convencido de que essas pistas haviam sido deixadas em uma série de pinturas nas paredes de uma igreja da redondeza — a medieval Igreja de Todos os Santos no vilarejo de Burton Dassett, a cerca de três quilômetros de Herdewyke. A igreja havia sido construída pelos Templários de Herdewyke, alguns dos quais conseguiram sobreviver à ordem de 1322 tornando-se forasteiros, quando Edward II mandou prender os soldados e tomar posse de suas terras e

propriedades. Cinco anos depois, os Templários de Herdewyke ajudaram a depor Edward ao ajudarem sua rainha, Isabella da França, que colocou seu filho Edward III no trono como um rei marionete. Por gratidão, esses Templários receberam sua anis-tia, mas suas terras não foram devolvidas. Como sua preceptoria permaneceu sob possessão de sua ordem rival, os Cavaleiros da Ordem de São João de Jerusalém, os Templários conseguiram o dinheiro para construir uma nova igreja em Burton Dassett. Agora, uma ordem puramente religiosa (os Cavaleiros Templários há muito tempo tinham deixado de ser uma organização militar), os homens pediam às igrejas por suas doações. Infelizmente, esses Templários pacíficos não sobreviveram por muito tempo. Em 1350, eles, e toda a comunidade de Burton Dassett foram assassinados pela Peste Negra.

A Peste Negra, ou peste bubônica — a doença fatal que se espalha através de pulgas com a ajuda de ratos e seres humanos — começou na Ásia e viajou para a Europa por navios mercantes, chegando à Inglaterra em 1348. Nos três anos seguintes, a doença matou mais de um milhão de pessoas — mais de um terço da população da Inglaterra na época. Poucas pessoas que contraíram a peste conseguiram sobreviver, e cidades e vilarejos inteiros foram totalmente varridos pela doença. Burton Dassett, com seus estimados oitocentos habitantes, não foi uma exceção. Foi durante esse tempo difícil, Jacob Cove-Jones acreditava, que os Templários esconderam suas relíquias sagradas e deixaram pistas na esperança de que futuras gerações pudessem encontrá-las. Não fui capaz de encontrar nada que indicasse o porquê de Cove-Jones achar que os quadros da Igreja de Burton Dassett apresentavam essas pistas, mas decidi que valia a pena averiguar o caso.

A propriedade de Herdewyke ocupava cerca de quinze quilômetros quadrados e incluía uma região de terras baixas hoje conhecida como Temple-

Herdewyke, em homenagem aos Templários que viveram ali, e as Colinas de Burton Dassett que se erguem a mais de trezentos metros ao sudeste da vila. Situada próximo ao centro da Inglaterra e a apenas alguns quilômetros ao leste da cidade natal de William Shakespeare, Stratford-upon-Avon, Temple-Herdewyke e as Colinas de Burton Dassett são hoje habitadas por alguns pequeninos vilarejos esparsos e algumas fazendas pequenas.

Nada resta do antigo quartel ou dos prédios monásticos, mas de maneira impressionante, a capela da preceptoria ainda existe. A estrada de terra que nos leva até as Colinas de Burton Dassett do noroeste passa bem em frente dela, e quando vi o lugar pela primeira vez não consegui acreditar em meus olhos. Estava marcada no mapa como uma capela em ruínas, mas em vez do prédio eclesiástico que esperava encontrar, o lugar estava sendo usado como um curral para o gado. Placas de metal de ferro amassadas e enferrujadas bloqueavam o que antes era a entrada principal, e do lado de dentro, vacas caminhavam por entre fardos de feno. Tendo conseguido permissão do fazendeiro para entrar no local, examinei aquele espaço úmido e sujo, com cerca de seis metros de largura por quinze metros de comprimento, tentando imaginar como seria aquele lugar na época de De Sudeley. No passado, a capela, provavelmente, ficava cheia de monges entoando seus cantos num lugar com cheiro de incenso; agora o local fedia a estrume de gado e ecoava com os mugidos das vacas. A capela ainda tinha um pouco de seu passado eclesiástico, visto que as molduras góticas das janelas de tijolos haviam, de alguma forma, sido preservadas. Nada, porém, restava dos ornamentos interiores, com exceção do altar de pedra, que ainda estava erguido contra a parede leste e era agora usado como uma gamela para alimentar animais. Era difícil imaginar que há oito séculos, relíquias sagradas ficavam expostas ali atraindo peregrinos de todas as

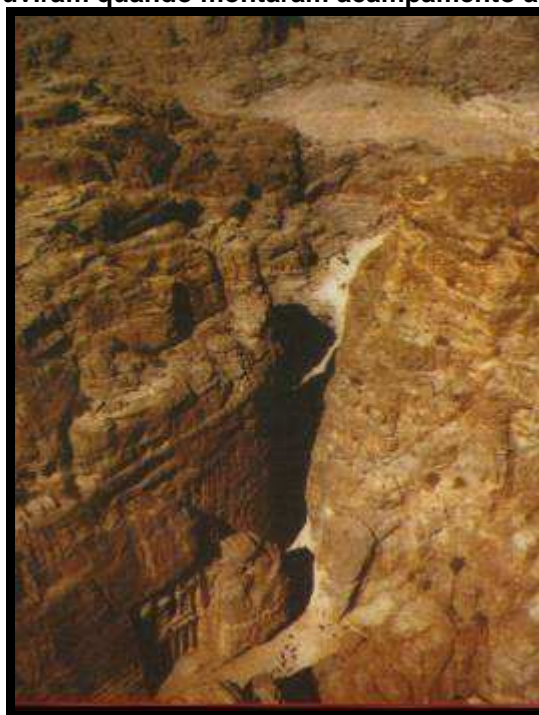
partes do país. Entretanto, essa não era a igreja que tinha os quadros que Jacob Cove-Jones acreditava mostrar pistas acerca do paradeiro do tesouro de Herdewyke. Essa igreja ficava a dois quilômetros e meio ao sudeste, nas Colinas de Burton Dassett.

Figura 1: O santuário de Ain Musa, onde, segundo tradição beduína, Moisés criou a fonte milagrosa quando os israelitas chegaram na Montanha de Deus



(Foto: Andrevv Collins)

Figura 2: Vista de dentro do Vale de Edom do desfiladeiro estreito no sudeste, onde os penhascos de Jebel Madhbah se erguem acima do Cofre. Um estranho efeito do vento cria um som bizarro neste desfiladeiro que pode ter sido o "som ensurdecedor da trombeta" que os antigos israelitas ouviram quando montaram acampamento ao pé do Monte Sinai.



(Foto: Jane Taylor)

Figura 3: O pico de Jebel Madhbah. Será essa a verdadeira Montanha de Deus?



(Foto: Andrew Collins)

Figura 4: Terraço dos Obeliscos abaixo do cume de Jebel Madhbah. Essa pode ter sido a "parte inferior da montanha" onde dizem que os anciãos israelitas encontraram-se com Deus.



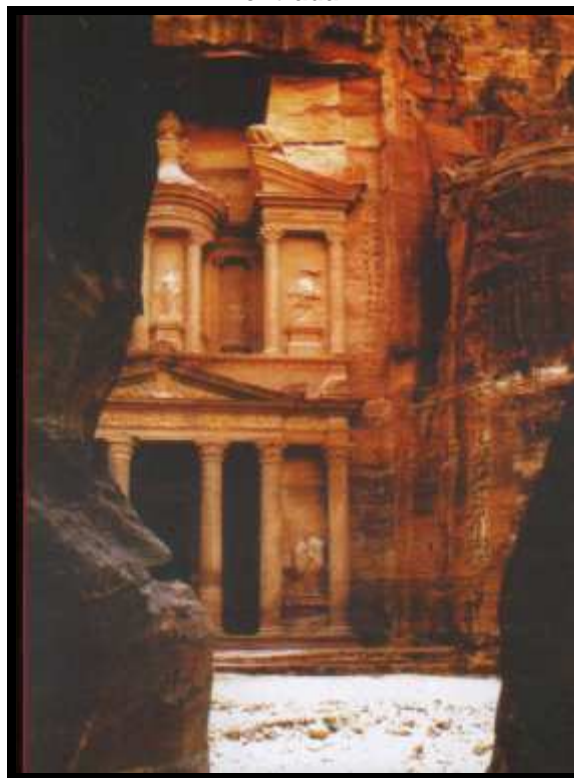
(Foto: Andrew Collins)

Figura 5: O templo no pico de Jebel Madhbah. Aqui é onde Moisés pode ter recebido os Dez Mandamentos e a inspiração para construir a Arca.



(Foto: Andrew Collins)

Figura 6: Vista do Cofre de dentro do Siq. A caverna onde Jeremias pode ter escondido a Arca foi encontrada enterrada embaixo da entrada.



(Foto: Jane Tavior)

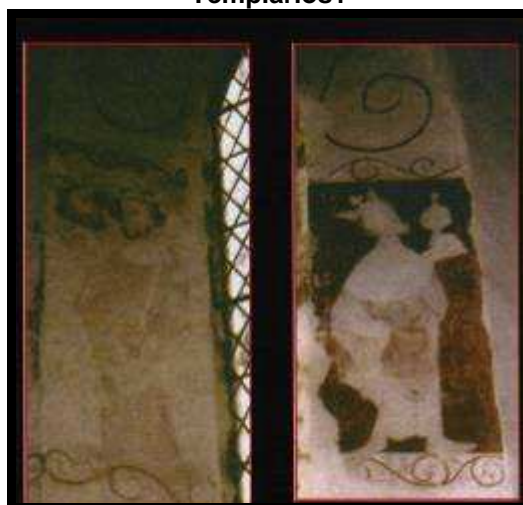
Figura 7: Igreja de Todos os Santos em Burton Dassett construída pelos Templários pouco antes da Peste Negra em 1350



Figura 8: Jodi e Graham Russell no poço sagrado em Burton Dassett.



Figura 9: Os misteriosos murais dos dois lados da janela na Igreja de Burton Dassett. Seria verdade que eles continham pistas que levariam até o tesouro perdido dos Cavaleiros Templários?



(Foto: David Moore)

Figura 10: A trilha das três pedras

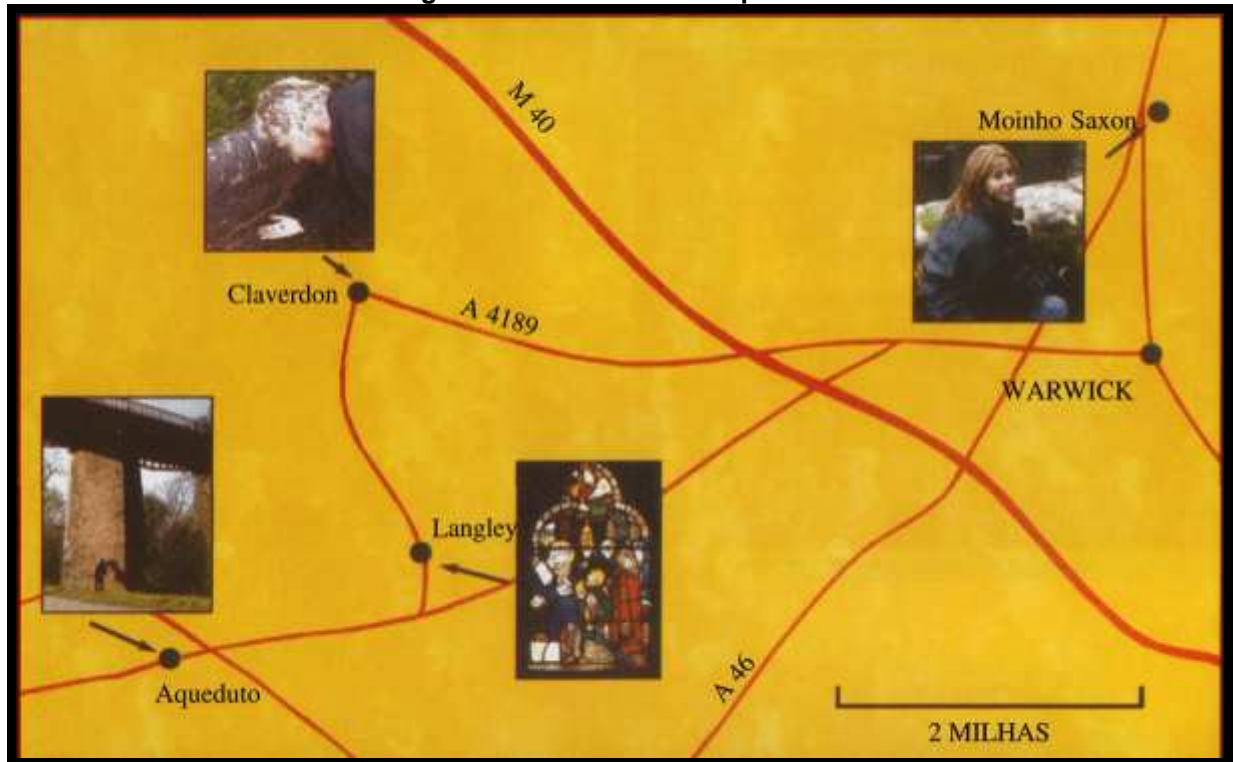


Figura 11: A pequenina igreja no vilarejo de Langley onde Jacob Cove-Jones deixou seu código secreto

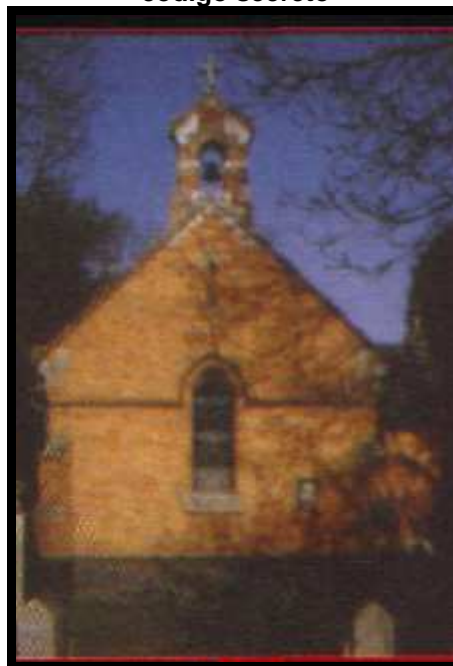


Figura 12: O Vitral da Epifania na Igreja de Langley que representa as pistas que nos levaram aos esconderijos das relíquias perdidas.

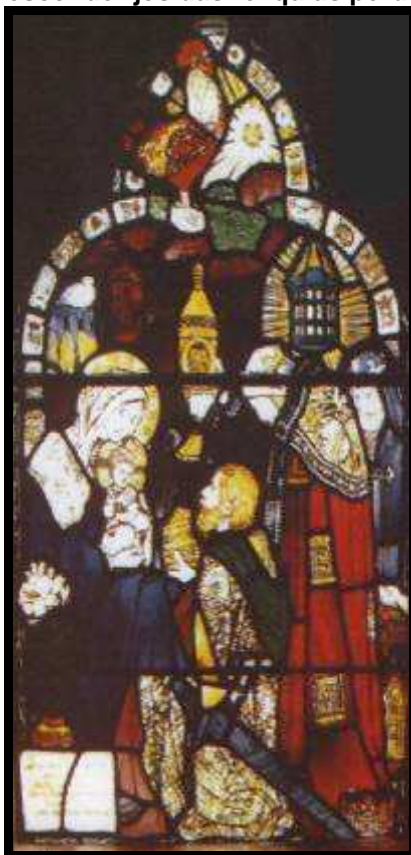


Figura 13: Jodi Russell mostra o esconderijo onde ela encontrou a pedra de berilo



Figura 14: O Vitral da Epifania (detalhe), mostrando a árvore da coroa e a roda d'água com a letra *B* maiúscula logo abaixo



Figura 15: A ponte sobre a barragem no Moinho Saxon. O muro do outro lado do rio é onde a pedra de berilo foi encontrada



(Foto: Scott Masterson)

Figura 16º Vitral da Epifania (detalhe), mostrando a caixa do terceiro rei mago com o desenho da igreja e do portão

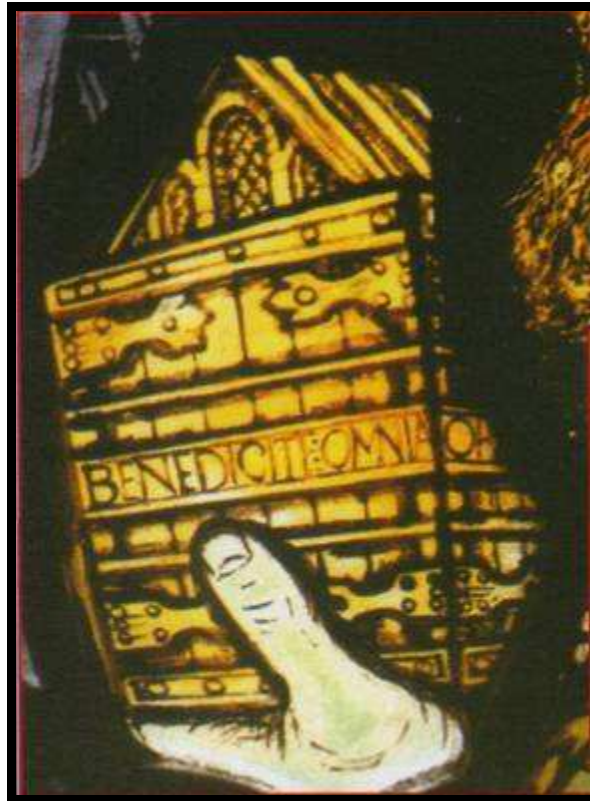


Figura 17: Igreja de São Miguel e Todos os Anjos em Claverdon

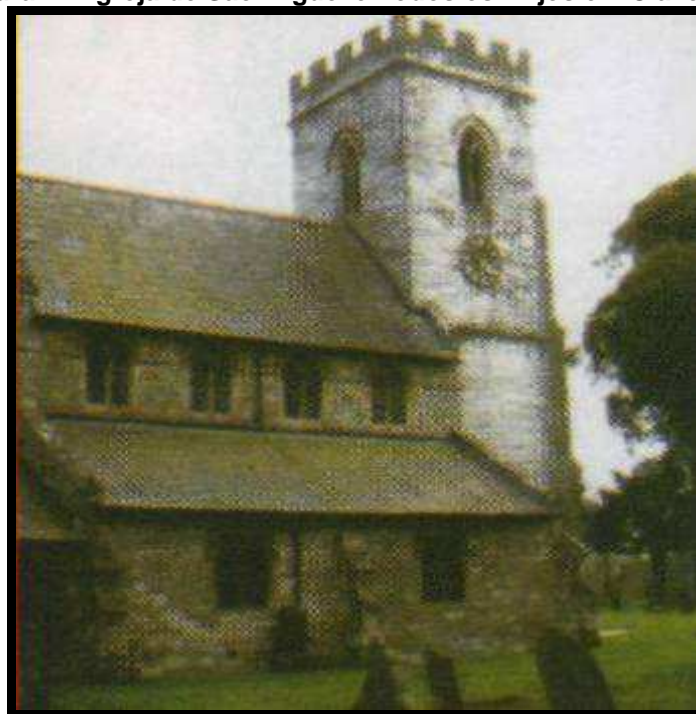


Figura 18: O muro do lado do portão onde a pedra de jaspé estava escondida



Figura 19: O Vitral da Epifania (detalhe), mostrando o desenho da ponte sobre a caixa do segundo rei mago



Figura 20: Graham Phillips ao lado do pilar do aqueduto onde a pedra de ônix foi encontrada

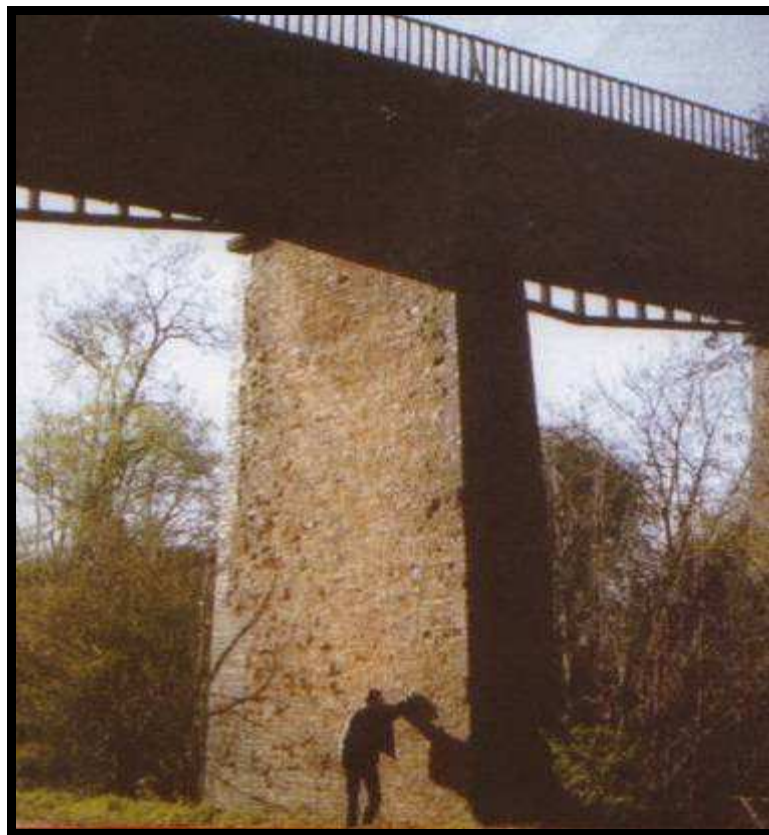


Figura 21: O galo e a estrela do vitral da Epifania com a fênix e as letras acima e abaixo



Figura 22: *Close-up* da fênix no Vitral da Epifania



Figura 23: As pedras de berilo, ônix e paspe encontradas por Graham Philips e os Russells. Essas podem ter sido as jóias que ficavam expostas na fileira de baixo do Peitoral do Julgamento



Figura 24: A fotografia de Carol Lane do Lago de Farnborough mostrando a estranha luz vermelha sobre a água na margem oposta



(Foto: Carol Lane)

Figura 25: Graham e Jodi Russell desvendam o último segredo do código da Epifania



Figura 26: O farol nas colinas de Burton Dassett onde o antigo moinho ficava



Figura 27: Montanha Napton no horizonte, como é vista de cima das Montanhas Fênix



Figura 28: Jodi Russell examina a fonte de água em Church Green



Figura 29: A enigmática placa de pedra. Seria essa uma das tábuas dos Dez Mandamentos dadas a Moisés no Monte Sinai? (detalhe I)



Figura 30: A enigmática placa de pedra. Seria essa uma das tábuas dos Dez Mandamentos dadas a Moisés no Monte Sinai? (detalhe II)



Figura 31: A enigmática placa de pedra. Seria essa uma das tábuas dos Dez Mandamentos dadas a Moisés no Monte Sinai? (detalhe III)

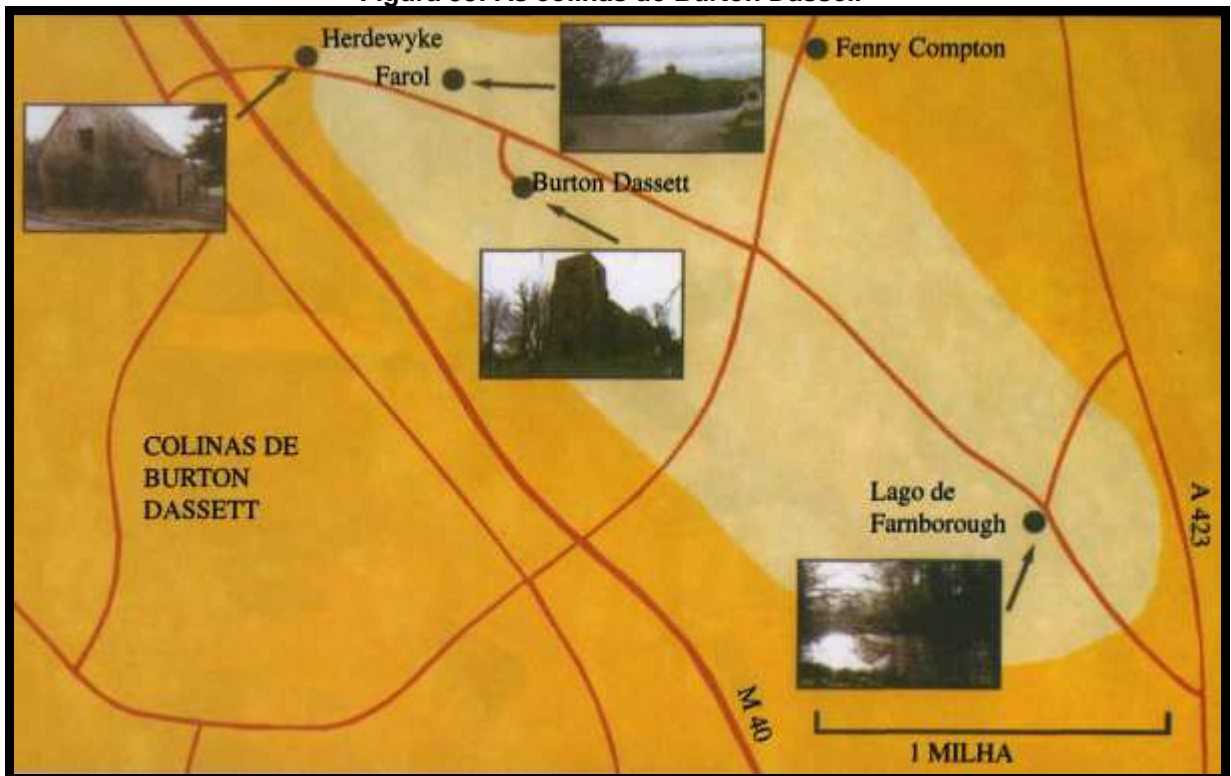


Figura 32: Graham Phillips examina a margem onde a enigmática placa de pedra foi encontrada



(Foto: Kerri Morton)

Figura 33: As colinas de Burton Dassell



Diferente da capela em ruínas em Temple-Herdewyke, a Igreja de Todos os Santos não apenas está bem preservada, como continua sendo usada nos dias de hoje. Ela fica na vertente da margem do pequeno vilarejo de Burton Dausset, em homenagem ao qual a cidade ganhou seu nome. Ao norte dali vemos colinas verdes e pedregosas onde coelhos correm livres e ovelhas pastam tranqüilas, e ao sul, vemos clareiras cobertas de árvores que ecoam com as canções dos pássaros. A julgar pelo tamanho da igreja, deduzimos que foi construída para uma grande congregação. Após a Peste Negra, porém, poucas pessoas voltaram para recolonizar a área, e hoje, a igreja tem sorte se receber mais que uma dúzia de adoradores para a missa do domingo.

Enquanto caminhava pelo interior da igreja, meus passos ecoando contra suas paredes frias de pedras, remoia em meus pensamentos a teoria de Cove-Jones. Se os Templários de Herdewyke estavam de posse das relíquias sagradas que conseguiram evitar que fossem levadas por Edward II, faria sentido, então, que tivessem escondido os artefatos na época da peste bubônica. Como a população do interior da Grã-Bretanha não costumava viajar muito na Idade Média, a Peste Negra demorou bastante tempo para chegar nos condados centrais como Warwickshire. Ela começou nos portos litorâneos e conquistou seu caminho para o interior durante o período de um ano ou mais. Os poucos viajantes que as pessoas de Burton Dasset encontravam, devem ter lhes falado a respeito da terrível doença que estava tirando a vida de muitas pessoas em vários lugares. Não seria de se estranhar que, sabendo que seu fim estava próximo, os Templários tivessem escondido seus bens preciosos na esperança de preservá-los intactos. Na verdade, há notícias de que muitas comunidades monásticas tenham feito exatamente a mesma coisa. Uma série de tesouros com vasos de ouro e prata foram encontrados por arqueólogos

com o passar dos anos, peças que acreditavam ter sido escondidas por monges ameaçados pela praga. Se Cove-Jones estivesse certo, porém, os Templários de Herdewyke tinham feito algo diferente: haviam deixado pistas para que o esconderijo fosse encontrado. Não demorei muito tempo para encontrar os quadros que ele acreditava possuir essas pistas. De ambos os lados da janela norte do transepto havia antigos desenhos desbotados do que pareciam ser reis.

Por sorte, a igreja tinha um livro guia que nos contava uma história resumida do prédio, e ao lê-lo, fiquei sabendo que as pinturas eram exclusivas. Datavam de aproximadamente 1350, o mesmo ano da Peste Negra, e foram preservadas porque ficaram cobertas por vários séculos. Após a Peste Negra, a igreja fora abandonada por alguns anos antes de voltar a ser usada como uma igreja católica romana. Durante a Reforma Inglesa no século XV, o lugar foi tomado pela Igreja Protestante da Inglaterra e se transformou na igreja da comunidade anglicana do distrito. Por preferirem locais de adoração simples, ao invés de paredes e quadros decorativos, o movimento protestante da época passou gesso por cima das decorações antigas. No entanto, durante as reformas no prédio em 1890, o gesso foi retirado das paredes internas e as pinturas foram reveladas. Escondidas há séculos, em ambas as laterais da janela norte do transepto, podia-se ver desenhos brutos de duas figuras humanas que usavam coroas, cada uma delas cercada por uma série de desenhos espirais estranhos particulares da arte cristã medieval. O significado das pinturas confundira estudiosos, mas Cove-Jones logo convenceu-se de que eram um tipo de código secreto.

Não consegui descobrir por que Cove-Jones decidira que esses murais continham uma mensagem codificada, mas pode muito bem ter sido uma dedução lógica. A lenda registrada por William Dugdale no século XVII dizia que os

Templários de Herdewyke haviam escondido o tesouro. O relato de Dugdale não mencionava as relíquias sagradas, mas Cove-Jones pode ter somado dois mais dois depois de ficar sabendo a respeito desses artefatos mencionados no registro do Feet of Fines, e chegado à conclusão de que o lendário tesouro e as relíquias dos Templários eram a mesma coisa. Ele pode, também, ter percebido a ligação entre a chegada da Peste Negra e a criação dos enigmáticos murais do transepto em 1350 e deduzido que guardavam o segredo que levava até o tesouro escondido, simplesmente porque eram misteriosos demais e por serem, curiosamente, datados do mesmo período. No entanto, havia também a possibilidade de ele ter descoberto algo que os especialistas não sabiam.

Ao olhar para os murais, percebi que pareciam conter simbolismos dos Templários. As figuras de ambos os lados da janela eram imagens avermelhadas enferrujadas e gastas pelo tempo, mas ainda eram claras o suficiente para que eu pudesse ver que as pessoas coroadas nos desenhos estavam segurando algo em suas mãos. A pessoa da direita era um homem de barba que vestia uma túnica e examinava o que parecia ser algum tipo de cálice coberto. O homem da esquerda também usava uma túnica e tinha barba, mas estava segurando uma cabeça cortada.

Uma cabeça decepada era algo certamente associado aos Cavaleiros Templários. Quando o rei francês Philip IV ordenou que os Templários fossem presos em Paris em 1307, muitos deles foram levados a julgamento por heresia. Durante esses julgamentos, uma das muitas acusações levantadas contra eles era o fato de venerarem uma cabeça cortada. Várias testemunhas disseram ter visto a cabeça que era chamada de Baphomet, que era vista como sendo algum tipo de demônio. Sob torturas excruciantes, alguns Templários confessaram adorar a

cabeça demoníaca, mas historiadores descobriram poucas evidências de que os Templários estavam, na verdade, envolvidos com práticas hereges, e muitos acreditam que as acusações de adoração do demônio são totalmente falsas. A maioria dos Templários era de devotos, ao ponto de serem considerados cristãos fanáticos, e é muito mais provável que sua cabeça cortada fosse o membro de um santo, talvez. Algumas pessoas sugerem, a suposta cabeça de São João Batista. O que quer que fosse, os Templários, desde então, passaram a ser associados com a cabeça decepada, e o mural da janela mostrava alguém segurando uma.

A outra pessoa segurava um cálice, e os Templários também eram conhecidos por serem associados com uma famosa taça — o Santo Graal — a taça que dizem ter sido usada por Jesus na Última Ceia. Embora não existam provas documentárias de que os Templários afirmassem estar de posse do Graal, muitas lendas medievais afirmavam isso por eles. Um poeta alemão, Wolfram von Eschenbach, em sua história épica Parzival de 1205, na realidade, retratava os Templários como os guardiões do Graal.

Jacob Cove-Jones poderia certamente ter interpretado as imagens do mural como se tratando de simbolismos dos Templários. No entanto, não pude ver nada que pudesse ter lhe dado a idéia de que se tratassem de pistas a respeito do paradeiro de um tesouro escondido. Talvez as relíquias que os Templários de Herdewyke possuíam tivessem incluído a cabeça de um santo e um cálice sagrado, mas parecia não haver nada nas pinturas que indicasse a presença de códigos, a menos que tivesse alguma ligação com os enigmáticos desenhos espirais vermelhos que estavam pintados acima e abaixo de cada uma das figuras.

Mais tarde naquele mesmo dia, visitei o museu do condado na cidade vizinha de Warwick, para descobrir se havia registros de alguma pesquisa recente

realizada nos murais. Pelo que pude ver, ninguém parecia ter prestado muita atenção nelas há anos. Quanto a teoria de Jacob Cove-Jones, parecia ter sido completamente desconsiderada pelos acadêmicos. No entanto, um dos funcionários do museu que conhecia a lenda do tesouro de Herdewyke, sugeriu que eu conversasse com um dos descendentes de Cove-Jones, um homem chamado Sr. David Baylis, um historiador local. Como o Sr. Baylis morava na redondeza, visitei-o naquele fim de tarde somente para descobrir que ele também não acreditava muito na teoria de seu ancestral. Contudo, ele foi bastante cordial e me contou tudo que sabia a respeito do trabalho de Jacob Cove-Jones.

Obviamente, Cove-Jones não apenas afirmava ter solucionado o mistério dos murais, como também jurava ter encontrado alguns dos tesouros dos Templários. Infelizmente, porém, ele apresentou somente um dos arte-fatos como prova disso, um objeto que o Sr. Baylis ainda tinha em sua casa. Era uma escultura com dez centímetros de altura de uma mão humana, feita de chumbo e ornada com um pedaço circular de azeviche preto na palma. Sobre o azeviche havia um desenho espiral feito de prata, semelhante aos espirais desenhados nos murais da igreja. O artefato foi, ao que parece, descoberto em um pequeno compartimento, escondido atrás das pedras de fundação de um poço medieval sagrado que fica ao lado da Igreja de Burton Dassett. A princípio, o museu do condado se interessou pela descoberta e a datou como do século XIV, mas seu propósito continuou sendo um enigma porque nenhum outro artefato parecido fora encontrado em outro lugar na Inglaterra. Por fim, quando Cove-Jones se recusou a explicar como os murais tinham-no levado à descoberta, o museu começou a questionar o caso e acabou acusando-o de estar perpetrando uma mentira. Ao que tudo indica, chegaram à

conclusão de que ele havia adquirido a mão de chumbo na loja de antiguidades, embora a acusação jamais tenha sido comprovada.

"Seguindo a orientação do museu, as autoridades da Igreja de Burton Dasset também não se interessaram pela mão de chumbo, e foi assim que o artefato permaneceu sob posse da família", disse o Sr. Baylis. "De qualquer forma, Jacob não aceitou a difamação imposta à sua reputação, e quando, mais tarde, afirmou ter encontrado outras relíquias escondidas, recusou-se a mostrá-las para outras pessoas."

"Você duvida mesmo que ele tenha encontrado essas relíquias?" eu perguntei.

O Sr. Baylis sorriu. *"Eu acho que tudo não passava de um esquema inventado por ele para se vingar de seus críticos."*

O Sr. Baylis explicou que Cove-Jones havia anunciado ter encontrado outras relíquias dos Templários: três pedras preciosas e uma outra peça que ele descreveu apenas como *"uma descoberta de imensa importância"*. Ao invés de mostrá-las a alguém, decidiu escondê-las em novos locais e deixou uma série de pistas, criadas por ele mesmo, que levavam ao seu paradeiro. O Sr. Baylis acreditava que seu ancestral esperava conseguir irritar o museu e provocar o interesse geral por seu trabalho, mas não acreditava, nem por um segundo, que ele tivesse encontrado os artigos, como afirmava. Apesar de tudo, ele achava que Cove-Jones tinha escondido alguma coisa, visto que tinha investido muito tempo e dinheiro para criar suas pistas.

As pistas de Jacob Cove-Jones eram, sem dúvida, algo fascinante, e incluíam um papel onde ele escrevera a respeito do lendário tesouro, uma cópia do original que ainda estava sob posse do Sr. Baylis. Embora o papel não conseguisse

explicar como ou onde descobrira as pedras ou os demais artefatos misteriosos, ele listava as pistas que levavam até onde dizia tê-las escondido pela segunda vez — aparentemente, em quatro diferentes locais, em algum lugar na região. As pistas estavam divididas em duas partes: a primeira na forma de três versos da Bíblia, e a segunda em uma figura codificada na forma de um vitral que Cove-Jones havia encomendado para um amigo local chamado Bertram Lamplugh, pedindo que o fizesse de acordo com suas instruções. Quando o trabalho foi terminado, em 1907, o vitral foi doado e colocado na igreja paroquial no vilarejo vizinho de Langley.

"Jacob morreu mais tarde naquele mesmo ano e o segredo foi levado com ele para o túmulo", disse o Sr. Baylis. "Alguns de meus ancestrais o levaram a sério e tentaram solucionar a charada, mas pelo que sei, ninguém teve sucesso."

Apesar de o Sr. Baylis não acreditar que as supostas relíquias tivessem qualquer ligação com o tesouro dos Templários, ele achava que, se pudesse decifrar corretamente os códigos de Cove-Jones, poderia encontrar três pedras preciosas e alguma outra coisa que escondera. Mas o Sr. Baylis, obviamente, não queria que eu ficasse animado demais com o que ouvia.

"Ele, provavelmente, apenas comprou as pedras de algum joalheiro, e o outro artefato que escondeu, em alguma loja de antiguidades ou qualquer outro lugar, e tinha esperança de que, se alguém os encontrasse, seriam aceitos como relíquias genuínas."

"Essas três pedras preciosas que ele dizia ter encontrado. Que tipo de pedras eram?" eu perguntei.

"Uma era uma ônix, um jaspe e a outra era um berilo", ele disse, buscando a informação nos papéis de Cove-Jones.

O Sr. Baylis tinha quase me convencido de que a história de Jacob Cove-Jones não me levaria a lugar algum e que não tinha nenhuma ligação com o tesouro dos Templários e que, certamente, não tinha nada a ver com minha pesquisa em busca da Arca perdida. No entanto, ele , de repente, disse algo que chamou minha atenção.

"As pedras eram ônix, jaspe e berilo!?" eu perguntei.

"Sim, isso quer dizer alguma coisa?"

"Não tenho certeza," eu disse, não querendo me comprometer sem antes ter certeza do que estava pensando.

O Sr. Baylis me deu uma cópia das referências bíblicas de Cove-Jones e fui embora com a promessa de que o manteria informado se descobrisse algo novo.

Até agora, não havia nada com relação ao mistério do tesouro de Herdewyke que especificamente estabelecesse uma ligação entre ele e a suposta descoberta dos Cruzadores no Vale de Edom. O registro do Feet of Fines não especificava quais eram as relíquias na preceptoria de Herdewyke; o relato de William Dugdale da busca de Raleigh não dizia de que consistia o tesouro lendário; e não havia nenhuma prova de que Cove-Jones tivesse encontrado alguma coisa. No entanto, os tipos de pedras preciosas que Cove-Jones afirmava ter encontrado, de fato, se encaixavam com a história bíblica da Arca da Aliança.

A história relacionada a Johannes Burckhardt se referia aos Cruzadores como tendo encontrado "pedras preciosas" com um "baú dourado" em uma caverna no pé da montanha Jebel Madhbah. Eu já havia considerado a possibilidade de que essas pudessem ser as Pedras de Fogo. Aparentemente, o poder da Arca só podia ser controlado com as Pedras de Fogo, que ficavam sempre guardadas junto da Arca. Elas, originalmente, eram colocadas no peitoral do sacerdote supremo,

descrito em detalhes no livro do Êxodo, como um desenho quadrado feito de linho dourado retorcido e ornado com doze pedras preciosas dispostas em quatro fileiras. De acordo com o relato do Êxodo, as três pedras da fileira de baixo eram "*um berilo, e uma ônix, e um jaspe*" — exatamente os mesmos tipos de pedras que Jacob Cove-Jones afirmava ter encontrado. Podia ser apenas uma coincidência, mas parecia estranho que Cove-Jones tivesse escolhido essas pedras se ele tinha inventado a história toda. Se Cove-Jones estava sendo sincero, e os murais dos Templários tinham-no levado a encontrar uma ônix, um jaspe e um berilo, sua descoberta, então, seria a mais próxima ligação entre o achado dos Cruzadores com o tesouro do Templo escondido por Jeremias. O livro de Macabeus dizia que a Arca fora escondida em uma caverna na Montanha de Deus, uma montanha que parecia ser Jebel Madhbah; os Templários, comandados por Ralph de Sudeley haviam, supostamente, encontrado um baú dourado e pedras preciosas em uma caverna em Jebel Madhbah; Ralph de Sudeley possuía o que diziam ser relíquias do Antigo Testamento em sua capela; e Cove-Jones afirmava ter encontrado algumas dessas relíquias, incluindo três pedras preciosas que eram correspondentes a três das Pedras de Fogo.

Naturalmente, tudo podia não passar de um grande balaio de gato. Jacob Cove-Jones poderia estar mentindo. Eu precisava dar uma olhada no mural da Igreja de Langley, mas antes disso, decidi averiguar algo que poderia indicar se Cove-Jones tinha inventado suas supostas descobertas. Ele afirmava ter encontrado a mão de chumbo em um compartimento secreto no velho poço sagrado que ficava próximo à Igreja de Burton Dassett. Fazer uma análise da estrutura talvez pudesse revelar se Cove-Jones estava mentindo ou dizendo a verdade a respeito de sua descoberta. Se ele de fato achara a mão de chumbo, poderia muito bem estar

dizendo a verdade sobre as demais relíquias que afirmava ter encontrado. Eu esperava, sinceramente, que tudo fosse real; não conseguia deixar de pensar a respeito do que poderia ser sua "*descoberta de imensa importância*". Sena a Arca da Aliança?

11. O Fogo Divino

Nos tempos medievais, certas fontes naturais eram consideradas sagradas, visto que acreditava-se que suas águas continham propriedades de cura. Geralmente, a Igreja consagrava uma fonte em homenagem a um santo em particular e construía um pequeno santuário sobre ela, transformando-a em um poço sagrado. O poço onde Jacob Cove-Jones afirmava ter encontrado a mão de chumbo era um desses lugares. Localizado a cerca de um quilômetro ao norte da Igreja de Burton Dassett, ele está, hoje, coberto por uma construção de pedras retangulares e lisas do século XVII, com aproximadamente três metros de comprimento por dois metros de largura e um metro e meio de altura. Um lance de degraus nos leva de uma abertura inferior à frente, para dentro de um tanque vazio, com cerca de um metro abaixo da superfície. Essa parte mais baixa é muito mais antiga do que o restante da estrutura e existe desde a época da construção da Igreja de Todos os Santos. Imagina-se que foi em algum lugar ali que Jacob Cove-Jones fez sua descoberta. Infelizmente, a estrutura mais baixa do poço estava em condições tão ruins que era impossível dizer se, algum dia, existiu um compartimento secreto naquele lugar, como afirmou Cove-Jones.

Posso não ter conseguido encontrar evidências no poço que me ajudassem a determinar a verdade, ou mentira, da descoberta de Cove-Jones, mas não estava propenso a descartar suas afirmações com base nas mesmas alegações de seus contemporâneos. Embora tenham, originalmente, datado a mão de chumbo como do mesmo período da construção inicial do poço, os especialistas, posteriormente, decidiram que Cove-Jones a havia comprado na loja de antiguidades e que inventou a história toda de tê-la achado no poço. O museu local,

ao que parece, por fim, decidiu que a suposta descoberta era uma farsa, simplesmente porque Cove-Jones se recusara a explicar como os murais da igreja tinham-no levado até ela. Embora isso fosse compreensível, eu tinha a impressão de que o homem tinha outros motivos para manter seu segredo: ele estaria defendendo seu achado. Cove-Jones pode muito bem ter imaginado que se revelasse o que havia descoberto dos murais na igreja, outros iriam tomar posse dos detalhes de sua pesquisa e passariam a procurar os tesouros. Suas razões podem muito bem explicar que seu desejo não era enganar as pessoas, como o museu local acreditava, mas simplesmente o de querer preservar seu interesse próprio. Ele podia apenas estar esperando até que conseguisse encontrar mais coisas antes de desvendar todos os detalhes do que descobrira. Se essa fosse a verdade, os resultados não teriam passado de uma infeliz questão de interesses. A reação de Cove-Jones de ter sido rotulado como uma fraude o fez não apenas manter suas descobertas para si, como também ter feito tudo que estivesse ao seu alcance para esconder seus achados.

Uma outra razão que levou o museu e outras pessoas a se recusarem a levar Cove-Jones a sério foi a bem elaborada trilha do tesouro que ele criou. Se ele tinha, de fato, encontrado os outros artigos que dizia ter achado, então, por que não mostrá-los ao mundo? Por que escondê-los novamente e em seguida criar uma inane trilha de pistas? O Sr. Baylis achava que aquela era a forma encontrada por Cove-Jones para perturbar seus historiadores contemporâneos. No entanto, havia uma outra possibilidade. Era comum, durante o final do século XIX, ver colecionadores de riquezas de antigas relíquias esconder uma ou mais de suas valiosas propriedades no final de uma trilha de mensagens codificadas como uma espécie de epitáfio pessoal, guardada para que gerações futuras pudessem decifrá-

las. Na verdade, eu mesmo havia seguido uma dessas trilhas, que me levou até um pequeno cálice de ônix, que o proprietário vitoriano acreditava ser o original Santo Graal. Na realidade, as pistas criadas por Cove-Jones eram muito parecidas. Naturalmente, as autoridades do museu podiam estar certas a respeito de Cove-Jones. Não havia como saber com certeza. Contudo, se ele havia inventado tudo aquilo, por que escolher uma mão de chumbo como o artefato no poço? Era um objeto nada comum impossível de ser identificado por outras pessoas. Cove-Jones era um homem rico, e portanto, se ele tivesse decidido comprar um artefato em uma loja de antiguidades, como o museu acreditava, por que ele não teria escolhido algo mais espetacular e adequado, como uma antiga tigela de prata ou um cálice de ouro?

O que quer que fosse a mão, não podia ser um dos itens da capela de Herdewyke da época de Ralph de Sudeley, que — de acordo com a teoria de Cove-Jones — eram os tesouros que as pistas dos murais o levaram a encontrar. O Sr. Baylis havia me garantido que a mão tinha cerca de 650 anos de idade, porque sua mãe a tinha avaliado na década de 80. Especialistas em arte que a examinaram na época, disseram que seu método de produção era, sem dúvida alguma, do estilo das obras da metade do século XIV.

Obviamente, Cove-Jones pode ter tido todos os tipos de motivos que eu nem poderia imaginar, mas pelo que vi, não tinha a menor possibilidade de simplesmente descartar suas alegações, como os especialistas haviam feito. Contudo, se Cove-Jones havia encontrado a mão de chumbo no poço depois de decifrar os murais da igreja, o que ela representava? Apesar do artefato não ser uma das supostas relíquias que ficaram expostas na capela da preceptoria de Herdewyke, o objeto sem dúvida parecia corresponder as pinturas na igreja. Acima e

abaixo das duas pessoas que seguravam o cálice e a cabeça cortada, havia desenhos espirais vermelhos, muito parecidos com o espiral de prata na palma da mão. Se a descoberta era verdadeira, obviamente, esses simbolismos tinham de ter algum significado que indicasse os Templários de Herdewyke.

Quando vi os espirais pela primeira vez na igreja, tinha certeza de já ter visto algo daquele tipo. Foi somente depois de revelar as fotos que tinha tirado no Vale de Edom que percebi do que se tratava. Em uma cordilheira de pedras que ficava na metade dos degraus que nos conduziam a Jebel Madhbah, havia uma alcova entalhada na lateral do penhasco que tinha um bloco de pedra esculpido, que acreditavam ser um altar dos edomeus. Tinha tirado uma foto da alcova que mostrava que, ao lado da pedra do altar, havia um desenho entalhado na rocha — uma impressão de dois espirais entrelaçados. Ao ver a fotografia, perguntei a diversos historiadores e arqueólogos se sabiam dizer qual era o significado dos espirais, mas ninguém tinha explicação alguma. Se o pictograma fosse da mesma época do altar, o símbolo poderia ser relacionado à religião dos edomeus, que tinha alguma ligação com sua montanha sagrada. Se isso fosse verdade, essa seria mais uma conexão entre Jebel Madhbah e os Templários de Herdewyke. Infelizmente, não havia como sabermos, com certeza, a idade dos espirais de Jebel Madhbah; eles podiam até ter sido grafitados por um turista dos dias de hoje. Apesar de tudo, os espirais me deixaram intrigado. Foi quando perguntei a um senhor, que conheci na Igreja de Burton Dassett, se ele tinha alguma idéia do que os espirais no mural representavam, que uma perspectiva totalmente nova se abriu com relação às minhas pesquisas a respeito dos segredos da Arca perdida.

Eu tinha voltado à igreja e estava ocupado tirando alguma fotos dos murais, quando uma voz vindo de minhas costas me fez saltar surpreso. "*Essas são*

algumas das mais antigas decorações de igrejas no país." Voltei minha atenção e me deparei com um homem de estatura baixa, que usava uma barba e tinha cabelos grisalhos com cerca de sessenta anos de idade. "*É.. sim. Tem algum problema se eu tirar algumas fotos?*" eu disse, surpreso por não estar mais sozinho no local. O lugar ecoava com estardalhaço, porém eu não o tinha ouvido se aproximar.

"*Fique à vontade*", ele disse com um sorriso. Deduzi que devia ser o guarda responsável pela igreja, quando começou a acender as velas do altar e me deixou continuar a tirar as fotos.

"*Você faz alguma idéia de qual o significado dos murais?*" Perguntei a ele quando terminei.

O homem me respondeu praticamente tudo o que eu já sabia a respeito dos desenhos terem confundido muitos especialistas, até que lhe perguntei o que ele achava que os espirais representavam.

"*Essa é só minha simples teoria, mas eu acho que têm alguma ligação com as aparições no poço*", ele disse, chamando-me para que o acompanhasse até o lado de fora.

Paramos próximo ao poço enquanto ele me contava como algumas pessoas haviam tido visões miraculosas de santos e anjos relatadas naquele local durante a Idade Média. "*As pessoas até hoje vêem coisas estranhas aqui, embora não as considerem mais como milagres*", ele disse.

Ouvi com grande interesse quando ele começou a contar a respeito de uma ocorrência que fora relatada por um antigo vigário. Uma noite, o vigário estava saindo de casa do outro lado da estrada quando notou um brilho vermelho vindo de dentro da estrutura do poço. Ele estava prestes a começar a investigar o que podia ser aquilo, quando teve um dos maiores sustos de sua vida. Uma bola de luz

vermelha como fogo, que descreveu como tendo cerca de trinta centímetros de diâmetro, saiu do poço e flutuou pela estrada, a alguns metros do chão. Quando a bola chegou no pilar do portão próximo à entrada da casa dele, ela soltou um estouro forte e algo, que parecia a faísca de um relâmpago miniatura, saiu de dentro dela e pôs fogo no portão de madeira. Enquanto o vigário assistia àquilo em choque, a bola de luz misteriosa encolheu ficando do tamanho de uma bola de tênis e saiu em disparada pelo ar em movimentos espirais, desaparecendo de vista no céu escuro.

"Eu conheço várias pessoas que dizem ter visto essa luz estranha", disse o homem. "O que ela é — quem pode dizer? Mas eu deduzo que era essa mesma aparição que as pessoas nos tempos antigos achavam que eram anjos ou santos."

O homem conseguiu me deixar mais estupefato do que podia imaginar. O que ele descrevia parecia ser exatamente as estranhas bolas de luz relatadas em Jebel Madhbah.

"Você disse que achava que essas aparições tinham alguma ligação com os murais?" eu perguntei.

"Sim. As pessoas que viram a luz, geralmente a descrevem como algo que desaparece no ar com um movimento espiral. Você sabe, o mesmo que acontecia quando brincávamos com aquelas estrelinhas de fogos de artifício na infância. O ponto de luz que se espalha em alta velocidade deixa uma imagem visual circular em nossos olhos. Eu acredito que as pessoas que pintaram os espirais nos murais estavam tentando representar o que tinham visto. Claro que eles achavam que aquilo era um milagre." Eu ia perguntar ao homem se ele próprio já tinha visto a luz, mas ele disse que precisava cuidar de alguma coisa na igreja e voltou para dentro. Por algum tempo, examinei a estrutura do poço mais de perto e fui até o

outro lado da estrada para dar uma olhada no pilar do portão que, pelo que diziam, tinha sido posto em chamas pela estranha luz. O portão, porém, parecia ter sido trocado recentemente. Depois de quase dez minutos, voltei a igreja, na esperança de poder conversar mais com o homem a respeito da luz, mas ele não estava mais lá dentro. Caminhei ao redor do cemitério por alguns instantes em busca do homem, mas ele devia ter terminado seus trabalhos e ido embora. O homem, com certeza, tinha conseguido me deixar confuso. Minhas pesquisas em busca da Arca da Aliança haviam me levado até um lugar onde um fenômeno exatamente igual ao de Jebel Madhbah tinha sido reportado. Seria isso apenas uma extraordinária coincidência? Eu tinha de descobrir mais a respeito da estranha luz no poço. Surpreendentemente, quando comecei a pesquisar na biblioteca pública na cidade do condado de Warwick, descobri que estranhas luzes parecidas com aquela tinham sido vistas por todos os cantos das Colinas de Burton Dassett.

Achei dezenas de recortes de jornais relatando todos os tipos de luminosidades misteriosas: esferas, colunas e picadas de luz, geralmente de cor vermelha ou laranja, mas às vezes azul. Todas tinham sido vistas nas colinas, nas florestas e até mesmo na área do Templo de Herdewyke. Os fenômenos pareciam acontecer em ondas, elevando-se por vários dias após períodos de chuva intensa, antes de desaparecerem novamente, às vezes durante anos. Por causa das centenas de relatos, cientistas da Universidade de Oxford investigaram as ocorrências na década de 1990 e concluíram que se tratavam de fenômenos eletromagnéticos causados pelo estrato das rochas e correntes subterrâneas. As Colinas de Burton Dassett são cobertas de granito cornalina, e uma pequena falha geológica cruza toda a região. Tudo indicava que as rochas do lugar produziam o mesmo geoplasma enigmático encontrado em Jebel Madhbah, que acreditavam ser

criado por uma combinação de atividade sísmica e água corrente, embora ocorram com mais frequência nas Colinas de Burton Dassett quando as chuvas são mais fortes.

Os relatos das estranhas luzes vistas em Jebel Madhbah pareciam muito semelhantes com as descrições do Antigo Testamento da "*glória do Senhor*" e do "*fogo devorador*" que surgiu no Monte Sinai. Muitos dos relatos das testemunhas das luzes ao redor das Colinas de Burton Dassett também pareciam assustadoramente semelhantes aos relatos bíblicos das manifestações divinas na Montanha de Deus.

Um homem que entrevistei pessoalmente era o professor primário de Warwickshire, Simon Bowen. Ele havia testemunhado um fenômeno incrível enquanto voltava para casa em sua motocicleta pela estrada de terra deserta do condado que passa ao lado do curral que tinha sido a capela dos Templários. De repente, e sem explicação, seu motor parou e o farol apagou-se. Ele começou a procurar uma lanterna em seu alforje, quando percebeu que a estrada estava ficando misteriosamente iluminada. Toda a área foi banhada por um brilho avermelhado que vinha de uma moita de arbustos na lateral da estrada. A princípio, ele achou que o arbusto estava pegando fogo, mas de repente, uma esfera de luz vermelha brilhante, com alguns centímetros de diâmetro, se ergueu acima das folhas. Ficou suspensa por alguns segundos antes de diminuir e se transformar em um ponto de luz que disparou em direção ao céu em um movimento espiral, desaparecendo na escuridão. Não pude deixar de me lembrar do primeiro encontro de Moisés com a presença do Senhor na Montanha de Deus:

E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça: e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. (Ex 3:2)

Uma sarça (arbusto) que queimava sem ser consumida! Parecia ser exatamente a mesma coisa que Simon Bowen achava ter visto.

Naturalmente, o Sr. Bowen não achou que estivesse vendo um anjo, mas muitas testemunhas das luzes de Burton Dassett, durante muitos anos, interpretaram o fenômeno em um contexto religioso. Por exemplo, um globo de luz azul visto por habitantes do vilarejo de Farnborough, na extremidade sudeste das Colinas de Burton Dassett, no século XV, acharam que aquilo era uma visão da Virgem Maria; algo descrito como uma chama flutuante vista sobre um lago das redondezas durante a I Guerra Mundial foi considerado como um anjo; e, há pouco tempo, em 1986, uma esfera brilhante iridescente que apareceu do lado de fora da igreja Pentecostal ao norte das colinas, foi considerada como uma visita do Espírito Santo.

Obviamente, os mesmos fenômenos que ocorreram em Jebel Madhbah estavam acontecendo nas Colinas de Burton Dassett. Apenas alguns poucos lugares no mundo apresentam a combinação certa de geologia, atividade sísmica e de precipitações que criam o geoplasma. Certamente, era mais do que uma simples coincidência que um fenômeno raro como esse pudesse ocorrer em dois lugares que estavam relacionados com Ralph de Sudeley e seus Templários. Jebel Madhbah pode, originalmente, ter sido considerada sagrada, por causa das estranhas luzes vistas no local — fenômenos vistos como manifestações de Deus. Era bastante possível que os Templários posicionados no Vale de Edom tivessem visto essas

luzes e também as tivessem considerado como algum tipo de aparição divina. Será que Ralph de Sudeley e seus Templários decidiram construir sua preceptoria no pé das Colinas de Burton Dassett porque sabiam que fenômenos semelhantes aconteciam ali?

Na verdade, os Templários de *de Sudeley* podem ter considerado Jebel Madhbah como tendo sido a Montanha de Deus e acreditavam que essas estranhas luzes seriam a "*glória do Senhor*" descrita no Antigo Testamento. Os Templários que se estabeleceram no Vale de Edom, certamente sabiam que a região tinha associações bíblicas porque mapas das Cruzadas contemporâneas se referem à região como Le Vaux Moise — "*o Vale de Moisés*". Além disso, o santuário de Ain Musa dos beduínos já estava lá quando os Templários chegaram, o que significa que os Templários deviam saber que ali era o lugar que acreditavam que Moisés tinha criado a fonte milagrosa. Sendo assim, é possível que eles tenham chegado à conclusão de que Jebel Madhbah era a Montanha de Deus. Se tinham conhecimento da Bíblia (e como muitos deles eram monges, imaginamos que isso fosse natural), eles sabiam que Moisés havia criado sua fonte na "*rocha em Horebe*". Como Horebe era um dos nomes do Antigo Testamento para a Montanha de Deus, não teria sido preciso muita imaginação para que chegasse à conclusão de que o santuário de Ain Musa ficava na base do lugar que deve ter sido essa mesma montanha santa. Quando os sarracenos forçaram os Templários a abandonar o Vale de Edom, um outro lugar onde acreditava-se que "*a glória do Senhor*" se manifestava seria o local perfeito para construir uma nova preceptoria. Além disso, se os Templários de *de Sudeley* tinham encontrado o que acreditavam ser relíquias bíblicas no pé de Jebel Madhbah, a capela na base das Colinas de Burton Dassett

seriam o lugar sagrado ideal para guardá-las. Para eles, as Colinas de Burton Dassetz podem ter sido a nova Montanha de Deus.

Enquanto continuava a investigar as estranhas luzes ao redor das Colinas de Burton Dassetz, comecei a suspeitar de que estava seguindo por um caminho muito mais significativo. Parecia que esses fenômenos peculiares podiam, na realidade, estar escondendo o segredo que desvendaria um dos maiores mistérios a respeito da Arca da Aliança — o que ela, de fato, tinha sido.

De acordo com o Antigo Testamento, a glória do Senhor apareceu muitas vezes sobre e ao redor da Montanha de Deus, mas, assim que os israelitas deixaram a região, a mesma glória do Senhor continuou a aparecer para eles. Agora, porém, ela vinha da Arca. Por exemplo, Levítico 9:23 descreve como, depois da Arca ser colocada no interior do santuário do tabernáculo, a presença de Deus se manifestou:

Então entraram Moisés e Aarão na tenda da congregação, e depois saíram, e abençoaram ao povo: e a glória do Senhor apareceu a todo o povo.

Quando a Arca era consultada no tabernáculo, não somente a glória do Senhor, mas uma nuvem miraculosa, às vezes, aparecia. Por exemplo, o livro dos Números diz que os israelitas "*virando-se para a tenda da congregação, eis que a nuvem a cobriu, e a glória do Senhor apareceu*" (Nm 16:42). Dizem, ainda, que essa nuvem pairava sobre a Arca quando ela era levada de um lugar a outro:

A arca da aliança do Senhor caminhou diante deles em uma jornada de três dias, para lhes buscar lugar de descanso. E a nuvem do Senhor ia sobre eles de dia. (Nm 10:33-34)

Ao que tudo indica, durante a noite, a manifestação era vista em forma de fogo e, durante o dia, em forma de uma nuvem. Êxodo 13:21 descreve a aparição do Senhor da seguinte maneira: "*E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna do fogo*".

As luzes de Burton Dassett foram relatadas durante horas de escuridão, mas um outro fenômeno também estranho foi visto durante o dia. Ele foi descrito como uma "*pequena nuvem que paira logo acima do chão*", "*uma coluna de névoa*", e "*uma bola de fumaça que dança*". Na verdade, uma testemunha que eu mesmo consegui entrevistar, deu uma descrição que parecia ser tirada do Antigo Testamento.

O lago próximo ao vilarejo de Farnborough, onde a chama flutuante foi vista durante a I Guerra Mundial, é também o lugar de dezenas de relatos tanto das luzes estranhas como da misteriosa coluna de névoa. Gary Selby, um pescador amador da cidade de Oxford, estava pescando com dois amigos em um dia de verão de 1999 quando os patos no lago, de repente, começaram a voar. Sem saber o que os havia surpreendido, os três homens olharam do outro lado da água e viram-se diante de um espetáculo estranho. Aquilo que Gary descreveu como uma coluna do tamanho de um homem de névoa cinza escura desceu do céu e ficou pendurada, sem se mexer, acima do centro do lago. Ela permaneceu ali por alguns instantes e, então, começou a se movimentar para frente e para trás, cerca de trezentos metros nas duas direções, antes de girar como um pequeno tornado e desaparecer no ar.

De acordo com o livro do Êxodo, Moisés viu algo muito parecido quando Deus se manifestou da Arca no tabernáculo: "*E sucedia que, entrando Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta da tenda*" (Ex 33:9).

Tanto a estranha névoa quanto as bolas de fogo e as colunas de luzes, foram relatadas muitas vezes sobre o lago de Farnborough, e assim como as descrições bíblicas da glória do Senhor, elas podem muito bem ser o mesmo fenômeno visível, de formas diferentes, durante o dia e na escuridão. Especialistas explicaram os fenômenos como algo chamado de gás do pântano: vapores liberados das vegetações apodrecidas que podem, às vezes, desencadeá-los. No entanto, é difícil imaginarmos como o gás do pântano, submetido à ação da direção dos ventos, possa se mover de duas formas diferentes. Parecia mais provável que a estranha névoa estava, de alguma forma, relacionada com a aparição de geoplasma que acontecia durante o dia; somente na escuridão, ela seria vista como uma forma de brilho.

Como vimos anteriormente, é bastante possível que os relatos bíblicos da glória do Senhor visto no Monte Sinai fossem, na verdade, descrições de fenômenos geoplasmáticos e que o mesmo fogo divino era, de alguma maneira, produzido pela Arca da Aliança. Há indicações de que o geoplasma possa ser uma fonte de energia alternativa — para indústrias de combustíveis, de fornecimento de energia, proporcionando inclusive um meio de viagem interestelar. Atualmente, pesquisas científicas acerca do fenômeno estão apenas no início, e seu poder está longe de ser utilizado. No entanto, se a glória do Senhor era, de fato, o geoplasma, parece que

Moisés sabia exatamente o que fazer para controlá-lo. Percebi que estava lidando com coisas fora do comum, mas não pude deixar de imaginar se a Arca da

Aliança seria, na verdade, algum tipo de mecanismo geoplasmático. A equipe de cientistas da Universidade de Oxford que tinha estudado as luzes de Burton Dassett havia conduzido experimentos semelhantes aos realizados pelo Departamento de Minas e Energia dos Estados Unidos em 1981, comprimindo os núcleos do granito cornalina e do arenito para produzir geoplasma de baixo nível. Consegui entrar em contato com o Dr. James Mellor, um dos responsáveis pelos experimentos da equipe, e perguntei a ele se seria possível criar um aparelho que reproduzisse artificialmente o fenômeno em uma escala maior.

"Seria preciso uma máquina gigantesca para comprimir a quantidade de rocha necessária", ele me disse ao telefone. "Seria algo totalmente impraticável. Poderia ser possível produzir artificialmente as luzes da terra (o termo popular que a equipe de Oxford usava para o geoplasma) sem a necessidade de um compressor de bombardeamentos de elétrons e de um campo magnético forte o suficiente. No entanto, a única maneira de comprovar essa teoria, no momento, seria por meio do uso de um acelerador de partículas, mas não existem muitos disponíveis no mundo."

"Você acredita que seria possível, no futuro, criar um aparelho portátil para produzir o geoplasma?" eu perguntei.

O Dr. Mellor respondeu-me que sim, se a energia solar pudesse ser controlada por meio da criação de células de silício fotoelétricas que convertessem a luz do sol em eletricidade suficiente. Infelizmente, ele explicou, nós ainda temos que descobrir o que fazer para maximizar a conversão da energia solar em elétrica.

"Se isso pudesse ser feito, qual seria o aspecto de um gerador geoplasmático?" eu perguntei.

"Não faço a menor idéia", ele disse, "mas seria preciso que houvesse um núcleo de granito cornalina ou de arenito e que fosse isolado por um policarbonato espesso ou uma camada grossa de chumbo ou de ouro."

Embora esses detalhes pudessem desapontar um cientista, eu estava perplexo. O Dr. Mellor poderia estar descrevendo a Arca da Aliança. Ela tinha um revestimento folheado a ouro e guardava tábuas de arenito. A Bíblia nos conta o que havia na Arca quando foi aberta no Templo de Jerusalém: *"Na arca nada havia, senão só as duas tábuas de pedra, que Moisés ali pusera junto a Horebe"* (1 Reis 8:9). Essas duas tábuas de pedra, nas quais dizem que Deus inscreveu os Dez Mandamentos, foram, ao que tudo indicava, cortadas da rocha do topo do Monte Sinai. (De acordo com o Êxodo, Moisés quebrou as duas primeiras tábuas e Deus pediu que ele próprio cortasse outras duas da rocha exposta no cume do Monte Sinai.)

E ele (Deus) deu a Moisés, quando acabou de falar com ele no monte Sinai, as duas tabelas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus (Ex 11:18)

O cume de Jebel Madhbah é composto de arenito, que, assim como o granito cornalina das Colinas de Burton Dassett, é uma das poucas rochas que sabe-se ser capaz de produzir o geoplasma. A importância das tábuas sagradas pode não ter sido apenas pelo fato de trazerem os mandamentos de Deus, mas também por terem sido feitas de um determinado tipo de pedra. Naturalmente, não havia nenhuma descrição bíblica de algo que pudesse conter células de silício

fotoelétricas, mas uma parte muito importante da Arca ainda permanecia sem ser mencionada — o misterioso propiciatório.

Seria possível que os antigos israelitas tivessem, de alguma forma, encontrado algo que, atualmente, não passa de um processo de física teórica de tecnologia de ponta, e criado um gerador geoplasmático? O que quer que fosse, se podemos acreditar na Bíblia, a Arca da Aliança produzia algo que era incrivelmente semelhante aos fenômenos das Colinas de Burton Dassett e de Jebel Madhbah. Além disso, ela poderia ser extremamente perigosa, assim como a luz relatada pelo vigário de Burton Dassett, que descarregou o que parecia ser energia elétrica e pôs fogo no pilar de seu portão. Uma passagem do Antigo Testamento descreve algo muito parecido vindo da Arca: *"Porque o fogo saiu de diante do Senhor, e consumiu o holocausto e a gordura, sobre o altar"* (Lv 9:24).

O fenômeno das Colinas de Burton Dassett pode ser ainda mais destrutivo, como aconteceu em 1931, quando uma bola de fogo em chamas se chocou contra um moinho de vento, incendiando-o e destruindo-o por completo. O dono do moinho e sua esposa quase perderam suas vidas. Quando a glória do Senhor apareceu para os antigos israelitas, alguns deles não tiveram tanta sorte: *"E o fogo do Senhor ardeu entre eles, e consumiu os que estavam na última parte do arraial"* (Nm 11:1). O que quer que fosse esse fogo divino, os israelitas, aparentemente, sabiam o que fazer para controlá-lo. O versículo seguinte dessa história descreve como Moisés impediu a devastação: *"Então o povo clamou a Moisés; e Moisés orou ao Senhor, e o fogo se apagou"* (Nm 11:2).

Diversas vezes, a Arca não apenas foi usada para se comunicar com Deus, mas também como uma arma apavorante. De acordo com o Antigo Testamento, Deus instruiu os israelitas para encontrarem um reino hebraico em

Canaã, uma terra já ocupada por dezenas de diferentes povos hostis que eram muito mais populosos que eles. Para conseguir superar obstáculos tão surpreendentes, o incrível poder da Arca foi usado para esmagar carruagens, derrubar muralhas de cidades e derrotar exércitos inteiros, até que somente um inimigo restou: os poderosos filisteus. Em uma série de batalhas decisivas, que finalmente fizeram com que os israelitas estabelecessem seu reino de Israel, a Arca é usada para destruir seus oponentes finais. De acordo com o primeiro livro de Samuel, os filisteus, inicialmente vencem, até que a Arca é usada:

E quando as pessoas chegaram ao arraial, os anciãos de Israel disseram... Permita-nos pegar a arca da aliança do Senhor e levar até nós, para que, quando a colocemos entre nós, possa ela nos salvar da mãos de nossos inimigos. (1 Sm 6:2-3)

Ainda mais pertinente para nossos propósitos, o fogo divino que emanava da Arca não era uma ocorrência aleatória, mas era um ato invocado de forma deliberada pelos israelitas. Moisés, por exemplo, chamou o poder de Deus da Arca para destruir seus inimigos:

Acontecia que, partindo a arca, Moisés dizia, Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos; e fujam diante de ti os odiadores. (Nm 10:35)

Parece, então, que os antigos israelitas tinham não somente criado algo que agia de forma muito semelhante a um gerador geoplasmático, mas também o utilizavam como uma arma futurista de destruição em massa.

Entretanto, não havia como saber o que de fato era a Arca da Aliança, a menos que ela pudesse ser encontrada. Eu podia não ter provas de que de Sudeley e seus Templários tinham, na verdade, encontrado a Arca em Jebel Madhbah, mas havia evidências razoáveis de que haviam achado um baú dourado que acreditavam ser uma relíquia bíblica. Essa mesma relíquia poderia muito bem estar entre os objetos guardados na capela de Herdewyke. Jacob Cove-Jones afirmava ter encontrado (e escondido novamente) algumas dessas mesmas relíquias, que incluíam "*uma descoberta de imensa importância*". Era possível que esse fosse o mesmo baú dourado. Ele, obviamente, havia deixado pistas que levavam até seu próprio esconderijo no vitral da igreja no vilarejo de Warwickshire de Langley. Eu tinha de ver o vitral com meus próprios olhos.

12. O Código da Epifania

Quando visitei a Igreja de Langley, fui acompanhado por Graham e Jodi Russell, um casal dos Estados Unidos. Graham, um compositor e cantor da banda de sucesso Air Supply, e eu, tínhamos nos conhecido havia alguns anos quando trabalhávamos juntos em um musical histórico para o teatro. Desde então nos tornamos bons amigos, e tanto Graham como Jodi compartilhavam minha fascinação pelos mistérios da história. Eu havia lhes contado a respeito de minhas pesquisas em busca da Arca e que o vitral na Igreja de Langley, supostamente, guardava as pistas acerca do paradeiro das três pedras preciosas e de alguns outros artefatos misteriosos que Jacob Cove-Jones afirmava ter escondido. Eu tinha que admitir que não fazia idéia se as pedras de fato eram três das Pedras de Fogo que, no passado, fizeram parte do conjunto do Peitoral do Julgamento bíblico, ou se a "*descoberta de imensa importância*" era, na realidade, a Arca da Aliança, mas eu lhes disse que o Sr. Baylis tinha certeza de que seu ancestral tinha, de fato, escondido alguns objetos, e que, provavelmente, ainda estavam ali para ser encontrados.

Langley é um vilarejo de Warwickshire coberto de folhagens que fica alguns quilômetros ao norte de Stratford-upon-Avon — um lugar pequenino sem uma única loja ou bar. A maioria das casas na área eram bastante recentes, e um dos únicos prédios antigos no vilarejo era a própria igreja, que acabou se mostrando ser uma pequena capela de apenas um salão, que fora construída no final do século XIX. Nós logo encontramos o que tínhamos ido analisar. No meio da parede sul ficava o vitral que o Sr. Baylis havia mencionado. Como na maioria das igrejas na Inglaterra, havia um livro guia que contava a história da construção, e ele confirmava que o vitral tinha sido desenhado pelo amigo artista de Jacob Cove-Jones, Bertram

Lamplugh, em 1907, e doado à igreja. Era uma pequena janela com cerca de um metro de altura por sessenta centímetros de largura — muito menor do que eu imaginava. Na verdade, não era nada parecido com o que esperava. Eu achava que o vitral teria uma ilustração de alguma cena do Antigo Testamento, talvez algo que incluísse a Arca ou o peitoral sagrado. Ao invés disso, mostrava uma cena da Natividade do Novo Testamento, com os três reis magos oferecendo seus presentes ao menino Jesus. De acordo com o livro guia, a janela era chamada de o Vitral da Epifania, porque Epifania é o nome do dia em que, segundo a tradição, acredita-se que os três reis magos visitaram o Cristo criança. A Epifania é até hoje celebrada por muitos cristãos no décimo segundo dia após o Natal, em 6 de janeiro. No entanto, nada disso parecia ter uma ligação com a Arca da Aliança ou as Pedras de Fogo.

"Você acha que as relíquias de Cove-Jones podem ter alguma relação com Jesus e não com o Antigo Testamento?" perguntou Jodi, enquanto examinávamos o vitral. *"Talvez elas fossem os presentes dos reis magos."* De acordo com o relato do Novo Testamento mostrado no evangelho de São Mateus, uma estranha estrela nova apareceu no céu no momento do nascimento de Jesus. Em algum lugar, no extremo leste da Judéia, três reis magos acreditaram que a estrela era um sinal de Deus para revelar o local do nascimento do Messias. Prepararam-se e viajaram na direção da estrela, até que chegaram em Belém. Lá, encontraram o estábulo onde Jesus nasceu, e cada um deles ofereceu um presente à criança: um deles levara ouro, um outro, olíbano (incenso religioso), e o outro lhe dera mirra (um óleo aromático precioso). O vitral, de fato, mostrava os reis magos com esses presentes. No entanto, não parecia que tinham qualquer ligação com o que Jacob Cove-Jones afirmava ter achado.

"Se as descobertas de Cove-Jones eram relíquias que ficavam guardadas na capela de Herdewyke, como ele dizia, elas teriam de ser relíquias do Antigo Testamento. Pelo menos, foi assim que estavam descritas no registro do Feet of Fines", eu disse. "O Antigo Testamento foi escrito mais de quinhentos anos antes de Jesus nascer."

"Você acredita mesmo que o vitral possui um código?" perguntou Graham Russell.

"O Sr. Baylis acha que sim", eu disse. "Cove-Jones pagou para que esse trabalho fosse feito, e teria sido algo bastante simples para ele ter instruído que seu amigo artista incorporasse algumas imagens codificadas na obra, sem que ninguém soubesse do que se tratavam."

"Mas se isso é verdade, você não acha que alguém já foi capaz de solucionar esse mistério? O vitral está aqui há quase um século", disse Jodi. "O Sr. Baylis acha que não", eu disse. "Alguns poucos descendentes de Cove-Jones tentaram decifrar essa coisa toda, mas desistiram sem obter nenhum sucesso. Pelo que sei, pouquíssimas pessoas, atualmente, já ouviram falar de Jacob Cove-Jones, e com certeza jamais souberam a respeito de suas supostas pistas no vitral".

"Talvez haja uma pista no nome do vitral", sugeriu Graham. "O que significa a palavra epifania?"

Eu não fazia a menor idéia, mas o livro guia dizia que ela vinha da palavra grega epiphaneia, que quer dizer "aparicção", referindo-se à miraculosa estrela que apareceu no céu para guiar os reis magos até Belém.

O vitral, certamente, mostrava a estrela na parte de cima do cenário, e próximo a ela havia um galo cacarejando. De acordo com a antiga tradição cristã, um galo empoleirado em cima do estábulo onde Cristo nasceu, cacarejou à meia-

noite, para revelar aos reis magos exatamente onde o menino Jesus poderia ser encontrado. Talvez, da mesma forma que a estrela e o galo levaram os reis magos até o menino Jesus, Cove-Jones tenha escolhido essas imagens para conduzir as pessoas até o lugar onde havia escondido suas supostas relíquias.

Além do vitral, as únicas outras pistas do paradeiro das relíquias, ao que parecia, eram apresentadas nas três passagens da Bíblia que Cove-Jones havia escrito. Peguei a cópia que o Sr. Baylis tinha me dado e as li para os Russells. Embora essas passagens não fizessem menção alguma à Arca da Aliança, elas se referiam às três pedras preciosas que Cove-Jones afirmava ter escondido. Uma delas falava da pedra ônix, a segunda, do berilo e a outra do jaspe. Seria possível que cada uma das passagens, de alguma forma, mencionasse o esconderijo de uma das pedras? Cove-Jones, ao que parecia, havia escondido cada um de seus artefatos em um lugar diferente na região onde morava; talvez essas passagens nos levassem a três de seus tesouros.

"O Sr. Baylis achava que as três passagens da Bíblia só fariam algum sentido quando combinadas com as imagens do vitral", eu disse.

"E há três reis magos. Talvez cada um deles traga também uma pista que possa nos levar a cada uma das pedras preciosas", disse Jodi.

Na verdade, dois dos reis magos, literalmente, carregavam alguma coisa — seus presentes individuais de ouro e mirra. Sobre as caixas que traziam os presentes havia uma imagem. Em uma delas, havia o que parecia ser uma ponte; e na outra, havia uma igreja cercada por um muro e um portão grande. O presente do terceiro rei não mostrava um desenho. Em vez disso, ele olhava na direção de uma outra imagem estranha sobre a túnica de um de seus companheiros: uma roda d'água apoiada em uma árvore com uma coroa em cima dela e uma única letra **B**

logo abaixo. Elas eram, sem dúvida, imagens discordantes que pareciam não ter ligação alguma com a cena da Natividade. Outras imagens diferentes que logo chamaram nossa atenção, eram a letra **M**, para onde o rei que segurava a caixa com a imagem da igreja olhava, e uma pomba empoleirada em um distribuidor de feno, que olhava na direção da roda d'água.

"*Acho que você está certa*", eu disse em resposta à pergunta de Jodi. "*Cada uma das passagens não apenas se refere a uma das pedras, como duas delas citam os presentes que os reis magos deram a Jesus. Talvez, se conseguirmos estabelecer uma correspondência adequada entre o mago e passagem certa, teremos três conjuntos completos de pistas, uma para cada localização.*"

Parecia lógico. Como uma das passagens mencionava o ouro e uma outra se referia à mirra; dois dos presentes dos reis magos, ficava claro qual passagem falava de que determinado rei mago. Não ficava totalmente evidente, porém, qual presente cada um dos homens trazia. Por sorte, no entanto, o livro guia da igreja pôde nos ajudar. De acordo com a antiga tradição dos cristãos, os três reis magos chamavam-se Melchior, Baltazar e Gaspar: Melchior trouxe o ouro, Baltazar trouxe a mirra e Gaspar trouxe o olíbano. O livro guia nos dizia quem era quem no vitral.

Se estávamos certos, a passagem que mencionava a mirra era correspondente às imagens associadas ao personagem de Baltazar — o homem que olhava em direção à imagem da roda d'água. Como essa passagem se referia ao berilo, então, junto com as imagens de Baltazar, ela poderia nos levar até o esconderijo da pedra de berilo. A passagem que falava do ouro combinava com as imagens associadas ao personagem de Gaspar — o homem que segurava a caixa

com a imagem da ponte. Como essa passagem se referia à ônix, combinada às imagens de Gaspar, ela poderia nos levar ao esconderijo da pedra de ônix. Embora a terceira passagem não mencionasse o olíbano, ela tinha de estar relacionada com as imagens associadas ao personagem de Melchior — o homem com a caixa que tinha o desenho de uma igreja e de um portão — visto que ele era o único restante. Sendo assim, a passagem bíblica final que se referia à pedra jaspe, junto com as imagens de Melchior, poderia nos levar ao esconderijo dessa pedra. Um problema, porém, permanecia: se essas eram, de fato, pistas, como poderiam nos levar até as relíquias escondidas de Cove-Jones?

"Talvez Cove-Jones tenha encontrado esconderijos na área onde morava com pontos de referência que tivessem alguma ligação com essas imagens e com os versículos bíblicos de alguma maneira", disse Graham depois de um tempo.

A sugestão de Graham parecia lógica, e por isso, passamos alguns dias estudando os mapas da área e lendo a respeito da história de Warwickshire para determinar que possíveis pontos de referência, na verdade, existiam, quando o vitral foi instalado em 1907. Por fim, conseguimos encontrar algo que parecia se referir às imagens. A figura de Baltazar olhava em direção à imagem da roda d'água, e havia um antigo moinho não muito distante da Igreja de Langley que ainda tinha uma roda d'água que era usada. Na realidade, encontramos um livro com uma fotografia da roda d'água que fora tirada exatamente um ano antes do mural ser feito, provando que ela já existia nos dias de Cove-Jones. Embora ainda houvesse uma série de antigos moinhos nos campos de Warwickshire, esse moinho em específico ficava localizado em uma estrada chamada Crowntree Lane (Travessa da Árvore da Coroa). Na imagem do vitral, a roda d'água ficava apoiada em uma árvore com uma coroa em cima dela. Certamente isso era coincidência demais.

Datado da Idade Média, o moinho fora usado durante séculos, até que foi transformado em um bar restaurante na década de 1970. Hoje chamado de Moinho Saxon, ele fica cerca de três quilômetros a oeste da cidade do condado de Warwick. Do lado de fora, ele parecia estar do mesmo jeito que no tempo de Jacob Cove-Jones, e a roda d'água ainda podia ser usada nos dias de hoje. Quando Graham, Jodi e eu chegamos, já estava começando a escurecer, mas como era uma noite quente, pedimos algumas bebidas e nos sentamos no pátio iluminado com holofotes do lado de fora. Sentados de frente para o rio que passava ao lado do local, vemos novamente a passagem bíblica que Cove-Jones havia deixado como uma pista do lugar que deduzimos ser o esconderijo do berilo. Era o capítulo 2, versículos 12, 13 e 14, do livro das Canções de Salomão do Antigo Testamento:

Seus olhos são os olhos de pombas próximas aos rios de águas, lavadas com leite e dispostas no momento exato. Suas bochechas são como um leite de sabores, tão doces quanto flores: seu lábios como lírios, derramando a mirra de perfume doce. Suas mãos são como anéis de ouro adornadas com o berilo.

A cena à nossa frente somente ajudava na confirmação de que estávamos no lugar certo. Uma barragem ao lado do moinho o tempo todo fazia jorrar água, fazendo com que a superfície do rio ficasse branca como a neve com espuma e vapor por pelo menos três quilômetros correnteza abaixo. As palavras da passagem, "*águas, lavadas com leite*", não podiam ser mais perfeitas. Mas, por mais que tentássemos, não imaginávamos por onde poderíamos começar nossa busca.

Tínhamos examinado todos os detalhes da roda d'água, mas nada na figura nos fazia ter novas sugestões. No entanto, uma pista que ainda tínhamos para ser considerada no Vitral da Epifania, era a letra **B** maiúscula, que havia logo abaixo da imagem da roda d'água, e Jodi sugeriu que procurássemos por alguma letra **B** que se destacasse. Talvez ela estivesse inscrita em algum lugar. Vasculhamos todo o Moinho Saxon mas não encontramos nada.

Estava ficando tarde, o bar estava fechando, e estávamos quase encerrando nossas buscas naquele dia quando minha atenção, de repente, se voltou para uma pomba que sacudia-se nas calhas do teto do restaurante e voou por cima da ponte que passava pela barragem do outro lado do rio. Ela não só me fez lembrar da pomba desenhada no vitral que olhava na direção da roda d'água, como também da primeira linha da passagem bíblica: "*Seus olhos são como os olhos de pombas próximas aos rios de águas.*" Talvez a referência da pomba fosse importante. Talvez houvesse algum pombal (uma estrutura construída especialmente para pombas e pombos poderem aninhar-se) na escuridão do outro lado do rio, onde Cove-Jones poderia ter escondido a pedra.

Estava ainda claro o suficiente para enxergarmos com a ajuda da iluminação dos holofotes que brilhavam em cima do Moinho Saxon, por isso atravessamos a ponte até o outro lado. Enquanto Graham Russell e eu procurávamos no meio da floresta escura tentando encontrar um pombal para onde a pomba podia ter voado, Jodi examinava um antigo muro que separava o caminho das águas correntes da barragem. Logo, algo chamou sua atenção. Uma das pedras mais altas do muro tinha uma letra B esculpida, com cerca de dez centímetros de altura. Ao ajoelhar-se para examinar a letra mais de perto, ela percebeu que abaixo da pedra havia uma fenda estreita, larga o suficiente para que conseguisse encaixar

seu braço. Quando fez isso, com o braço do lado de dentro, quase até o cotovelo, sua mão tocou uma elevação pontiaguda, onde alcançou uma cantoneira estreita. Sobre ela, sentiu algo arredondado e liso. Assim que conseguiu puxá-lo para fora, ela nos chamou.

Mapa 8: Inglaterra e os principais locais de busca das Pedras de Fogo



Chegamos onde ela estava e encontramos Jodi sentada sobre o muro com um olhar de espanto em seu rosto. Em sua mão estava uma pequena pedra, que tinha o formato de metade de um ovo, com cerca de três quartos de uma polegada de comprimento, lapidada e polida de forma artificial, exatamente como uma pedra que podia ser colocada em um anel.

"Não posso acreditar", ela disse. "Estava bem ali naquela fenda."

Ao mesmo tempo que Graham se abaixou e colocou sua mão na rachadura para certificar de que não havia mais nada lá, eu examinei a pedra. Era uma rica pedra marrom granulosa. Tínhamos levado conosco um livro com ilustrações e fotos de todos os tipos de pedras preciosas, para o caso de encontrarmos alguma coisa. Quando peguei o livro no carro, descobrimos que a pedra que Jodi havia achado combinava perfeitamente com a foto de um berilo — exatamente o que estávamos procurando.

No dia seguinte, enviamos a pedra para que fosse examinada por um joalheiro, que nos disse que a jóia era de fato feita de berilo. Para nossa surpresa, parecia que tínhamos conseguido desvendar um dos códigos de Cove-Jones. Era muito pouco provável que alguma outra pessoa tivesse decidido colocar essa mesma pedra na fenda do muro, e logo abaixo de um lugar marcado com a letra B. Deve ter sido Jacob Cove-Jones quem a escondeu ali há quase cem anos. Quando começamos a averiguar, descobrimos que o muro era da mesma época que o moinho, e portanto ele teria estado ali no tempo de Cove-Jones. Também acreditávamos que aquele era um excelente esconderijo. Era um lugar que muito provavelmente não seria alterado por muitos anos. O moinho, a barragem e o muro estavam ali por centenas de anos e iriam possivelmente permanecer ali por outros cem. Ninguém sequer teria prestado atenção naquela fenda, muito menos teria

colocado o braço em seu interior para ver se existia alguma coisa lá dentro, a menos que estivesse, especificamente, procurando por algo.

O Sr. Baylis parecia estar certo com relação a seu ancestral ter escondido as pedras como afirmava. A pergunta na minha cabeça era se o pedra de berilo, de fato, pertencia às relíquias do Antigo Testamento que, no passado, estavam guardadas na capela de Herdewyke. Ou seria, como o Sr. Baylis acreditava, qualquer jóia que Cove-Jones teria comprado? Infelizmente não havia uma forma de precisarmos a data da pedra, porque somente restos orgânicos podem ser testados com o radiocarbono. O máximo que o joalheiro pôde fazer, foi examiná-la por meio de um microscópio para determinar que não fora lapidada e polida por máquinas modernas. A pedra, ele nos disse, fora feita à mão, mas isso não provava muita coisa: havia diversos joalheiros na época de Cove-Jones que poderiam ter lapidado e polido a pedra daquela forma.

"Como foi que conseguimos encontrá-la em apenas alguns dias, sendo que os ancestrais de Cove-Jones passaram anos procurando por alguma coisa?" perguntou Jodi, após sairmos do joalheiro.

Pessoalmente, não achava que houvesse algo de estranho naquilo, visto que, as últimas pessoas que sabemos que tentaram encontrar as pedras o tinham feito durante os primeiros anos do século XX, quando os mapas e os livros de referência, que haviam sido tão essenciais para nossa busca, eram raros, ou nem sequer existiam. Apesar de tudo, eu também achava aquilo estranho, mas decidi não pensar nos detalhes por um tempo. Havíamos encontrado uma das pedras e estávamos impacientes para ver se conseguiríamos achar as outras.

Como as imagens do vitral associados ao personagem de Baltazar nos tinham levado a uma roda d'água, parecia lógico que os pontos de referência onde

estariam as outras duas pedras estariam escondidos nas caixas nas mãos dos dois outros reis magos. O problema com esses dois pontos de referência, porém, era que, diferente da roda d'água, havia centenas de antigas igrejas e pontes em Warwickshire. Por fim, no entanto, foi a ponte que acabou sendo a mais fácil de ser encontrada.

A imagem na caixa de Gaspar mostrava uma ponte desenhada de forma especial, que parecia estar reforçada com vigas mestras. Sobre ela, estavam as palavras em latim *Venite Adoremus*, que são as primeiras palavras da canção natalina "*O Come Il Ye Faithful*", e que se encaixava com a cena da Natividade. Entretanto, nada tem a ver com uma ponte na história do nascimento de Jesus, muito menos uma ponte reforçada com vigas mestras, um desenvolvimento da engenharia que só aconteceu durante a Revolução Industrial do final do século XVIII. O que isso estaria fazendo numa cena que mostrava o nascimento de Jesus há dois mil anos? Uma imagem tão incongruente devia ser tão relevante quanto uma roda d'água.

Ao pesquisarmos na biblioteca de Warwick, descobrimos que havia, na verdade, somente algumas pontes com essas vigas que haviam sido erguidas no tempo de Cove-Jones no condado de Warwickshire, e a que ficava mais próxima da Igreja de Langley estava cerca de cinco quilômetros ao sul do vilarejo. Era um aqueduto, conhecido como o Aqueduto Bearley, que conduzia o Canal de Stratford-upon-Avon por um rio e uma estrada de terra. Tendo sido construído em 1814, o aqueduto estava ali quando Jacob Cove-Jones era vivo. A passagem bíblica de Cove-Jones que citava o ouro (o presente de Gaspar para Jesus) e incluiu uma referência à pedra de ônix, parecia estar relacionada ao Aqueduto Bearley. Era a passagem do Gênesis 2:10-12:

O nome do primeiro é Pisom: este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom: ali há o bdélio, e a pedra do ônix.

De acordo com a Bíblia, Havilá era uma terra que ficava ao lado do Jardim do Éden, rica em bdélio, uma espécie de gimnospermas muito cara, e onde pedras de ouro e de puro ônix podiam ser encontradas. Pisom era um lugar em Havilá de onde diziam que quatro rios fluíam em diferentes direções. O Aqueduto Bearley conduzia o canal sobre um rio, criando uma vista da qual, de todas as formas, os caminhos das águas se dispersavam em quatro direções distintas. Na verdade, aquele era o único lugar, por muitas milhas, onde isso acontecia de fato.

Quando nós três chegamos no Aqueduto Bearley, era um dia glorioso de verão e as flores amarelas que cobriam os campos adjacentes brilhavam como ouro em meio ao brilho do sol do meio-dia. A ponte do aqueduto era apoiada por altas torres de tijolos vermelhos que se erguiam dos dois lados da estrada, e ao lado de uma delas havia um caminho escarpado que conduzia até o canal. Enquanto Graham subiu pelo caminho até o aqueduto, Jodi e eu vasculhamos as margens da estrada e do rio tentando encontrar alguma coisa onde uma pedra de ônix poderia estar escondida.

A princípio, não fazíamos a menor idéia do que estávamos procurando, até que Jodi sugeriu que pudéssemos encontrar uma outra letra esculpida em algum lugar. Assim como as pistas que nos levaram à pedra de berilo estavam associadas ao primeiro rei mago, Baltazar, e a letra **B** estava envolvida, talvez devêssemos esperar encontrar uma letra **G**, de Gaspar. Na verdade, havia uma letra **G** maiúscula na borda do vitral acima da cabeça do personagem. Procuramos por toda a área

mas não encontramos nada sobre o qual algo pudesse ter sido esculpido. No Aqueduto, Graham também não estava com sorte. Sem saber para onde ir, decidi examinar os postes que sustentavam a ponte. Obviamente, eles já estavam ali na época de Jacob Cove-Jones, mas como eram tijolos comuns de construção, não achei por um só minuto que algo fosse estar escondido ali. No entanto, foi onde tive uma surpresa. Depois de alguns minutos procurando pelos tijolos dos postes de sustentação entre o rio e a estrada, encontrei um que tinha uma letra G esculpida. Na verdade, o tijolo parecia que estava no lugar de um mais antigo, porque era visivelmente menor e mais escuro que os demais. Chamei os outros e comecei a arranhar o cimento com meu canivete. Depois de alguns minutos, consegui abrir um vão grande o suficiente para ver que havia de fato um recesso estreito aliás do cimento. Do lado de dentro, vi que havia alguma coisa. Consegui introduzir meu dedo no local e toquei em uma superfície lisa, e quando consegui tirá-la, pudemos ver que era uma outra pedra, do mesmo tamanho e formato que a primeira, embora fosse de cor verde escura. Esperávamos encontrar a pedra ônix, e quando a comparamos com a fotografia no livro de pedras preciosas, vimos que estávamos certos. Quando, mais tarde, conversamos com o joalheiro, ele confirmou que aquela era, de fato, uma ônix. Eu estava tão perplexo quanto Jodi havia se sentido quando encontrou a pedra de berilo! A jóia não teria, de forma alguma, ter ido parar naquele lugar por mero acaso. Aquela tinha de ser a segunda pedra de Cove-Jones.

Por algum tempo ficamos sentados sobre as margens do rio embaixo do aqueduto, conversando sobre nossas descobertas. Tinha de admitir que Jacob Cove-Jones havia sido muito esperto. Os dois esconderijos eram ideais para algo que precisava ser mantido escondido por muitos anos. O aqueduto já estava naquele lugar por quase um século na época em que o vitral foi instalado, e

provavelmente, continuaria ali por outros cem. Assim como o esconderijo do berilo, dificilmente alguém tocaria na construção de tijolos do aqueduto, a menos que estivessem, especificamente, procurando algo. Além disso, as duas pedras estavam em lugares onde ninguém teria acesso se conseguissem solucionar o mistério de suas pistas. Uma estrada passava bem ao lado das vigas, e uma trilha pública levava as pessoas da ponte até o muro da barragem do Moinho Saxon. Cove-Jones devia ter uma imaginação e tanto, isso para não falarmos de sua paciência, para encontrar as passagens da Bíblia que, não apenas mencionavam cada uma das pedras por seus nomes e fazia referência aos presentes dos reis magos, mas também foi capaz de usá-las como uma forma de codificação para descrever os esconderijos que escolheu. Isso, somado aos gastos e esforços investidos na construção do vitral da Igreja de Langley, me fizeram, seriamente, questionar se Cove-Jones teria mesmo tramado essa caça ao tesouro apenas com o intuito de zombar das autoridades do museu, como o Sr. Baylis imaginava. Eu estava começando a acreditar que Jacob Cove-Jones, de fato, havia encontrado os artefatos, como ele afirmava, depois de conseguir desvendar as pistas nos murais da Igreja de Burton Dassett. Se fosse verdade, isso significava que os Templários de Herdewyke deveriam tê-los escondido e que estariam, provavelmente, entre as relíquias guardadas na capela da preceptoria. Enquanto dirigíamos pelos campos de Warwickshire naquela tarde, olhei para as duas jóias na minha mão. Seria possível que fossem duas das Pedras de Fogo que os antigos israelitas haviam colocado sobre o Peitoral do Julgamento — duas das antigas pedras preciosas por meio das quais diziam que Moisés e seus sucessores tinham controle sobre o incrível poder da Arca?

Havia ainda uma pedra para ser encontrada — a pedra de jaspe. A passagem bíblica de Cove-Jones, relacionada ao esconderijo dessa jóia, era a do Apocalipse 21:11-13:

E havia a glória de Deus: e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente; E havia um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos. Do lado do levante havia três portas; do lado do norte, três portas; do lado do sul, três portas, do lado do poente, três portas.

O último rei mago no Vitral da Epifania, Melchior, segurava uma caixa que tinha o desenho na forma de uma igreja com um muro ao seu redor e um portão grandioso. Escrito na caixa estavam as palavras *Benedicte Omnia*. Como essa frase apenas servia como uma forma de louvor e estava relacionada ao tema da Natividade, duvidamos que pudesse ser importante em nossa busca. No entanto, a imagem da igreja e do portão, sem dúvida, pareciam ser relevantes. A passagem da Bíblia mencionava um muro com doze portas, por isso chegamos à conclusão de que deveríamos procurar por uma igreja cercada por doze portas. Não poderia haver muitas igrejas em Warwickshire com tantas portas, e por isso, inicialmente, achamos que seria fácil localizar aquela que Cove-Jones escolhera. Entretanto, apesar de termos lido dezenas de livros, surfado na internet e estudado detalhes em diversos mapas, não fomos capazes de encontrar o lugar exato. Por fim, decidimos que havia apenas uma coisa a ser feita, que era darmos uma volta pelo condado e visitarmos todas as igrejas. Isso teria levado anos. Quase 1.500 igrejas anglicanas pontilhavam

a região na época de Cove-Jones, além das centenas de capelas católicas romanas e, só Deus saberia dizer quantas capelas batistas e metodistas. Contudo, decidimos passear pelas estradas do interior de Warwickshire, na maior área possível próxima à Igreja de Langley, na esperança de podermos encontrar algo que parecesse estar relacionado às imagens do vitral ou à passagem bíblica.

"Não consigo deixar de acreditar que a estrela seja uma indicação importante", disse Graham enquanto passávamos diante de fazendas, currais e pequenas casas de lavradores. Graham tinha sua razão; a estrela era uma imagem que se destacava bem acima do Vitral da Epifania.

"É possível", eu disse. *"Uma estrela foi o que levou os reis magos até o menino Jesus."*

"Talvez tenhamos de seguir na direção de uma estrela específica", sugeriu Jodi. *"Qual foi a estrela que os reis magos seguiram?"*

"Não acredito que alguém tenha essa resposta. Mesmo se tivessem, as posições das estrelas mudam o tempo todo", eu disse.

"E se procurássemos uma estrela em uma igreja?" disse Graham.

A maioria das igrejas antigas tem um cata-vento no topo de suas torres, e era possível que um deles estivesse decorado com uma estrela, e assim, dirigimos mais um tempo na esperança de encontrarmos uma, mas sem sucesso. Parávamos e perguntávamos para diversas pessoas mas ninguém sabia de nenhuma igreja com essas características. Estávamos a ponto de desistir quando Graham parou o carro de súbito em um cruzamento para dar passagem para outro veículo. De repente, o som de um galo cacarejando, sobre uma gaiola pela janela do carro, fez meu corpo balançar. Jodi e eu rimos do incidente, mas Graham estacionou o carro no acostamento e pegou um livro guia no porta-luvas.

"O que houve?" eu perguntei.

"*Aquele galo cacarejando me fez lembrar de que havia um galo no Vitral da Epifania, ao lado da estrela*", ele disse. "*Talvez estejamos procurando por um galo e não uma estrela. Talvez haja um bar por aqui chamado o Galo*", ele disse.

Graham podia estar certo. Muitos antigos bares ingleses, ou pubs, como são conhecidos, têm nomes associados a animais, como por exemplo o Touro, a Cabeça do Carneiro ou o Cavalo Negro. Poderia muito bem existir um lugar chamado o Galo, o Frango ou algo parecido. No entanto, enquanto eu e Graham procurávamos por alguma coisa no livro guia, Jodi, de repente, soltou um suspiro de excitação.

"*Ah meu Deus*", ela disse, "*Olhem!*"

Bem ao lado da janela do carro havia uma placa pintada com o nome de uma das estradas que chegava no cruzamento — Star Lane (Estrada da Estrela).

Será que essa era a estrela que estávamos procurando? O Moinho Saxon ficava na Crowntree Lane (Estrada da Árvore da Coroa) e a imagem da árvore com a coroa estava relacionada a ela. Será que a Estrada da Estrela poderia nos levar até uma igreja com doze portas?

Seguimos pela estrada por quase dois quilômetros e chegamos em uma estrada principal, e lá, na montanha à nossa frente, havia uma igreja em um vilarejo chamado Claverdon. Quando vimos o nome da igreja — São Miguel e Todos os Anjos — sabíamos que estávamos na pista certa. A passagem bíblica citava doze anjos que protegiam as doze portas. Assim que entramos na igreja, não restava mais dúvidas de que tínhamos encontrado o local que estávamos procurando. Uma senhora idosa que cuidava das flores nos disse que a igreja do século XVI foi, de fato, cercada por doze portões até a década de 1950, quando alguns deles foram

retirados. Ao que parecia, eles davam saída para várias direções: para a casa paroquial, o cemitério e as estradas e trilhas que convergiam naquele lugar central do vilarejo. Além disso, ela nos disse que os portões, no passado, tinham os nomes de doze diferentes anjos. A passagem bíblica dizia: "*nas portas, doze anjos*".

A passagem fazia referência aos portões e ao muro, e no Vitral da Epifania, o desenho na caixa de Melchior mostrava um portão que dava de frente para a parede de uma igreja. A pedra de berilo fora escondida em um muro, e sua localização indicada com a letra **B**. A pedra de ônix estava escondida em uma parede, e sua localização indicada com a letra **G**. Melchior havia sido desenhado de joelhos diante da Virgem Maria e do menino Jesus, mas ele olhava além deles, em direção a uma letra **M** maiúscula desenhada sobre o contorno da margem da janela. Não tínhamos dúvida de que estávamos procurando por uma parede ao lado de um portão, com um tijolo ou uma pedra com a letra **M** esculpida sobre ela. Saímos todos em direções diferentes para examinar os portões que ainda existiam. Mas, enquanto olhava o segundo portão, ouvi a voz de Graham chamando-nos do outro lado do pátio. Ele havia encontrado o que estávamos procurando. Escondido atrás de uma grama alta ao fundo de um muro baixo, bem ao lado de um dos portões em um dos cantos do cemitério, havia um tijolo com a letra **M**. A pedra logo abaixo dela tinha uma cor mais escura do que as demais, e quando a retiramos dali, encontramos um estreito recesso na parte de trás. Em seu interior estava a terceira jóia, exatamente do mesmo tamanho e formato que as outras. No entanto, essa pedra era mesclada com diversos tons de vermelho. No dia seguinte, quando a mandamos para ser examinada, o joalheiro novamente confirmou o que suspeitávamos — era, de fato, uma pedra de jaspe.

Mais uma vez, ao que parecia, Cove-Jones havia escolhido um esconderijo bastante inteligente. Era um local ideal para esconder algo que precisasse permanecer escondido por muitos anos. A igreja estava lá há séculos e, provavelmente, continuaria ali por muito mais tempo. Além disso, o portão onde a pedra foi encontrada ficava em uma terra irrestrita, visto que um caminho público passava por ali. Finalmente, era muito pouco provável que alguém mexesse nos tijolos, a menos que estivessem, especificamente, buscando alguma coisa.

Na noite seguinte, já com as três pedras, voltamos para o Moinho Saxon e nos sentamos no pátio ao lado do rio, discutindo tudo o que tínhamos descoberto até aquele momento.

Sem dúvida, estávamos com as pedras escondidas por Jacob Cove-Jones em 1907, mas, será que eram, de fato, três das Pedras de Fogo da Bíblia? Cove-Jones afirmava tê-las encontrado depois de decifrar os murais do século XIV na Igreja de Burton Dassett. Eu podia estar enganado, mas me parecia pouco provável que ele tivesse tido todo aquele trabalho de esconder as pedras, desenvolvendo uma série elaborada de pistas, além de pagar caro para ter o vitral pintado e instalado na Igreja de Langley, se , não acreditasse que eram genuínas. Os Templários de Herdewyke devem ter deixado os murais na Igreja de Burton Dassett por causa da data em que foram pintados, e há registros de que os mesmos Templários possuíam o que acreditamos ter sido relíquias do Antigo Testamento. Esses mesmos Templários ocuparam o Vale de Edom no mesmo período em que os Cruzadores, ao que tudo indica, encontraram "*pedras preciosas*" e um "*baú dourado*" em Jebel Madhbah, e parece que essa montanha foi onde Jeremias escondera a Arca e talvez as Pedras de Fogo. Era, de fato, possível que as jóias que havíamos encontrado fossem três dessas mesmas pedras.

"Se essas são três Pedras de Fogo, imaginamos que elas, supostamente, possuem propriedades extraordinárias", eu disse.

"Bem, nada de extraordinário aconteceu até agora", disse Jodi, examinando as pedras preciosas de aparência comum em sua mão.

"Eu não sei", disse Granam, olhando em direção às águas espumantes ao lado do moinho. "Talvez elas tenham feito alguma coisa".

Jodi e eu trocamos olhares confusos.

"Parece estranho o fato de que tenhamos encontrado todas as três pedras tão rapidamente, quando a família de Cove-Jones não encontrou uma sequer", disse Graham.

"Sim, mas nós tivemos a ajuda de mapas, livros e da internet que não existiam antes", eu disse.

"Você não entendeu o que estou querendo dizer", disse Graham. "Eu não acredito que teríamos conseguido encontrá-las sem a ajuda de algumas estranhas coincidências. Se o galo não tivesse cacarejado naquele cruzamento, jamais teríamos encontrado a igreja. Não sei o que o galo na janela daquele carro significava, mas aquilo não era uma das pistas de Cove-Jones que nos levaria até a pedra de jaspe. Cove-Jones pode ter sido um homem muito esperto, mas ele não tinha como fazer um galo cacarejar exatamente no momento em que estaríamos seguindo suas pistas cem anos depois de sua morte."

"Foi apenas uma coincidência", eu disse. "Você acha que sim. Mas, e a pomba?" perguntou Graham. Eu percebi o que Graham estava querendo dizer, e de repente, entendi por que ele achava que havia algo de estranho com relação à forma como havíamos achado a primeira pedra. Havia uma pomba no Vitral da Epifania, e as pombas eram mencionadas na passagem bíblica, mas os dois acontecimentos

nada tinham a ver com as pistas. Quando estávamos fazendo nossa busca pelo Moinho Saxon, jamais teríamos pensado em procurar do outro lado do rio se não tivéssemos decidido checar se havia um pombal no lugar. Não havia nenhum pombal no Moinho. Se não fosse pela pomba que voou para o outro lado da barragem, talvez jamais tivéssemos ido até lá para encontrarmos o esconderijo da pedra. Cove-Jones não poderia ter treinado uma pomba para que ficasse empoleirada sobre os abrigos do moinho por cem anos esperando para que pudesse levantar vôo no momento exato.

"O galo — talvez uma coincidência", disse Graham. "Mas, um outro pássaro ajudando-nos a encontrar uma das outras pedras — não tenho tanta certeza."

13. O Encontro Extraordinário

Quando Graham e Jodi voltaram para os Estados Unidos, passei muito tempo examinando o Vitral da Epifania, tentando entender como ele poderia nos levar ao esconderijo do quarto e último artefato de Cove-Jones — a misteriosa "*descoberta de imensa importância*" que ele, supostamente, havia encontrado. Cove-Jones escondera três pedras, e cada um dos três reis magos do vitral traziam pistas para cada uma das pedras. Tínhamos também as três passagens bíblicas que continham parte do código. Como parecia não existir uma passagem bíblica que pudesse nos ajudar a encontrar o quarto artefato, eu só podia deduzir que o próprio vitral continha todas as pistas necessárias. Na realidade, quanto mais pensava nisso, mais eu entendia que duas das pedras poderiam ter sido encontradas sem a ajuda das passagens bíblicas. O moinho que ficava na Crowntree Lane (Estrada da Árvore da Coroa) podia ser encontrado a partir, unicamente, das imagens do vitral, assim como o aqueduto. Todas as letras esculpidas nos tijolos também apareciam nos desenhos do vitral. Não consegui entender bem como o vitral em si poderia nos levar até a igreja com os doze portões, mas havia uma série de imagens na janela que ainda não havíamos considerado. Era possível que tivéssemos ignorado outras pistas que nos levariam ao paradeiro das três pedras. Talvez Cove-Jones quisesse que o vitral tivesse todas as pistas e que, as passagens da Bíblia, servissem apenas como um forma de segunda opção. No entanto, se apenas a janela já era o suficiente para revelar o esconderijo do quarto artefato de Cove-Jones, eu precisava decidir que parte de suas imagens era importante.

O quarto artefato — a "*descoberta de imensa importância*" — deveria ser o mais importante de todos os tesouros, e por isso, o código que nos levaria até ele

deveria estar relacionado com o tema principal do próprio vitral. Por que Cove-Jones escolhera a cena da Natividade para o vitral? Havia três reis magos e três pedras, mas se o número três era importante, ele poderia ter escolhido uma porção de temas cristãos que envolviam esse número: a Santíssima Trindade ou Jesus e os dois ladrões na Crucificação, por exemplo. Não conseguia deixar de pensar que o tema dos três reis magos, seguindo a estrela indo ao encontro de Jesus, era de alguma forma significativa. Nós já tínhamos seguido pela Star Lane (Estrada da Estrela) onde encontramos a Igreja de Claverdon, mas as mesmas imagens poderiam ter sido usadas duas vezes. Os reis magos haviam seguido a estrela para encontrar Jesus. Talvez, se seguisse uma estrela, poderia chegar até a quarta relíquia. No entanto, que estrela eu teria de seguir?

Além do galo, havia uma outra imagem bem ao lado da estrela no vitral. Eu a havia notado antes, mas não tinha prestado muita atenção nela, porque o livro guia da igreja dizia que era um pelicano, um símbolo cristão da Virgem Maria. (Pelicanos alimentam seus filhotes com peixes inteiros que guardam em seus enormes bicos, e assim, o pássaro era usado para representar a Virgem Maria cuidando do Cristo bebê.) Como aquelas imagens estavam relacionadas com a cena da Natividade, não achávamos que deveríamos nos prender a ela. No entanto, Graham Russell havia me feito pensar nos pássaros depois que sugeriu que o destino podia ter nos ajudado a encontrar as pedras. Tinha de admitir que os incidentes com a pomba e o galo certamente pareciam estranhos, mas por fim, chegara à conclusão de que eram apenas coincidências. A idéia de que os antigos israelitas podem, de alguma forma, ter conseguido manipular o geoplasma já era estranho o suficiente, isso sem falar do significado do termo coincidência — ou sincronicidade, como o psicólogo suíço, Carl Jung, chamou-a na década de 1950.

Contudo, não deixava de pensar nos pássaros, e por isso, quando vi a imagem do pelicano novamente, analisei-a com mais cuidado. Foi só quando fiz isso que percebi que o livro guia estava errado. Aquele não era um pelicano, e sim uma fênix.

A fênix é um pássaro da mitologia grega. Segundo a lenda, todo ano essa exótica criatura fazia seu ninho de especiarias, e quando os raios do sol o atingiam, o pássaro era reduzido a cinzas. Alguns dias depois, no entanto, a fênix renascia, erguendo-se de forma majestosa de suas próprias cinzas. Não restava dúvidas de que o pássaro ao lado da estrela era uma fênix, visto que ele aparecia com sua cabeça para trás e suas asas estendidas, ardendo em chamas. Na verdade, seu bico atado tornava-o mais parecido com uma ave de rapina, que é exatamente como a fênix era retratada em seu antigo mito. Esses simbolismos pagãos obviamente não tinham lugar na cena da Natividade, e portanto, assim como as imagens sobre as caixas dos reis magos, aquela podia muito bem ser uma outra pista de Cove-Jones. Sobre a fênix havia uma letra **B** maiúscula e abaixo dela uma letra **M** maiúscula, ambas com coroas acima delas. Já havíamos chegado à conclusão de que essas letras eram as iniciais dos nomes de dois dos reis magos. No entanto, por que elas tinham coroas sobre elas, e por que estavam uma de cada lado da imagem da fênix, eu não fazia a menor idéia. A fênix pode ter sido usada para representar alguma estrela em particular. Na verdade, existe uma constelação Fênix de onze estrelas, Porém, essas estrelas meridionais não são visíveis na Inglaterra, portanto, parecia pouco provável que qualquer uma delas fosse incluída nas pistas de Cove-Jones.

Além disso, se Cove-Jones tinha usado uma estrela para indicar um esconderijo, eu não só iria ter de descobrir qual era essa estrela, como também precisaria saber onde e quando ela deveria ser observada. As posições das estrelas mudam o tempo todo, não somente em relação à rotação da Terra, mas também

durante o curso do ano enquanto a terra orbita ao redor do sol. Se Cove-Jones tinha escondido sua descoberta em algum lugar que estivesse, por exemplo, indicado por uma estrela erguendo-se sobre ele, eu precisaria saber o momento e o dia do ano exatos para procurá-la. Além disso, teria de saber de onde observar a estrela, porque ela poderia aparecer em diversos lugares, dependendo do local de minha observação. Pelo que podia perceber, Cove-Jones não deixara pistas no vitral que pudesse explicar nada disso.

Como não conseguia decifrar nada novo a partir do Vitral da Epifania, decidi me concentrar nos artefatos que já havíamos encontrado. Será que essas pedras preciosas eram, de fato, três das Pedras de Fogo?

A primeira coisa que eu precisava fazer era enviar as pedras para que fossem examinadas por um geólogo. Embora o joalheiro nos tivesse assegurado de que as pedras eram lapidadas à mão, isso não provava quando haviam sido preparadas e polidas. Um geólogo, porém, poderia ao menos me dizer de onde vinham as pedras. Como o Dr. Mellor havia me ajudado muito quando o questioneei a respeito da criação artificial de geoplasma, decidi entrar novamente em contato com ele. Um geólogo envolvido há muitos anos no campo da geofísica (um estudo científico das propriedades físicas da terra), ele era a pessoa ideal para examinar as pedras. Ele sabia que eu estava investigando as luzes de Burton Dasset, mas não fazia idéia do que eu estava procurando, e eu não havia lhe contado nada a respeito de minhas descobertas. No entanto, eu lhe disse que podiam tratar-se de relíquias medievais e que precisava descobrir de que parte do mundo elas vinham.

Isso acabou sendo fácil de ser determinado, visto que o Dr. Mellor tinha acesso a uma grande variedade de dados de pedras preciosas do mundo todo. Diferentes tipos de jóias são especiais em certas localizações geográficas, e a

ligadura e a textura específicas de uma determinada pedra podem ser usadas para estipular o lugar de onde ela foi extraída. O Dr. Mellor não precisou de muito tempo para me dizer que nossa pedra de berilo vinha do Egito, a pedra de jaspe da Arábia, e a ônix da região ao redor do Mar Morto. Essas eram boas notícias para Jacob Cove-Jones. Se ele tivesse escolhido quaisquer jóias antigas de jaspe, ônix e berilo em uma joalheria, as chances seriam que elas teriam vindo das muitas minas onde essas pedras podiam ser obtidas durante o século XIX, que ficavam nas Américas e no Extremo Oriente – duas partes do mundo de onde os antigos israelitas ou os Templários de Herdewyke não poderiam ter tirado suas pedras. Embora a conclusão do dr. Mellor parecesse sustentar as afirmações de Jacob Cove-Jones, ela não provava que eram relíquias genuínas do Antigo Testamento. Os Templários de Herdewyke poderiam tê-las conseguido em qualquer lugar do Oriente Médio, visto que aquelas eram pedras relativamente comuns entre a população árabe medieval.

Minha próxima pergunta ao Dr. Mellor foi se ele poderia testar cientificamente as pedras para determinar se possuíam propriedades peculiares. Se essas eram três das Pedras de Fogo, elas, supostamente, deveriam ter sido capazes de controlar o poder da Arca — ou, ao menos, de manipular o geoplasma de alguma forma, se minhas especulações tivessem algum fundamento. Esses testes tiveram de ser pagos, mas achei que seria um gasto válido. Nas semanas seguintes, as pedras foram submetidas a diversos testes que vão muito além dos meus conhecimentos, como por exemplo, leituras de medição de magnetos e de espectros, e foram examinadas sob luz ultravioleta. Parecia não haver nada de raro nelas. Entretanto, alguns dias depois de as pedras serem devolvidas, o Dr. Mellor, bastante confuso, telefonou-me para dizer que havia descoberto algo de estranho. Enquanto estavam no laboratório, a pedra de ônix foi deixada por algum tempo em

cima de um envelope que continha filmes fotográficos. Quando o filme foi posteriormente revelado, havia uma imagem cinza oval e obscura, que não tinha como ser explicada, da pedra em cada uma das fotos. O Dr. Mellor estava assombrado. Somente a radioatividade deveria ser capaz de produzir um efeito desses, ele me disse, e apesar de tudo, testes com um medidor Geiger nas pedras haviam produzido resultados negativos; elas não eram radioativas.

O misterioso incidente me fez ter esperanças de que estávamos no caminho certo, mas quando o Dr. Mellor pediu novamente as pedras para tentar reproduzir o efeito, nada aconteceu. Eu tentei a mesma coisa em casa, deixando as três pedras em cima de um envelope com filmes fotográficos por vários dias, sem obter nenhum resultado. Quando contei a Graham e Jodi a respeito da imagem obscura, Graham sugeriu que, se as pedras de fato possuíam propriedades estranhas, então, assim como o geoplasma produzido pelas rochas, elas poderiam ser ativadas somente sob certas condições. Era possível, mas não havia como comprovar isso. O que me restava era apenas mais um mistério torturante.

Foi assim que as coisas permaneceram por alguns meses até que vi uma notícia na televisão inglesa a respeito de uma estranha luz que fora vista durante uma noite nas Colinas de Burton Dassett. Embora a reportagem se referisse a ela como um OVNI, era na realidade, uma grande bola de luz vermelha que havia sido relatada por uma dezena de testemunhas do vilarejo vizinho de Fenny Compton. Na verdade, quando acompanhei a história, descobri que houvera uma série de outros relatos que mencionavam uma esfera de luz vermelha semelhante, em várias localizações nas colinas de Burton Dassett durante um período de algumas semanas. Não fiquei surpreso ao descobrir que, por algum tempo antes de as luzes

começarem a aparecer, tiveram registros de chuvas torrenciais na região. Parecia que, pela primeira vez em anos, as luzes de Burton Dassett estavam de volta.

Quando Graham e Jodi ficaram sabendo do caso, pegaram o avião seguinte para a Inglaterra na esperança de ver o fenômeno com seus próprios olhos. No entanto, embora tenhamos passado várias noites na área das Colinas de Burton Dassett, não conseguimos ver nada. Então, em uma noite quando estávamos sentados em um bar local discutindo o assunto, Jodi sugeriu que usássemos as pedras.

"Como assim?" Eu perguntei.

"Se as pedras são, de fato, as Pedras de Fogo, e se a Bíblia estiver certa, elas são capazes de controlar o poder da Arca", ela disse. "Se esse poder é a mesma energia que faz as estranhas luzes aparecerem, você não acha que as pedras seriam capazes de influenciá-las? Capazes de fazer com que as luzes aparecessem?"

"Suposições demais", eu disse com um sorriso.

"Vale a pena tentar", disse Graham. *"Por que não levamos as pedras para um lugar onde as luzes já foram vistas?"*

"Sim", disse Jodi. *"Pode ser o geoplasma, ou seja lá qual for o nome disso, que tenha ativado a pedra de ônix no laboratório fazendo com que o filme ficasse obscurecido."*

Eu não havia pensado naquilo antes, mas Jodi podia estar certa. O laboratório realizava testes com o geoplasma em suas máquinas de compressão de rochas. Talvez a proximidade da pedra com aqueles testes a teriam influenciado de alguma maneira.

Embora aquilo não fosse muito científico, concordei que poderíamos tentar. O que tínhamos a perder?

Pelo que eu sabia havia aproximadamente uma dezena de relatos individuais das estranhas luzes naqueles dias, e três delas tinham acontecido no lago próximo ao vilarejo de Farnborough, onde Gary Selby e seus amigos tinham visto a coluna de névoa em 1999, e outros haviam relatado ter visto um pilar de fogo. Uma das recentes testemunhas chegara, inclusive, a reproduzir o que dizia ser uma fotografia do fenômeno. De acordo com Carol Lane, uma aluna da Universidade de Warwick, ela estava fotografando reflexos do pôr-do-sol sobre as águas quando, de repente, viu uma esfera de luz vermelha do outro lado da margem. Ela ficou ali por apenas alguns segundos, e antes que tivesse tempo de fotografá-la, a esfera desapareceu. Quando suas fotos foram reveladas, porém, ela ficou chocada ao ver que a luz aparecia em uma de suas fotos. Bem na margem da foto, uma bola de luz vermelha podia ser vista com clareza pairando sobre a água. Carol disse que não sabia como aquilo tinha acontecido, porque tinha certeza de que a esfera não estava visível enquanto batia suas fotos. Graham, Jodi e eu já tínhamos ido duas vezes a Farnborough – em uma ocasião ficamos de lá a noite toda — mas não chegamos a ver nada. No entanto, aquele era um lugar isolado e parecia ser a melhor localização para experimentarmos a idéia de Jodi. Nem por um só momento achei que algo pudesse acontecer.

Chegamos no lago isolado logo após o anoitecer, e usando lanternas, seguimos a trilha que nos levava até a margem da água. Uma névoa baixa envolvia a superfície daquele lago estreito e longo enquanto caminhávamos por sua orla até chegarmos à floresta densa que cercava uma de suas extremidades. Não havia casas ou estradas principais em nenhum lugar próximo dali, e o único som que

podíamos ouvir era o ocasional chiado de um pássaro noturno vindo de alguma das árvores do local. Eu esperava passar a noite toda sentado às margens naquela escuridão, com um tédio enorme. Mas, de repente, Graham, que estava à nossa frente, parou e desligou sua lanterna. "*O que foi?*" eu perguntei, alcançando-o.

"Desligue sua lanterna; tem alguma coisa ali", ele disse, apontando para a margem do lago, a cerca de vinte metros dali.

Meus olhos demoraram algum tempo para se ajustar na escuridão, mas depois de alguns instantes, pude ver claramente um ponto de luz vermelha, que parecia estar pairando no ar bem acima da margem do lago.

"*Olá!*" Eu gritei.

Ninguém respondeu. Na verdade, o lago estava envolto por um silêncio estranho. Por um minuto e pouco, ficamos ali parados, olhando fixamente para o ponto de luz que continuava totalmente sem se mexer. De repente, ele desapareceu.

"*Não acho que aquilo era um cigarro*", eu sussurrei. Se era isso, a pessoa que o estava segurando havia ficado ali completamente imóvel.

Depois de alguns instantes esperando no silêncio daquela escuridão, miramos os fochos de luz de nossas lanternas para o lado oposto da margem onde a luz havia aparecido, mas, além dos galhos pendurados de algumas árvores velhas, não pudemos ver mais nada. No entanto, quando mais uma vez desligamos nossas lanternas, a luz reapareceu.

"*Eu não estou ouvindo ninguém. Talvez eles...*" a voz de Jodi parou no meio da frase enquanto a luz piscou e tornou a aparecer instantaneamente em um lugar diferente, a cerca de trinta metros de sua localização anterior. Alguns segundos depois, ela se mexeu novamente, subindo quase cem metros no ar. Ela

piscou várias vezes, a todo instante mudando de posição, antes de desaparecer novamente.

Por alguns minutos nada aconteceu, e quando, mais uma vez, lançamos os fochos de luz de nossas lanternas na direção da margem oposta, vimos que não havia sinal de ninguém.

"*Deve ser alguém querendo brincar*", eu disse.

"*Como?*" disse Graham. "*A luz não parava de pular.*"

"*Vaga-lumes?*" sugeriu Jodi.

"*Não na Inglaterra*", eu disse.

De repente, ouvimos um som alto de algo estalando vindo da floresta na margem oposta. Era como se alguém tivesse quebrado um galho, e eu ia dizer isso quando aconteceu mais uma vez. Alguns segundos depois o barulho voltou a acontecer, seguido, imediatamente, por um outro estalo, e mais um, até que o som parecia como se alguém estivesse batendo uma pedra contra outra.

Enquanto tentava direcionar minha lanterna para além das árvores a fim de ver o que estava causando o ruído, percebi, de repente, que o raio de luz ficava cada vez mais turvo. Bati a lanterna na palma de minha mão, mas ela continuou a apagar-se. Quando olhei para Graham e Jodi, vi que seus fochos de luz também estavam enfraquecendo-se. Alguns segundos depois, fomos tomados pela total escuridão.

Naquele instante os sons dos estalos começaram a se espalhar com tanta rapidez, que tínhamos a impressão de que uma metralhadora estava sendo disparada. Estava prestes a sugerir que déssemos o fora dali quando a luz vermelha reapareceu. Dessa vez, porém, ela tinha o tamanho de uma bola de futebol. Eu ouvira vários relatos de testemunhas oculares das estranhas luzes, mas jamais

imaginara como ela seria de verdade. Não conseguia acreditar no que via. A esfera de luz vermelha brilhante estava ali parada no ar, cerca de cem metros acima do chão do lado oposto da margem. O estranho brilho carmesim que ela exalava, iluminava por completo as árvores adjacentes e lançava uma imagem fantasmagórica sobre a superfície do lago. Enquanto nós três olhávamos estupefatos, aquele som esquisito parou de repente e foi substituído por um ruído berrante que parecia um gemido, fazendo-me lembrar de um choro de criança, porém mais alto. A princípio, tive a impressão de que a luz estava aumentando, até que percebi que, na verdade, ela estava vindo em nossa direção. Ficamos todos imóveis no lugar enquanto ela flutuava na água e parou cerca de cem metros à nossa frente. Aquela esfera bizarra estava tão próxima que poderíamos alcançá-la, e havia aquela estranha sensação de formigamento pelos nossos corpos, como se estivéssemos tomados por um enorme campo de eletricidade estática. Ao me lembrar, de forma vívida, do que tinha acontecido com o poste do portão do vigário, estava prestes a sugerir que corrêsemos, mas naquele exato momento, a luz começou a se mexer novamente, cruzando mais uma vez o lago, encolhendo-se do tamanho de uma bola de tênis. De repente, ouvimos um som agudo de assobio e ela disparou pelo ar em movimentos espirais na escuridão, até que desapareceu no meio das árvores do outro lado do lago.

Por um tempo, que pareceu uma eternidade, ficamos ali sem dizer uma palavra, com a imagem posterior da luz vermelha ainda em nossos olhos. Todas juntas, nossas lanternas voltaram a piscar, fazendo-nos ter mais uma surpresa.

Jodi queria ficar lá, na esperança de que a luz voltasse, mas não me envergonho de dizer que estava muito nervoso. Eu esperava, a qualquer segundo, ser atingido por um raio de plasma. Não podia deixar de lembrar que um fenômeno

daqueles havia destruído um moinho inteiro. Graham parecia fisicamente abalado também, e por isso, saímos de lá o mais rápido que pudemos.

Estávamos todos chocados com aquele encontro inesperado. Embora tivesse ouvido vários relatos das tais luzes, eu estava totalmente despreparado para o que vimos. Eu esperava que o fenômeno aparecesse como uma bola insubstancial e livre da ação da gravidade formada de névoa transparente e brilhante. Ao invés disso, ela aparecera na forma de um globo de cristal sólido, iluminado com grande intensidade por um núcleo de fogo. Parecia incrível que a esfera era capaz de desafiar a gravidade e ficar parada no ar, além de poder se mover no local. Se esse era o mesmo fenômeno que os israelitas chamaram de a glória do Senhor, eu podia entender completamente por que eles o tinham considerado algo divino. A incrível esfera de luminescência ardente parecia quase inteligente. A forma como ela se aproximou e pairou no ar, bem diante de nossos olhos, fez com que desse a impressão de estar nos sondando.

Teríamos testemunhado aquele fenômeno por mero acaso ou será que ele tinha alguma ligação com as pedras, como Jodi acreditava? A luz, ou um fenômeno semelhante, havia acontecido no lago no mínimo três vezes pelo que ficara sabendo nas últimas semanas, e aquela era nossa terceira vigília naquele local, e portanto, as chances de vermos algo estava a nosso favor. Por outro lado, tínhamos o comportamento da luz em si — ela viera diretamente à nossa frente ficando a poucos metros de distância, como se atraída por alguma coisa. O que me fez finalmente decidir que nosso encontro pode muito bem ter tido alguma ligação com as pedras, foi o que aconteceu conosco no dia seguinte. Quando a luz apareceu, cada um de nós estava com uma das pedras em nossas mãos. Na verdade, eram as pedras que cada um de nós havia encontrado. Eu segurava a

pedra de ônix, Graham a pedra de jaspe e Jodi o berilo. Na manhã seguinte, nós três estávamos com uma brotoeja avermelhada e pontiaguda nas palmas das mãos nas quais havíamos segurado as pedras. Pode ter sido pelo fato de estarmos segurando com força as pedras quando a luz apareceu. No entanto, eu não podia entender como aquilo teria produzido uma erupção uniforme sobre nossas palmas. Eu queria que um médico nos examinasse, mas tinha de esperar um dia para conseguirmos uma consulta. Depois de vinte e quatro horas a brotoeja havia desaparecido — da mesma forma que acontecera com Graham e Jodi.

Se a luz havia, de fato, aparecido porque tínhamos as pedras, ou se havia sido, de alguma forma, atraída em nossa direção por causa delas, não tínhamos como saber. Visitamos o lago por várias noites consecutivas, mas nada aconteceu, como também nada ocorreu quando fomos aos outros locais onde as estranhas luzes haviam sido relatadas. Sendo assim, isso não provava nada de forma alguma. Pelo que pude descobrir, ninguém mais disse ter visto as luzes novamente por vários meses.

O extraordinário encontro fizera-me, porém, raciocinar por outros ângulos. Quando vi a bola de luz saindo em disparada em movimentos espirais pelo ar quando ela desapareceu, lembrei-me daquilo que o guarda responsável pela Igreja de Burton Dasset tinha dito a respeito dos murais. Ele disse que achava que os estranhos desenhos espirais ao redor das duas figuras mostradas nos quadros representavam aquelas luzes esquisitas. Pelo fato de ter ficado totalmente envolvido com a busca dos artefatos que Jacob Cove-Jones escondera, eu esquecera completamente daquele detalhe. Se esses espirais, de fato, representavam as luzes, talvez eles fossem as pistas que Cove-Jones havia decifrado. Se Cove-Jones era digno de credibilidade — e eu certamente não duvidava mais de sua palavra — ele,

então, havia encontrado apenas três pedras preciosas. Eu suspeitava que, se essas eram três das Pedras de Fogo bíblicas, poderiam existir outras nove, ainda no local onde foram escondidas pelos Templários. Eu tinha de dar mais uma olhada nos murais.

Graham e Jodi haviam voltado para os Estados Unidos, por isso retornei a Burton Dassetz sozinho. Quando entrei na igreja, fiquei feliz ao ver que o guarda estava novamente lá, cuidando das flores em volta do altar.

"*Mais uma vez aqui*", ele disse com um sorriso. Fiquei surpreso por ele se lembrar de mim.

"*Sim, que bom que está aqui*", eu disse. "*Eu queria lhe fazer umas perguntas a respeito dos murais.*"

Ele parou o que estava fazendo e caminhou comigo até o lugar onde os quadros estavam. "*Como posso lhe ajudar?*" ele perguntou.

"*Você disse que achava que os espirais representavam as aparições no poço*", eu disse. "*Você sabe se há casos de coisas semelhantes que foram vistas das montanhas?*"

"*Estranhas, não são?*" ele disse.

"*Você faz idéia do motivo que levou as pessoas que fizeram os murais a desenharem essas luzes?*" Eu perguntei.

"*Antigamente, as luzes eram consideradas anjos e santos*", ele disse. "*Foi por isso que colocaram os murais ao redor dessa janela. Olhe!*"

Ele apontou na direção das montanhas do lado de fora da janela para as montanhas verdes e lisas que se erguiam além da igreja. "*Há casos de muitas aparições vistas por lá. Talvez eles as pudessem ver daqui da igreja, de onde*

estamos nesse instante. Eu acho que é por isso que a janela era considerada particularmente sagrada."

"É por esse motivo que a igreja se chama Igreja de Todos os Santos. Por que achavam que viam santos?" Eu perguntei.

"Acredito que sim", ele disse. "Mas as aparições já existiam muito tempo antes de o Cristianismo chegar no país. Aquela região das Colinas de Burton Dassettt hoje se chama Montanhas do Farol, e a maioria das pessoas acredita que ela ganhou esse nome por causa do farol — uma enorme fogueira — que era acesa lá para a celebração da décima segunda noite após o Natal, o Ano Novo medieval. No entanto, a montanha já estava associada ao fogo muito antes disso, e nada tinha a ver com as fogueiras. Antigos mapas se referem à área como as Montanhas Fênix, que é como os romanos a chamavam. A fênix era um pássaro de fogo — que nome seria melhor, então, para se referir às aparições?"

Mais uma vez, o guarda da igreja conseguira me surpreender mais do que podia imaginar. Será que as Montanhas Fênix eram o que a fênix no Vitral da Epifania indicava? Quando o guarda voltou a cuidar de suas flores, fui até o carro para pegar uma foto que tinha levado comigo do vitral da Igreja de Langley. Eu queria que ele desse uma olhada nela; talvez ele fosse capaz de reconhecer alguns dos símbolos. Entretanto, quando voltei, ele não estava mais lá. Ele parecia ter o costume de ficar desaparecendo. Na esperança de vê-lo novamente, fiquei ali por algum tempo, tentando imaginar qual seria a possível ligação entre a fênix e as montanhas. Se eu estivesse certo a respeito de Cove-Jones ter usado uma estrela para indicar onde seu quarto artefato estava escondido, o ponto mais alto nas Montanhas Fênix seria o local de onde a estrela podia ser vista. Olhei para a foto na minha mão e examinei a imagem da fênix ao lado da estrela, na esperança de ter

alguma inspiração a respeito de qual estrela ela podia ser e em que período do ano ela deveria ser observada. O guarda havia mencionado uma fogueira que era, tradicionalmente, acesa no topo das montanhas na décima segunda noite após o Natal — talvez isso fosse importante.

De repente, tudo pareceu ficar claro. Não pude acreditar que não havia pensado naquilo antes. A resposta era o próprio vitral. Era o Vitral da Epifania, e a Epifania era o décimo segundo dia após o Natal, no dia 6 de janeiro. Jacob Cove-Jones pode ter deixado uma pista que mencionava exatamente um dia do ano. Ao olhar novamente para a foto, percebi que ele parecia também estar indicando um momento específico no dia 6 de janeiro — à meia-noite. Bem ao lado da estrela estava a outra imagem principal no topo do desenho — o galo. Era o galo que diziam ter cacarejado à meia-noite, para revelar aos reis magos onde o menino Jesus estava. Com essa precisa interpretação, o vitral proporcionava o momento exato do ano quando Cove-Jones poderia sempre esperar que uma estrela estivesse em uma localização determinada. Assim como a estrela que brilhou sobre Belém para guiar os reis magos até Jesus, talvez Cove-Jones tivesse escolhido uma certa estrela que brilhasse sobre sua "*descoberta de grande importância*" à meia-noite em todos os dias 6 de janeiro. Só me faltava descobrir que estrela era essa.

Depois de algumas semanas, tudo parecia fazer sentido. Eu estava digitando as entrevistas que tinha gravado durante minha viagem a Israel e estava no meio da parte em que o Dr. Griver havia me contado enquanto dirigíamos pelo Deserto da Judéia. Suas palavras no gravador, de repente, fizeram-me parar. Tive de voltar a fita.

“De acordo com os Apócrifos, quando Lúcifer foi expulso do paraíso, ele foi substituído por dois anjos chefes, Miguel e Gabriel, que ficaram conhecidos como os "reis do paraíso"... Miguel e Gabriel também eram representados no céu por duas luzes permanentes: as duas estrelas com cauda da constelação da Ursa Maior — a Grande Ursa — as estrelas que hoje chamamos de Benetnasch e Mizar. Os antigos nomes hebraicos dessas estrelas era Reysh, que quer dizer cabeça, visto que Miguel era o líder, ou o supremo dentre todos os anjos, e a outra era chamada de Kos, que quer dizer a taça, porque diziam que Gabriel segurava a taça da salvação do homem.”

O Dr. Griver não apenas estava falando de duas estrelas sagradas, que ele disse que achavam representavam Miguel e Gabriel — uma associada a uma cabeça, a outra a uma taça. Miguel e Gabriel! Essas tinham de ser as duas pessoas nos murais da Igreja de Burton Dassett — um deles segurando uma cabeça e a outra um cálice. Eles podem não ter sido desenhados com asas, mas, certamente, aqueles eram os dois arcanjos. O guarda da igreja tinha inclusive dito que as pessoas acreditavam que as estranhas luzes eram anjos. Além disso, o Dr. Griver estava dizendo que esses dois anjos eram chamados de "os reis do paraíso", e nos murais, os dois estavam desenhados com coroas.

Corri até meu guarda-roupa para pegar uma caixa de fotos e olhei todas elas, até que encontrei a ampliação da fênix do Vitral da Epifania. Nos murais da Igreja de Burton Dassett, as figuras estavam em ambos os lados da janela que

olhavam na direção das Montanhas Fênix. Se aqueles eram Miguel e Gabriel, eles então representavam as duas estrelas de cauda da Ursa Maior. Dos dois lados da fênix no Vitral da Epifania estavam as letras **B** e **M**! Elas podiam ser as iniciais de dois dos reis magos, mas eu agora tinha certeza de que Jacob Cove-Jones as tinha usado ali para representar algo totalmente diferente. **B** e **M** — Benetnasch e Mizar — os nomes das duas mesmas estrelas. As letras até tinham coroas sobre elas, e Miguel e Gabriel eram chamados de os reis do paraíso. Era coincidência demais. Devia ter sido assim que Cove-Jones descobrira suas relíquias. Ele deve ter conseguido ver nos murais que os Templários haviam escondido seus tesouros em um lugar que, de alguma maneira, era indicado por essas estrelas à meia-noite no dia 6 de janeiro — o Ano Novo medieval, quando o farol era aceso no topo da montanha. Ele parecia estar usando as mesmas pistas no Vitral da Epifania, que tinha de significar que, qualquer que fosse a quarta relíquia, ela ainda estava no mesmo lugar onde os Templários a haviam deixado. Cove-Jones poderia tê-la devolvido no lugar onde a encontrou, ou então, ele nem a tinha tirado de lá.

Tinha certeza que agora eu sabia exatamente o que precisava fazer. Não era uma, mas duas estrelas que, de alguma forma, indicariam o caminho. Eu sabia onde tinha de ir — no topo das Montanhas Fênix. Eu sabia quando tinha de ir — à meia-noite no dia 6 de Janeiro. E sabia o que devia procurar — Benetnasch e Mizar, as estrelas de cauda da Ursa Maior. Certamente, elas teriam de me mostrar onde a "*descoberta de imensa importância*" de Cove-Jones estava esperando para ser encontrada.

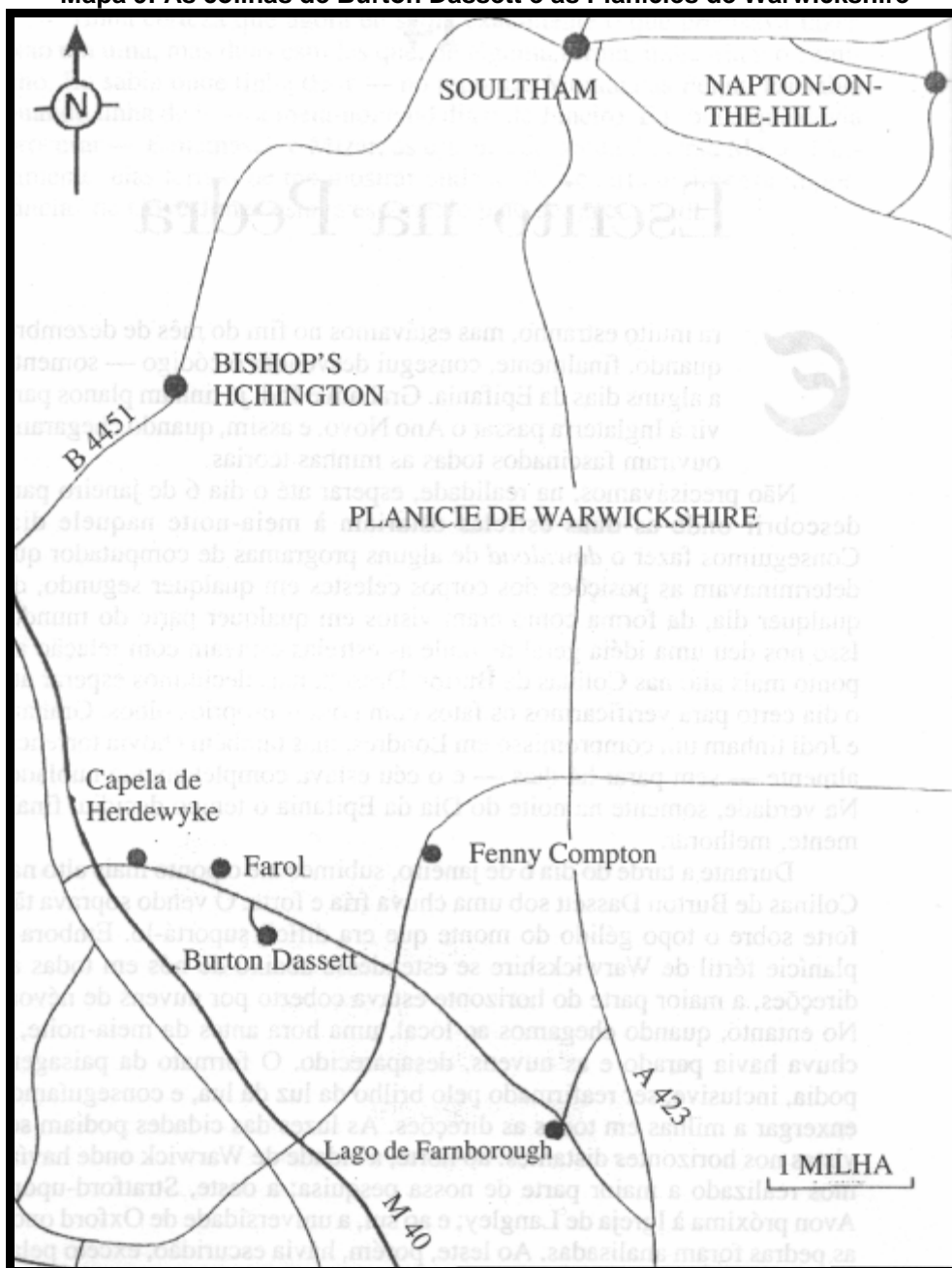
14. Escrito na Pedra

Era muito estranho, mas estávamos no fim do mês de dezembro quando, finalmente, consegui desvendar o código — somente a alguns dias da Epifania. Graham e Jodi já tinham planos para vir à Inglaterra passar o Ano Novo, e assim, quando chegaram, ouviram fascinados todas as minhas teorias. Não precisávamos, na realidade, esperar até o dia 6 de janeiro para descobrir onde as duas estrelas estariam à meia-noite naquele dia. Conseguimos fazer o download de alguns programas de computador que determinavam as posições dos corpos celestes em qualquer segundo, de qualquer dia, da forma como eram vistos em qualquer parte do mundo. Isso nos deu uma idéia geral de onde as estrelas estavam com relação ao ponto mais alto nas Colinas de Burton Dassett, mas decidimos esperar até o dia certo para verificarmos os fatos com nossos próprios olhos. Graham e Jodi tinham um compromisso em Londres, mas também chovia torrencialmente — sem parar há dias — e o céu estava completamente nublado. Na verdade, somente na noite do Dia da Epifania o tempo decidiu, finalmente, melhorar.

Durante a tarde do dia 6 de janeiro, subimos até o ponto mais alto nas Colinas de Burton Dassett sob uma chuva fria e forte. O vento soprava tão forte sobre o topo gélido do monte que era difícil suportá-lo. Embora a planície fértil de Warwickshire se estendesse abaixo de nós em todas as direções, a maior parte do horizonte estava coberto por nuvens de névoa. No entanto, quando chegamos ao local, uma hora antes da meia-noite, a chuva havia parado e as nuvens, desaparecido. O formato da paisagem podia, inclusive, ser reafirmado pelo brilho da luz da lua, e conseguíamos enxergar a milhas em todas as direções. As luzes das cidades podiam ser vistas nos horizontes distantes: ao norte, a cidade de Warwick onde havíamos realizado a maior parte de nossa pesquisa; a oeste, Stratford-upon-

Avon próxima à Igreja de Langley; e ao sul, a universidade de Oxford onde as pedras foram analisadas. Ao leste, porém, havia escuridão, exceto pelas luzes de alguns pequenos vilarejos e fazendas. Era ali, no céu adiante, que a Ursa Maior ficava naquela escuridão do espaço. Conforme os minutos passavam, a constelação se movia lentamente enquanto a Terra continuava a girar. Finalmente, o momento da meia-noite chegou.

Mapa 9: As colinas de Burton Dassett e as Planícies de Warwickshire



As duas estrelas com cauda da Ursa Maior estavam quase que exatamente uma de cada lado de uma colina que se destacava à luz do luar como uma silhueta completa no horizonte distante. Com a ajuda de nossas lanternas, conseguimos uma localização no mapa e descobrimos o nome do lugar — Montanha Napton.

A Montanha Napton ficava a quase vinte quilômetros dali, e enquanto dirigíamos pela noite ao longo das estradas curvas de terra em sua direção pensávamos no que iríamos encontrar lá.

"A montanha é muito grande", observou Jodi, enquanto olhava no mapa no banco traseiro do carro. "*Há um vilarejo inteiro chamado Napton-on-the-Hill sobre ela. O que você acha que devemos estar procurando?*" "*Deve ter algo a ver com os arcanjos. Miguel e Gabriel*", disse Graham. Jodi e eu concordamos que aquela era uma possibilidade. Acreditava-se que as estrelas representavam esses dois anjos e os murais da Igreja de Burton Dassett trazia-os desenhados de ambos os lados do vitral. As duas estrelas ladeavam a Montanha Napton da mesma forma.

"*Eles não eram os dois anjos desenhados na Arca?*" perguntou Jodi.

"*Sim, eram efígies de ouro puro, uma de cada lado do propiciatório*", eu disse.

"*Eu acho que, como esses dois anjos eram a pista final que nos traria aqui, a última relíquia deve ser a Arca*", observou Graham.

Uma estrada íngreme que nos levava para o alto da planície de Warwickshire finalmente chegou ao vilarejo de Napton-on-the-Hill e à igreja que existia no ponto mais alto. Eu esperava que a igreja fosse dedicada aos dois arcanjos, visto que isso poderia confirmar que era ah que devíamos procurar. No entanto, uma placa dizia que aquela era a Igreja de São Lourenço. Como São

Lourenço era um monge espanhol do século III famoso por sua ajuda aos doentes, eu não podia entender como ele poderia estar relacionado à nossa busca.

A igreja estava fechada e por algum tempo caminhamos ao redor do cemitério, lendo as lápides na esperança de encontrarmos algo familiar. Entretanto, depois de quase dez minutos, Jodi achou que deveríamos ir embora.

"*Olhem!*" ela disse, apontando para a escuridão ao pé da montanha. "*Um carro de polícia!*" Havia uma luz azul piscando, que parecia estar vindo lentamente em nossa direção.

Graham e eu concordamos que não seria uma boa idéia estar bisbilhotando uma igreja no meio da noite. A polícia, obviamente, fazia sua patrulha, e teríamos de dar algumas explicações se fôssemos pegos no cemitério. Decidimos ir embora e voltar quando estivesse claro.

No dia seguinte, voltamos à igreja e a encontramos aberta. Dentro dela havia um livro guia que nos fez duvidar ainda mais se estávamos no lugar certo. Construída com pedras matizadas de coloração ocre, a igreja era antiga, mas não foi erguida até o fim de 1300. Se eu estava certo a respeito de Jacob Cove-Jones ter deixado sua "*descoberta de imensa importância*" onde ela foi encontrada, o que quer que estivéssemos procurando deve ter estado ali quando os murais na Igreja de Burton Dasset foram pintados — cerca de cinquenta anos antes de a Igreja de São Lourenço ser construída. No entanto, o livro guia nos dizia que a construção de uma igreja ainda mais antiga fora iniciada ao pé da montanha, nos arredores do vilarejo em um área que ainda era chamada de Church Green. Curiosamente, havia uma lenda de que a igreja havia sido transferida para o topo da montanha porque "*espíritos*" não paravam de interferir no trabalho de construção da igreja original.

"Você acha que esses espíritos poderiam ter sido o geoplasma?" sugeriu Graham.

"É pouco provável", eu disse. "O único lugar em todo o condado que tem o tipo certo de rocha para produzir o geoplasma são as Colinas de Burton Dasset, a quase vinte e cinco quilômetros daqui."

"Sim, mas se você estiver certo, a Arca pode produzir o geoplasma por conta própria", disse Graham.

Ele tinha razão. Se ela, de fato, era capaz de produzir o geoplasma de alguma maneira, o fenômeno poderia acontecer em qualquer lugar, da mesma forma que ela pode ter feito depois que os israelitas deixaram a Montanha de Deus. Se fosse verdade, isso significava que o próprio geoplasma poderia nos levar até a Arca.

"Se é a Arca que estamos procurando e ela está enterrada em algum lugar desta área, eu suponho que seja provável que luzes estranhas sejam vistas no lugar onde ela está escondida", eu disse.

"E se os 'espíritos' que interferiam na construção da igreja original era o geoplasma, a igreja podia estar sendo erguida sobre o local onde a Arca estava", disse Graham. "Talvez a construção, de alguma forma, tenha ativado seu poder."

"É bastante possível que estivessem construindo a igreja em um lugar considerado anteriormente sagrado. Muitas antigas igrejas eram construídas ao redor ou próximas de poços sagrados, como a Igreja de Burton Dasset", eu disse. "Se o local já era considerado sagrado, os Templários acreditavam que aquele era um lugar ideal para guardar suas relíquias."

"Talvez seja por isso que existam espirais nos muros", sugeriu Jodi. "Se eles, de fato, representavam as luzes, então, a pista final seria encontrarmos o lugar onde essas luzes eram vistas na Montanha Napton."

Deixamos a igreja e dirigimos pelo vilarejo até chegarmos em Church Green. Era uma estrada de terra, salpicada por algumas casas de fazendas e alguns prédios mais modernos. Infelizmente, o livro guia não dizia, com detalhes, a localização exata da igreja original. Após passarmos pela estrada uma dúzia de vezes, decidimos perguntar a um fazendeiro que cuidava de dois cavalos em um campo. Ele sabia a respeito da igreja original, mas nos disse que sua localização exata havia sido esquecida há muito tempo. Fomos diretos e perguntamos se ele sabia de alguém que tivesse visto luzes estranhas na região. Ele pareceu um tanto confuso com nossa pergunta, mas nos garantiu que nunca tinha ouvido nada a esse respeito. Agradecemos e estávamos caminhando de volta para o carro, quando tive uma idéia: **"Você sabe se existe um poço antigo nessa área?"** Eu perguntei. Se a igreja original tivesse sido construída ao redor ou próxima de um poço sagrado, como era o caso de muitas igrejas, ele poderia ainda estar ali em algum lugar.

"Um poço, não", ele disse. "Mas tem a antiga fonte de água."

"A antiga fonte de água?" Eu perguntei.

"Sim, ao lado daquela estrada ali." Ele apontou para uma travessa, na direção do vilarejo. Explicou que a fonte havia sido um santuário católico romano antes da Reforma, quando a Igreja Protestante tomou conta da Inglaterra. Naqueles dias, havia uma antiga construção erguida sobre uma fonte natural, que acreditavam possuir propriedades de cura. Essa estrutura havia desmoronado com o tempo até que foi substituída por uma fonte de água por volta de cem anos atrás. Ela ainda estava ali, mas não funcionava há anos.

Alguns minutos depois, encontramos a simples estrutura de tijolos vermelhos que estava coberta até a metade pelo capim ao lado da beira da estrada. Era uma estrutura retangular com cerca de um metro de altura, um metro e meio de largura e uns trinta centímetros de espessura, com um vão arcado no qual havia uma torneira por onde a água saía da fonte.

"Se este era um santuário de um poço católico, pode ter sido aqui, ou perto daqui, que tentaram construir a primeira igreja", eu disse.

"Sabem de uma coisa, esse lugar fica diretamente entre a posição das duas estrelas", disse Jodi, olhando no mapa.

Naquela manhã, nós tínhamos desenhado duas linhas retas sobre o mapa, unindo o cume das Colinas de Burton Dasset com os pontos no horizonte sobre os quais as duas estrelas passavam. Sem saber onde procurar, também havíamos desenhado uma terceira linha diretamente entre as duas. Jodi estava certa, a linha central passava exatamente no meio de onde estávamos. Olhei na direção da Montanha Napton, ao nosso nordeste, e me virei para olhar na direção das Colinas de Burton Dasset no horizonte distante do lado oposto. Se a "*descoberta de imensa importância*" de Cove-Jones estava em algum lugar, essa fonte de água era uma boa aposta. Ficava ao pé da Montanha Napton, ao longo de uma posição central direta obtida das duas estrelas.

O problema era o que deveríamos fazer a seguir. Se havia alguma coisa enterrada ali, não podíamos simplesmente começar a cavar pela área. Nos dias de Jacob Cove-Jones, a região podia ser inabitada, mas hoje havia casas modernas por todos os lados. O terreno, obviamente, pertencia às autoridades do condado local, mas eu duvidava que nos dariam permissão para escavar o local, visto que para esse trabalho provavelmente teríamos de escavar metade da estrada. Além do que,

que motivo iríamos lhes dar? Que achávamos que a Arca da Aliança estava enterrada ali? Eles nos mandariam para um manicômio.

Entretanto, decidimos que faríamos uma visita aos oficiais do conselho do condado (o equivalente aos representantes da prefeitura) para descobrir o verdadeiro dono do campo do outro lado da cerca, atrás do santuário. Assim como em Burton Dasset, a igreja original podia ter sido construída ao lado do poço, e não ao redor dele, e valia a pena investigar a terra daquele lugar se pudéssemos. No entanto, quando examinamos os documentos e as escrituras do distrito, sentimo-nos bastante desapontados. Descobrimos que na década de 1950, toda a área ao redor do santuário havia sido escavada, não apenas para aumentar a estrada para dar passagem a veículos mais modernos, mas para passar com condutos de água, gás e eletricidade para as novas casas que estavam sendo construídas. Na verdade, havia uma menção específica da fonte de água sendo desligada, retirada e posteriormente recolocada. Se houvesse alguma coisa enterrada em algum lugar ao seu redor, as chances eram de que os trabalhadores, naquela época, já a teriam encontrado.

"Certamente se tivessem achado uma enorme caixa dourada do tamanho da Arca, todos teriam ficado sabendo", disse Jodi, fazendo com que Graham e eu ficássemos ainda mais desanimados.

"Não se os trabalhadores tivessem decidido ficar com ela", eu disse. *"Só o ouro valeria uma fortuna. Poderiam tê-la derretido e vendido seus pedaços sem que ninguém soubesse de nada."*

"Talvez não seja a Arca que estamos procurando", disse Graham. *"Pode ser qualquer outra coisa."*

Decidimos voltar e perguntar a alguns moradores locais se tinham ouvido falar de qualquer coisa interessante que tivesse sido encontrada durante a escavação do local. Naquela noite visitamos o pub da cidade, chamado Crown (Coroa), que ficava a cerca de oitocentos metros na estrada da fonte de água. Ali conversamos com um morador do vilarejo que conhecia toda a história do lugar, mas que não pôde nos ajudar muito. Ele tinha conhecimento de diversos artefatos históricos que haviam sido encontrados no vilarejo, mas nenhum deles parecia ter nenhuma ligação com aquilo que estávamos procurando. No entanto, quando lhe perguntamos a respeito da empreitada da década de 1950 da construção da Igreja de Church Green, ele nos falou a respeito de um senhor idoso que havia morado em uma das poucas cabanas que existiam por ali na época. Seu nome era Alfred Cártter e ele tinha agora seus oitenta anos de idade. Visitamos o Sr. Cártter em sua casa no dia seguinte, mas ele se mostrou incompreensivelmente relutante em nos deixar entrar em sua casa. Na soleira da porta, porém, ele nos contou algo que era muito interessante. Perguntei se ele sabia se os trabalhadores que fizeram a escavação da área de Church Green na década de 1950 tinham encontrado qualquer artefato histórico. O Sr. Carter disse que nunca tinha ouvido nada sobre aquilo. No entanto, ele nos disse que se tivessem achado alguma coisa, ela, provavelmente, estaria no meio dos pedregulhos das escavações que foram usados para construir a barragem de um riacho em um campo das redondezas. Infelizmente, ele não se lembrava que campo era aquele.

Será que a "*descoberta de imensa importância*" de Cove-Jones estaria entulhada no meio de uma pilha de pedras em algum lugar na região da Montanha Napton?

No almoço daquele dia, mais uma vez nos sentamos no pub Crown, agora estudando um mapa de grande escala da área, marcando os riachos no distrito. O Sr. Cárter havia se lembrado que as pedras tinham sido usadas para a construção da represa de uma correnteza, mas havia dezenas delas na região.

"Vamos levar uma vida para visitarmos todas as correntezas e encontrarmos uma barragem", disse Graham.

"Podemos perguntar aos fazendeiros locais se eles têm represas em suas terras", eu disse. Por acaso, havia um fazendeiro no bar, e perguntei se ele tinha algo assim na sua fazenda. Ele respondeu que sim, mas quando fiz outras perguntas, ele me disse algo que fez tudo parecer perdido. Pequenas represas em fazendas, ele me disse, eram geralmente estruturas temporárias, construídas durante períodos de alagamentos. Elas eram erguidas e derrubadas o tempo todo. Entendi, naquele momento, que os pedregulhos da década de 1950 poderiam estar em qualquer parte dos milhares de acres das fazendas ao redor da Montanha Napton. As pedras podiam ter sido usadas para o conserto de um buraco, como parte de uma outra represa, ou até mesmo, como fundações de um novo celeiro. Mesmo que os pedregulhos não tivessem sido usados para alguma coisa, a represa já teria sido derrubada há muito tempo e as pedras estariam agora jogadas às margens do riacho, cobertas por vegetações de mais de cinquenta anos. Decidi que era hora de desistirmos.

"Mesmo que os trabalhadores da década de 1950 não tenham encontrado o que estamos procurando, essa coisa pode estar em qualquer lugar", eu disse a Graham e Jodi sem ânimo.

"E se perguntássemos aos moradores locais para descobrirmos se alguém viu qualquer luz estranha?" sugeriu Graham. *"Eu sei que o fazendeiro não*

sabia de nada assim ao redor de Church Green, mas agora sabemos que o artefato dos artefatos pode estar em qualquer lugar, e luzes estranhas podem ter sido vistas em outros locais."

Eu duvidava que isso pudesse nos ajudar. A possibilidade do geoplasma nos guiar até a descoberta de Cove-Jones dependia do detalhe de que o artefato teria que ser a Arca. li isso só sei ia possível, se a Arca, de Fato, pudesse produzir o geoplasma e se ela ainda funcionasse.

"Se a Arca era a 'descoberta de imensa importância' de Cove-Jones, ela, certamente, não vai estar em uma pilha de pedras", eu disse. "Ela tinha mais de um metro de comprimento, setenta centímetros de altura e setenta centímetros de largura. Os trabalhadores teriam reparado em algo grande assim."

"E se eles tivessem encontrado apenas uma parte da Arca?" disse Jodi. "Talvez aquilo que chamavam de propiciatório. Se a Arca era um aparelho geoplasmático, o propiciatório era o que fazia a Arca funcionar."

Após conversarmos um pouco mais, concordei que seria válido perguntarmos a algumas pessoas para descobrirmos se alguém tinha ouvido falar de quaisquer luzes estranhas na região. Assim, vinte e quatro horas depois, estávamos de volta, sentados no mesmo bar. Havíamos questionado dezenas de pessoas sem que um só relato fosse ouvido de uma estranha luz flutuante vista na região da Montanha Napton. Havia uma porção de histórias interessantes de fantasmas, como por exemplo a da "senhora azul" que diziam assombrar uma floresta local, e até mesmo algumas visões de OVNI's, mas nada que fizesse lembrar o geoplasma. Enquanto Graham e eu estávamos em pé no balcão do bar, tentando pensar no que fazer a seguir, Jodi examinava o mapa que ela havia espalhado sobre a mesa.

"Esperem! Isso não pode estar certo", ela disse, de repente.

Fomos até a mesa para ver o que ela tinha descoberto.

"Vocês se lembram quando visitamos a Igreja de São Lourenço naquela noite e vimos o carro da polícia ao pé da montanha? Bem, não há nenhuma estrada naquela área."

Olhei para o mapa. Jodi estava certa. A área onde tínhamos visto a luz azul piscando era de campos abertos entremeados por algumas pequenas florestas.

"Talvez a polícia estivesse dirigindo pelo meio dos campos para investigar algum roubo de gado ou algo assim", eu sugeri.

"Talvez não fosse a polícia", disse Jodi. Ela, de repente teve uma idéia. *"Onde vocês imaginam que a luz estava?"* ela disse, apontando para o mapa.

"Por aqui, eu acho", eu disse, indicando uma área florestal ao sudoeste da Montanha Napton.

"É exatamente aqui que dizem que a senhora azul aparece", ela disse. Jodi explicou que o que achávamos que era a luz de um carro de polícia poderia, na realidade, ter sido o geoplasma. Testemunhas das luzes nas Colinas de Burton Dasset viam-nas como anjos, santos e até mesmo fantasmas.

"A senhora azul! Esse é, sem dúvida, um nome esquisito para um fantasma", disse Graham.

"Vocês não acham estranho que tenhamos visto uma luz azul piscando na área da mesma floresta?" disse Jodi.

"Mas, ainda assim, é mais provável que fosse um carro de polícia procurando por caçadores ou ladrões", eu disse.

"Com sua luz do carro acesa?" disse Jodi,

Tive de que admitir que ela estava certa. Além do mais — agora que ela tinha mencionado — eu não me lembrava da luz estar acompanhada por luzes de

faróis de um carro. Se um veículo policial estivesse com suas luzes de aviso acesas, ele também não estaria com seus faróis ligados?

"*Seria uma coincidência, no entanto, nós chegarmos ali pela primeira vez quando um fenômeno geoplasmático fosse acontecer*", eu disse.

"*Assim como a pomba e o galo, que nos ajudaram a encontrar as pedras*", disse Jodi.

Será que aquela floresta era o lugar onde os pedregulhos tinham ido parar?

Sáímos do bar e passamos o resto da tarde procurando pela floresta. Um pequeno riacho passava bem ao meio dela, e procuramos evidências de uma barragem que pudesse ter, algum dia, existido por ali. O problema era que toda a floresta estava com o mato tão alto que ficava impossível dizer o que havia debaixo dele. Dias de chuvas torrenciais também haviam transformado a área em um pântano, tornando muitas partes do lugar totalmente inacessíveis. Estávamos cobertos, da cabeça aos pés de lama, quando a escuridão começou a cair.

"*Temos de parar por hoje*", eu disse, exausto. "Está ficando escuro demais para que possamos enxergar alguma coisa."

"*Talvez a escuridão seja exatamente o que precisamos*", disse Jodi.

"*Como assim?*" Eu disse, não entendendo o que ela tinha em mente.

"*Podemos usar as pedras.*" Jodi sugeriu que, se as pedras foram as responsáveis por fazer com que a luz aparecesse sobre o lago, elas seriam também capazes de fazer com que a luz aparecesse ali. E se, de alguma forma, a luz tivesse alguma ligação com o que estávamos procurando, então, onde quer que ela aparecesse, seria o local onde o artefato estava enterrado.

Valia a pena tentar. Eu não acreditava que aquilo fosse dar certo. Na verdade, eu duvidava que a senhora azul, ou a luz azul que tínhamos visto, tivesse qualquer ligação com o geoplasma. Embora algumas testemunhas tivessem descrito os fenômenos geoplasmáticos como tendo coloração azulada, a maioria delas relataram as luzes da terra como de cor vermelho fogo.

Depois de pegarmos as pedras no carro, cada um de nós segurou a que havia encontrado e voltamos para a floresta. Enquanto caminhávamos pela trilha enlameada em suas margens, o único som naquela noite calma de inverno era o ruído do pequeno riacho balbuciando na escuridão por entre as árvores. Estávamos ali por apenas alguns minutos quando tudo começou.

Em algum lugar no coração do bosque havia uma chama de luz azul, como se alguém tivesse acendido o clarão de uma lâmpada. Alguns segundos depois, ela voltou, mas dessa vez — como eu olhava diretamente para ela — pude ver que parecia ser uma fonte de luz circular, visível por apenas um segundo. Era difícil determinar o tamanho dela, porque não tínhamos como dizer a que distância ela estava.

"*Venham*", gritou Jodi, enquanto pulava uma cerca e começava a abrir caminho pela mata no meio das árvores, Graham foi atrás dela, mas eu hesitei. Não podia deixar de pensar no versículo do livro dos Números: "*E o fogo do Senhor queimou no meio deles, e os consumiu.*" Mesmo assim, pulei a cerca e os segui.

Em algum lugar à nossa frente no meio das árvores, a luz agora piscava de forma regular, ficando cada vez mais rápida, até que se transformou em uma esfera cintilante. Nós, porém, caminhávamos cada vez mais lentamente, por diversas vezes caindo na lama e nos atrapalhando entre arbusto e espinhos. De

alguma forma, conseguimos, finalmente, chegar em um pequeno pedaço de terra lisa e ter um visãõ melhor da luz.

A esfera azul brilhante, que tinha o tamanho aproximado de uma bola de t4nis, parecia estar pendurada como uma grotesca decoraçãõ natalina nos arbustos que se erguiam ao longo da margem do riacho. Jodi parou, de repente, e Graham e eu quase trombamos com ela.

Quando ia perguntar aos outros o que deveríamos fazer a seguir, a esfera inflamou-se assumindo uma cor branca brilhante e saiu em disparada pelo ar em movimentos espirais antes de desaparecer na escuridãõ.

Aquela luz surpreendente me deixou mais espantado do que aquela que tínhamos visto no lago. Eu achava que a apariçãõ da primeira não passava de uma coincidência, mas uma segunda luz — aquilo tinha de significar algo mais. Voltei minha lanterna para a palma da mãõ e olhei para a pedra de 4nix. Eu queria dizer alguma coisa mas não conseguia pensar em que palavras usar. Jodi, porém, gritava para que a seguíssemos para onde a luz tinha ido.

Graham e eu começamos a passar por cima dos pequenos arbustos enquanto Jodi pulou para a lateral do riacho e começou a balançar sua lanterna para cima e para baixo em direçãõ às margens. Ela estava ali há apenas alguns segundos quando disse, "*Achei alguma coisa!*"

Descemos até ela e a vimos puxando algo que saía da beira do rio. Após algumas investidas, a coisa saiu da terra dura. Parecia ser uma placa lisa de pedra com cerca de dois centímetros e meio de espessura, quarenta e cinco centímetros de comprimento e trinta centímetros de largura.

"*Tem alguns símbolos ou alguma outra coisa esculpida nela*", disse Jodi, erguendo a pedra. Com a luz da lanterna, vi que uma das extremidades parecia

estar quebrada, enquanto a outra era arredondada nos cantos. A maior parte dela estava coberta de lodo, mas na parte de cima havia símbolos gravados que estavam cheios de terra. Depois de lavarmos a placa no riacho, parte do sedimento saiu, e pudemos, claramente, ver que a parte inteira de uma lateral havia sido esculpida, de forma deliberada, com o que poderia ser letras de um alfabeto estrangeiro.

"Parte dela estava saindo pela lateral da margem", disse Jodi. "Pude ver que havia algo esculpido nela."

Por algum tempo, Jodi e eu vasculhamos a área adjacente para vermos se encontraríamos qualquer outra coisa, enquanto Graham usava um galho para cavar ao redor do buraco onde a placa estava, para ver se conseguia encontrar mais partes dela. Por fim, quando vimos que não acharíamos mais nada, decidimos voltar quando estivesse dia e examinar a área por completo.

Quando voltamos para o quarto do hotel de Graham e Jodi mais tarde naquela noite, conseguimos limpar de forma adequada o que havíamos encontrado. Pudemos ver então que a placa continha o que parecia ser treze símbolos independentes sobre ela, gravados na pedra a uma profundidade de cerca de meio centímetro. A placa havia sido, obviamente, quebrada de um pedaço ainda maior, visto que uma das extremidades era irregular e estava partida. A outra ponta, porém, era mais lisa e havia sido, propositadamente, arredondada nos cantos. Mesmo sem sabermos ao certo qual era o lado que deveria ficar voltado para cima, os sinais pareciam estar dispostos em três linhas horizontais separadas. A linha de baixo — quando a placa era vista com o canto arredondado para cima — incluía uma **cruz**, algo que lembrava a letra **grega pi**, uma letra maiúscula no formato de um **Y**, algo parecido com uma letra **i** minúscula e uma letra **t** minúscula inclinada para a esquerda. A linha do meio trazia um marca na forma de um sinal de '**conferido**' (a);

um rabisco inclinado para a esquerda com um traço em cima; algo que parecia com uma pena erguida; uma figura irregular inclinada para a esquerda; e um ponto. E a linha de cima era composta de uma letra **t** minúscula invertida, de trás para a frente e inclinada para a esquerda; uma figura de uma letra **Y** de ponta cabeça; e um sinal de '**conferido**' de trás para a frente com um ponto e uma linha ao lado dela. Nenhum de nós reconheceu os símbolos como tendo nenhuma forma de letras de alfabetos que conhecíamos. Estava familiarizado com uma série de antigos alfabetos, mas esses sinais não pareciam pertencer a nenhum deles. Tudo o que podíamos dizer era que a placa parecia ter sido esculpida há muito tempo. Algas verdes e brancas de algum tipo haviam crescido em cima dela, e os símbolos estavam apagados. Sabíamos que teríamos de mandar a placa para ser examinada por especialistas, mas antes precisávamos descobrir se havia algo mais enterrado no bosque.

No dia seguinte descobrimos quem era o proprietário da terra e pedimos a ele se podíamos entrar na mata para procurar uma antiga pilha de entulhos que havia sido jogada lá por volta de 1950. Dissemos ao homem que as pedras tinham vindo de Church Green e podiam conter artefatos relacionados com o santuário católico que, no passado, ficava onde a fonte de água estava. Ele não fez nenhuma objeção. Na verdade, como a terra era muito pantanosa para ser usada para qualquer coisa, ele nem se importaria se decidíssemos cavar alguns buracos. Apesar de tudo, um dia inteiro vasculhando a área onde havíamos encontrado a placa não nos levou a lugar algum. No fim do dia, decidi mostrar ao proprietário da terra o que havíamos encontrado na noite anterior e perguntar a ele se era capaz de identificá-la, mas como aquilo não era de seu interesse, e parecia não ter valor algum, ele disse que podíamos ficar com ela.

Se Jodi estivesse certa, a estranha luz nos tinha levado ao encontro dessa placa. Eu estava tão desorientado que não fazia idéia se ela estava certa ou errada. Precisávamos descobrir o que era aquele artefato! Graham e Jodi decidiram prolongar sua estadia e juntos levamos a placa até o Museu Britânico em Londres, que se vangloria por possuir as melhores dependências da Inglaterra para a identificação de artefatos antigos. No entanto, o exame não foi conclusivo.

Há, basicamente, dois métodos científicos para calcular as datas de descobertas arqueológicas. Primeiro, há os testes de radiocarbono. Materiais orgânicos, animal ou vegetal, contêm um componente levemente radioativo (inofensivo) chamado carbono 14. Assim que o organismo vivo morre, a radioatividade aos poucos desaparece até que depois de cerca de 60 mil anos não pode mais ser detectada por meio de técnicas normais. Ao realizar uma análise química da quantidade de carbono 14 em materiais orgânicos — como ossos, marfim ou madeira — descobertas podem ser datadas. No entanto, a placa não era orgânica, e por isso o teste de radiocarbono não era uma opção válida. Infelizmente, o segundo método era também inadequado. A termoluminescência é o processo no qual um mineral emite luz enquanto é aquecido. Argila e cerâmica podem ser datadas dessa forma porque a luz emitida desses objetos mudam com o passar do tempo. No entanto, como o processo pode somente determinar há quanto tempo um artefato foi queimado — em outras palavras, assados em uma fornalha — ele não nos era de grande valia. Nossa placa não passava de uma rocha cortada e lapidada. Esperávamos que alguém no museu pudesse identificar os símbolos. Entretanto, eles não puderam ser comparados com nenhum alfabeto ou sistema de sinais conhecidos em seu banco de dados tão consistente.

Se Jodi estava certa, e o geoplasma, ou o que quer que tenhamos visto, fora criado por aquilo que estávamos procurando, eu não conseguia entender como essa placa podia ser essa descoberta — pelo menos não ela sozinha. Tínhamos de descobrir se havia algo mais enterrado onde havíamos encontrado a placa, e a única maneira de fazermos isso era por meio de uma busca arqueológica completa. Embora isso fosse caro, decidimos que precisava ser feito, e contratamos uma equipe de geofísicos de Londres. O grupo tinha um equipamento sofisticado capaz de detectar quase qualquer coisa que estivesse enterrado no solo. Os aparelhos eram geralmente utilizados pela indústria petroquímica em busca de sinais de rochas que continham petróleo, mas eram também usados por arqueólogos.

Durante três dias a equipe vasculhou uma grande área ao redor de onde tínhamos encontrado a placa. Primeiro, eles usaram um medidor de magneto de prótons, que media quaisquer anomalias magnéticas abaixo da superfície que seriam capazes de detectar artefatos de metal. Mas, além de localizar antigos pedaços enferrujados de equipamentos de agricultura, nada foi encontrado. Em segundo lugar, usaram um medidor de resistividade, um mecanismo de forçado duplo que envia uma corrente através do solo e mede qualquer alteração na resistência elétrica. Ele pode detectar diferentes tipos de materiais abaixo da superfície, como rochas, pedras ou qualquer cascalho subterrâneo. Isso produziu alguns resultados interessantes quando encontraram uma porção de tijolos irregulares ao redor do local onde a placa estava. Eles foram mais tarde identificados como paralelepípedos de uma antiga estrada, o que indicava que podiam fazer parte da pilha de pedregulhos que o Sr. Cárter havia mencionado. (Quando a antiga estrada em Church Green foi pavimentada novamente, a superfície da estrada anterior deveria ter ficado no meio do entulho eliminado.) No terceiro dia, a equipe

usou o mais avançado de todos os equipamentos: um radar de rastreamento do solo capaz de produzir uma imagem tridimensional do que existe bem abaixo da superfície. No entanto, com exceção de mais alguns paralelepípedos, outros pedaços de equipamentos de agricultura e blocos de rochas, nada havia naquela área.

Se houvesse qualquer outro artefato naquele lugar, havia, então, apenas mais uma possibilidade: os objetos estariam nos campos adjacentes. Teria custado caro demais contratarmos a equipe de geofísicos para vasculhar toda a região — teria levado semanas. Entretanto, conseguimos convencer um clube que fazia detecção de metais a fazer uma varredura pela mata e na área ao seu redor. Isso pelo menos iria determinar se havia artefatos de ouro ou de prata por ali. Infelizmente, apesar de dezenas de detectores de metais vasculharem cada centímetro a uma boa distância de onde havíamos encontrado a placa, nada interessante surgiu.

Parecia que o único artefato feito pelo homem que podia ter alguma ligação com nossa busca era a enigmática placa de pedra. No entanto, ela não tinha como ser datada e seus símbolos não puderam ser identificados. O que seria aquilo?

Havíamos testemunhado o que certamente devia ser geoplasma. Contudo, a área não tinha nenhuma rocha que pudesse estar relacionada ao fenômeno. A placa parecia ser de arenito, mas mesmo que isso fosse verdade — uma das rochas que acredita-se ser capaz de produzir o geoplasma — não podia imaginar como uma quantidade tão pequena poderia criar o que tínhamos visto. Em um laboratório, submetida a uma pressão consistente em uma câmara de pressão, talvez! Mas mesmo assim, o fenômeno aconteceria em uma escala muito pequena.

"Você disse que achava que os antigos israelitas eram capazes de produzir o geoplasma, de alguma forma, sem a ajuda de um compressor de rochas. E em grande escala", disse Jodi, depois que a equipe com os detectores de metal não havia encontrado mais nada.

"A 'glória do Senhor' descrita na Bíblia se parece muito com o geoplasma", eu disse.

"E o mesmo fenômeno era criado pela Arca?"

"Sim, parece que sim."

"O que ficava guardado dentro da Arca?" Ela perguntou.

"Algumas relíquias durante algum tempo, mas principalmente as tábuas de pedra esculpidas com os Dez Mandamentos."

Eu percebi aonde Jodi estava querendo chegar, mas não podia me convencer de que nossa placa de pedra era, na realidade, uma daquelas tábuas. *"Mesmo que isso fosse verdade, uma quantidade tão pequena da rocha não seria capaz de produzir o geoplasma", eu disse.*

"Mas você acredita que a Arca pode ter sido algum tipo de mecanismo geoplasmático?"

"Sim, mas sabemos, com certeza, que a Arca não estava em lugar algum daquela área senão os detectores de metal a teriam encontrado."

"E se as próprias tábuas de pedra eram as responsáveis pela criação da 'glória do Senhor'?" Ela disse.

"Como?"

"Não faço a menor idéia, mas alguma coisa fez aquela luz aparecer", disse Jodi.

Eu tinha de admitir que, mesmo que minha teoria estivesse certa a respeito dos antigos israelitas terem criado o geoplasma, nem eu, ou qualquer cientista com quem tenha conversado, saberia explicar como eles conseguiam controlá-lo.

"Eu imagino que pudesse existir algo de especial nessa rocha", eu disse.

Já havíamos enviado um fragmento da placa para o Dr. Mellor para que ele pudesse identificar que tipo de rocha era aquela e de onde ela vinha. No entanto, ele estava de férias por algumas semanas e ainda não havia nos mandado os resultados. Quando ele o fez, a princípio, pareceram ser frustrantes. Infelizmente, diferente dos testes com as pedras preciosas, tinha sido impossível dizer com certeza de que parte do mundo vinha a pedra. Ela era, no entanto, feita de arenito — o tipo de pedra associada ao geoplasma. Apesar de tudo, não havia nada de especial na rocha. Ela havia sido submetida aos mesmos testes que as três pedras, mas sem nenhum resultado positivo. Era apenas um simples pedaço de pedra de arenito.

Entretanto, o fato de ela ser feita de arenito podia ser importante. O cume de Jebel Madhbah é composto de arenito. Esse fato não pode provar que a placa, de fato, veio de lá, visto que há muitos outros lugares no mundo onde a rocha é encontrada. Contudo, ele mostra que a placa podia ter sido uma das tábuas que traziam os Dez Mandamentos, já que foi no topo da Montanha de Deus que dizem que Moisés as fez de acordo com as instruções de Deus.

Quando Graham e Jodi finalmente voltaram para os Estados Unidos, sentei-me e tentei repassar todos os fatos na minha cabeça. Se tínhamos decifrado as pistas do Vitral da Epifania de maneira correta, e se eu estivesse certo a respeito dos murais da Igreja de Burton Dassett, parecia, então, que a fonte de água ao pé

da Montanha Napton era onde estava a "*descoberta de imensa importância*" de Jacob Cove-Jones. Nós tínhamos pedido que a equipe de geofísicos e os detectores de metal também examinassem aquela área, mas nada fora encontrado. Não tínhamos provas de que a placa esculpida estava no meio da pilha de pedras retirada da área da fonte, embora os paralelepípedos encontrados no bosque indicassem que sim. Contudo, havíamos sido levados a encontrar a placa por meio de um fenômeno verdadeiramente assustador. Graham acreditava que o destino havia ajudado em nossa busca, e Jodi tinha certeza de que as três pedras haviam criado os fenômenos que tínhamos presenciado. Eu, porém, não fazia idéia do que pensar.

Muitas vezes, depois que as pedras e a placa foram descobertas, tentamos fazer o geoplasma — ou o que quer que aquilo fosse — reaparecer. Mas, apesar de as termos levado a lugares onde as estranhas luzes foram relatadas, apesar de levarmos a placa de volta ao lugar onde fora encontrada, o fenômeno nunca mais aconteceu.

Mesmo assim, minha busca na tentativa de solucionar os segredos da Arca perdida conduziram-me por uma aventura totalmente inesperada. Posso não ter descoberto a Arca da Aliança, mas tinha a certeza de ter resolvido uma série de mistérios cruciais que a envolviam. Tinha certeza de que descobrira onde ela estava escondida depois que deixou o Templo de Jerusalém, e de que encontrara a já esquecida localização da Montanha de Deus. É também possível que Graham, Jodi e eu tenhamos encontrado três das Pedras de Fogo. Ainda mais relevante, eu estava certo de que o fenômeno que o Antigo Testamento afirma que a Arca da Aliança era capaz de manifestar era, na verdade, o geoplasma. Não pude provar que os Templários de Herdewyke, de fato, encontraram a Arca da Aliança ou que ela

fora escondida no centro da Inglaterra. No entanto, a ordem possuía relíquias que afirmavam datar de tempo do Antigo Testamento, e a placa esculpida pode ter sido uma delas. Se ela foi encontrada na caverna ao pé de Jebel Madhbah, poderia ser, então, uma das tábuas que continham os Dez Mandamentos.

A placa parece ter sido quebrada ao meio, portanto, pode haver uma outra parte ainda a ser encontrada. Infelizmente, ninguém foi capaz de identificar seus símbolos. O alfabeto hebraico, da forma que o conhecemos hoje, não foi desenvolvido até cerca de 1000 a.C. Nesse período os israelitas começaram a intensificar seu comércio e, com isso, passaram a trocar idéias culturais com seus vizinhos, os fenícios, o lugar hoje conhecido como Líbano, e foi a partir do alfabeto fenício que o alfabeto hebraico se desenvolveu. No entanto, os sinais na placa de pedra não pertencem a nenhum dos dois. Poderiam ser uma forma de escrita mais antiga dos israelitas, porque a história dos Dez Mandamentos aconteceu por volta de 1360 a.C, cerca de três séculos e meio antes do desenvolvimento do alfabeto hebraico. Como não temos pistas que nos levem para qualquer direção, a placa que achamos está agora guardada em uma caixa-forte de banco próximo à casa de Graham e Jodi, nos listados Unidos. Acredito que por enquanto fico por aqui, assim como no caso da Arca no filme de Spielberg, até que possa ter uma compreensão melhor. Se isso é o que Jacob Cove-Jones chamou de uma "*descoberta de imensa importância*," ela terá de ser decifrada antes que possamos descobrir o tamanho dessa imensidão. Por enquanto, temos planos de enviar a placa de pedra para que seja cientificamente examinada na Universidade Brigham Young em Utah, enquanto David Deissmann está providenciando que diversos lingüistas examinem as inscrições na Universidade Hebraica em Israel. Quais serão os resultados, ainda teremos que esperar para saber.

O que quer que sejam os artefatos que encontramos, tive de admitir que toda a investigação em busca da Arca da Aliança fora verdadeiramente incrível. E ainda houve mais um estranho incidente ocorrido. Graham Russell dissera várias vezes que o destino havia intervindo em nossos trabalhos. Eu já havia descartado a possibilidade aceitando-a como mais uma coincidência. Mas algo aconteceu algumas semanas após termos descoberto a tábua de pedra, que me fez parar para pensar. Voltei à Igreja de Burton Dassett na esperança de encontrar o guarda mais uma vez para agradecê-lo por sua ajuda. No entanto, ele não pôde ser encontrado em lugar algum, e quando perguntei por ele no local, ninguém parecia saber quem ele era. Na verdade, o vigário me disse que ninguém com aquela descrição era um guarda ou superintendente na Igreja de Todos os Santos. Para ser honesto, o velho homem jamais me dissera quem era. Eu simplesmente havia deduzido que ele era um guarda ou zelador porque o vi acendendo velas e cuidando das flores. Procurei-o por toda parte, mas nunca mais vi o homem e jamais descobri sua identidade. Quem quer que fosse, ele obviamente não visitava a igreja com freqüência e, contudo, nas duas vezes em que estive lá, ele estava no local para me ajudar. Na verdade, sem ele, minhas pesquisas talvez jamais teriam tido os resultados que consegui, e duvido que teríamos encontrado a enigmática placa de pedra — o que quer que ela seja. Graham podia estar certo ou não quanto ao fato de o destino nos ter ajudado. Se isso, de fato, aconteceu, não tenho como explicar como ou por que. O que posso dizer é que houve algo de estranho a respeito do homem que eu achava ser um guarda da igreja. Na primeira vez em que o encontrei, ele, de alguma forma, entrou na igreja e chegou por trás de mim sem que eu ouvisse qualquer ruído. Não apenas o som de passos no chão de pedra do prédio ecoam estrondosamente, mas também a porta da igreja rangia fazendo um barulho infernal.

De volta à igreja, e mais uma vez diante dos enigmáticos murais nas duas laterais da janela, tive esperança de que o homem voltaria para me ajudar novamente. Não pude deixar de pensar que talvez a Arca da Aliança ainda estivesse escondida em algum lugar ao redor das Colinas de Burton Dassett.

Cronologia de Acontecimentos Importantes

O trabalho de datar eventos bíblicos é uma questão difícil e controversa. As datas usadas aqui estão baseadas em um consenso acadêmico generalizado. Basicamente, essas datas foram calculadas com base em um acontecimento crucial estipulado no Antigo Testamento. A Bíblia se refere à tomada de Jerusalém pelos assírios durante o reinado do rei da Judéia, Hezekiah. O próprio relato idêntico do rei assírio Sennacherib do mesmo ataque ainda pode ser visto em uma pedra que hoje se encontra no Museu Britânico. Como a inscrição tem uma data precisa dos assírios, que corresponde a 701 a.C. de acordo com nosso calendário moderno, esse é um evento do Antigo Testamento que aparece datado de forma precisa. Datas mais antigas podem ser estimadas com base na duração dos reinados de antigos reis hebreus, conforme aparecem no Antigo Testamento.

Ano	a.C.
1385 — 1360	<i>Reinado do faraó egípcio Amonhotep 111. Reconstrução de Avaris</i>
1360	<i>Erupção de Thera. Pragas do Êxodo. Os israelitas deixam o Egito.</i>
1360 — 1343	<i>Reinado de Akhenaten. O Aten é nomeado a divindade máxima.</i>
1360 — 1320	<i>Os israelitas no Deserto de Sinai. A Arca da Aliança é construída.</i>
1320	<i>Conquista de Jericó.</i>
1320	<i>Conquista de Hazor.</i>
1287-1220	<i>Reinado de Ramsés II</i>
995-967	<i>Davi unifica as tribos de Israel. A cidade de Jerusalém é tomada dos jebuseus e transformada na capital do reino de Israel. A Arca é levada para Jerusalém.</i>
067-925	<i>O Rei Salomão de Israel e a construção do primeiro Templo de</i>

- Jerusalém. A Arca é colocada no Templo.*
- 932 *A Tribo de Judá se separa de Israel e funda um reino independente com sua capital em Jerusalém.*
- 914 *Sheshonq I do Egito ataca Jerusalém. Os tesouros do Templo são roubados*
- 650 *Forma mais antiga conhecida de cunhagem usada pelos lídios.*
- 640-609 *Josué é rei de Judá.*
- 622 *Ultima referência bíblica da Arca estando no Templo de Jeru-salém.*
- 597 *Os babilônios invadem Jerusalém. O Templo é saqueado e seus tesouros levados para a Babilônia. A Arca é escondida por Jeremias.*
- 539 *O império babilônico é conquistado pelos persas. O rei persa Cyrus permite que os judeus voltem para Jerusalém.*
- 525 *O Templo de Jerusalém é reconstruído.*
- 333 *Alexandre, o Grande incorpora Judá.*
- 169 *Antiochus IV ataca o Templo de Jerusalém pela segunda vez.*
- 167 *Revolta liderada por Judas Macabeus.*
- 130 *Mosteiro de Qumran é construído.*
- 63 *Os romanos incorporam Judá.*
- 37 *Herodes é escolhido o rei da Judéia.*
- 19 *Início das obras no templo de Herodes.*
- 4 *Morte de Herodes.*
- d.C.**
- 6 *Leis romanas aplicadas na Judéia.*
- 26 *Pôncio Pilatos é nomeado procurador da Judéia.*

- 30 *Jesus prega na Palestina.*
- 66 *Revolta dos judeus.*
- 70 *Romanos saqueiam Jerusalém e derrubam o terceiro Templo.*
- 78-94 *Flavius Josephus escreve suas teorias a respeito dos judeus.*
- 1187 *O líder sarraceno Saladin conquista Jerusalém.*
- 1189 *Os Cruzadores abandonam o Vale de Edom. Um baú de ouro, com pedras preciosas e outros tesouros é supostamente descoberto em Jebel Madhbah.*
- 1190 *Preceptoria de Herdewyke fundada por Ralph de Sudeley.*
- 1192 *Relíquias bíblicas registradas na preceptoria de Herdewyke.*
- 1307 *Cavaleiros Templários presos em Paris.*
- 1321 *Templários presos na Inglaterra.*
- 1327 *Templários de Herdewyke ganham anistia da Rainha Isabella.*
- 1350 *Murais são pintados na Igreja de Burton Dassett. A Peste Negra aniquila o vilarejo de Burton Dassett.*
- 1600 *Sir Walter Raleigh procura pelo tesouro de Herdewyke.*
- 1656 *William Dugdale registra a lenda do tesouro de Herdewyke.*
- 1812 *Johannes Burckhardt visita Petra.*
- 1890 *Os murais são descobertos na Igreja de Burton Dassett.*
- 1907 *Vitral da Epifania é instalado na Igreja de Langley.*

Bibliografia Seleccionada

Todas as citações bíblicas usadas neste livro são tiradas da tradução para o inglês feita para o Rei James I. A bibliografia a seguir inclui os livros do autor usados em suas pesquisas para este trabalho além de sugerir outras leituras.

Ackroyd, P. R., e C. F. Evans, eds. *The Cambridge History of the Bible* (A História de Cambridge da Bíblia). Cambridge: University Press, 1963-70.

Aharoni, Y. M. Avi-Yohan, A. F. Rainey, e Z. Safrai. *The Macmillan Bible Atlas* (O Atlas da Bíblia de Macmillan). New York: Hungry Minds, 1993.

Albright, W. F. *The Archaeology of Palestine* (A Arqueologia da Palestina). New York: Penguin, 1949.

_____. *Yahweh and the Gods of Canaan* (Javé e os Deuses de Canaã). Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

Alfred, C. Akhenaten, *Pharaoh of Egypt* (Akhenaten, Faraó do Egito). London: Thames & Hudson, 1968.

_____. *Akhenaten, King of Egypt* (Akhenaten, Rei do Egito). London: Thames & Hudson, 1986.

Anati, E. *Palestine Before the Hebrews* (A Palestina Antes dos Hebreus). London: Jonathan Cape, 1963.

Anderson, G. W. *The History of the Religion of Israel* (A História da Religião de Israel). Oxford: Oxford University Press, 1966.

Avi-Yonah, M., ed. *Encyclopaedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* (Enciclopédia de Escavações Arqueológicas na Terra Santa). Oxford: Oxford University Press, 1977.

Bacon, E., ed. *The Great Archaeologists* (Os Grandes Arqueólogos). London: Bobbs-Merrill, 1976.

Bahar, D. *The Illustrated Atlas of Jerusalem* (O Atlas Ilustrado de Jerusalém). New York: Simon & Schuster, 1990.

Baikie, J. *Egyptian Antiquities in the Nile Valley* (Antiguidades Egípcias no Vale do Nilo). London: Methuen, 1932.

_____. *The Amarna Age* (A Era Amarna). London, Methuen, 1926.

Baines, J., e J. Malek *Atlas of Ancient Egypt* (Atlas do Antigo Egito). New York: Checkmark Books, 2000.

Barnett, R. *Illustrations of Old Testament History* (Ilustrações da História do Antigo Testamento). London: British Museum Press, 1977.

Barrett, C. K. *The New Testament Background: Selected Documents* (Histórico do Novo Testamento: Documentos Seleccionados). London: Harper Collins, 1989.

Bartlett, J. *The Bible: Faith and Evidence* (A Bíblia: Fé e Evidências). London: British Museum Press, 1990.

Bem-Dov, M. *In the Shadow of the Temple: The Discovery of Ancient Jerusalem* (Na Sombra do Templo: A Descoberta da Antiga Jerusalém). New York: Harper and Row, 1982.

Biran, A. *Biblical Dan* (A Tribo Dan da Bíblia). Jerusalém: Israel Exploration Society, 1994.

Brammel, E., e C. Moule. **Jesus and the Politics of His Day** (Jesus e a Política de Seu Tempo). Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Brandon, S. *Creation Legends of the Ancient Near East* (Lendas da Criação do Antigo Oriente Próximo). London: Hodder & Stoughton, 1963.

Breasted, J. H. *Ancient Records of Egypt* (Antigos Registros do Egito). Chicago: University of Illinois Press, 2001.

Brotherstone, G. *World Archaeoastronomy* (Arqueoastronomia Mundial). Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Brown, F. *Hebrew and the English Lexicon of the Old Testament* (O Dicionário hebraico e inglês do Antigo Testamento). Oxford: Oxford University Press, 1906.

Bryant, A. E. *Natural Disasters* (Desastres Naturais). Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Buber, M. *Moses* (Moisés). Oxford: Oxford University Press, 1946.

Ikirckhardt, J. L. *Traveis in Syria and the Holy Land* (Viagens pela Síria e pela Terra Santa). A Associação Responsável pela Descoberta de Partes do Interior da África, 1822.

Casson, L., e E. L. *Hettich. Excavations at Nessana* (Escavações em Nessana). Princeton: Princeton University Press, 1950.

Cassuto, U. *A Commentary on the Book of Exodus* (Uma Explicação do Livro do Êxodo). Jerusalém: Magnes Press, 1961.

Castledon, R. *Minoans: Life in Bronze Age Crete* (Os Minoanos: A Vida em Creta na Idade do Bronze). London: Routledge, 1993.

Cerny, J. *Hieratic Inscriptions from the Tomb of Tutankhamun* (Inscrições Hieráticas da Tumba de Tutancamon). Oxford: Aris & Phillips, 1965.

Chester, D. *Volcanoes and Society* (Vulcões e Sociedade). London: Routledge, 1993.

Childs, B. *Myth and Reality in the Old Testament* (Mito e Realidade no Antigo Testamento). Napierville: A. R. Allenson, 1960.

Clark, R. *Myth and Symbol in Ancient Egypt* (Mitos e Símbolos no Antigo Egito). London: Thames & Hudson, 1991.

Clayton, P. *Chronicle of the Pharaohs* (Crônicas dos Faraós). Thames & Hudson, 1994.

Comay, J. *Who's Who in the Old Testament* (Quem é Quem no Antigo Testamento). London: Routledge, 1993.

Comrie, B., ed. *The Major Languages of South Ásia, The Middle East and Africa* (As Principais Línguas do Sul da Ásia, do Oriente Médio e da África). London: Routledge, 1990.

Daiches, D. *Moses, Man in the Wilderness* (Moisés, o Homem no Deserto). London: Weidenfeld e Nicolson, 1975.

Davidson, R. e A. R. C. Leaney. *The Penguin Guide to Modern Theology* (O Guia para a Teologia Moderna da Penguin). Harmondsworth: Penguin, 1970.

Davies, G. I., ed. *Ancient Hebrew Inscriptions, Corpus and Concordance* (Antigas Inscrições Hebraicas, Arquivo e Concordância). Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Davies, P. *In Search of Ancient Israel* (A Procura da Antiga Israel). Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

Dawson, W. R., e E. Uphill. *Who was Who in Egyptology* (Quem era Quem na Egiptologia). London: Egypt Exploration Society, 1972.

Dothan, T. *The Philistines and Their Material Culture* (Os Filisteus e Sua Cultura Material). London: Israel Exploration Society, 1982.

Doumas, C. *Thera, Pompeii of the Ancient Aegean* (Thera, A Pompeia do Antigo Egeu). London: Thames & Hudson, 1983.

Driver, G. *Canaanite Myths and Legends* (Mitos e Lendas de Canaã). Fdinburgh: T. & T. Clarck, 1978.

Emery, W. B. *Archaic Egypt* (Egito Arcaico). Harmondsworth: Penguin, 1961.

Eusebius. *The History of the Church from Christ to Constantine* (A História da Igreja de Cristo a Constantino). Trans. G. Williamson. Harmondsworth: Penguin, 1965.

Evenari, M., L. Shanan e N. Tadmor. *The Negev: Challenge of a Desert* (O Negev: O Desafio de Um Deserto). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

Fox, R. L. *Pagans and Christians* (Pagãos e Cristãos). San Francisco: Harper & Row, 1986.

Freedman, D., ed. *The Anchor Bible Dictionary* (O Dicionário Ancora da Bíblia). New York: Doubleday, 1998.

Gardiner, A. *Egyptian Grammar* (Gramática Egípcia). Oxford: Griffith Institute, 1957.

_____. *Egypt of the Pharaohs* (O Egito dos Faraós). Oxford: Griffith Institute, 1961.

Goldstein, M. *Jesus in the Jewish Tradition* (Jesus na Tradição Judia). New York: Macmillan, 1950.

Grabbe, L. *Judaism from Cyrus to Hadrian* (O Judaísmo de Cyrus a Hadrian). Minneapolis: Fortress Press, 1992.

Grant, M., trans. *Annals of Imperial Rome* (Os Anais da Roma Imperial). Harmondsworth: Penguin, 1956.

Graves, R. *The Greek Myths* (Os Mitos Gregos). Harmondsworth: Penguin, 1960.

Greenberg, M. *The Hab/piru* (O Hab/piru). New Haven: American Oriental Society, 1955.

Harker, R. *Digging up the Bible Lands* (Desvendando as Terras da Bíblia). London: Bodley Head, 1972.

Harris, R. *Exploring the World of the Bible Lands* (Explorando o Mundo das Terras da Bíblia). London: Thames & Hudson, 1995.

Hawkes, J. *Man and the Sun* (O Homem e o Sol). London: Cresset Press, 1962.

Hershel, S., ed. *Understanding the Dead Sea Scrolls* (Compreendendo os Pergaminhos do Mar Morto). New York: Doubleday, 1992.

Herzog, C, e M. Gichon, *Battles of the Bible* (As Batalhas da Bíblia). London: Weidenfeld & Nicolson, 1978.

Heschel, A. *The Prophets* (Os Profetas). New York: Harper & Row, 1962.

Hornung, E. *Conceptions of God in Ancient Egypt* (As Concepções de Deus no Antigo Egito). London: Routledge, 1983.

Hutchison, R. W. *Prehistoric Crete* (A Creta Pré-histórica). Harmondsworth: Penguin, 1962.

Ions, V. *Egyptian Mythology* (Mitologia Egípcia). London: Hamlyn, 1982.

James, E. O. *The Ancient Gods* (Os Antigos Deuses). London: Weidenfield & Nicholson, 1960.

Jones, A. *The Herods of Judea* (O Herodes da Judeia). Oxford: Clarendon, 1967.

Josephus, Flavius. *Jewish Antiquities* (Antiguidades dos Judeus). Trans. L. Feldman. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981.

_____. *The Jewish War* (A Guerra dos Judeus). Trans. G. Williamson.

Harmondsworth: Penguin, 1981.

Keller, W. *The Bible as History* (A Bíblia como História). London: Hodder & Stoughton, 1956.

Kemp, B. J. *Ancient Egypt: Anatomy of a Civilisation* (Antigo Egito: Anatomia de uma Civilização). London: Routledge, 1989.

Kennedy, A. *Petra, Its History and Monuments* (Petra, Sua História e Monumentos). London: Country Life, 1925.

Kenyon, K. M. *Archaeology in the Holy Land* (Arqueologia na Terra Santa). London: Ernest Benn, 1957.

Kopp, C. *The Holy Places of the Gospels* (Os Lugares Sagrados dos Evangelhos). New York: Herder & Herder, 1963.

Levy, U. *The Lost Civilisation of Petra* (A Civilização Perdida de Petra). Edinburgh: Floris, 1999.

Lichtheim, M. *Ancient Egyptian Literature* (Literatura Egípcia Antiga). Berkeley: University of Califórnia Press, 1980.

Maccoby, H. *Revolution in Judea: Jesus and the Jewish Resistance* (Revolução na Judeia: Jesus e a Resistência dos Judeus). London: Ocean Books, 1973.

Magnusson, M. *BC: The Archaeology of the Bible Lands* (BC: A Arqueologia das Terras da Bíblia). London: Simon & Schuster, 1977.

May, H. G., ed. *Oxford Bible Atlas* (Atlas da Bíblia de Oxford). Oxford: Oxford University Press, 1974.

Mazar, A. *Archaeology of the Land of the Bible* (Arqueologia da Terra da Bíblia), 10.000 — 586 a.C. New York, Doubleday, 1990.

Metzger, B., e M. Coogan, eds. *The Oxford Companion to the Bible* (O Companheiro da Oxford da Bíblia). Oxford: Oxford University Press, 1993.

Meyers, E. *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East* (A Enciclopédia de Arqueologia no Oriente Próximo da Oxford). Oxford: Oxford University Press, 1996.

Millard, A. *Discoveries from the Time of Jesus* (Descobertas do Tempo de Jesus). Oxford: Lion, 1990.

Moorey, P. R. S. *Biblical Lands* (Terras Bíblicas). London: Phaidon, 1975.

Moule, C. *The Birth of the New Testament* (O Nascimento do Novo Testamento). London: Adam & Charles Black, 1962.

Murray, M. *Petra, the Rock City of Edom* (Petra, a Cidade de Pedras de Edom). London: Blackie, 1939.

Negev, A., ed. *Archaeological Encyclopaedia of the Holy Land* (Enciclopédia Arqueológica da Terra Santa). London: Oxford University Press, 1973.

Nims, C. F. *Thebes of the Pharaohs* (A Tebas dos Faraós). London: Elek Books, 1965.

Noth, M. *The History of Israel* (A História de Israel). London: A. & C. Black, 1960.

Page, D. L. *The Santorini Volcano and the Desolation of Minoan Crete* (O Vulcão de Santorini e a Desolação da Creta Minoana). London: The Society for the Promotion of Hellenistic Studies, 1970.

Pattie, T. S. *Manuscripts of the Bible* (Manuscritos da Bíblia). London: Hutchinson, 1979.

Peet, T. E. *The City of Akhenaten* (A Cidade de Akhenaten). London: Egypt Exploration Society, 1951.

Playton, N. *Zakros: The Discovery of a Lost Palace of Ancient Crete* (Zakros: A Descoberta de um Palácio Perdido da Creta Antiga). New York: Charles Scribner's Sons, 1971.

Posener, G. A. *Dictionary of Egyptian Civilisation* (Dicionário da Civilização Egípcia). London: Methuen, 1962.

Pritchard, J. B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (Textos do Antigo Oriente Próximo Relativos ao Antigo Testamento). Princeton: Princeton University Press, 1969.

Redford, D. B. *A Study of the Biblical Story of Joseph* (Um Estudo da História Bíblica de José). Leiden: VTS, 1970.

_____. *Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times* (Egito, Canaã e Israel dos Tempos Antigos). Princeton: Princeton University Press, 1992.

Renfrew, A. C. *Archaeology and Language* (Arqueologia e Linguagem). London: Cape, 1987.

Rogerson, J. *Chronicle of the Old Testament Kings* (Crônica dos Reis do Antigo Testamento). London: Thames & Hudson, 1999.

Romer, J. *Valley of the Kings* (O Vale dos Reis). London: O'Mara Books, 1981.

Rowley, H. H. *From Joseph to Joshua* (De José a Josué). Londres: Oxford University Press, 1950.

Rubin, R. *The Negev as a Settled Land* (O Negev como uma Terra Colonizada). Jerusalém: The Israel Exploration Society, 1990.

Scholem, G. *The Messianic Idea in Judaism* (A Idéia Messiânica no Judaísmo). New York: Schocken, 1971.

Shanks, H. *Understanding the Dead Sea Scrolls* (Compreendendo os Pergaminhos do Mar Morto). New York: Random House, 1992.

Sherwin-White, A. N. *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (A Sociedade Romana e as Leis Romanas no Novo Testamento). Oxford: Clarendon Press, 1963.

Simkin, T. e R. S. Fiske. *Krakatau 1883: The Volcanic Eruption and Its Effects* (Krakatau 1883: A Erupção Vulcânica e Seus Efeitos). Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1983.

Smith, G. A. *The Historical Geography of the Holy Land* (A Geografia Histórica da Terra Santa). London: Hodder & Stoughton, 1915.

Smith, R. W. e D. B. Redford. *The Akhenaten Temple Project* (O Projeto do Templo de Akhenaten). Toronto: University of Toronto Press, 1988.

Spencer, A. J. *Early Egypt: The Rise of Civilisation in the Nile Valley* (O Egito Antigo: O Surgimento da Civilização no Vale do Nilo). London: British Museum Press, 1993.

Strong, J. *The New Strong 's Exhaustive Concordance of the Bible* (A Nova Concordância Exaustiva de Strong da Bíblia). Nashville: Nelson, 1990.

Tacitus. *The Annals of Imperial Rome* (Os Anais da Roma Imperial). Trans. M. Grant. Harmondsworth: Penguin, 1956.

Taylor, J. *Petra* (Petra). London: Aurum Press, 1993.

Thomas, D. W., ed. *Documents from Old Testament Times* (Documentos dos Tempos do Antigo Testamento). London: Thomas Nelson & Sons, 1958.

Unterman, A. *A Dictionary of Jewish Lore and Legend* (Um Dicionário de Doutrinas e Lendas dos Judeus). London: Thames & Hudson, 1991.

VanderKam, J. *The Dead Sea Scrolls Today* (Os Pergaminhos do Mar Morto Hoje). London: Oxford University Press, 1994.

Vermes, G. *The Dead Sea Scrolls in English* (Os Pergaminhos do Mar Morto em Inglês). Harmondsworth: Penguin, 1962.

Waddell, W. G., trans. *Manetho* (Manetho). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1940.

Wilkinson, A. *Pharaonic Egypt: The Bible and Christianity* (O Egito Faraônico: A Bíblia e o Cristianismo). Jerusalém: Magnes Press, 1985.

Wilkinson, J. *Jerusalém as Jesus Knew It: Archaeology as Evidence* (Jerusalém como Jesus a Conheceu: Arqueologia como Evidência). London: Thames & Hudson, 1982.

Williams, D., ed. *New Concise Bible Dictionary* (Novo Dicionário Conciso da Bíblia). Leicester: IVP, 1989.

Williamson, G., trans. *The History of the Church from Christ to Constantine* (A História da Igreja de Cristo a Constantino). Harmondsworth: Penguin, 1965.

Wilson, I. *The Exodus Enigma* (O Enigma do Êxodo). London: Weidenfeld & Nicolson, 1985.

Wiseman, D., ed. *Peoples of the Old Testament* (Os Povos do Antigo Testamento). Oxford: Clarendon Press, 1973.

Yadin, Y. *Hazor: Great Citadel of the Bible* (Hazor: A Grande Fortaleza da Bíblia). London: Weidenfeld & Nicolson, 1975.

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>